

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Mônica Ciscotto Magalhães

**PELOS *BLOGS-TAPETINHOS*: IMAGINÁRIOS *YOGINS* EM TESSITURAS
ELETRÔNICAS DO RELIGIOSO**

Juiz de Fora
2014

Mônica Ciscotto Magalhães

Pelos *blogs-tapetinhos*: imaginários *yogins* em tessituras eletrônicas do religioso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock

Juiz de Fora
2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CISCOTTO MAGALHAES, MONICA.
PELOS BLOGS-TAPETINHOS:IMAGINÁRIOS YOGINS EM TESSITURAS
ELETRÔNICAS DO RELIGIOSO / MONICA CISCOTTO MAGALHAES. -- 2014.
190 f. : il.

Orientador: VOLNEY JOSÉ BERKENBROCK
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. AUTO-IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA. 2. IMAGINÁRIOS. 3. YOGA.
4. BLOGS. I. BERKENBROCK, VOLNEY JOSÉ, orient. II. Título.

Mônica Ciscotto Magalhães

Pelos *blogs-tapetinhos*: imaginários *yogins* em tessituras eletrônicas do religioso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 26/02/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Rodrigo Portella
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Nesta jornada de estudos...

Para o primeiro passo, agradeço ao meu orientador, professor Volney Berkenbrock, que logo acreditou que outros viriam...

Então, grávida de passos, fui-me...

Reverenciando o caminho, terra de cada passo.

Reverenciando a Deus, em cada passo.

No passo a passo, agradeço a torcida dos meus pais, amigos, colegas de trabalho, colegas de estudos.

Agradeço o suporte da Universidade Federal de Juiz de Fora, companheira desde sempre, nos estudos e trabalho.

Clarice, seguiremos todos os caminhos.


Agradecimento especial aos professores Emerson Senna, Faustino Teixeira, Marcelo Camurça, Rodrigo Portella e Roberlei Panasiwicz, pelo acolhimento e sugestões. E à professora Jovita Noronha, que também incentivou esta marcha.

Blogueiros, agradeço-lhes a jornada. E posso lhes dizer que foi plena de cuidado fraterno, aprendizado e sabor.

Mas, já é hora de folgar os pés, sentir o vento e só.



Namastê_Λ_



*Eu nada sou,
Corpo que flutua, luz, aragem;
Tudo é do vento
E o vento é o ar sempre em
viagem.*

Octávio Paz

RESUMO

O estudo dialoga com o cenário cultural pós-moderno multireferencial, imperativo de escolhas e da visibilidade destas. Em suas repercussões no religioso, está em curso uma desacomodação das heranças religiosas, que promove a busca reflexiva de sentido, que urde trajetórias de experimentação, cujos pertencimentos parecem só fazer sentido, se por convicção. Esta mobilidade religiosa subjetiva está no entre - números. O propósito do texto é o de dialogar com um pequeno grupo de blogueiros *yogins*, para também deles ouvir das recomposições em curso, já que a *internet* pode ser compreendida como um campo de estudos do religioso em desenvolvimento, desde que a ambiência seja entendida como parte integrada à experiência cotidiana contemporânea. O estudo privilegia as narrativas e as semânticas do campo, explorando os imaginários que ali se inscrevem. Ainda, sugere os *blogs* enquanto *blogs-tapetinhos*, outros cenários para a prática *yogin*, já que a tradição do *Yoga* é compreendida de forma plástica no tempo e, portanto, em permanente recomposição a partir da idiossincrasia de cada praticante. O que ali se ensaia, talvez teça uma espécie de *nomos* religioso, um viés de análise a partir de Peter Berger (1985), que sugere um tapetinho textual para meditar a senda e colocá-la em diálogo com o leitor do *blog*. Este *blogdossel* pode compor uma rede afinitária que constrói marcos de localização a partir do *Yoga*, para dali habitar e conversar com um universo religioso plural que convida à experimentação. Neste movimento, a auto-identificação religiosa assume apenas uma tendência limite, já que se sugere estar em *pacto eletrônico yogin*, outro viés de análise, agora a partir de Philippe Lejeune (2008), pois aquilo que faz sentido para si deve ser confirmado, ou validado de alguma forma pelo outro, e para que esta *conversação* aconteça, há protocolos próprios e selagens a pactuar.

Palavras-chave: Auto-identificação religiosa. Imaginários. *Yoga*. *Blogs*.

ABSTRACT

This study dialogues with the multi-referential and post-modern cultural scenario, imperative of choices and of the visibility of these. In its repercussion within the religious, a non accommodation of the religious inheritances is ongoing, which promotes a reflexive pursuit of meaning, engendering trajectories of experimentation whose affiliations seem to only make sense if by conviction. This subjective religious mobility is in the in-between-numbers. The purpose of this text is to dialogue with a small group of bloggers: *yogins*, to hear from them, also, about the shifts in course, now that the internet can be understood as a field in development of the study of the religious, as long as the ambience can be understood as an integrated part into the everyday contemporary experience. The study gives priority to the narratives and the semantics of the field, exploring the imaginary which is dealt there. Moreover, blogs, as mat-blogs, suggest other scenarios for practicing yogin, since the tradition of *Yoga* is comprised of plastic form in time and, therefore, in permanent recovery from the idiosyncrasies of each practitioner. What is there performed, maybe weaves a kind of religious *nomos*, a bias of analysis due to Peter Berger (1985), suggesting a textual mat to meditate the pathway and put it in dialogue with the blog reader. This *dossal blog* can compose a network of affinities that build landmarks of location from *Yoga*, to dwell there and talk to a pluralistic religious universe that invites experimentation. In this movement, the religious self-identification takes only a trend limit, since it suggests being in an *electronic yogin covenant*, another bias of analysis, now from Philippe Lejeune (2008), because what makes sense for one has to be confirmed, or endorsed by any means by another one, and for this conversation to happen, there are proper protocols and seals to covenant.

Key-words: Religious self-identification. Imaginary. *Yoga*. Blogs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Quadro - roteiro de diálogo de pesquisa	78
Ilustração 2: Imagem - <i>Print</i> de tela: perfil de blogueiro	80
Ilustração 3: Quadro - Perfil dos blogueiros <i>yogins</i>	81
Ilustração 4: Quadro - Semântica dos nomes de pesquisa delineados pelos blogueiros	82
Ilustração 5: Quadro - Tipologia dos <i>posts</i> dos <i>blogs</i>	83
Ilustração 6: Imagem - <i>Print</i> de telas: apresentação dos <i>blogs</i>	86
Ilustração 7: Imagem - <i>Print</i> de tela: Apresentação do <i>blog</i>	87
Ilustração 8: Quadro - Inventário do campo	88
Ilustração 9: Imagem - <i>Print</i> de tela: Espaço sagrado	90
Ilustração 10: Imagem - <i>Print</i> de telas: Diversos	91
Ilustração 11: Quadro - Mapeamento religioso do campo	97
Ilustração 12: Quadro - Desafiliação Religiosa no campo.....	99
Ilustração 13: Imagem - <i>Print</i> de tela: Espiritualidade é ação.....	103
Ilustração 14: Imagem - <i>Print</i> de telas: Diversos	106
Ilustração 15: Quadro - Semântica da desafiliação religiosa no campo.....	107
Ilustração 16: Quadro - Imaginários do religioso pelos <i>blogs-tapetinhos</i>	108
Ilustração 17: Imagem - Altares <i>Yogins</i>	110
Ilustração 18: Quadro - Léxico da auto-identificação religiosa no campo	114
Ilustração 19: Quadro - Imaginários das trajetórias <i>yogins</i>	120
Ilustração 20: Imagem - <i>Print</i> de tela: Para Mônica.....	121
Ilustração 21: Imagem - <i>Print</i> de tela: Sobre mim.....	123
Ilustração 22: Imagem - <i>Print</i> de tela: Entrando em contato.....	123
Ilustração 23: Imagem - <i>Print</i> de tela: <i>Vegan</i> : ser ou não ser.....	126
Ilustração 24: Quadro - Léxico das trajetórias <i>yogins</i>	129
Ilustração 25: Quadro - Semântica do <i>Yoga</i> pelos <i>blogs- tapetinhos</i>	131
Ilustração 26: Imagem - <i>Print</i> de telas: Diversos.....	133
Ilustração 27: Imagem - Semântica do <i>Yoga</i> em uma palavra.....	136
Ilustração 28: Quadro - Fiz o <i>blog</i> porque.....	144
Ilustração 29: Quadro - Talvez busquem ali.....	145

Ilustração 30: Quadro - Eu visualizo...	151
Ilustração 31: Gráfico - Fluxograma da auto-identificação eletrônica	152
Ilustração 32: Quadro - <i>Yogando</i>	154
Ilustração 33: Imagem - <i>Print</i> de tela: Incursões no campo I	155
Ilustração 34: Imagem - <i>Print</i> de tela: Incursões no campo II	156

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 NARRATIVAS ELETRÔNICAS A PARTIR DE IMAGINÁRIOS RELIGIOSOS DESCENTRADOS.....	17
1.1 LABIRINTOS DE SENTIDO RECONFIGURADOS PELO EU: PÓS-MODERNIDADE E AUTO-IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA.....	18
1.2 <i>NOMOS</i> ELETRÔNICOS: OUTRAS AMBIÊNCIAS PARA AS TESSITURAS DO RELIGIOSO	29
1.3 PELOS <i>BLOGS-DOSSÉIS</i> : CONFESSIONÁRIOS PÓS-MODERNOS?.....	39
2 O <i>YOGA</i> EM TRAJETÓRIAS DE RECOMPOSIÇÃO: DA ÍNDIA AOS <i>BLOGS</i> BRASILEIROS.....	51
2.1 RECUPERANDO A JORNADA NO TEMPO: A EXPERIÊNCIA NÃO FOSSILIZÁVEL DO <i>YOGA</i>	52
2.2 ENTRE AS ESTRELAS, MAS TRILHANDO EM TERRA.	68
2.3 PELOS <i>BLOGS-TAPETINHOS</i> : TAMBÉM YOGANDO EM BYTES?.....	75
3 EM DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS E OS IMAGINÁRIOS: ADENTRANDO OS <i>BLOGS-TAPETINHOS</i>	94
3.1 SEM SER ISSO, OU AQUILO, SENDO ISSO E AQUILO TAMBÉM: ENSAIO SEMÂNTICO DA DESAFILIAÇÃO RELIGIOSA NO CAMPO	95
3.2 EM <i>YOGA</i> : DOS <i>BLOGS-TAPETINHOS</i>	115
3.3 PELOS <i>BLOGS</i> : SELANDO PACTOS ELETRÔNICOS <i>YOGINS</i> ?.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS.....	168
GLOSSÁRIO	179

INTRODUÇÃO

Este estudo encaminha-se a partir de um contexto cultural, onde o pertencimento religioso pode também ser compreendido como uma escolha individual entre várias opções de um cenário plural.

As pesquisas quantitativas vêm desgastando a pressuposta obviedade de que ser brasileiro seria sinônimo de ser católico, uma representação social que parece ter velado as diversas maneiras de se vivenciar esta tradição religiosa no tempo. Os números mais sugerem tendências e pontos de partida para se discutir um processo cultural mais amplo de desacomodação de heranças, inclusive as religiosas, que instigam a olhar mais de perto as semânticas do religioso em curso.

Por assim compreender, o convite ao leitor, é o de que se deixe guiar pela companhia de um pequeno grupo de blogueiros *yogins* que escolheram a *internet* como *vitrine* da senda pessoal na tradição milenar do *Yoga*. Dialogar com estes imaginários do religioso, as recomposições, semânticas, práticas quotidianas e maneiras de construir vínculos sociais a partir de suas crenças, pode nos dar pistas de uma mobilidade religiosa oculta, a subjetiva, que sempre ficará no entre - números.

Os autores estrangeiros costumam dar ênfase às escolhas religiosas contemporâneas sempre a partir daquilo que foi experienciado, a um pertencimento construído por convicção pessoal, mas quando se revisita a religiosidade brasileira a partir dos autores nacionais, observa-se, que de alguma forma, sempre se vivenciou as tradições religiosas à própria maneira, embora estes imaginários e práticas sempre estivessem velados aos números.

Talvez o que de fato mobilize o olhar neste momento, é a exacerbação da visibilidade desta passagem, tanto uma conjuntura cultural brasileira que parece dialogar com as diferenças religiosas de forma mais inclusiva, como também a companhia das novas tecnologias de comunicação, que rapidamente abrem janelas para explorar o outro e o incita ali se mostrar.

Quando estas observações remetem ao *Yoga*, uma tradição espiritual indiana ascética e introspectiva; e quando se resolve falar dela a partir da *internet*, o primeiro imaginário já cristalizado a se desconstruir é o daqueles que rapidamente argumentam que o que ali se apresenta *não é Yoga*, já que a tradição no tempo, sempre esteve presa ao *parampara*, a transmissão iniciática de mestre a discípulo. Urge dizer que o estudo trilhou o caminho do próprio campo, portanto, de uma recomposição.

Dar visibilidade à idiossincrasia narrada nesta ambiência foi o propósito deste trabalho, que apenas tenta sugerir algumas pistas da auto-identificação religiosa pelo que ela diz de si própria. A *internet* acena como um campo de estudos do religioso em desenvolvimento, sempre compreendida de maneira integrada ao viver cotidiano dos contemporâneos. Aqui, ela também é cenário e pode auxiliar na compreensão das múltiplas possibilidades de se construir identificação religiosa na ambiência do pluralismo religioso em curso.

Se o objetivo geral é valer-se da ambiência da *internet* para dialogar com blogueiros auto-identificados com o *Yoga*, para deles ouvir de possíveis recomposições em curso, assinalam-se como objetivos específicos deste estudo: o mapeamento dos *blogs* brasileiros pessoais e reflexivos ambientados na tradição, a observação do perfil dos blogueiros, a tentativa de agrupá-los pelas heranças e práticas religiosas, as semânticas do campo, o estilo de postagem e relações afinitárias eletrônicas.

Metodologicamente, foi proposta uma pesquisa qualitativa com estudo etnográfico do campo. Observou-se os *blogs* nacionais pessoais e reflexivos ambientados na tradição do *Yoga*, selecionando-os a partir de observação silenciosa a princípio, para depois interagir com seus narradores, ou blogueiros, a partir de um endereço de *e-mail* criado para esta finalidade exclusiva. A partir do sumário dissertativo previsto, manteve-se um diálogo com sugestões de questões que tentavam captar o imaginário dos blogueiros acerca do religioso, do *Yoga* e dos próprios *blogs*. Todo o material recolhido destas incursões à *internet* alimentariam pastas *off-line*, com acessos datados, um cuidado metodológico devido à volatilidade do campo. Este material foi se reunindo para alimentar os painéis, imagens e citações que tentaram agrupar e analisar as narrativas e semânticas do campo.

Quanto ao detalhamento metodológico, o ponto de partida para que este trabalho acontecesse foi a escolha dos blogueiros com os quais o estudo dialogaria. Para cumprir este propósito, muitas incursões ao labirinto da *internet*. O carretel jamais se desenrolaria de maneira linear, pois os buscadores convencionais que já nos são familiares, não foram exatamente bons companheiros na jornada. Assim, as pistas sempre foram as publicações especializadas, as redes sociais e a própria rede afinitária do blogueiro que se tornava explícita no *blog*. Seguindo os comentadores do *blog*, por exemplo, descobria-se novos blogueiros, além de também os encontrar entre os seguidores, ou na lista dos *blogs* seguidos pelo próprio autor.

Logo se observou que o diálogo com os blogueiros seria essencial aos propósitos do trabalho, então o estudo seguiu entre aqueles que se abriram ao diálogo de pesquisa de fato,

nele permaneceram e consentiram que esta conversa integrasse o estudo. Como outro cuidado metodológico, foi adotado o compromisso de lhes preservar a identidade, já que os diálogos ocorriam em ambiência privada. Para isto, cada um escolheria o próprio nome de pesquisa e o justificaria também. Mas, quando os conteúdos utilizados vinham do próprio *blog*, um texto público, este era referenciado normalmente, mas sem conexão com os depoimentos do blogueiro recolhidos em reservado.

Pode se dizer que houve um bom acolhimento do campo ao estudo, e frequentemente, também quem observava, foi observada e responderia sobre suas intenções de pesquisa, a linha de orientação, as incursões pessoais ao *Yoga*, recebendo convites para as redes sociais do blogueiro, para aulas de *Yoga*, sugestões de leituras e pesquisas futuras. Este abraço pode ser compreendido também como parte do suposto *pacto eletrônico yogin*, um viés de análise a partir do pacto de leitura do autor francês Philippe Lejeune (2008), que pode ser entendido como uma espécie de acordo velado entre os blogueiros e seus leitores, com protocolos e práticas de selagem próprios, que incluem todos aqueles que à ambiência adentram.

A intimidade intencionalmente construída faz parte deste *locus*, onde se é o que se mostra ao outro, que sempre estará abrigado do face-a-face. Mas, para a ele chegar há um ritual de aproximação, há léxico e semânticas próprios, imaginários que se compartilham afinitariamente. Rapidamente se insere no pulsar do outro, talvez um mero anônimo, mas companheiro de senda, companheiro de ambiência, com o qual se inicia um diálogo, vínculo meramente pontual talvez, ou que por outras, possa migrar para a experiência cotidiana não eletrônica dos dialogantes. Faz parte se mostrar, registrar que por ali se passou, preocupar-se com o leitor e este, com o escritor do *blog*, fazer sugestões várias, testemunhar experimentações e *insights*, falar de suas próprias descobertas também. Há uma espécie de campo magnético que seduz e *cimenta* estes imaginários.

Então, fui observando o quanto a auto-identificação é apenas uma tendência limite, já que todo o tempo as pessoas parecem estar em busca reflexiva de sentido para si próprias por experimentação e escolha, mas em diálogo, abrigando o outro para que ele confirme, de alguma forma, aquilo que está se construindo a caminho; outras, como ponto de partida para se diferenciar e buscar outras sendas. Alguns autores como Maffesoli (2010), Hervieu-Léger (2008) e Stuart Hall (2006) foram essenciais ao desenvolvimento do olhar de pesquisa. A partir deles, se observaria o quanto o campo estava em trajetórias de identificação e validação daquilo que fizesse sentido para si, ainda que em *celebração móvel* (HALL, 2006); e sempre imerso em redes afinitárias de peregrinação de sentido.

Peter Berger (1985) auxiliaria a compreender o religioso enquanto um *nomos*, uma espécie de escudo de significados, protetor da anomia, que é tecido em conversação afinitária. Para o autor, o homem precisa fazer um mundo para si, já que não possui uma relação preestabelecida com ele, necessitando estabelecê-la continuamente, em conversação. É a partir deste viés do religioso que segue o estudo, instigando o campo para que ele dissesse das tessituras de seu *nomos* e, portanto, também de si próprio. Desde aqui, que fique claro, que o religioso neste estudo escapa às instituições religiosas, está no entre - números, em companhia dos imaginários que urdem a simbólica da busca a partir do *Yoga*, ainda que prefiram adotar outras semânticas como a do autoconhecimento e da espiritualidade.

Tentou se compreender os *blogs*, portanto, como pressupostos *blogs-dosséis*, microcosmos eletrônicos capazes de abrigar as experimentações narrativas daqueles que ali se ensaiam, validá-las afinitariamente, ancorando suas identidades em uma micro rede simbólica que compartilha imaginários, ritualidades, vivências, semânticas que articulem ambiências de sentido dentro de um universo macro e plural de referências.

Essas leituras e a escolha da linha argumentativa principal do trabalho integram a primeira parte do texto, que se preocupou em tecer um cenário cultural e religioso mais amplo, mas sempre em diálogo com a realidade brasileira, incluindo também, o resultado da última pesquisa censitária no país. O leitor é introduzido às particularidades da ambiência da *internet* e dos *blogs*, que desde ali, já são apresentados como uma espécie de confessionários pós-modernos, um pressuposto *nomos* eletrônico, que também pode dizer dos imaginários do religioso em curso.

Adiante, o leitor é introduzido à tradição milenar indiana do *Yoga*, quando rapidamente se recupera sua jornada no tempo até os *blogs* brasileiros. Uma narrativa curta para uma história longa, mas que tentou articular algumas localizações essenciais à compreensão do campo e estudo deste. Nesta etapa do texto, o leitor também é convidado a visitar o glossário, parte integrante deste trabalho, que foi se delineando ao longo das necessidades de localização da própria observadora. Na última parte deste segundo capítulo, o campo assume a cena principal e os *blogs* são sugeridos como *blogs-tapetinhos*, *locus* para alargar a prática quotidiana do *yogin*, que se compreende em *Yoga* e, portanto, assim pensa todas suas experimentações e escolhas, o que faz sugerir a recomposição da tradição também a partir desta ambiência eletrônica.

Finalmente, o campo que já havia sido apresentado objetivamente, assumirá o comando do texto. Primeiro se recupera o imaginário religioso dos blogueiros *yogins* e se constata que o diálogo flui, sobretudo, com pessoas que não formatam suas crenças e práticas

em modelações religiosas institucionalizadas na maioria das vezes, o que poderia levá-las a responder ao censo de que são pessoas sem religião. Mas esta categoria, por si própria, sempre souo com sotaque estrangeiro ao campo, que tem suas próprias localizações do religioso. Também se dialogou sobre trajetórias e a construção do sentido particular do *Yoga*, aguçando os ouvidos para que os rumores dos *blogs tapetinhos* também fossem compartilhados com o leitor que gentilmente seguisse o estudo. As redes afinitárias, visíveis nos *blogs* também foram de alguma forma recuperadas, mas muito mais como sugestão, já que o passo-a-passo neste labirinto se desenrolou a partir do imaginário do autor do *blog* de seu leitor, de suas motivações, da organização da trajetória neste formato, etc., mas não se ocuparia com o imaginário do visitante e comentador do *blog*, já que a empreitada ultrapassaria os objetivos deste estudo.

Neste cenário eletrônico que parece dar visibilidade à desacomodação das heranças religiosas a partir da intimidade dos agentes religiosos, que vivem o religioso a partir de suas localizações subjetivas, penso já ter deixado claro que a proposta que instigou o estudo e também o alimentou, foi a observação dos imaginários do campo que sinalizassem o *passar* religioso pelo entre-números. Então, a tentativa será a de encontrar algumas pistas entre estes blogueiros *yogins* para que se possa responder de alguma forma à questão *como se vive o que se crê* entre aqueles que insistem em borrar as localizações religiosas pré-formatadas. Como hipótese inicial de trabalho sugere-se que esta vivência vai além da simples constatação de que estamos falando de pessoas sem instituição religiosa, mas que pode se seguir em companhia delas para observar que há novas semânticas em curso capazes de recompor e alargar o viver religioso na contemporaneidade.

Na abertura deste trabalho, o mexicano Otávio Paz recorda a impermanência, palavra síntese da vida que compartilhamos neste instante. Ao fundo, a imagem de *Shiva Nataraja*, o bailarino cósmico, arquétipo do *yogin*, que faz lembrar que a dissolução permite o movimento, a passagem, a renovação da vida que devora vida. Dizem que o próprio nome de Shiva, aquele que é auspicioso, já indica esta visão ampliada, a de que a dissolução não é contrária à vida, mas a benção de sua continuidade. Cada *yogin* no tempo, ainda que em variadas nuances, ou composições, parece estar em busca de sintonia com esta transitoriedade por *Shiva* representada. Para este propósito, pés ao chão rendidos à música, acomodando os ventos, seguindo entre estrelas. Cada *yogin* encontraria o chão modificado, outras músicas, outros ventos, mas o que ainda permanece, sem dúvida, é a capacidade de empreender-se, dedicada e amorosamente, em jornada de encontro com a *Verdade* que a tudo abraça. Que a jornada destas breves linhas, também possa dizer alguma coisa àquele que por aqui passar dos

que seguem entre estrelas, mas com pés firmes no chão. E ainda lhes recorde, desde já, que *tudo é do vento* e, portanto, sempre se está apenas em viagem.

1 NARRATIVAS ELETRÔNICAS A PARTIR DE IMAGINÁRIOS RELIGIOSOS DESCENTRADOS

Os cenários plurais da pós-modernidade sinalizam um mundo contínuo onde as pessoas têm diferentes olhares de pertencimento. A pós-modernidade escorre por um cenário cultural de desregulamentação e privatização do sentido. Parece que a cada um foi atribuída uma tarefa: a de tecer o próprio fio de Ariadne enquanto se percorre a paisagem.

Os impulsos já não são necessariamente os lineares, sequer fixos os pontos de referência. Os labirintos de sentido da pós-modernidade podem seduzir com acenos de novas e ainda não apreciadas experiências, aventuras intensas, onde a própria infixidez parece ser o maior atrativo. No balé idiossincrático do vestir e despir identidades, as identificações tornam-se “celebrações móveis”, que constroem para si cômodas ou confortadoras “narrativas do eu” (HALL, 2006, p. 13).

Entre e para além templos e tradições, muitos brasileiros percorrem suas próprias sendas, edificando, ainda que provisoriamente, suas recomposições do religioso por escolha e experimentação. Ao se retornar o olhar para algumas particularidades da religiosidade dos brasileiros, levando-se em conta a relativa flexibilidade da oficialidade católica desde a colônia, pode-se arriscar que de certa forma, sempre se experimentou um quê de pós-modernidade. Segundo os autores nacionais aqui apresentados, sempre se transitou por um universo onde se compuseram altares plurais, com o santo predileto, o anjo da guarda e o orixá de cabeça, entre algumas possibilidades.

A partir deste cenário cultural e religioso mais amplo, o leitor será conduzido às especificidades da ambiência da *internet*, já que o propósito de pesquisa é o do estudo de algumas narrativas da auto-identificação religiosa que ali estão. Assim, pressupõe-se instrumentalizar o olhar para que também possa se considerar os *blogs*, objeto deste estudo, como material de pesquisa que diga da mobilidade religiosa subjetiva, sinalizada pelas últimas discussões dos pesquisadores acerca dos resultados do censo do IBGE de 2010.

Neste sentido, considera-se que a *internet* e os *blogs*, em particular, podem ser compreendidos enquanto *locus* para a manifestação, apresentação, representação e troca do religioso. Pelo tela-a-tela os brasileiros bricolam, dialogam, compõem e recompõem seus imaginários religiosos a partir de novas temporalidades, linguagens e ritualidades. Regidas pelo imperativo da visibilidade, *tribos* se arquitetam pelos grupos de discussão, pelas redes sociais, pelos *blogs*, etc.

O pluralismo religioso não só possibilita, mas impõe a escolha. Portanto, nesta primeira parte do trabalho, a preocupação é a tessitura de um cenário cultural mais abrangente, que dialoga dialeticamente com o religioso, recortando-o a partir da *internet*, ou mais precisamente, a partir de uma de suas possibilidades de exploração: os *blogs*.

Assim, gradativamente, são apresentados os conceitos do trabalho em suas linhas mais amplas, recuperando a linha argumentativa dos autores referenciados no estudo. Ao mesmo tempo, vai se tecendo o olhar da própria pesquisadora e sua tentativa de estabelecer um diálogo com o imaginário religioso do leitor.

1.1 LABIRINTOS DE SENTIDO RECONFIGURADOS PELO EU: PÓS-MODERNIDADE E AUTO-IDENTIFICAÇÃO RELIGIOSA

Escorrendo pelos números do censo

É costume identificar religião às igrejas. Mas, além paredes e bancos, também podem pulsar uma infinidade de crenças e práticas religiosas que continuam a cumprir a velha função de atribuir sentido à existência humana. Como coloca Rubem Alves, não é tarefa fácil reconhecer o religioso como “presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano” (ALVES, 2009, p.13).

Então, pode-se conjecturar todo o não dito dos números do censo do IBGE de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A um primeiro olhar, o que pode ser observado é a insinuação de algumas tendências, não exatamente surpresas: a crise dos modelos institucionais das denominações religiosas tradicionais e o progressivo avanço do pluralismo religioso no país. Mas, se o que se indaga é sobre a identidade religiosa dos informantes, o censo parece deixar escapar suas práticas e crenças e com elas, imaginários, recomposições, ressemantizações, enfim, toda a trama do acontecer religioso.

Se o religioso institucional continua a desempenhar papel importante na atualidade, também se disseminam formas desafiliadas de expressão religiosa. A progressiva visibilidade da diversidade de opções religiosas¹ multiplica as denominações sob os tetos familiares,

¹ Reconhece-se que a liberdade religiosa não diz respeito apenas ao exercício de ter ou não religião, mas vai além, evocando o tecer livre dos próprios conteúdos do religioso. Portanto, optou-se pela manutenção da

sugerindo que o processo de secularização seguiu caminho próprio entre os brasileiros, longe do mero indiferentismo, ou niilismo. Os filósofos da suspeita Feuerbach, Nietzsche, Marx e Freud, que produziram contundentes críticas à religião entre os séculos XIX e XX, parecem não ter encontrado muita prosa além dos pequenos círculos intelectualizados nacionais. O que faz pensar que a conversa dos atabaques e rezadeiras, dos santos e orixás, saborosamente, sempre se esticou mais.

Nesta prosa esticada, desenhou-se uma cultura religiosa que sob o manto protetor do catolicismo, experimentou disto, daquilo e daqueloutro também. Talvez o contexto cultural contemporâneo, favorável às afirmações identitárias, apenas dê grande visibilidade a estes itinerários do ir e vir.

A fragilização dos atrelamentos institucionais pode estar sinalizada pelos números. Então, isto também pode fazer pensar em novas formas de crer e de pertencer, ou de experimentar e construir imaginários e vínculos do religioso. Entre matrizes religiosas, e entre elas e outros sistemas de sentido, pode se viver em permanente processo de identificação religiosa, em atrevido exercício de se borrar as molduras. Como *capturar* a densa teia de signos e significados edificados a caminho, enquanto se experimenta² o religioso?

Entre peregrinação e conversão, *la scène religieuse brouille*, quer dizer, o religioso fervilha em moradas mais porosas e fluidas, novas feições e maneiras de vivenciá-lo, a partir de um contexto cultural favorável à afirmação pública das identidades, fazendo-as cada vez mais, uma opção particular. Assim, o manto acolhedor do catolicismo sinaliza uma gradual perda de densidade. E se as tramas tornam-se mais abertas, também dali se insinuam arranjos pessoais que podem ser considerados enquanto processos de identidade religiosa.

Para além do herdado, exercita-se em construções, desconstruções e reconstruções particulares do religioso. Pela prosa que diz da experimentação, pode-se aludir à multiplicidade de formas para se vivenciar o religioso e ainda, ao não necessário atrelamento entre perda gradual da força institucional e esvaziamento dos sentimentos religiosos.

terminologia “opção religiosa”, uma vez que não se compreende religião exclusivamente dentro das modelações institucionais, mas também enquanto liberdade de construção de significado religioso particular, de tessitura do próprio dossel sagrado, micro *nomos*, a partir de um viés interpretativo referenciado em Berger (2004).

² Etimologicamente, experiência vem de *ex*: para fora; *peri*: limite, fronteira e *encia*: conhecimento. O que faz pressupor que a palavra em si já inclua a ideia de transcendência, um além limite. (BERKENBROCK, 2012, p. 99-100). Como bem observa Maria Clara Bingemer, (2012) assistimos a uma banalização das palavras na pós-modernidade. Assim, a palavra experiência adquire outra semântica, que não o viés místico, tornando então, mais apropriado falar de experimentação. É este o sentido a ser adotado neste estudo: experiência enquanto experimentação.

Se a trama católica está mais aberta, é possível espiar através dela e saber que Deus também se abriga sob outras tramas. Interessante observar, por exemplo, que entre os quinze milhões de brasileiros que se dizem sem religião, um percentual ínfimo reconhece-se como ateu ou agnóstico. Então, parece se colocar aqui uma clara fronteira entre a experiência religiosa e a experiência institucional³.

Então, sugere-se como pista valiosa para investigação das tendências em curso, as próprias narrativas dos sujeitos religiosos. Os tecidos semânticos que acolhem o religioso podem dizer de tessituras confeccionadas aqui, ali e alhures, em variados exercícios que fazem da liberdade religiosa no país uma realidade, a partir de um diálogo aberto e imperativo da sutileza interpretativa do pesquisador.

Entre peregrinos e convertidos: exercícios religiosos pós-modernos

Para muitos hoje, a religião tem sido alguma coisa a ser buscada, a ser conquistada. Esta afirmativa parte do pressuposto de que, gradualmente, ela também deixa de ser necessariamente herdada. Assim, uma metáfora de Pierucci (2004, p.18) pode nos ajudar a abrir este cenário: a de que as religiões tradicionais majoritárias tendem à “genética dos caranguejos”.

Se mais uma vez se retorna aos números do censo de 2010, pode se observar as tendências declinantes do catolicismo, mas também de outras religiões tradicionais como a luterana, a presbiteriana e a metodista, que perderam membros em termos absolutos e não acompanharam o crescimento da população brasileira. Por outro lado, observa-se o crescimento e a gradual sedimentação do pentecostalismo, reconhecendo seus movimentos e oscilações internas, bem como daqueles que se declaram sem religião. Pressupõe-se, então, um processo de recomposição do crer e dos vínculos religiosos, onde se destaca a passagem

³ Pelo censo de 2010 do IBGE, pode-se observar que o catolicismo permanece sendo a crença declarada de 64,6% dos pesquisados, ou seja, está se falando de um universo de 123 milhões de brasileiros. Mas, também se pode notar que este percentual declinou desde a década de quarenta do século passado, contabilizando um decréscimo de quase 31%. Ainda, no mesmo período, evangélicos cresceram quase 20% e os sem religião, exatos: 7,8%. Entre estes últimos, aproximadamente 5% se declaram ateus, ou agnósticos. Neste movimento dos números, é interessante observar como as pessoas se movimentam, quer dizer, incorporar estudos qualitativos que focalizem a experiência religiosa das pessoas, as narrativas e imaginários.

de uma religiosidade⁴ de pertencimento herdado para uma religiosidade de pertencimento de convicção.

Bauman (2001, p. 7-22) destaca que a pós-modernidade⁵ vive em estado de permanente pressão para se despojar de toda interferência coletiva no destino individual, para desregular e privatizar. Ignora conceitos unitários e racionais, fronteiras definidas, grandes narrativas, certezas, estabilidades. Celebra o imediato, o borrado, o fragmentário, o fluido. Razão compõe-se com emoção e sob o imperativo da escolha, cabe a cada um tecer sentido para si, construir localização e validá-la como pode.

Assiste-se ao silencioso ruir do dossel sagrado⁶ (Berger, 2004), o que leva ao incremento da diversidade de opções religiosas, inclusive àquelas alienadas das instituições. É pelo exercício da escolha, que também a religião passa a ser um aspecto da vida social ao qual é permitido experimentar. A afirmativa apenas insinua que apesar de também se manterem vínculos institucionais tradicionais “a escolha é menos definitiva e problematiza o antigo significado de conversão” (FERNANDES, 2012, p. 25).

Se o aceno do tempo é para as demolições das verdades instituídas, também o é para as profundas incertezas e talvez, paradoxalmente, para a angustiada busca de certezas. Hervieu-Léger (2008) delinea duas figuras que parecem sintetizar muito bem este cenário: o

⁴ No senso comum, a religião parece ser compreendida como um sistema de crenças, rituais e hierarquias institucionalizadas com doutrinas expressas em discursos, sejam orais ou escritos, que sistematizam a vida e a morte das pessoas. Já a religiosidade pode revelar uma menor sistematicidade, podendo atingir o fragmentário. Este estudo segue a partir do enfraquecimento dos laços tradicionais de sujeição do indivíduo a uma normatividade única totalizante, bem como do advento de estilos de vida centrados na autonomia dos sujeitos religiosos. Assim, desafia-se este consenso que discrimina religião de religiosidade, pois se compreende que ele parta de um olhar represado nas molduras institucionalizadas. Para além delas, a religião viceja, ainda que em moradas menos exclusivas, mais efêmeras, ou porosas.

⁵ A pós-modernidade é um conceito que suscita amplo debate acadêmico quanto a uma real descontinuidade da modernidade e tem sido compreendida a partir de um léxico amplo de opções. O termo foi sugerido por François Lyotard em 1977, quando da publicação da obra: *A condição pós-moderna*. Como sugere Benedetti (2003, p. 53) “não há nada mais ambíguo do que o termo pós-modernidade”; teorizá-la, portanto, talvez seja um contra-senso, “uma atitude que contrarie seus cânones (se é que existem)”, já que se está falando que é “o próprio real que perde o contorno, a fronteira e até o fundamento”. E é exatamente a partir de uma modernidade líquida (Bauman, 2001), que este estudo segue o seu curso, reconhecendo suas tendências contemporâneas mais gerais, abordadas ao longo do texto, mas também a presença de tendências que lhe precederam e também de alguma forma, continuam a influenciar na contemporaneidade. Este referencial de pós-modernidade é o de alguns autores centrais neste estudo como Bauman, Berger, Hall e Maffesoli e sempre será adotado quando a argumentação utilizá-los como ponto de partida. Em não o sendo, opta-se pelas expressões “atualidade”, ou “contemporaneidade”.

⁶ Dossel sagrado é uma metáfora *bergeriana* para a tentativa humana de nominação, quer dizer, de ordenar a realidade de forma que ela funcione como um potente escudo contra o terror da anomia. Em “O Dossel Sagrado”, publicado originalmente em 1967, o autor aplicou sua teoria da construção social da realidade à religião. Para Berger, “a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (2004, p. 41). A capa do livro traz o pórtico de uma suntuosa igreja medieval, associando o universo simbólico católico, ali representado, à imagem de um dossel pairando sobre as cabeças dos crentes e ordenando-lhes o pulsar.

peregrino e o convertido. Enquanto o peregrino expressa a pouca fidelidade institucional, os meio-pertencimentos, a livre circulação entre as alternativas e símbolos religiosos; o convertido expressa o seu oposto, quer dizer, a necessidade de adesões intensas de fé. E como se pode observar no catolicismo brasileiro, em experiências como a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), esta conversão pode também ser compreendida como uma “reafiliação” (TEIXEIRA, 2012, p.30).

Ambos, peregrino e convertido, movem-se por escolha e se a um primeiro olhar, podem parecer figuras em oposição, na verdade, são expressões de uma cultura favorável à independência dos sujeitos em relação aos atrelamentos institucionais herdados. Pois ainda que se opte por ser mais fielmente regido por eles, pressupõe-se que sempre será uma deliberação. Portanto, trata-se de uma cultura que estimula a afirmação dos sujeitos individuais, de uma independência subjetiva que também se reflete no religioso.

Esta autonomia subjetiva favorece o trânsito religioso e a constante experimentação, enquanto processos de elaboração de identidade religiosa. Nestes processos, desafia-se a tudo aquilo que herdado, funcione como ponto estável de orientação. Segundo Bauman, (2001, p.14) “os padrões e configurações não são mais ‘dados’ e menos ainda ‘auto-evidentes’”. Assim, os sujeitos estão em contínuo exercício de desacomodação, fragilizando as aderências afiliativas, enquanto dialogam com um mundo de referências plurais e anárquicas que lhes convida e impõe o fazer sentido para si, ao sabor de sua criatividade “idiossincrética” como traduziu Sanchis (1997, p. 105).

Mas, cabe observar que aos modelos puros é reservada a mera ficção. Assim como na pós-modernidade a tendência gradual é a de que a tradição religiosa não se constitua mais um código de sentido que se imponha a todos, também não é verdade que antes assim o fosse, ou que agora não mais o seja. Absolutamente. Exatamente porque são tendências processuais, é que já trazem em si o divergente, e com ele, a possibilidade de se alimentar o movimento, o curso histórico.

Um exemplo que ilustra a afirmativa anterior é o gradual incremento dos movimentos religiosos fundamentalistas na contemporaneidade, que podem ser compreendidos como processos identitários de desindividualização. Talvez exatamente a busca angustiada por segurança, por normas claras de conduta e certezas os impulsione; o que longe de um contra-senso, também pode ser compreendido como parte do diálogo pós-moderno.

Ainda, se as tendências assinalam para o ruir dos códigos unificados de sentido, Hervieu-Léger (2008, p.81) destaca que se torna tarefa árdua distinguir o religioso nesta paisagem móvel plena da fluidez das identificações. Especialmente, porque sempre se parte

de uma figura de praticante cristalizada pelo catolicismo num período histórico ainda regulado pelo toque dos sinos. Este referencial de praticante estável e claramente identificável parece não se adequar mais às ressemantizações de pertença correntes. Como nos adverte Hervieu-Léger, crer não mais, necessariamente, está atrelado a pertencer.

Assim, quando se incorpora esta afirmativa ao cenário histórico do catolicismo brasileiro, Carlos Brandão (1988, p.50) faz recordar que, ao contrário do fiel protestante que precisava “ser para participar”, no catolicismo sempre houve a possibilidade de “participar sem ser”. O autor quer dizer da participação a seu modo, num quadro mais amplo e plural de maneiras de exercer o vínculo religioso. Neste imaginário, o reconhecimento de uma identidade católica tinha a ver mais com a tradição herdada da família, não necessariamente com a afirmação identitária na prática do catolicismo tradicional⁷.

O que pode acenar como fecundo à discussão do processo de desregulação institucional religiosa é a ressemantização das formas de crer e pertencer em curso pelo testemunho dos próprios agentes religiosos, já que parece que a cultura religiosa brasileira desde sempre demonstrou a fragilidade utópica da figura do praticante regular católico.

Em identificação: eu identifico, tu identificas, a tribo se identifica

José Jorge de Carvalho (1992, p.135) propõe uma reflexão acerca da pluralidade religiosa, que vai além da mera externalidade, mas que inclui também a intimidade dos sujeitos religiosos e faz pensar. O autor instiga olhar para as sínteses que uma pessoa pode construir a partir de suas variadas inserções no campo religioso: “é relevante saber se ela as estrutura internamente, se constrói com elas um todo, ou se as mantém em compartimentos separados do seu eu interno; enfim, se consegue encontrar aí, de fato, um centro”.

Alguns autores costumam compreender estas trajetórias de experimentação como uma mera *bricolage*⁸. Então, mantendo o convite à reflexão, recorre-se a Bauman (2005, p. 55-61),

⁷ Para Brandão (1988, p.51): “ser apenas católico significa haver sido incorporado por tradições familiares e, depois, por um difuso costume pessoal a uma religião de que se reconhece sendo sem o envolvimento de quem se afirma praticando”.

⁸ *Bricolage* é um termo em francês que alude ao que foi reparado, recomposto. Incorporado analiticamente por Lévi-Strauss, tem sido frequentemente adotado para dizer das colagens e justaposições dos sujeitos religiosos em suas trajetórias de experimentação. A partir desta observação, Françoise Champion (1990) delineou uma “nebulosa místico-esotérica”, ou uma rede instrumentalizante desta experimentação: editoras, centros de vivência, sites, etc. Este referencial foi frequentemente adotado por autores que seguiram um viés de Nova Era.

que pensa o termo *bricolage* a partir da metáfora de um quebra-cabeça. Na montagem de um quebra-cabeça convencional, já se conhece de antemão a imagem final, pois todas as peças necessárias para montá-lo já estão disponíveis ao alcance dos olhos e dos dedos, com a garantia do encaixe perfeito. Mas, será que é de meros articuladores de peças que se está falando?

Para Bauman (2005, p. 55-61) os construtores pós-modernos não são meros articuladores de peças. Mas seu prazer é colecioná-las a caminho, abrindo-se às experiências diversas e ao encantamento do “por fazer”, das imagens a se revelar, do encaixar e desencaixar sem qualquer promessa de que a montagem seja perfeita, ou possível.

Bauman ainda alega (2005, p.59), que “ajustar as peças e pedaços para formar um todo consistente e coeso chamado ‘identidade’ não parece ser a principal preocupação de nossos contemporâneos”, pois na modernidade líquida, uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma limitação na liberdade de escolha.

Assim, as pessoas optariam pela leveza, pelo contínuo flutuar, por estar permanentemente ajustando as peças que mais lhe convierem naquele momento, descartando o que já não serve mais. A afirmativa parece remeter muito mais ao jogo Lego, com suas coloridas peças e múltiplas combinações, em aceno à experimentação do montar e remontar. Mas, será que neste exercício, não se pode aludir a uma síntese, um *nó*, ainda que líquido, em contínuo escorrer e recompor-se? Será que já não são os olhos líquidos pós-modernos que tentam compreender as identidades do passado enquanto muito solidificadas? E ainda, têm grande dificuldade de perceber as pausas, as cristalizações possíveis no presente?

Para se delinear o cenário da experimentação identitária na pós-modernidade, recorre-se a Stuart Hall (2006, p.25), que faz recordar que os quadros de referência, aqueles que no passado funcionaram como “ancoradouros estáveis” do mundo social, estão rotos. A perda da auto-evidência pode ser atribuída às transformações identitárias provocadas pelo Humanismo Renascentista do século XVI, que ressemantizou o mundo a partir do próprio homem e o racionalismo Iluminista do século XVIII, que o libertou do dogma, pela afirmação de sua capacidade para raciocinar e pensar. Tudo passa a ser questionado e os currículos de vida e seus padrões de orientação de comportamento também. Assim, os diversos papéis

Esta observação se faz necessária, pois se segue caminho diverso. Tenta-se compreender a experiência do religioso que cada um vive a partir de seus próprios marcos religiosos e biográficos e à sua maneira, enquanto processos de identidade religiosa, um reflexo no religioso e também um diálogo ativo do religioso com transformações culturais mais amplas, sobretudo, a partir da progressiva desregulação da crença e da pertença, com conseqüente fragilização da transmissão das heranças identitárias religiosas.

internalizados socialmente no passado tornam-se objeto de escolha e decisão soberana do *cogito ergo sum*.

Esta centralidade no indivíduo desafiante das estruturas e tradições que se queriam divinamente estabelecidas passa também a ser colocada em discussão pelos autores que seguem o viés da pós-modernidade. Argumenta-se que as identidades⁹ estão se tornando fragmentárias, mais provisórias, uma “celebração móvel”, já que “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...)” (HALL, 2006, p. 13).

Esta afirmativa leva a pressupor múltiplas facetas identitárias, quando as pessoas seriam levadas a assumir identidades diferentes ao sabor do momento ou espaço, de acordo com as confrontações com os sistemas de significação e representação cultural. Assim, o sentimento de uma identidade unificada desde o nascimento seria apenas a construção de uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006, p. 13).

Seguindo esta linha argumentativa, Maffesoli (2010, p. 11) aponta para o etnocentrismo iluminista: “os valores de um pequeno cantão do mundo extrapolado em um modelo válido para todos”. Para o autor, longe do universalismo moderno, prevalece o sentimento de pertencimento a um lugar, ou grupo afinitário, enquanto fundamento essencial da vida social, cunhando a metáfora do neo-tribalismo. Ainda, que “o pensamento e a ação são antes de tudo, próprios dos clãs”, portanto, “sou pensado onde acredito pensar, sofro ação onde acredito agir”. Este desafio ao imperativo cartesiano desloca o indivíduo de uma identidade estável de um contrato social racionalmente regulado à pessoa, *persona*, que representa papéis nas tribos afetuais (MAFFESOLI, 2010, p.15-16).

O tribalismo moderno seria caracterizado por ajuntamentos pontuais, pela fluidez e pela dispersão, uma ambiência que favorece a agregação afinitária e desenha novos figurinos, linguagens e códigos de comportamento, que funcionam como “cimentos” para as tribos. Maffesoli faz duvidar dos exageros iluministas, quando faz lembrar que não se pode existir isolado, mas que culturalmente se está ligado a uma comunidade onde as pessoas tecem seus laços de reciprocidade, ainda que rondem o efêmero, a seu momento, podem também ser objeto de forte envolvimento emocional (MAFFESOLI, 2010, 133-140).

⁹ Identidade é compreendida neste estudo como identificação, um processo em andamento, a partir de Stuart Hall (2008, p.12) que conceitualiza o sujeito pós-moderno “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Ainda, quando se volta à raiz etimológica da palavra identidade, observa-se que ela advém de *idem*: “o mesmo, a mesma coisa” (CUNHA, 2010). Isto quer dizer, que também não se pode considerar a identidade como uma atribuição que particulariza dentro de um núcleo duro de indivíduo, mas que pressupõe uma construção relacional, um reconhecimento do “eu” no “outro”.

Se as pessoas podem construir seus próprios sistemas interpretativos, fora de qualquer corpo de crenças institucionalmente validado¹⁰, também não conseguem edificá-lo exclusivamente por si e para si, ainda que se exerça a sua autonomia subjetiva. Hervieu-Léger (2008, p. 51) reforça esta argumentação quando recorda que também em matéria religiosa “o desenvolvimento do processo de pulverização individualista produz paradoxalmente a multiplicação de pequenas comunidades fundadas nas afinidades sociais, culturais e espirituais de seus membros”. A novidade parece ser que agora estas comunidades não sejam as naturais, herdadas, mas compostas voluntária e afinitariamente pelos sujeitos.

Feitas as ressalvas a qualquer tentativa de totalização em torno dos próprios indivíduos, observa-se o quanto os fatores biográficos pesam na construção das identidades religiosas. Sugere-se que se edificam trajetórias de identificação semantizadas pelos próprios marcos pessoais, que peregrinam o sentido, enquanto articulam a seu modo, o crer e o pertencer, entre o eu e o tu, numa necessária conversação que *nomiza*, que constrói o sentido de que não se está sozinho, ou alienado. Isto quer dizer, que apesar da capacidade de exercitar a opção religiosa, também se pode preservar a capacidade de reconhecê-la no outro, em diálogo, assegurando a plausibilidade daquilo que se identificou.

Berger (2004, p. 29) faz compreender a importância da conversação permanente na manutenção das estruturas de plausibilidade daquilo que foi ordenado, ou nomizado pela experiência social dos sujeitos, pois “o indivíduo se apropria do mundo em conversação com os outros e, além disso, que tanto a identidade como o mundo permanecem reais para ele enquanto continua a conversação”. A partir deste argumento, retorna-se então a Maffesoli (2010, p. 224), que diz do necessário sentimento de pertença, de delimitação de um território ainda que simbólico, onde se reconheça dentro de uma ética específica e de uma rede de comunicação. Para o autor, este sentimento de pertença que edifica tribos afinitárias, também pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico, pela interatividade eletrônica. Então, por que não pensar os efêmeros *nós* eletrônicos da atualidade de forma líquida, também os reconhecendo enquanto exercícios necessários de identificação pelas redes sociais, *blogs* e *sites*?

¹⁰ A afirmativa do individualismo religioso merece uma ressalva: a de que não é uma conquista exclusiva da pós-modernidade. Segundo Hervieu-Léger (2008, p.139), pode-se falar de individualização do religioso desde “quando intervém uma diferenciação entre uma religião ritual, que requer unicamente dos fiéis a observância minuciosa das práticas prescritas, e uma religião da interioridade que implica, sob o modo místico ou ético, a apropriação pessoal das verdades religiosas por parte de cada crente”. Assim, em todas as grandes religiões do passado, pode-se perceber de alguma forma, essa diferenciação. Esta consideração torna-se especialmente valiosa a um estudo que se propõe a recompor trajetórias de identificação a partir da milenar tradição do *Yoga*.

Tecendo os dosséis do eu: afinal, sempre fomos pós-modernos?

Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, Pierre Sanchis (2012) destaca a delicada relação atual do indivíduo com a instituição que lhe referencia a identidade, especialmente quando se refere a uma identidade religiosa tradicional, pois “continua-se aderindo a uma identidade, mas escolhe-se o conteúdo desta adesão”.

Para os teóricos da pós-modernidade, as pessoas tendem a se afastar das imposições, havendo a necessidade constante de fazer sentido para si. Assim, o gradual ruir do “dossel sagrado católico” também dialoga com a pluralidade das formas de crença e pertença na atualidade, com os imaginários e ressemantizações em curso, que fazem do religioso algo cada vez mais pessoal.

Brandão (2012) em entrevista ao mesmo instituto, disse que a pergunta mais apropriada não gira em torno de quais religiões estão crescendo ou diminuindo, mas: “que formas, quais modalidades ou alternativas de crença e prática ‘em algo em nome de alguma coisa’ estão surgindo entre nós?”. O autor argumenta que não se está falando apenas de uma “aberta e interativa multipluralidade de opções e conteúdos de sentido e/ou fé”, mas também de uma fecunda “pluripossibilidade de escolhas entre modos de ser, de crer e de viver o que eu creio, e o em que creio para ser quem sou”.

Guimarães Rosa (1983) sintetiza a religiosidade popular brasileira na tradicional figura de Riobaldo¹¹ “que bebe água de todo rio”, aludindo às múltiplas experimentações e arranjos pessoais do personagem de seu romance Grande Sertão Veredas. O catolicismo popular brasileiro sempre foi de certa forma *permissivo*, já que distante da ortodoxia e do clero oficial, o que pode ser traduzido no dito popular “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Como diz Pedro Ribeiro (2012), praticava-se o catolicismo no âmbito doméstico e vez por outra se ia à igreja para receber os sacramentos. Assim, a prática católica predominante parece ter sido aquela da devoção aos santos.

Guerriero também reflete sobre essa maneira peculiar de vivenciar a fé católica entre as camadas populares brasileiras, mais afastadas das instituições e modeladas de forma mais pessoal, acolhendo a experimentação de outras incursões, “compondo seu universo com seu

¹¹ Refere-se ao personagem Riobaldo de João Guimarães Rosa no romance Grande Sertão: Veredas: “Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue” (ROSA, J. G., 1983, p. 15).

santo padroeiro predileto, seu anjo da guarda ou seu orixá de cabeça” (GUERRIERO, 2006, p. 55).

Esta particularidade revela um traço religioso que se pode observar desde a colônia. Portanto, sempre quando se parte de um referencial europeu de estudo sobre a secularização, há de se alargar o olhar, tentando compreender as próprias peculiaridades religiosas nacionais. Ao se falar do gradual esgotamento de uma visão unificada de observância da prática religiosa católica romanizada, há de se observar que ela não foi assim tão colada ao nosso modo de vivenciar esta religião.

Também cabe assinalar que muitas incursões a outras religiões e sistemas de sentido se fazem a partir de uma vivência religiosa primeiramente modelada pelo catolicismo, a herança afiliativa familiar majoritária. Um ícone desta convivência religiosa nacional é o Cristo Redentor carioca, em generosa disposição ao abraço. Esta parece ser a imagem popularmente difundida quando se diz que Deus é brasileiro e faz pensar que estes braços pretensamente tatuados pelo catolicismo, sempre estiveram dispostos a abraçar também os orixás, caboclos, as energias e os espíritos de luz, para ficar com alguns exemplos.

Assim, o processo de secularização parece desenhar trajetória própria no país. Sempre houve muitas formas de ser católico ou de “participar sem ser”, como diz Brandão (1988, p. 50). Ainda, quando o que está em jogo é a discussão da desafiliação religiosa, há de se considerar que muitos podem estar apenas *riobaldando*. E finalmente, para seguir com Rosa (1983) “pra muita coisa falta nome”, então, para muitos, o exercício de construir sentido religioso para si pode estar no *entre* religiões, ou de que aquela pessoa não se limita a compreender o religioso apenas atrelado ao confessional, mas borra também religiões e outros sistemas de sentido.

Esta porosidade identitária brasileira, esta semântica ampla da pertença, faz pensar que de certa forma sempre fomos pós-modernos. Mas há de se destacar na atualidade a fragilidade dos laços comunitários, a experiência do momento que parece não poder se solidificar, a recomposição das remanências, evocando raízes enquanto apelos de poder. Para Sanchis (1997, p. 113), são estes resgates que dão a sensação de um “tempo longo” e sinalizam uma continuidade e uma direção. Então há uma dialética constante entre o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno que parece revelar “um novo processo de definição e gerenciamento das identidades”.

Para o autor (1997, p. 37) “a pós-modernidade apesar de confirmar a modernidade do indivíduo autônomo, veio mais claramente dialetizá-la”. Há um constante restaurar de paradigmas pré-modernos como a afetividade, a participação, o encantamento, a magia.

Parece que o que está em jogo não é apenas uma individualização das formas de crença e pertença, mas também a sua polissemia e a necessidade de um novo olhar instrumental para elas.

Com esta sutileza interpretativa, parece que o Brasil, então, de certa forma, sempre foi plural. E é Sanchis (1997, p. 37) que ajuda a construir este olhar: “um pluralismo de tipo peculiar, que o caráter regulador do catolicismo não conseguiu disfarçar”. E referindo-se ao diálogo, reconhecidamente desigual entre as tradições indígenas, africanas e o catolicismo, afirma que “no seu avesso ou nos seus interstícios, deram-se os microprocessos do jogo das identidades. Nunca definitivamente unificadas”. Estas afirmativas fazem pensar que sempre houve porosidade e contaminação mútuas, estimulando ouvir o dizer das tramas com as quais se tecem os dosséis do eu brasileiros.

1.2 *NOMOS* ELETRÔNICOS: OUTRAS AMBIÊNCIAS PARA AS TESSITURAS DO RELIGIOSO

Escorrendo pelas ambiências eletrônicas...

Seguindo a pista de Brandão (2012) sobre a pluripossibilidade contemporânea de escolhas entre modos de ser, de crer e de viver o que se crê, pressupõe-se que a ambiência da *internet* sinalize novas formatações subjetivas e intersubjetivas que tanto se refletem no religioso, quanto por ele são influenciadas.

A *internet* é uma realidade em consolidação na experiência humana cotidiana. Recorre-se à rede¹² para se plugar aos amigos, às notícias, ao trabalho, ao banco, aos *sites* de compras, ao entretenimento; enfim, cada vez mais, ela se integra de maneira fluida e silenciosa à vida de cada um, fazendo-se uma necessidade diária na socialização de interesses, ideias e vínculos.

¹² O conceito de rede é compreendido enquanto uma grande teia sem bordas ou centros, que em tempo real envolve potencialmente toda a terra. Segundo Lúcia Santaella (2007, p. 39) a teia se “compõe de um número de dezenas de milhares de sub-redes, elas mesmas conectadas a redes chamadas de ‘espinhas dorsais’ ou ‘redes federativas’. Dentre as sub-redes, a mais empregada é a *WWW* (*World Wide Web*).”

Spadaro (2012, p.17) alerta que a rede não mais pode ser compreendida como um mero instrumento de comunicação, já que evoluiu para um ambiente cultural, um ambiente antropológicamente qualificado, um modo de habitar o mundo e de organizá-lo a partir de uma mudança profunda na forma de experimentar a realidade.

Desde o Eniac¹³ dos anos quarenta, aquele gigante de algumas toneladas e que exigia um andar inteiro para se acomodar, às mídias móveis atuais, há um percurso acelerado e intenso de progressos tecnológicos, que desencaixaram totalmente o tempo e o espaço convencionais, reformataram as memórias pessoais e coletivas, alocando-as nas nuvens, e ainda, as sociabilidades, a partir das comunidades e redes sociais *on-line*.

As mudanças se processam contundentemente, mas ao mesmo tempo adquirem certa invisibilidade, vão se acomodando de forma sutil, integrando-se à experiência cotidiana e enriquecendo a capacidade de viver as relações sociais e trocar informações.

Esta tendência à transparência, fez deslocada aquela discussão real *versus* virtual dos anos noventa. Spadaro (2012, p.18) argumenta que a tecnologia fez entrar o mundo digital dentro do mundo ordinário. Assim, as mídias digitais tendem a não ser mais o *outro* com relação à vida diária e tornam-se *alongadas* extensões que renovam e incrementam a experiência cotidiana interativa. E neste alongamento, as mídias móveis permitem consumir, produzir e distribuir informação em deslocamento pelo espaço urbano.

Pelos toques nas superfícies de vidro, apresenta-se, representa-se, experimenta-se, identifica-se. Escorre-se por territórios atravessados pela liquidez dos espaços, do tempo, das interações. Pode-se dizer que no território virtual as proximidades são semânticas, isto é, não mais necessariamente geográficas, já que agregam afinitariamente as pessoas (LE MOS; LÉVY, 2010, p. 105). Os micro-instantes compartilhados nesta ambiência atendem às expectativas da onitemporalidade e imediaticidade. O acesso ao outro se dá pela visão, pela ponta dos dedos e pela imaginação.

Lemos e Lévy (2010) argumentam que as relações de interdependência e a complexidade da vida social estão aumentando. É que até então, as relações geralmente eram limitadas a um pequeno círculo e não se necessitava dedicar tantos esforços para se

¹³ O Eniac (*Electronic Numerical Integrator and Computer*, quer dizer, computador integrador numérico eletrônico) foi o primeiro computador digital eletrônico de grande escala, desenvolvido pelos americanos ainda durante a segunda grande guerra mundial, com a finalidade de cálculos balísticos. Como não possuía sistema operacional, esta calculadora gigante era toda operada manualmente, envolvendo muitos programadores em suas longas fileiras de milhares de interruptores. Lento, pesado e espaçoso, serviu de ponto de partida para o avanço tecnológico das décadas seguintes e que hoje viabiliza a portabilidade digital de amplo acesso. De alguma forma, ali foram lançadas as possibilidades para que esta pesquisa acontecesse. Para outras informações: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ENIAC> <Acesso em 25/05/2013>.

comunicar. Na atualidade, passa-se a maior parte do tempo em rede, quer dizer, em relação: “somos precedidos, substituídos e seguidos por mensagens das quais somos os autores ou que falam de nós. E é neste universo, frequentemente conflituoso de informações e relações entrecruzadas, que traçamos nossa vida” (LEMOS; LEVY, 2010, p. 80-81).

E assim, no emaranhado de significações e de mensagens dinâmicas, cada vez mais se adere às redes sociais, como *Orkut*, o *Facebook*, o *Instagram*, *Flickr*, aos *blogs*, aos *microblogs* como *Twitter*, onde pessoas que nunca produziram informação passam a postar vídeos, mapas, fotos, músicas, criando contato direto e permanente com suas comunidades de interesse, com amigos, ou meros desconhecidos.

Spadaro (2012, p. 59) adverte que se a rede conecta pessoas, elas também se tornam “essencialmente uma mensagem”, já que “dialoga-se em nome de quem a gente sente ser”. E assim, nestas ambiências, pode se confidenciar facetas do eu desconhecidas da vida cotidiana comum, já que permitem falar coisas de si mesmo que dificilmente uma pessoa diria sendo quem é na vida diária normal.

Para Spadaro, (2012, p. 59-62) “o ciberespaço é um ‘lugar’ emocionalmente quente e não tecnologicamente gélido, como se poderia imaginar”¹⁴. Ali está o espaço para o autêntico, ou para a mera espontaneidade sem limites ou pudores, para as relações que se encerram na mera desconexão do programa, mas também para aquelas que podem migrar para o espaço físico. E ainda, que as redes não são meros conjuntos do eu, mas de relações entre eus, já que não basta estar ali, mas conectado, em relação.

Esta ambiência abre espaço tanto para as vivências voluntárias do religioso dentro de uma confissão institucionalizada, quanto para os roteiros fluidos de auto-identificação. Importante assinalar que os itinerários eletrônicos do religioso são sempre uma opção individual e podem ser percebidos cada vez mais independentemente de qualquer exclusividade filial institucional, temporal, espacial ou material tradicional.

Jungblut, que vem monitorando o uso da *internet* por indivíduos e grupos religiosos na última década, também acentua a autonomia: “o que parece marcar indelevelmente o uso religioso individual da *internet* é a propensão à autonomia identitária e, muito comumente, a insubordinação a sistemas de crenças muito exclusivistas” (JUNGBLUT, 2012, p. 208).

¹⁴ Para Santaella (2011, p. 178-179) “em uma breve definição, o ciberespaço é o espaço informacional das conexões de computadores ao redor do globo, portanto, um espaço que representa o conceito de rede e no qual a geografia física não importa, pois qualquer lugar do mundo fica à distância de um clique (...). O que caracteriza prioritariamente o ciberespaço, espaço de virtualidades, feito de *bytes* e de luzes, é a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir, ambientes, aliás que só funcionam como tal pelo agenciamento do visitante”.

Para o pesquisador, assim como as religiões de “firma”, referindo-se às institucionalizadas, beneficiaram-se dos meios de comunicação massivos, veículos impressos, rádio e televisão, as religiões e religiosidades atuais, tendem a usar a comunicação mediada por computador. Para Jungblut há uma “afinidade eletiva” entre as lógicas comunicacionais do ciberespaço e a desinstitucionalização do religioso, e para isso, há um contexto histórico favorável, onde se destaca a autonomia, a otimização maquínica das estratégias de pertencimento social e posicionamento identitário (JUNGBLUT, 2010, p. 208).

De acordo com o autor, os jogos reflexivistas produzidos nestes espaços mostram que a tendência é a progressiva autonomização, ainda que em graus variados. Isto quer dizer que, mesmo os indivíduos vinculados a grupos mais exclusivistas “atiram-se avidamente a exercícios de confrontação identitária, onde são, por conta dos contraditórios a que se submetem, obrigados constantemente a redefinirem suas identidades”, por mais atrelados que estejam a eles (JUNGBLUT, 2012, p. 207-208).

Spadaro (2012, p. 47) argumenta que as necessidades religiosas na rede dificilmente conseguem ser atendidas exclusivamente pela tradição religiosa: leituras, diálogos, arquivos, compras, pesquisas, vídeos de preces e cultos, músicas, testemunhos, peregrinações virtuais; enfim, uma longa e líquida lista de pluripossibilidades para se experimentar o religioso na rede.

Também se torna objeto de reflexão a questão de que os espaços virtuais são avessos às dicotomizações, já que todos podem ser, ao mesmo tempo, “artífices e desfrutadores, escritores e leitores, emissores e receptores, observadores e observados, produtores e consumidores” (JUNGBLUT, 2012, p. 210). Neste diálogo, os papéis não estão definidos, já que também não o estão as localizações. O que parece imperar é a participação do outro, que ainda que desconhecido, em instantes, pode se tornar próximo, já que participativo.

A tela surge então como um vidro opaco de chamamento do outro, uma busca do reflexo do eu no outro, do reconhecimento de uma das imagens de si mesmo, que para além das motivações narcisistas, ou exibicionistas, quer o semelhante, construindo um ponto de identificação pela troca de ideias e opiniões, ainda que anonimamente. E como diz Schittine é este outro sem rosto, sem voz, sem cheiro, sem corpo que “vai ajudar a redefinir no indivíduo o seu lado privado, a sua identidade” (SCHITTINE, 2004, p. 35).

Entre telas: exercícios identitários eletrônicos

A rede pode funcionar como um espaço para permanentes experiências de construção e reconstrução identitária, já que disponibiliza interminável fonte de material para estes exercícios confrontativos, estimulando reflexividades e arranjos identitários idiossincráticos, muito frequentemente, provisórios.

Para Lemos e Lévy (2010, p. 12), “permanecer em contato não é mais uma metáfora”. Pelas redes sociais, as pessoas constroem redes de contatos onde compartilham *on-line* afinidades, tagarelam, negociam coletivamente suas reputações, gerenciam conhecimentos, enfim “entregam-se a todas as espécies de jogos coletivos”.

Estes jogos coletivos mediados por aparatos tecnológicos fazem do viver um emaranhado de significações e de mensagens em transformação permanente, já que funcionam de “muitos para muitos”, um espaço descentralizado, onde a “comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e colaboração” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 13).

Estas redes formam comunidades virtuais afinitárias, associações fluidas e flexíveis de pessoas, que espontaneamente se organizam para “viver papéis, para exhibir-se, para contar piadas, para procurar companhia ou apenas para olhar, como *voyeurs*, os jogos sociais que acontecem nas redes” (SANTAELLA, 2010, p. 123).

Cabe observar que esta ambiência remove os pontos fixos, as fundações que foram essenciais às teorias modernas, quer dizer, as enormes distâncias e a imediaticidade temporal próprias às comunicações eletrônicas, reconfiguram a posição do indivíduo, de forma que “a figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes não mais se sustenta” (SANTAELLA, 2010, p. 128).

Santaella argumenta que as mídias sempre transformam aquilo de que tratam, embaralhando as identidades e referencialidades, pois a própria realidade se faz múltipla, portanto, também constituem um “sujeito múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, enfim, uma constituição inacabada, sempre em projeto” (SANTAELLA, 2010, p. 128).

Este argumento também pode ser encontrado em Carranza (2012, p. 219), que lembra que no trânsito alucinado de *sites*, cria-se a capacidade de garimpar diversos elementos que podem fazer sentido enquanto se consome a informação. Assim, tanto se cria o próprio material cognitivo em ato, como também se distribui para o consumo imediato do outro aquilo que foi experimentado e construiu localização subjetiva. Pela experiência da

simultaneidade e instantaneidade surge um indivíduo múltiplo e interativo que constrói “uma identidade flexível e pluralizada que habita no eu, algumas vezes conflita, outras flutua”.

Bauman (2011, p. 24) lembra que enquanto os antepassados se contentavam com uma identidade exclusiva e única, os jovens tendem a optar por identidades descartáveis “a biodegradabilidade talvez seja o atributo ideal da identidade mais desejável nos nossos dias”. É a *internet* que facilita, incentiva e inclusive impõe o exercício incessante da reinvenção, transplantando espaços *off-line* para o *on-line*. E assim, os contatos face-a-face tendem a ser substituídos pelos contatos tela-a-tela dos monitores, ou seja, são as superfícies que entram em contato, reconfigurando as relações e laços humanos, os processos pelos quais alguém se torna o que é sob o imperativo *sou visto, logo existo*.

Autores como Sibília (2008, p. 23) acentuam que nestes processos do tornar-se o que é, contextualizados em uma sociedade globalizada e midiaticizada, regida pela lógica da visibilidade, ocorre um deslocamento das subjetividades interiorizadas em direção a novas formas de autoconstrução, pois “aparece um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele e das telas”. A autora destaca as personalidades alterdirigidas, quer dizer, as construções de si orientadas para o olhar do outro, portanto “certos usos dos *blogs*, *fotologs*, *webcams* e outras ferramentas (...) seriam estratégias que os sujeitos contemporâneos colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo”.

Esta possibilidade de múltiplas construções do eu nos espaços plurais que a *internet* propicia remete a uma observação a partir de Santaella (2011), já que parece ter se criado um consenso de que a multiplicidade identitária seja uma manifestação a partir dos espaços midiáticos. Para a autora, o que está por trás deste consenso é uma noção de sujeito e da subjetividade herdada do cartesianismo. Longe desta crença de “um sujeito racional, reflexivo, senhor no comando do pensamento e da ação, cujos pressupostos atravessaram as filosofias kantiana, hegelinana, fenomenológica e até existencialista (...) as identidades são sempre múltiplas”. A novidade parece ser então o desnudar de um pensamento equivocado sobre o eu, “promovendo o indivíduo de uma identidade instável, como um processo contínuo de formação de múltiplas identidades (...)”. Ou ainda: “a instabilidade, que é constitutiva do eu e da subjetividade, só encontrou no ciberespaço vias muito propícias de encenação e representação” (SANTAELLA, 2011, 84-93).

O que parece estar em jogo são sutis mutações nas dobras da intimidade, onde só se é o que se vê, como também na dialética público-privado e na construção de modos de ser, que fazem da rede mundial um grande laboratório para se experimentar e criar novas

subjetividades, consolidar a própria experiência enquanto se relaciona de uma nova forma com o tempo, com o espaço, com o outro, consigo próprio.

Este sujeito mais fluido, *persona*¹⁵, que aparece nestas ambiências eletrônicas mediatizadas acena para a possibilidade consciente de se brincar com o eu de novos modos na interação como outras *personas*, ainda que não se possa localizar em referenciais fixos de tempo e espaço, donde possa calcular racionalmente suas opções. Pois “ele está multiplicado em bancos de dados, dispersado entre mensagens eletrônicas, (...) dissolvido e rematerializado continuamente em algum ponto na incessante transmissão e recepção eletrônicas de símbolos” (SANTAELLA, 2011, p. 96-97).

Segundo Jungblut (2012, p. 208) , quando se foca a identificação religiosa, pode se correlacionar que se a *internet* favorece a autonomia individual, também tende a tornar desnecessárias as organizações especializadas na manutenção e perpetuação das tradições religiosas. Assim, pelas necessidades e pelas escolhas pessoais, parece que se constroem ali os *dosséis* facetários do eu, cada vez mais idiossincráticos, pragmáticos, provisórios, decompondo as tradições religiosas ao sabor de suas atitudes reflexivas, sob o argumento do desenvolvimento pessoal e espiritual, encontrando na *internet* a melhor ambiência para suas atividades interlocutórias.

Dosséis afinitários eletrônicos: dosséis de areia em validações líquidas

Em seu conto “O livro de areia”, o escritor argentino Jorge Luis Borges (2009) fala de um livro que como areia, não tinha princípio ou fim. Pressupunha-se que aquele livro encontrado nos confins indianos, abrigasse o infinito em suas páginas. Portanto, apresentava-se avesso a qualquer linearidade para o desespero daquele que, inutilmente, tentasse uma vez mais, encontrar uma determinada página.

Este conto remete às reformatações atuais do tempo e espaço e a partir delas, das subjetividades em curso em tempos midiáticos móveis, sempre desdenhosos de qualquer

¹⁵ *Persona* é uma palavra italiana derivada do latim para um tipo de máscara feita para ressoar com a voz do ator (*per sonare* significa "soar através de"), permitindo que fosse bem ouvida pelos expectadores, bem como para dar ao ator a aparência que o papel exigia. Maffesoli que trabalha a partir das tribos pós-modernas urbanas enquanto reagrupamentos afinitários, observa-as enquanto processos de desindividualização, onde a pessoa (*persona*) representa papéis nas diversas tribos que participa. Assim: “mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*” (MAFFESOLI, 2010, p. 133).

fixidez, pois “se o espaço for infinito, estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo for infinito, estamos em qualquer ponto do tempo” (BORGES, 2009, p. 103).

Ao se remover estes ancoradouros tão caros à formatação identitária moderna, abre-se então, o cenário para as “celebrações móveis” (HALL, 2009, p. 13), as ambiências para os derrames dos imaginários em experimentação, para os espelhamentos fugazes ou provisórios, para as frouxas costuras identitárias, enfim, toda a *areia* para as infinitas reticências no hiato eu e tu.

Estes espaços virtuais de interação, lugares de fala, são apropriações da rede que dizem das representações e percepções dos atores, inclusive quando a tematização é o religioso. Ao se constatar o gradual esvaziamento do poder de transmissão da herança religiosa pelas tradições, pode-se perceber pelas narrativas na *internet* uma autonomia crescente na manipulação do próprio portfólio pessoal de crenças e práticas, frequentemente ressemantizadas, a partir de uma reflexividade via experimentação.

Sanchis (1997, p. 104-105) descreve estes exercícios pós-modernos enquanto uma criatividade “idiossincrética”, sempre radicalmente individual, ainda que articulada em tribos de livre escolha. E aqui se compreende que já não se trata de mera *bricolage*, apenas justapor peças, mas de decompor, arranjar, ressemantizar, buscar o que faz sentido e funciona para si, tecendo trajetos subjetivos do eu, articulando-os a estratégias de pertencimento social e posicionamento identitário.

Na ambiência da *internet*, os dosséis do eu se tecem em conversação eletrônica. Ainda que edificados em *bytes*, quando se observa as ambiências que se constroem pelos perfis das redes sociais, ou pelos *blogs* e *sites* pessoais, parece que tentam construir uma ordem significativa, ainda que talvez frágil e provisória às experiências e sentidos particulares garimpados na rede.

Para Berger, a necessidade do *nomos* se justifica enquanto um dossel protetor da anomia. Ao contrário dos demais animais, aos homens, lhes foram negados mecanismos ordenadores próprios àqueles. Assim, pela própria constituição biológica, o mundo do homem é imperfeitamente acabado para ele. Portanto, estará sempre em aberto para ser modelado em ato: “o homem precisa ‘fazer’ um mundo para si” (...) “precisa estabelecer continuamente uma relação com ele”, ou ainda, “está constantemente no processo de pôr-se em dia consigo mesmo”, já que “ele se produz a si mesmo num mundo” (BERGER, 2004, p. 18).

Para Berger a conversação é essencial, já que assegura a plausibilidade do *nomos*. Todo o exercício nomizante pressupõe um caráter coletivo: “toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os

diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum” (BERGER, 2004, p.32).

É que Berger compreende a existência humana como “essencial e inevitavelmente uma atividade exteriorizante” (BERGER, 2004, p.40). Enquanto conversa, dialeticamente, exterioriza, objetiva e novamente interioriza, cosmificando, ordenando, construindo referências para uma interlocução plausível¹⁶. E é a religião, para o autor, a mais ousada tentativa humana de conversação com o universo, fazendo-o, para além de toda precariedade edificante, dotado de sentido para que possa ocorrer o diálogo.

Quando se transporta este referencial *bergeriano* para a *internet*, para os *blogs*, os *micro-blogs*, os *sites* pessoais, as redes sociais, entre algumas possibilidades narrativas eletrônicas, tudo se faz líquido: o tempo, o espaço, as linguagens, as identificações, as tribos; enfim: dosséis em areia. Se os terrenos são porosos e fluidos, como pensar a questão da validação?

Se o caminho são os próprios sujeitos religiosos, narrando suas práticas crentes, em experimentações descoladas do institucional, as sínteses se fazem particulares, então se está falando muito mais de “micro-dossel”, “micro-nomos”, “micro-cosmos”, já que é a partir da subjetividade e intersubjetividade de suas experiências, sem fidelidade a identidades fixas, em próprio “ato de borrar”, que compõem e recompõem para si o *nomos* particular. E estes micro-ordenamentos do mundo, também integram o virtual ao real, já que não faz mais sentido, em tempos de mobilidade eletrônica, fragmentar a realidade.

Para pensar a validação da crença nestes ambientes da *internet*, recorre-se à tipologia elaborada por Hervieu-Léger (2008) dos regimes de validação do crer¹⁷. Por sugestão de

¹⁶ Esta “conversação” trata-se de um processo dialético que acontece em três momentos: externalização, objetivação e internalização. A externalização indica o processo de “contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental dos homens”. Trata-se de uma necessidade antropológica fundamental de expressão do ser humano no mundo, tornando-se si mesmo enquanto assimila a cultura. A objetivação ocorre quando os produtos exteriorizados ganham autonomia: valores, regras, leis, instituições, que assumem o caráter de realidade objetiva, escapando ao entendimento dos seus produtores e impondo-lhes de forma coercitiva. Por fim, a internalização da realidade objetiva, reintroduzindo dialeticamente na consciência, o mundo social. Enquanto dotado de sentido ao sujeito, ou melhor, de plausibilidade, o mundo é assegurado como real para ele (BERGER, 2004, p. 16).

¹⁷ Danièle Hervieu-Léger (2008, p. 163) construiu uma classificação típico-ideal dos diversos “regimes de validação do crer”, disponíveis nas várias modalidades religiosas existentes, conforme expresso abaixo, a partir de quadro da própria autora:

<i>Regime de validação</i>	<i>Instância de validação</i>	<i>Critério de validação</i>
Institucional	A autoridade institucional qualificada	A conformidade
Comunitária	O grupo como tal	A coerência

Jungblut (2010, p.209), compreende-se que as condições culturais midiáticas atuais favorecem tanto à autonomização crescente, “autovalidação do crer”, como também à necessidade de construção de estratégias de posicionamento identitário, ainda que pontuais, portanto, também à “autovalidação mútua do crer”.

Hervieu-Léger compreende a produção autônoma do dispositivo do sentido norteador de vida e capaz de responder às questões últimas da existência, como um “crer sem pertencer”, já que a experiência religiosa torna-se íntima e puramente privada, não se articulando a uma comunidade crente prioritariamente. Assim, para fazer valer as preferências pessoais “basta ler uma revista, freqüentar uma biblioteca, seguir um programa de televisão, ou ainda – o que acontece mais e mais frequentemente – acessar esse ou aquele *site* na *internet*” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 156).

Neste caso, a validação do crer ficaria como uma tarefa individual, cabendo a cada um a sua verdade, portanto, inviabilizando os vínculos sócio-religiosos. Mas, como a própria autora reconhece, trata-se de uma tendência limite, que não se realiza concretamente. É que a diversificação do crer suscita igualmente um movimento totalmente contrário de proliferação comunitária, que quer validar aquilo que se experienciou por si mesmo numa rede afinatória. Como diz Hervieu-Léger: “quanto mais os indivíduos ‘bricolam’ o sistema de crenças correspondente a suas próprias necessidades, tanto mais eles aspiram a intercambiar essa experiência com outros indivíduos que partilham o mesmo tipo de aspirações espirituais” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 158).

Hervieu-Léger (2008, p. 158-159) percebe que na recusa a códigos globais de sentido, as pessoas esperam encontrar os meios de consolidar seus universos pessoais de sentido na troca mútua, ativando também o consumo de bens culturais, como livros, revistas, filmes, etc. Quando pode ser identificada alguma forma de comunalização religiosa, então a “autovalidação” deixa lugar para o regime de “validação mútua do crer”: “fundado sobre o testemunho pessoal, a troca de experiências individuais e, eventualmente, sobre a busca das vias de seu aprofundamento coletivo” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 159).

Já que o estudo se ambienta na *internet*, então se sugere que esta necessidade de validação mútua também procure os *blogs*, os *sites*, as redes sociais, enfim, ambiências que acolham as narrativas, os comentários a estas narrativas, os jogos dialogais entre os

Mútua	O outro	A autenticidade
Autovalidação	O indivíduo, ele mesmo	A certeza subjetiva

interlocutores e sustentem assim, a procura individual de confirmação da crença em diálogo afinitário.

A ambiência da *internet* parece incentivar a pluralidade religiosa a partir de novos padrões semânticos no intenso emaranhado de sentidos que disponibiliza, incitando novos jogos de afirmação identitária pelas redes colaborativas, isto é, performances subjetivas capazes de criar os próprios arsenais de sentido, os dosséis afinitários eletrônicos, ainda que na fugacidade dos toques das telas, dos *clicks* dos *mouses*, liquidifazendo as identificações.

1.3 PELOS *BLOGDOSSÉIS*: CONFESSIONÁRIOS PÓS-MODERNOS?

Dos confessionários de vidro: *ouvindo* pelas telas

Pela *internet* configuram-se novos territórios para as escritas de si. Se o diário íntimo em papel guarda aquilo que foi segredado, como pensar os *blogs*¹⁸, já que em ato de si revelar a si próprio, também se comunica ao outro?

Os *blogs* não funcionam apenas como diários íntimos, mas também podem ser escritos coletivamente e assumirem o tom jornalístico, ou abrigarem temáticas exclusivas como política, economia, cinema, literatura, viagens, etc. Os *blogs* normalmente combinam texto, imagens e *links* para outros *blogs*, para as redes sociais, abrem-se aos comentários dos visitantes, se propõem a interagir com eles. Alguns destes visitantes tornam-se seguidores, inscrevendo o seu perfil na página principal do *blog*. Pode-se ali construir uma micro rede de *blogs* afinitários, ou de pessoas com interesses comuns. Como observa Martino (2010, p. 185): “há uma tendência dos *blogs* para se estruturarem em comunidades, representadas,

¹⁸ *Blog* é a contração dos termos em inglês *web* e *log*, é um diário da web, portanto em si próprio já comporta uma contradição, pois o diário comum em papel sempre pressupôs o segredo. Como diz Schittine (2004, p. 61) é “um diário, paradoxalmente público, feito para ser publicado na *internet*, para ser lido”. Neste trabalho, os *blogs* são compreendidos como pressupostas topografias virtuais, intencionalmente construídas para as narrativas eletrônicas da validação das auto-identificações com o *Yoga*. Quanto aos números da *blogosfera*, aqui se inscreve a recusa à tentativa de atualizá-los, já que quando o assunto passa pela *internet*, qualquer esforço comporta o instante. Para uma aproximação, sugere-se, então, o relatório 2011 da Technorati, empresa americana que vem monitorando as tendências desta mídia desde 2004: < <http://technorati.com/social-media/article/state-of-the-blogsphere-2011>>

sobretudo, pelos comentários mútuos entre autores que se conhecem e também nos ‘*blog’n’rolls*’¹⁹(...)”.

Neste estudo, ocupar-se-á dos *blogs* enquanto espaços para as narrativas de si a partir de Lejeune (2008), Martino (2010), Noronha (2010), Sibília (2008), Schittine (2004). Quando o gênero se transporta para a *internet*, pode-se falar de uma narrativa de si intencionalmente construída em um espaço de vigilância, já que público. Os *blogs*, popularizados na última década do século passado, surgem então, como artefatos culturais, apropriados ao ciberespaço pelos usuários, a partir de suas motivações, marcos biográficos e culturais, ainda podendo se inscrever em territórios tribais afinitários, como sugere Maffesoli (2010)²⁰.

A partir das ferramentas disponibilizadas pelo *Blogger*, ou *Wordpress*²¹, para ficar com alguns exemplos, que são gratuitas e relativamente simples de se utilizar, praticamente qualquer pessoa pode viabilizar o desejo de ter seu próprio diário no ciberespaço, por outro lado, também caberá a cada um, conquistar o leitor, desenvolver as estratégias de sedução dos seguidores, comentadores, de uma rede de *blogs* afins. Este apelo ao outro, pode ser inferido a partir dos contadores de visitantes, da divulgação dos *e-mails* particulares, da disponibilidade das caixas de comentários, da abertura à inscrição de seguidores, dos *links* para as redes sociais do blogueiro e para os *blogs* que ele mais lê e comenta etc.

Estas estratégias de conquista do leitor podem ser compreendidas como jogos sociais de uma sociedade pautada pela imagem, já que “existir” frequentemente significa *aparecer*, dentro da máxima que rege a ambiência da *internet*: *mostre-me seus links que direi quem tu és*. Como coloca Martino (2010, p. 177) “a exposição de si em um *blog*, em um vídeo do *You Tube*, ou mesmo no *Twiter*, pode ser vista como consequência do domínio da imagem nas relações sociais”.

¹⁹ ‘*Blog’n’rolls*’ são como são conhecidas na blogosfera as listas de links que remetem a outros *blogs* de pessoas da mesma comunidade.

²⁰ Refere-se às listas de seguidores e de *links* para outros *blogs* afinitários, comuns à direita da página principal do *blog*. Estes *links* também podem aparecer nos comentários do blogueiro, ou dos visitantes, enquanto convites para também ser explorados, uma prática comum que foi observada neste estudo. Assim, pode se tentar puxar o fio de Ariadne, pressupondo percorrer os caminhos labirínticos do autor do *blog*. Para Schittine (2004, p. 86) “isso já garante que a dupla autor/leitor estabeleça uma cumplicidade”.

²¹ O *Blogger* é um serviço do *Google*, que oferece ferramentas para edição e gerenciamento de *blogs*, de forma semelhante ao *Wordpress*, mais indicado para usuários que nunca tenham criado um *blog*, ou que não tenham muita familiaridade com a tecnologia. O *Blogger* permite a hospedagem de um número ilimitado de *blogs* nos servidores do *Google*, que adotam o endereço ***blogspot.com***. O *Wordpress* é o grande concorrente do *Blogger* na criação de *blogs*, embora frequentemente seja adotado por aqueles que queiram um *blog* mais profissional e com maiores recursos diferenciais. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogger>> e <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>> Acesso: 11/02/2013. Neste estudo, praticamente todos os blogueiros optaram pelos recursos do *Blogger*.

Esta declarada pressuposição do leitor nos *blogs* incita pensar que a novidade do diarismo ao se inscrever na *internet* é a mera passagem de uma escrita privada e solitária, aquela que faz lembrar os cadernos trancados a chave, a uma escrita pública de si em rede: a blogosfera²².

Mas cabe observar, que a novidade vai além da quebra da intimidade, já que esta é localizável no tempo: um fenômeno histórico e socialmente construído. O crítico literário francês e estudioso do gênero autobiográfico Philippe Lejeune (2008), compreende os *blogs* como a “terceira geração do diarismo”, já que de fato os diários não nasceram íntimos. Nos seus primórdios, o diarismo foi marcado por uma escrita factual, objetiva ou memorialística. Está se rememorando aqui os Livros de Razão, os Cadernos de Assentos, onde se registravam negócios e eventos sociais, ou ainda, os diários de bordo dos viajantes, que acolhiam as narrativas de viagens, cujas distâncias eram mensuradas em dias, meses e anos.

Portanto, a intimidade não é intrínseca ao gênero. E quando se dirige à prática pretérita do diarismo no país, Gilberto Freire (2001, p. 56) informa que ela foi raridade. O autor compara o fato à relativa abundância no mesmo período, dos diários sulistas americanos de escravocratas protestantes e lança uma suposição religiosa para o entendimento deste déficit nacional: a prática religiosa dos confessionários católicos. Será que de fato se foi tão observador deste preceito católico, derramando ali o que os cadernos americanos confidenciariam? Ou ainda, pode-se pensar também no analfabetismo, no pudor deletério das heranças de família, na falta de interesse histórico pelas memórias de pessoas comuns no país?

Certo é que os segredos de confissão são pactuados e selados no silêncio dos confessionários. O simples ato de ali se derramar pode ser compreendido como parte do ritual de apagamento. E se o confidente é o caderno, o segredamento então ali se asila, sendo testemunhado por papel e caneta, guardado pelo fiel cadeado. Então, se confessar é confidenciar, em ritual de cumplicidade silenciosa, o silêncio sempre clamou o outro: o padre, o melhor amigo, o terapeuta, o médico, ou o simples papel.

Se para que o segredo existisse, sempre se exigiu o outro, é este outro que agora faz pensar o papel do interlocutor e da própria intimidade quando os confessionários são as telas dos monitores. O diarismo virtual então se funda sobre um paradoxo: uma intimidade intencionalmente construída para ser devassada por meros anônimos. Uma intimidade que

²² Segundo LEMOS, A. e LÉVY, P. (2010, p. 9) a blogosfera pode ser entendida como o conjunto de *blogs* acessíveis na *Web*. O que define uma publicação como *blog* é uma página web onde o que é publicado chama-se *post*, que comumente apresenta-se estruturado em ordem cronológica inversa.

constrói uma dupla hospitalidade: a de si próprio enquanto se narra no *blog* e a do outro enquanto lê e ali se espelha. E é Noronha (2010, p. 287) que auxilia esta compreensão a partir da afirmativa de que a *internet* “estabelece um tipo, novo, de relação social em que justamente, existe um risco, uma exposição de si direta, que vai distinguir o *blog* do diário praticado na intimidade e no segredo”. Assim, após uma intimização do social, prática do diarismo íntimo, passa-se a uma socialização do íntimo pela *internet*. Ou como diz Lejeune (2008) a “uma intimidade em rede”.

As narrativas de si, enquanto construções subjetivas, selecionam, filtram fatos, costumam histórias, quer dizer, são sempre uma representação. Na *internet*, estas representações são frequentemente rotuladas como mero exibicionismo. Sibília (2008, p. 23), compreende que ali há o deslocamento de uma subjetividade interiorizada para novas formas de construção do eu orientadas ao olhar alheio, quer dizer, passa-se então a subjetividades “alterdirigidas”, que acionam estratégias para responder às demandas sócio-mediatizadas, o que vai balizar novas formas de ser e de estar no mundo.

Mas cabe observar, que o ato de “mostrar-se” faz parte da lógica cultural destas ambiências, uma prática de troca e exposição à avaliação do outro (NORONHA, 2010, p.293). Os *blogs* podem se apresentar então, como instrumentos e territórios para a criação, gestão e movimentação de *personas*, facetas identitárias de um eu em exploração textual, que não quer a ação solitária, pois se diverte em jogos de aproximação e distanciamento, ora se mostrando, ora se escondendo, reconfigurando a intimidade, as tematizações do eu, a possibilidade do diálogo, enquanto convida o outro além telas para degustar dos *cochichos* que se fazem ouvir dali.

Confitentes em segredos líquidos, confidentes em identificação

Se a *internet* incita jogos de afirmação identitária, ainda que liquefeitos, os *blogs* podem vir a ser pensados a partir de um referencial *bergeriano* enquanto *blogs-dosséis*? Afinal, por que e para quem são escritos os *blogs*?

Para Schittine (2004, p. 12) “a princípio, o diário na *internet* vem assumir o pecado da vaidade no escrito íntimo. Ele é a prova de que o diarista pretende falar sobre si mesmo e espera que um grupo de pessoas se interesse e goste do assunto”.

A necessidade de ser lido também foi observada por Lejeune (2008)²³ ao estudar um grupo de diaristas virtuais franceses, uma necessidade na verdade, suposta e constatada pelo autor no gênero autobiográfico. A *internet* viabiliza a possibilidade de ser lido sem a contrapartida das relações face-a-face com os leitores, que costumam se aproximar pelos interesses afinitários. Para Schittine (2004, p. 14) “é um público novo, interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, em descobrir o quanto ela se aproxima da sua própria intimidade”.

O consumo da intimidade alheia de pessoas comuns é um fenômeno atual que vem sendo observado também em outras mídias, a partir dos recursos das *webcams*. Interesses por programas no formato *Big Brother*, costumam fazer deles, o centro dos comentários quotidianos enquanto em exposição. Mas quando se volta o foco aos *blogs*, veem-se ali estratégias que costuram os jogos de mostrar e esconder como os pseudônimos, códigos semânticos grupais, a moderação dos comentários dos leitores, a opção pelo diálogo em reservado com alguns deles pelos *e-mails*... Portanto, como coloca Schittine (2004, p. 19) “ao contrário do que se pensa, a exposição na *internet* não anula a possibilidade de se criar um segredo, mas estabelece novas formas de partilhá-lo”.

O confidente na *internet* não é uma escolha, mas um interlocutor anônimo, que constrói proximidade enquanto se inscreve nas caixas de comentários dos *posts*, ou procura o autor do *blog* pelo *e-mail*. Esta relação tela-a-tela pode alavancar cumplicidades textuais instantâneas. A distância parece tanto favorecer a desinibição de quem escreve, incentivando-o a uma super dose de sinceridade, como pode também estimular a construção de meros personagens. O que se percebe é que podem se estabelecer jogos performativos de identificação em relação ao texto e talvez já não mais se faça muito sentido ali, os limites entre *persona* e personagem.

Nos *blogs* registram-se fatos, pensares, fios de sentido historicamente datados, inscritos na possibilidade do diálogo eu/outro, já que juntamente com os *posts*, também são arquivados os comentários dos leitores. Para Schittine, os *blogs*, como também os diários papel, podem funcionar como um arquivo ao qual o diarista pode retornar sempre que quiser

²³ Lejeune iniciou-se no diarismo ainda na adolescência, quando experimentou a solidão de um preventório francês: “eu tinha uma vida interior e ninguém que a acolhesse. Tinha de me virar sozinho. Não tinha amigos. Eu mesmo deveria me dar hospitalidade. Pedi asilo ao papel” (LEJEUNE, 2008, p. 308). Mais tarde, ele se tornaria um celebrado estudioso do gênero autobiográfico e fundaria a APA: *Associoation pour L'autobriographie*, partindo da hipótese de que o autor escreve para ser lido, ainda que por si mesmo no futuro. A APA recolhe escritos autobiográficos de pessoas comuns, que voluntariamente os doam à instituição. Esta iniciativa do autor configura-se como uma tentativa de despertar o interesse e o valor literário e histórico pelas escritas de si das pessoas comuns na França contemporânea.

rememorar “do quanto amadureceu ou retrocedeu em sua maneira de ser e de como suas decisões e seu modo de pensar mudaram” (SCHITTINE, 2004, p. 115).

Parece que, então, este agregado de falas e escutas de si, pode construir um *nomos*, um micro-dossel eletrônico, que abrigue os exercícios subjetivos instantâneos do autor, em diálogo com o leitor, que se utiliza deste espaço para se organizar, ou para explorar uma de suas facetas identitárias, localizando-se de alguma forma, no labirinto de sentidos em desregulamentação da atualidade.

Voltando à questão da intencionalidade das confidências, pode se observar que a entrega voluntária de relatos, fotos e dados pessoais de autores e leitores inscrevem-se em jogos que estão para além do mero *voyeurismo*. Como diz Schittine (2004, p. 45), “o diarista virtual sabe que, quando está escrevendo o seu *blog*, está sendo observado e, de certa forma, avaliado por alguém. Mesmo que muitos digam o contrário, é visando a conquistar esse alguém que os diaristas escrevem”.

Talvez o que se possa conjecturar aqui é a exploração e expressão das facetas identitárias, talvez ainda desconhecidas de si próprio e também daqueles que são convencionalmente mais íntimos: família, colegas de trabalho, de estudo, clube, etc. É que a intimidade que se configura pela *internet* submete o eu à vigilância de um outro normalmente anônimo, distante fisicamente, sem poder de influir, de regular diretamente a “vida real e cotidiana” do autor, como nas tradicionais relações face-a-face. São sociabilidades construídas a uma distância relativamente segura, desembaraçadas dos corpos físico e social, que elegem o que mostrar e consentem a intervenção, frequentemente, apenas depois de passar pelo crivo do recurso do moderador de comentários do *blog*.

Segundo Bauman (2011, p. 41) o que assusta na atualidade não é a violação da privacidade em si, mas exatamente o seu oposto “fechar todas as saídas do mundo privado, fazer dele uma prisão (...)”. Para o autor, parece então, não haver prazer algum em alguém manter segredos “salvo aqueles preparados para serem exibidos com prazer na *internet* (...). Dessa maneira, a esfera *pública* é que se encontra hoje inundada e sobrecarregada, invadida pelos exércitos da *privacidade*”.

Para Bauman (2011, p. 42) “descobrir e/ou decidir ‘o que e quem eu sou’ parece se tornar tarefa hercúlea demais para ser enfrentada nos confins do privativo. Aí podem estar as razões para que a intimidade ganhe a cena pública, ensaiando jogos de erros e acertos a partir das ferramentas e possibilidades disponibilizadas pela *internet*, vestindo e despindo identidades diversas, enquanto se experimenta estas *personas*, talvez também assim se saiba um pouco mais de si próprio, ou o seu inverso, mais se percorra do terreno das incertezas.

Pode se observar que as confissões feitas em rede pelas telas dos monitores, geralmente se fazem afinitariamente, em pequenos grupos que compartilham supostos códigos sociais. Ainda, estes rituais de segredamento esgotam o poder de regulação na própria tela. Como diz Schittine (1994, p.65) “a neutralidade da topografia permite ao diarista objetivar-se mais, escapar de si, olhar para si mesmo à distância”. E é neste movimento de distanciamento de si a partir da aproximação íntima, mas opaca, que vem da tela, que pode se conjecturar que o *voyeurismo* é um ato de espelhamento, de necessária identificação, ou “a formação de uma sociabilidade virtual baseada nos pontos que os blogueiros e os leitores descobrem ter em comum” (SCHITTINE, 1994, p. 66).

Esta gastronomia para os olhos e ouvidos ofertada gratuitamente nas telas, pode aproximar pessoas desconhecidas, mas com sentimentos, ou segredos parecidos e que talvez jamais se conhecessem de outra forma, que não a exposição à degustação do outro pela tela, já que ali barreiras de tempo, espaço e do constrangimento das relações face-a-face são aparentemente removidas. Ali é permitido aproximar-se de quem escreve, também de quem lê o que se escreveu, ali se constroem relações de cumplicidade, elegem-se confidentes, ou ainda, elegem-se os confitentes aos quais se quer ouvir.

Estas cumplicidades virtuais são abertas agora por novas chaves: supostos protocolos e códigos semânticos que ambos compartilham. E assim há os modos de se ir ao outro e deixar que este outro venha até si. E é assim pensando, que se escolhe o assunto do *post*, ou o visitante decide se vale investir na reflexão da leitura pela caixa de comentários. Estes jogos costumam borrar os papéis entre autor e leitor, já que eles podem se inverter, pois muitas vezes, a participação do leitor é publicada como um *post*, ou é assunto para um novo texto no *blog*. Outras, a reflexão com a qual se identificou, é que vai gerar o próximo *post* do leitor no seu *blog* pessoal. Qualquer fronteira nesta ambiência se liquefaz, diluindo os papéis entre os estranhos mais próximos que se tem notícia.

Portanto, se aos *blogs* não foi legada a herança da escrita solitária do diarismo papel, já que também hospeda o leitor enquanto um interlocutor disposto a intervir no texto, talvez se possa pensar que o que se busque no outro é o si mesmo, ainda que na opacidade das telas dos monitores, e é exatamente assim que se quer a identificação, abrigada das relações face-a-face e de tudo o que delas advém. Parece se tratar de um movimento de sair do próprio autoconfinamento que a sociedade contemporânea frequentemente leva, pelo menos quando se fala dos grandes centros urbanos²⁴, mas ao mesmo tempo para se *confinar* em ambiências

²⁴ Entre os *blogs* deste estudo, verificou-se que praticamente todos, são de blogueiros dos grandes centros urbanos do país. A cidade de São Paulo contribuiu com 60% do material de pesquisa. Como se tratam de *blogs*

que acionam mecanismos de autoproteção. Ali se abriga, descansa, ensaia-se a construção de um micro dossel eletrônico, onde se despe de facetas do eu não apreciadas no face-a-face, para vestir outras, talvez mais ousadas, mas as quais ali é permitido experimentar, já que são outras as maneiras para ser e se relacionar.

Imaginários *in confitentii*: selando pactos eletrônicos?

Se o *blog* reconfigura a escrita solitária do diário tradicional em papel, se proporciona novas construções subjetivas, multifacetárias, a partir das possibilidades interativas da *internet*, se para além do mero *voyeurismo* ou exibicionismo pode se estar falando de novos jogos identitários e sociais impostos pela ambiência onde só se é, o que se vê, ainda, se tudo se passa apenas textualmente, ou pressupostamente; enfim, poder-se-ia conjecturar que no tela-a-tela se selem pactos eletrônicos entre *personas* em confidências?

Se o eu e o outro migram do face-a-face para o tela-a-tela, as relações passam às superfícies, transpirando dali identificações textuais, imaginários construídos pelas representações, onde a velha fronteira real/ficcional apresenta-se borrada. O trânsito entre telas parece motivado muito mais pela degustação do outro enquanto faceta de si próprio. O anonimato talvez incentive a abertura, a exploração de facetas mais tímidas no face-a-face. Redes de cumplicidade podem se formar e talvez se esteja falando aqui de narcisos virtuais que *mergulhem* no lago eletrônico para saber mais de si, tentando no diálogo tela-a-tela romper o próprio isolamento que o direcionou até ali.

Toda leitura conversa de alguma forma com a subjetividade do leitor, que ao percorrer um texto, elege algumas partes, negligencia outras, faz colagens pessoais. Lévy (1996, p. 35) diz que “paradoxalmente, ler, escutar, é começar a negligenciar, a desler, ou desligar o texto”. Em ato de “rasgar” os textos também os “amarrotamos”, dobrando-os sobre si mesmos. É que reunimos aos “gestos têxteis” do autor, pensamentos dispersos e, ao mesmo tempo, costuramos de novo, mas não necessariamente seguindo as instruções do tecelão. Então, podemos “tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer outras geografias semânticas”.

autotematizados no *Yoga*, estes dados talvez também se relacionem ao fato de ali estarem grandes escolas, estúdios, professores da prática, e a partir deles, os principais endereços para procurar cursos de formação, *workshops*, vivências.

Lévy faz compreender que o espaço de sentido não preexiste à leitura, mas é em percurso que o fazemos, atualizando-o a cada vez que por ali se passa. Então, se o texto oferece-se ao banquete do refazer, será sempre uma degustação inacabada, porque inacabados são os degustadores, que sempre o farão dialogar com as suas referências, com outros discursos, imagens, afetos, toda a imensa rede de signos em oferta que se teve ou tem acesso, segundo uma subjetividade que produz a si mesma. Para Lévy (1996, p. 36-37) “do texto, propriamente, em breve nada mais resta. No melhor dos casos, teremos graças a ele, dado um retoque em nossos modelos do mundo (...). Ele nos terá servido de interface com nós mesmos”.

A partir destas considerações, pode se pensar os *blogs* enquanto relações textuais que servem às interfaces do eu consigo próprio, retocando imaginários a partir do esforço de significação do outro, que também não se quer isolado? Os *blogs* poderiam funcionar, então, como oráculos, lugares de fala, lugares de escuta, que se inserem nas novas maneiras de se construir a identificação na contemporaneidade? E é Berger (2010, p.56) que auxilia na construção desta suposição: “ora, ao objetivar meu próprio ser por meio da linguagem, meu próprio ser torna-se maciça e continuamente acessível a mim, ao mesmo tempo em que se torna assim alcançável pelo outro”. O autor afirma que é pela linguagem que as subjetividades do eu se fazem mais reais, não apenas para o interlocutor, mas também para si próprio. É a linguagem que irá tipificar as experiências e também cristalizar e estabilizar a subjetividade, embora com modificações, quando ela se destaca das relações face-a-face.

A partir desta linha argumentativa, recorre-se a Lejeune (1988, p. 82-83), estudioso francês do gênero autobiográfico, que sugere um “pacto de leitura”, pois pôde observar que não se escreve apenas para si, já que isso esgotaria o sentido do próprio esforço expressivo. Portanto, os diários seriam regidos por pactos, pois “todo o diário tem um destinatário, ainda que seja a própria pessoa algum tempo mais tarde”. E é exatamente à recorrência obstinada de discursos implícitos direcionados ao leitor, que Lejeune chamará de “pacto autobiográfico”.

A que remete este pacto? Lejeune logo diz que pode vir à lembrança a ideia de um contrato jurídico, ou uma aliança mística, ou sobrenatural, um pacto com o Diabo, assinado com o próprio sangue... Mas, o autor está propondo é um “contrato de leitura”, que nem sempre está explícito e que no hiato da proposta do autor e da liberdade do leitor para percorrer suas páginas como bem entender, há que se observar que “se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la, ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação” (LEJEUNE, 1988, p. 73).

Neste pacto proposto pelo autor impera a reciprocidade entre alguém que se compromete a dizer a verdade sobre si mesmo, alguém que ao fazê-lo pede para ser amado e julgado pelo leitor, que também é convidado a ser verdadeiro:

(...) o autor obriga a pensar na hipótese da reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples ideia incomoda. À diferença de outros contratos de leitura, o pacto autobiográfico é contagioso. Ele sempre comporta um fantasma de reciprocidade, vírus que vai pôr em estado de alerta todas as defesas do leitor (LEJEUNE, 1988, p. 74).

Quando se traz este referencial de *contágio* para o estudo dos *blogs*, que também se inserem no gênero das escritas de si, embora se utilizem dos novos aparatos tecnológicos para desenvolver as relações textuais de identificação, pode-se inspirar em Lejeune para repensar estes pactos, estes pressupostos acordos de leitura, incorporando toda a ambigüidade das opacas relações do tela-a-tela.

Pacto é uma palavra que se origina do latim: *pactum* e segundo o Aurélio, quer dizer “ajuste, convenção, contrato”. Então, faz pensar em propósito, protocolo de intenções, rituais de selagem, cumplicidade, enfim, em união celebrada e deliberada consensualmente, ainda que talvez implícita, quando o assunto são os *blogs*.

O que pode se conjecturar é que cada *blog* seja um pacto em si próprio, mas que também possa haver regularidades, alguns *compromissos de leitura*, cumplicidades seladas, que se inscrevem à margem do tela-a-tela. É uma ambiência singular, onde inclusive se borram os limites entre autor e leitor, como já observado. Os papéis de ambos se fazem em próprio ato de publicação. Parece haver códigos próprios de acesso, especialmente quando os *blogs* ambientam temáticas específicas, quando se podem observar semânticas particulares. Também se acenam jogos entre pressupostas *personas* que se unem para *amarrotar* os textos, preencher-lhes os silêncios, rasgá-los enquanto se descobre outro dentro de si próprio. E como diz Lejeune (1998), parece também haver um compromisso de credulidade, de deixar-se magnetizar pela *persona* que ali se apresenta, representa, transita, ensaia, erra, acerta...

Para Lejeune (1998, p. 259) o diarismo atual pode ser o resultado de uma delegação de poder contemporânea: “cada indivíduo tem de administrar a si mesmo, com seu próprio setor de contenciosos e seus próprios arquivos”. Para o autor, são nestes espaços “onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve ao mundo real” (LEJEUNE, 1998, p. 262).

Quando se fala de *blog*, parece que o risco está presente, já que está se falando de uma bolha transparente, ou supostamente, já que há estratégias específicas para se autoprotger,

como já foi observado. Enquanto a bolha flutua, oferece-se à contemplação do outro, ainda que talvez tão volátil quanto ela própria. E aludindo à beleza das bolhas de sabão em vibração colorida ao vento, a bolha eletrônica parece explicitar a sua fragilidade pelos frenéticos *clicks* do *mouse*, ambas, ofertando-se ao deleite dos olhos enquanto bailam performaticamente, na necessidade imperiosa da vida pela descontinuidade e renovação.

Concluindo brevemente...

A experiência religiosa na pós-modernidade é norteadada pela busca reflexiva de sentido para si próprio fora das molduras herdadas dos quadros de crença tradicionais e regulamentados.

As trajetórias de identificação criam imaginários que necessitam meditar o caminho, validar a crença. Dar visibilidade à própria subjetividade religiosa na *internet* pode ser parte da estratégia da validação da crença, enquanto se busca o espelhamento pelo tela-a-tela.

Os *blogs* aparecem então, como um pressuposto material de pesquisa para se perceber as sutilezas destas recomposições, onde as peculiaridades do ambiente com suas linguagens, ritualidades e sociabilidades podem moldar imaginários ímpares do religioso.

Estas afirmativas são referenciadas, sobretudo, a partir de pesquisadores europeus. Portanto, tentou-se colocá-las em diálogo com a própria religiosidade brasileira, buscando os resultados do último Censo do IBGE e a linha argumentativa de alguns autores nacionais, atentos aos itinerários do ir e vir no tempo, à conversa dos atabaques e rezadeiras, dos santos e orixás, bem como ao jeito de *participar sem ser* do catolicismo brasileiro.

Alguns conceitos fundamentais deste trabalho também foram sendo apresentados gradativamente ao longo deste primeiro capítulo, à medida que a temática foi se abrindo em suas linhas mais amplas.

Tecido o pano de fundo, que se fale da própria urdidura. Para isto, é proposto então, um diálogo com a tradição do *Yoga* no tempo, recuperando brevemente sua história não fossilizável, como tão bem definiu Eliade (2010, 2009), seus pressupostos fundamentais e a própria trajetória dos blogueiros *yogins* brasileiros, que serão o objeto particular deste estudo.

Neste viés, a proposta é a de instrumentalizar gradativamente o leitor para uma compreensão possível de recomposição do religioso no poroso cenário cultural da atualidade, pleno de imaginários líquidos.

2 O *YOGA* EM TRAJETÓRIAS DE RECOMPOSIÇÃO: DA ÍNDIA AOS *BLOGS* BRASILEIROS

Na continuidade deste trabalho, o primeiro exercício é o de situar a tradição do *Yoga* no tempo, estabelecendo um diálogo sincero entre passado e presente, sempre de forma pontual, mas estabelecendo algumas localizações essenciais ao entendimento de uma recomposição.

Nesta proposta, recupera-se a etimologia do vocábulo *Yoga*, tentando desconstruir um imaginário contemporâneo que costuma associá-lo rapidamente à mera prática física, pela popularização dos *âsanas* a partir de academias, *spas* urbanos, parques e tantos outros lugares que inovam a tradição indiana, que originariamente, sempre esteve presa ao *parampara*, ou relação de devotada continuidade entre *guru* e discípulo na transmissão do conhecimento sagrado do *Yoga*.

Longe de cair na discussão de um *Yoga* produto, o texto tenta ampliar o olhar do leitor, recuperando conceitos e história, ainda que brevemente, para construir um entendimento de que a tradição sempre se recompôs plasticamente e, portanto, acolheu a idiossincrasia do praticante.

O estudo propõe-se a olhar para além das muitas variações da tradição e ainda, das tonalidades de *Hatha-Yoga* que têm assento no país. Importa a própria recomposição em si, o léxico e a semântica daqueles que experimentam o *Yoga* nos seus próprios tapetinhos de prática.

Por falar em tapetinhos, os *blogs* autotematizados no *Yoga* são sugeridos como *blogs-tapetinhos*, já que a partir da *internet*, amplia-se a experiência humana cotidiana, modulando outras formas de ser e de estar com o outro e consigo próprio. Por que não percebê-los, então, também como espaços para *meditar*, para o exercício do esvaziamento de si, para a descoberta de alteridade, para o treino do acolhimento espaçoso no transcendente a que se propõe o *Yoga*? Por que não pensar os *blogs* como espaços também para a construção de identidades e mais particularmente, para a identificação religiosa? A proposta acena como inusitada, mas inusitadas são também as possibilidades abertas pela tecnologia para o convívio humano e seus desdobramentos nos imaginários particulares.

Por fim, parte-se para a urdidura do campo. Relata-se parte significativa do esforço metodológico de pesquisa, apresentando o campo em suas linhas mais amplas e exercitando a

confeção de alguns painéis que situem a pesquisa, enquanto ponto de partida para as investigações que alicerçarão o último capítulo dissertativo.

Ainda cabe observar, que muitos são os termos em sânscrito neste trabalho. Ao longo da pesquisa, houve a necessidade de construir um pequeno glossário para o auto-estudo a partir dos autores referenciados na bibliografia. Estes termos já aparecem em profusão a partir desta etapa da leitura. Para que esta fluísse com certa leveza, optou-se por incluí-los ao final do trabalho, reservando às notas explicativas, apenas informações pontuais sobre a tradição do *Yoga*. Textos e *blogs* foram trazendo os termos que ali estão, e com eles, a necessidade do entendimento objetivo dos principais conceitos do universo *yogue* a serem adotados neste estudo. Pela brevidade da proposta, cada conceito trata-se apenas de uma simplificação, uma tentativa de entendimento. Talvez por isto, não foram assinaladas divergências conceituais significativas entre os autores estudados. A grafia segue sob a forma de tema, o que segundo muitos tradutores, facilita a leitura àqueles não familiarizados com o sânscrito. Portanto, à medida de sua necessidade, ou curiosidade, o leitor está convidado a demorar-se um pouco mais, visitando os anexos deste trabalho.

2.1 RECUPERANDO A JORNADA NO TEMPO: A EXPERIÊNCIA NÃO FOSSILIZÁVEL DO *YOGA*

Para além de uma *invertida*: um olhar para o *Yoga* na atualidade

Muitas promessas são feitas em nome do *Yoga*: emagrece, tonifica o corpo, dá flexibilidade, aumenta a resistência, diminui o estresse e por aí vai. Seriam esses efeitos procurados uma forma de empoderar o praticante para que este possa se divertir melhor? O *Yoga* tem sido usado, e eu diria abusado, como mais um instrumento de combate ao tédio imanente. Temos procurado o *Yoga* tal como quando vamos ao *shopping*

em busca de um agrado qualquer, pois isso parece nos fazer bem. O lugar reservado ao *Yoga* em nossos tempos parece ser o de apenas mais um bem de consumo.

SAYÃO

O *Yoga*²⁵ vem se popularizando enormemente numa época onde impera a visibilidade social e, portanto, de devoção a si próprio, pelo culto da forma física perfeita. Quando se fala em *Yoga*, senso comum, o que parece cristalizado pelos imaginários, são belos corpos sarados em acrobáticas posturas. Por este viés, o *Yoga* está intimamente associado a uma prática corporal saudável, que se insere em ambiências como *spas* urbanos, academias de ginástica, clínicas fisioterápicas, consultórios terapêuticos e salas de prática convencionais.

Em torno do *Yoga*, há uma ampla rede de produtos como roupas e acessórios para a prática, alimentos orgânicos, publicações especializadas, cursos e eventos diversos, viagens tematizadas à Índia, etc.

Entre os praticantes, muitas são as buscas: mero condicionamento físico, ou complemento para outras práticas esportivas, propósitos emocionais, como a redução da ansiedade e estresse modernos, ou ainda, uma simples pausa, um acolhimento amoroso do corpo e das emoções, capaz de restaurar ou preservar o sentir-se bem, equilibrado e assentado²⁶ consigo próprios. Portanto, parece que o *Yoga* está colado aos rituais cotidianos de estilos de ser antenados com a qualidade de vida.

Não é objetivo deste texto, incorrer na denúncia de um *Yoga* produto, ou da sua tentativa. O esforço é o de sintonizá-lo a partir de um olhar que reconhece a pluralidade e amplitude deste vocábulo ao longo dos tempos, observando que a tradição cumpriu

²⁵ *Yoga* é uma palavra de origem sânscrita. Em sânscrito, as palavras terminadas em “a” são masculinas ou neutras. Portanto, embora boa parte das traduções em língua portuguesa tenha alterado o gênero para o feminino, preservar-se-á o original, mesmo porque, tradicionalmente, o *Yoga* sempre esteve restrito a círculos masculinos de ascetas e místicos indianos.

²⁶ Sempre que se refere a “assento” nas práticas do *Yoga*, remete-se aos *âsanas*, as posturas corporais popularizadas pelo *Hatha-Yoga*. Os *âsanas* não são meros exercícios físicos de alongamento, mas disciplinas espirituais previstas pelo caminho óctuplo codificado por Patañjali, provavelmente em torno do século II a. C. Funcionam como técnicas para a experimentação e pesquisa da própria corporalidade do praticante. O objetivo é a integração do corpo à respiração, à mente, à inteligência, à consciência e ao centro, ou seja, a sua transcendência, já que se compreende que é exatamente através do corpo que um vislumbre do divino tornar-se-á possível. (IYENGAR, 2007, 52/57).

plasticamente uma longa jornada espiritual, embora tenha chegado por aqui um tanto descolada de seus propósitos originais.

Isto se deve à popularização do *Hatha-Yoga*²⁷ fora do solo indiano, desde as primeiras décadas do século passado. Esta modalidade de *Yoga*, conhecida por “*Yoga do corpo*”, dá uma especial ênfase às posturas corporais, ou *âsanas*, já que bebeu da influência do Tantrismo (por volta do século XI d. C.). Ela defende, portanto, um corpo vigoroso, preparado para a transcendência da própria existência. Como diz Iyengar, reconhecido como um dos mais influentes *yogues* vivos da atualidade: “o corpo é o veículo pelo qual percebemos e podemos descobrir nossa imortalidade. É por isso que o *Yoga* começa com o corpo” (IYENGAR, 2007, p. 248).

Como se pode inferir, a proposta do *Hatha-Yoga* em si, também bebe na longa tradição indiana da dedicada realização do Si Mesmo pelo praticante e a preserva, apenas o faz com um enfoque diferenciado. Embora, priorize aparentemente as disciplinas corporais, ou *âsanas*, não o faz com a finalidade exclusiva do condicionamento físico, para atender aos ideais de perfectibilidade estéticos dos contemporâneos, mas as utiliza dentro de uma proposta ampliada de superação de qualquer limitação física ou psíquica do praticante, para que se vá além delas, em longa jornada de dar assento pelo corpo ao sopro de Deus.

Cabe também observar, que salvo um seletivo grupo de praticantes que sazonalmente incursionam aos *Âshrams* indianos e têm ali os seus próprios *gurus*, a maioria dos adeptos brasileiros desta prática são nela introduzidos por professores de *Yoga*, em ambiências outras como já colocado, ou remetem-se por si próprios à tradição a partir de livros, vídeos, *sites* e *blogs*, *work-shops*, etc.

A afirmativa remete à estrutura iniciática do *Yoga*, que originalmente sempre esteve presa à tradição do *parampara*, transmitida de mestre a discípulo, ou de *guru* a *shishya*, ritual e oralmente. Exigia-se a dedicada devoção ao *guru* pelo discípulo qualificado e a sua entrega sem reservas à experimentação de disciplinas ascéticas de dificuldade progressiva, capazes de guiá-lo na trajetória do morrer para o profano.

²⁷ *Ha*, sol em união a *Tha*, lua, é uma senda da árvore indiana hinduísta do *Yoga*, que teria sido transmitida aos homens por *Goraksha* e seus adeptos, como um presente do Deus *Shiva*. Dá ênfase aos aspectos físicos da prática de transformação sendo seus textos os primeiros a enumerar e descrever as posturas (*âsana*). Ainda enfatiza as técnicas de purificação (*shodhana*) e do controle da respiração (*prânâyâma*). O *Hatha-Yoga* quer criar um “corpo de diamante”, um corpo transsubstanciado, imortal e completamente submisso à vontade do adepto, que está fundida à Vontade Divina. A tradição é referenciada principalmente por três compêndios indianos: o *Hatha-Yoga-Pradîpikâ* (século XIV), o *Gheranda-Samhitâ* (século XVII) e o *Shiva-Samhitâ* (século XVIII). A mesma conotação do *Yoga* como um presente de Deus aos homens também pode ser vislumbrada no *Bhagavad-Gîtâ*, embora aqui seja o Deus *Vishnu* em sua descida como *Krishna*. (FEUERSTEIN, 2005).

Marcos Rojo (2012, p.38), conceituado professor de *Yoga* paulistano, questiona a adequação de se referenciar como *yogues*²⁸, os praticantes da atualidade: “nós não somos yogis, nossos alunos não são nossos discípulos, nossas academias não são *ashrams*, as mensalidades dos alunos não são doações. O *Yoga* é nosso ‘ganha pão’, somos prestadores de serviço.”

Feitas estas constatações, pode-se então conjecturar que se adentra em território de recomposições e, portanto, cabe estabelecer algumas localizações essenciais à pesquisa. Primeiro, que o trabalho nomeará os praticantes brasileiros de *Yoga* por *yogins*, ou *yoginês*. Sejam eles professores ou alunos, ou meros praticantes, está se falando de adeptos de alguns dos muitos estilos do *Hatha-Yoga* difundidos no país²⁹, sem qualquer vinculação de exclusividade, já que é bastante comum experimentá-los em composições muito pessoais. A pesquisa ater-se-á aos praticantes que têm por propósito ir além da mera prática física, já que reconhecem no *Yoga* um instrumental para a ampliação da consciência e da realização do Si Mesmo³⁰.

Outra localização importante é a compreensão do vocábulo *Yoga* na pesquisa. Há muitas sendas no *Yoga*³¹, como também muitas versões ou tonalidades de *Hatha-Yoga*.

²⁸ Há muitas formas de se grafar a palavra na língua portuguesa. Optou-se neste trabalho por *Yogue*, a partir da versão nacional da obra de Georg Feuerstein (2005). A obra também foi instrumentalizante na grafia e compreensão de grande parte dos vocábulos em sânscrito desta pesquisa e para o entendimento dos conceitos a eles relacionados, embora não exclusivamente, já que contrastada e ampliada a partir do estudo das demais referências especializadas discriminadas na bibliografia.

²⁹ Feuerstein (2005, p. 53-55) enumera os principais mestres contemporâneos a introduzir o *Yoga* no século passado, no ocidente. Cabe aqui destacar dois *yogues* com grande visibilidade e influência, através de seus discípulos, entre os contemporâneos nacionais: Shri krishnamacharya (1887-1998) de Mysore e Swami Sivananda (1887-1963). Krishnamacharya desencadeou, na opinião do autor, um verdadeiro renascimento do *Hatha-Yoga*, remodelando-o tal como o conhecemos na atualidade a partir de seus discípulos: o estilo *Viniyoga* de seu filho T.K.V. Desikachar, o estilo *Iyengar*, difundido pelo seu cunhado B.K.S. Iyengar (1918-), talvez o grande *yogue* vivo da atualidade e ainda, o *Ashtanga-Yoga*, estilo aperfeiçoado pelo seu cunhado Pattabhi Jois, também conhecido como *Power Yoga*. Swami Sivananda, médico renunciante, teve por discípulos: Swami Satyananda, fundador da Escola de *Yoga* do Bihar; Swami Sivananda Radha, que criou o *Hatha Yoga* da Linguagem Oculta; Swami Vishnudevananda e Swami Satchidananda, um dos heróis espirituais da era de Woodstock e criador do estilo *Yoga Integral*.

³⁰ Esta afirmativa será desenvolvida no terceiro capítulo deste estudo, quando se dará voz ao campo, deixando que ele por si próprio discorra sobre sua busca espiritual a partir do *Yoga*.

³¹ O *Yoga* mescla-se a três grandes tradições religiosas que têm assento em solo indiano: o Hinduísmo, o Budismo e o Jainismo. No hinduísmo ortodoxo, é um *Darshana*, ou ponto de vista, que são os tratados que codificam a tradição védica na forma de aforismos ou *sûtras*. Além do *Yoga*, há mais cinco “pontos de vista” hinduístas sobre a Verdade: o *Nyâya*, o *Vaisheshika*, o *Sâmkhya*, o *Mîmâmsâ* e o *Vedânta*. Seguem as sendas mais destacadas da gigantesca e remota tradição do *Yoga* hinduísta:

. *Râja-Yoga* (*Yoga Real*), ou *Yoga Clássico*: o caminho de oito membros ou *ashta-anga-yoga* de Patañjali, que tem por objetivo a libertação por meio da meditação e se dirige aos praticantes capazes de uma concentração intensa acompanhada pela renúncia ao mundo;

. *Hatha-Yoga* (*Yoga da força*): a libertação por meio da transformação física;

Quando se recupera a sua etimologia, pode se vislumbrar sua afinidade última e por aí tentar caminho, já que para além das suas particularidades, estas se afinam enquanto um conjunto de práticas e disciplinas espirituais, que à revelia das recomposições culturais no tempo, sempre vieram a cumprir um propósito: o de instrumentalizar o praticante ao assento no impermanente.

Etimologicamente, *Yoga* pode ser compreendido por “jugo”, através do latim *iungere*, *iugo*, correlatos da raiz sânscrita *Yug*, que quer dizer “jungir, atrelar” (ELIADE, 2009, 2000). Como auxilia Gulmini (2003, p. 24), “*Yoga* é tanto um ‘jugo’ (um domínio que se exerce sobre algo, como o controle do cavalo atrelado à carroça) quanto uma ‘junção’ (uma união, o atrelamento de uma coisa a outra)”. Portanto, o *Yoga* pode ser compreendido como uma forma de *cangar* a mente do praticante, quer dizer, de controlar as flutuações mentais, de *jungir* o eu individual, conhecido no *Yoga* por *ahamkâra*, com o Ser em Si, ou Eu Supremo³².

Assim, o esforço é o de não limitar o olhar para as particularidades das sendas ou dos estilos em si, mas que os rasgando, se procure nos imaginários dos próprios praticantes brasileiros as suas recomposições, a partir de seu léxico e semantização. Então, poder-se-á dar acolhimento às jornadas de vida e nelas, à sensibilização ao *Yoga*, abrindo-se pelas narrativas, aos imaginários do religioso dos seus adeptos. Por proposta, pode se tentar perceber as sutilezas idiossincráticas capazes de dar o abrigo à tradição, sempre ritualizada antropofagicamente ao longo dos tempos, o que lhe assegurou o próprio pulsar contemporâneo.

Embora se tenha reconhecido até agora, que o *Yoga* tal como é veiculado pela mídia atenda a uma proposta laicizada, interessa muito mais observar que ainda assim, o *Yoga* não

. *Karma-Yoga* (*Yoga* da ação): a libertação por meio do serviço auto-transcendente, ou ação desapegada;

. *Jnâna-Yoga* (*Yoga* da sabedoria): a libertação por meio do exercício perseverante do discernimento superior, que distingue claramente o Real do ilusório;

. *Bhakti-Yoga* (*Yoga* da Devoção): a libertação por meio da entrega confiante de si mesmo ao Ser divino;

. *Mantra-Yoga* (*Yoga* dos sons poderosos): a libertação pela recitação vocal ou mental dos sons dotados de um poder específico como *om*, *hum*, *ram*, *hare krishna*, etc.)

. *Tantra-Yoga* (*Yoga* da continuidade), que inclui o *Kundalinî-Yoga* (*Yoga* do poder da serpente) e o *Laya-Yoga* (*Yoga* da dissolução): a libertação por meio de rituais, da visualização, do trabalho energético sutil e da percepção da identidade (ou continuidade) entre o mundo comum e a Realidade transcendente.

Como coloca Feuerstein (2005): “por trás de todas as formas e ramos do *Yoga* está a compreensão de que o ser humano é mais do que o corpo físico e que, por meio de uma determinada disciplina, é possível descobrir o que é esse “mais” (FEUERSTEIN 2005, p. 23/30).

³² O desenvolvimento da proposta filosófica do *Yoga* obedecerá a um seqüenciamento expositivo, pois afinal, está se tentando falar de uma tradição que pode remeter a cinco mil anos não fossilizáveis da história espiritual indiana, já que continuamente, o *Yoga* foi experienciado e recomposto por diferentes culturas religiosas no tempo.

se deixa prender no dualismo sagrado/profano³³, mas é capaz de promover um diálogo dinâmico através dos corpos que se permitem experienciá-lo nos tapetinhos de prática. É que o olhar ocidental³⁴, talhado pelo cristianismo, tem grande dificuldade de espiritualizar o corpo, visto sempre como impuro e obstaculizante ao espírito. Mas, o *Yoga* desconhece esta dicotomia corpo/espírito. Portanto, os mesmos tapetinhos de prática podem também se tornar templos para o *yogin*, já que executados com correção, os *âsanas* permitem acalmar a mente, criando espaço para explorar a respiração e com ela, entrar em contato com a força vital do corpo, o *prâna*, abrindo aspectos mais sutis do ser. Então, o abuso denunciado pela epígrafe que abre este texto, pode se converter em desabuso, ou melhor, vir a cumprir aqueles mesmos propósitos de sempre, qual seja, o do encontro pessoal com a essência verdadeira no pulsar atemporal.

Agora, invertendo no tempo: breve mirada para esta história comprida

Que ninguém ensine este conhecimento absolutamente secreto a alguém que não seja um filho, que não seja um discípulo, que não tenha pacificado seu espírito. [Mas] a alguém que seja exclusivamente devotado [a seu mestre ou a seu objetivo espiritual] e que possua todas as qualidades necessárias, pode-se ensiná-lo.

MAITRI UPANISHAD, VI, 29

³³ Para Mircea Eliade (2010), a experiência religiosa pressupõe uma vivência no tempo e no espaço. Para o homem religioso, o espaço e o tempo não são homogêneos, nem contínuos. O que funda a experiência religiosa é a manifestação da hierofania no espaço-tempo, o que configura a clivagem do espaço-tempo sagrado e o profano. A manifestação do sagrado promove uma “rotura” ao se manifestar como algo de “uma ordem diferente”, fundando ontologicamente o mundo. Portanto, participar de uma experiência religiosa implica a saída da configuração espacial e temporal ordinárias para ser reintegrado no espaço e tempo sagrados. A hierofania revela um ponto fixo absoluto, um centro, fixa os limites, estabelecendo uma ordem cósmica.

³⁴ A contraposição convencional ocidente/oriente é apenas conceitual, portanto, construída a partir de um olhar etnocêntrico europeu. Assim a ideia de oriente é muito mais uma representação, uma forma de relacionar-se ao outro, ao diferente, não exatamente um local geográfico rigidamente estabelecido, mas, ainda que não um mero imaginário, é, sobretudo, uma construção discursiva que ajudou a definir a própria Europa, ou o próprio ocidente, “com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes”. Portanto, a convivência européia com a riqueza civilizatória de suas colônias entre os séculos XIX e XX, também constituiu parte integrante da sua civilização e da sua cultura material. Para uma compreensão alargada deste diálogo representativo oriente/ocidente ver: SAID, Edward W. (2007).

A epígrafe que abre este texto faz pensar que o *Yoga*, como veiculado na mídia da atualidade, encontra-se de fato desligado de seu quadro teórico-metafísico original, já que é apresentado enquanto um conhecimento quase meramente técnico e prático para os benefícios da saúde do corpo e da mente. O *Yoga* aparece então, como um verdadeiro instrumental, apto a satisfazer às necessidades imagéticas estéticas contemporâneas, modelando os corpos, dotando-lhes de força, equilíbrio e flexibilidade, como também, uma espécie de sedativo natural para as ansiosas mentes contemporâneas.

Mas, como coloca Feuerstein (2005, p. 19) os *âsanas* são apenas a “pele” do *Yoga*. Para o autor, por trás desta pele se oculta a “carne e o sangue”, referindo-se ao controle da respiração e das técnicas mentais, de mais difícil domínio. As práticas morais (*yamas e nyamas*) exigem toda uma vida de perseverança e corresponderiam, portanto, ao esqueleto do corpo. Finalmente, as práticas superiores da concentração, da meditação e êxtase unitivo (*samâdhi*) seriam análogas aos sistemas circulatório e nervoso.

Estas considerações iniciais servem apenas como um contraponto, para que se tente recuperar brevemente aquilo que Eliade (2009, 2000) nomeou de experiência não fossilizável do *Yoga*. Para o autor, o *Yoga* como um verdadeiro fóssil vivo, não deixa pegadas documentais, testemunhando a própria história do espírito humano ao longo dos tempos.

Eliade (2009, 2000) faz reconhecer por esta metáfora, que o *Yoga* alimentou-se da idiosincrasia, que reformulou o léxico, a semântica, os imaginários, os rituais; enfim, estimulou a experiência religiosa indiana e a sua representação, efetivando, portanto, muitas tonalidades para se viver em *Yoga*.

O conhecimento acumulado em várias linhagens de mestres e discípulos constituiu para Eliade (2000, p. 201) “uma dimensão específica da espiritualidade indiana”. É que a experiência religiosa indiana sempre exigiu, de alguma forma, os métodos yóguicos de meditação e concentração.

Embora o *Yoga* tenha se desenvolvido diretamente no seio dos ensinamentos védicos, acabou por constituir-se numa disciplina espiritual que transita entre três tradições religiosas indianas principais: o Hinduísmo, o Budismo e o Jainismo. Gnerre (2010, p. 250) argumenta que o *Yoga* está presente nos próprios hinários védicos, nos quais estas tradições também têm assento. Portanto, o *Yoga* teria acabado por absorver e integrar as mais variadas técnicas espirituais e místicas, confundindo-se com a própria experiência do sagrado indiana³⁵.

³⁵ De acordo com Feuerstein (2005, p. 39), o termo *Yoga* no sentido técnico de hoje pode ser particularizado no *Katha-Upanishad* (800-600 a. C.), embora enquanto doutrina já se manifestasse como *tapas* (ascese, austeridade) nos hinários védicos. A evolução ulterior pode ser observada nos ensinamentos do *Sâmkhya-Yoga*, no *Bhagavad-*

Para Zimmer (1986) a grande finalidade do pensamento indiano sempre foi a de explorar para além do visível, ou impermanente, estreitando os laços entre a filosofia e religião a partir de um viés de transformação. Pelo reconhecimento do erro cognitivo acerca da verdadeira natureza do homem, poder-se-ia efetivar, então, uma “total conversão ou renascimento” (ZIMMER, 1986, p.19).

O *Yoga* sempre esteve preso a uma estrutura iniciática, o *parampara*, que é caracterizada pela transmissão oral do conhecimento pelo treinamento, preferencialmente pessoal, exclusivamente de mestre a discípulo. Desta forma, preservou-se ao longo dos tempos um conhecimento considerado de caráter sagrado de todos aqueles não iniciados.

O *guru*, que pela etimologia, *Gu* é escuridão e *Ru*, luz, é aquele que traz luz à escuridão, comunga do conhecimento dos deuses, já que iluminado, sendo a própria encarnação da realidade suprema. Este ser realizado pode, potencialmente, promover a “transmutação alquímica da alma” do discípulo a ele devotado (ZIMMER, 1986, p. 19).

A compreensão indiana para o sofrimento humano revela que este tem assento em uma ignorância metafísica (*avidyâ*). Portanto, para que o discípulo possa *ver* e ter uma nova *atitude* diante da existência há todo um caminho de purgação epistemológica a ser percorrido, observando-se que este está calcado numa lógica reencarnacionista evolutiva. É o *guru*, pelo domínio dos métodos de purificação dos equívocos cognitivos humanos, que pode recuperar das entranhas do discípulo toda a sua “Verdade anelada” (ZIMMER, 1986, p. 48).

Como coloca Eliade (2000, p. 23): “tudo o que devem, se transforma, morre, desaparece – não pertence à esfera do Ser”. Todo o sofrimento reside, portanto, na solidariedade humana com o profano. Mas, é interessante observar que é o próprio sofrimento que pode promover a catarse, já que alavanca o homem na busca pela sua superação: “quanto mais o homem sofre, ou seja, quanto mais solidário é com o Cosmos, mais nele cresce o desejo de libertação, mais a sede de salvação o atormenta” (ELIADE, 2000, p. 23).

Pode se dizer que a compilação dos conhecimentos indianos do *Yoga* acumulados em longa tradição oral por Patañjali no século II a.C.³⁶, é o texto *técnico* mais antigo de que se dispõe sobre esta tradição. O *Yoga-Sûtras* foi redigido na forma de enunciados concisos, ou

Gîta e mais adiante nos *Yoga-Sûtras* de Patañjali. Em torno de 300 ou 400 d. C. observa-se a influência do Tantra e seus desdobramentos no *Hatha-Yoga* (a partir de 1000 d.C.), o ramo, que em variações, popularizou-se entre os ocidentais.

³⁶ Não há unanimidade na datação da codificação de Patañjali. Seguiu-se aqui a datação de Eliade (2009, 2000). Para Feuerstein (2005), o *Yoga-Sûtras* é do século II d. C. Os autores nacionais adotados também se dividem: Gulmini (2003, 2002) seguiu Eliade, enquanto Gnerre (2010), Feuerstein.

aforismos, denominados *sûtras*, ou fios condutores de um raciocínio, sintetizando os pontos cardinais da tradição. Ali o *Yoga* é definido como a supressão dos estados de consciência.

Portanto, é proposto um conhecimento experimental de tudo aquilo que é votado à destruição: *yoga citta vrtti nirodha*, ou as oscilações da mente comum. Um após o outro, os estados que agitam a consciência profana são submetidos às disciplinas yóguicas que são dispostas em oito membros por Patañjali, dentro da observância de um rígido ascetismo, dando enfoque à meditação (*dhyâna*) e ao êxtase ou integração (*samâdhi*).

O *Yoga* compilado por Patañjali funciona como uma espécie de divisor da história do próprio *Yoga*. Considerado como o *Yoga* Clássico, separa então, os demais períodos entre pré e pós-clássico. Há também um *Yoga* arcaico, já que talvez a primeira notícia desta prática date de cerca de 3000 a. C.³⁷.

A afirmativa diz respeito ao sinete de argila encontrado na região do vale do rio Indo, atual Paquistão, que traz uma curiosa figura sentada em lótus, ou *padmâsana*. Este vestígio arqueológico alude às representações contemporâneas do deus Shiva, arquétipo do *yogin* e divindade tutelar do *Yoga*. Este artefato está associado à cultura de Mohenjo-Daro, ou cultura de Harappa, suas duas principais cidades.

Em contraposição à cultura ariana legada pelo Rig-Veda (1.500 a. C), observa-se uma cultura religiosa devotada a uma deusa Mãe e a divindades da natureza. É que nos Vedas mais antigos, predominam os intrincados rituais sacrificiais dos sacerdotes brâmanes, voltados para objetivos práticos da vida ariana, como descendências, guerras, riqueza material, etc. Ali, destacam-se os deuses masculinos e guerreiros (GULMINI, 2003, p.25-27).

Segundo Gulmini (2003, p. 29), não há como recuperar com exatidão histórica a trajetória do *Yoga*, mas por volta de 800 a. C., ele inscreve-se na tradição dos Vedas, aparecendo já “pronto” nas *Upanishads*: “como uma ciência elaborada e amadurecida, cheio de lendas e mestres realizados”. Este conhecimento era praticado pelos renunciantes do sistema de castas ariano, em ambiências ermas, como florestas ou montanhas de difícil acesso.

³⁷ Segundo Feuerstein (2005, p. 61-64), por *Yoga* arcaico, pode ser considerado o conteúdo disperso nos quatro Vedas e textos rituais dos Brâhmanas e Âranyakas. Por *Yoga* pré-clássico, diversas versões do *Sâmkhya-Yoga*. Nas *Upanishads*, há alusão às disciplinas yóguicas, mas apenas no *Katha-Upanishad*, pode se dizer que as técnicas e ideias principais do *Yoga* aparecem. O texto principal deste período é o *Baghavad-Gîta*, que também é tradicionalmente considerado um *Upanishad*. O *Yoga* clássico tem sua doutrina codificada no *Yoga-Sûtras*, que é um *Yoga-darshana*, sistema filosófico, ou ponto de vista do *Yoga*. Finalmente, há grande número de textos referentes ao período pós-clássico: a literatura tântrica, os *purânas*, os *Yoga-Upanishads*, os textos do *Hatha-Yoga*, escritos vedânticos e a literatura do *bhakti-mârگا*. Para o conhecimento ampliado desta breve síntese, recorrer ao manual de Feuerstein (2005).

Abre-se com as *Upanishads*, um período de efervescência cultural, que novamente se repetiria nos primeiros séculos da era cristã com o Tantrismo. Ambos colocarão em intenso diálogo, a cultura ariana e a dos povos autóctones indianos, considerados em bloco como dravidianos. Exemplos que reforçam a afirmativa de Gulmini (2003) são Budha e Mahâvîra, que por volta dos séculos V ou VI a. C. moveram-se em contraposição à ortodoxia bramânica.

Um marco a se considerar na compreensão desta longa história plena de informações e por vezes, desconstruídas tentativas de sutura por parte dos autores, é o anúncio do caminho do *Karma-Yoga* a partir do *Bhagavad-Gîtâ*. Parte do grande épico indiano Mahâbhârata (por volta de 400 a.C), narra os ensinamentos do deus Krishna, um avatar do deus Vishnu, que se faz cocheiro do príncipe discípulo Arjuna e o exalta a não desistir da grande batalha que está para se iniciar entre primos herdeiros do reino de Bhârata.

Para Gulmini (2003, p. 37) ali se realiza “a fusão dos ideais e deveres das castas da sociedade hindu e os princípios da teoria e da prática do *Yoga*, estabelecendo em cada um de seus capítulos, um aspecto diferente da disciplina”. Para compreender a afirmativa da autora, cabe observar que a partir do *Karma-Yoga* enunciado pela *Gîtâ*, já não mais se exige a renúncia ao mundo, que descolava o *samnyâsin* do sistema de castas indiano³⁸. Mas, a partir dali, a renúncia assume outro significado, qual seja, dentro do *dharma*, ou caminho de retidão, desapega-se dos frutos da ação. Este é o caminho do *Yoga* da ação, ou *Karma-Yoga*. Na *Gîtâ* também são estabelecidos o *Yoga* do conhecimento, ou *Jnâna-Yoga*, e o caminho da auto-consagração à divindade, ou *Bhakti-Yoga*, o *Yoga* da devoção.

Por fim, cabe observar que o *Yoga*, tal como o conhecemos, absorveu a influência do Tantrismo, que o reconciliou com valores espirituais assentados em um xamanismo arcaico. Ao contrário do *Yoga* clássico proposto por Patañjali, há uma valorização das coisas do mundo, já que as coisas do espírito são compreendidas como imanentes em tudo que é mundano. Então, recupera-se o velho culto à Deusa-mãe, à natureza e muitos dos antigos rituais de fertilidade das sociedades agrárias pré-védicas: “há um elogio do corpo humano e

³⁸ Segundo Dumont (1992), o renunciante está só e, por escolha, fora do mundo indiano das castas. O *samnyâsin* encontra-se dotado de uma incômoda individualidade a ser transcendida. Ainda, que este homem “fora do mundo” não é “o homem de uma existência particular que se libera, é toda uma enfiada de existências sucessivas que aí encontra seu fim e que se condensara anteriormente no indivíduo renunciante: ele não é apenas ele mesmo” (1992, p.327). Portanto, o temporal e a ordem humana estão submissos e confrontados a uma ordem absoluta, kármica, onde para se tornar um indivíduo deve-se renunciar ao estar no mundo, ainda que com o propósito temporário e ainda religioso de reconciliar-se com esta mesma ordem mais adiante, uma vez transcendida a *individualidade* conquistada. Dumont também afirma que a instituição fundamental, a casta, é religiosa em sua essência e nada subsistiria em solo indiano negando a casta, já que tudo está em relação, na complementaridade entre puro e impuro, superior e inferior. Assim, também o Buda, apesar de transcender a casta, não a atacaria, ou reformaria.

aos prazeres da vida, tidos como manifestações da Deusa, e, portanto, coadjuvantes no espetáculo sagrado da existência” (GULMINI, 2003, p. 41).

Cabe enfatizar que o corpo físico, preterido no *Yoga* clássico, passa a ser encarado como o templo do espírito e, portanto, igualmente perfeito e sagrado, o que levaria à ênfase nas técnicas físicas associadas ao *Hatha-Yoga*, que em variações, chegou até a atualidade brasileira. O propósito destas técnicas é a conquista de um corpo de diamante, perfeito e vigoroso, para que a partir dele, se dê assento ao Espírito que o anima.

São muitas as datações e correntes interpretativas deste passado milenar. O que se apresentou foi apenas uma simplificação instrumentalizante ao prosseguimento do estudo a partir de Eliade (2009, 2000) e Zimmer (1986), principalmente. Também se recorreu à Feuerstein (2005) para a construção da maioria das notas deste texto. Gulmini, estudiosa e tradutora para a língua portuguesa do *Yoga-Sutras* (2003, 2002) alimentou a costura histórica do texto. Mas, o que cabe observar, é que as hermenêuticas assim o são: hermenêuticas. Ainda que localizem de alguma forma, muito mais evidenciam um *continuum* de experimentações indianas no tempo, sempre acolhedoras da idiosincrasia no ousado exercício de dar assento ao permanente, ou melhor, na realização do caminho de volta a que se propôs todo *yogue* no tempo.

Entrego, confio, aceito e agradeço : pelos tapetinhos brasileiros

Não é meu. Eu o adotei de Phyllis Krystal(...)Se alguma coisa dói em você e não tem solução,por mais que tenha tentado tratamentos, terapias e outras coisas mais, cultive a verdade, entregue-se ao problema, ao Deus que está em você. Confie na solução que virá – a esperança se manifestando (...). Tenho colocado essa experiência na minha própria vida. Briguei até ontem – não posso, a solução não está comigo: entrego, confio, aceito e agradeço. Porque nas orações que se fazem no mundo todo, todo dia e toda hora, é sempre um

pedido de uma solução já desejada. Não deseje a solução imaginada, dê chance para Deus (...).

HERMÓGENES

Quando a proposta é falar sobre a trajetória do *Yoga* no Brasil, parece que esta história se confunde com própria história de vida do carismático professor Hermógenes. Pioneiro, José Hermógenes de Andrade, o professor Hermógenes, é potiguar, nascido em 1921, sendo considerado o grande pioneiro vivo do *Yoga* no país. Descobriu o *Yoga* a partir de livros estrangeiros, quando na juventude, conviveu com uma tuberculose que o levou a submeter-se a um severo e restritivo tratamento médico.

Autodidata, passou a copiar os *âsanas* por conta própria, praticando-os escondido no banheiro de casa. É o idealizador do método *Yoga* para nervosos e um dos pioneiros na publicação de livros sobre *Hatha-Yoga* em língua portuguesa. Compreende o *Yoga* como uma terapia, um “método de promover e manter a saúde”, dentro de um conceito ampliado de saúde como “não a mera *ausência* de doença ou de sintomas desconfortantes, mas uma fulgurante *presença*. A *presença* em nós, da própria Vida, da felicidade mesma” (HERMÓGENES, 2010, p. 355).

Portanto, é um ferrenho combatente da *normose*, ou a doença de ser normal: ”no estilo de vida *normótico* sobram ‘fatores de risco’, isto é, maus hábitos, valores falsos, desejos e apegos irracionais, egocêntricos, alimentação incorreta, alienação e muitas outras calamidades *normais* na vida de quase todos” (HERMÓGENES, 2010, p. 355).

Hoje, na nona década de vida, contabiliza mais de meio século de trabalhos dedicados ao *Yoga*, com muitas publicações, algumas clássicas, como *Autoperfeição com Hatha Yoga* (50ª ed., 2010) e *Yoga para nervosos* (44ª Ed., 2009). Perguntado sobre a experiência do *samadhi* por uma revista especializada brasileira logo diz: “quando acontecer comigo, eu te conto! Não tem importância nenhuma ter *samadhi* ou não ter *samadhi*. Sacou? Seja feliz agora. Ame agora. Observe-se agora e sempre.” (HERMÓGENES, 2012, p. 52-53).

Em sua viagem desde a Índia, o *Yoga* adaptou-se plasticamente sempre a partir dos grandes centros urbanos brasileiros. Contemporâneos ao professor Hermógenes, alguns nomes aparecem com frequência nos materiais a que se teve acesso, como os dos professores Caio Miranda, Celeste Castilho, De Rose e Shotaro Shimada. Há biografias e publicações autorais referentes às práticas pessoais destes precursores, mas ainda não há um olhar

acadêmico sobre a trajetória do *Yoga* no país³⁹. Segundo Gnerre (2010, p. 263) “a grande preocupação destes autores vai no sentido de definir o *Yoga* para o público brasileiro, sem no entanto se aprofundar numa análise da própria história da qual eles próprios fazem parte – a história do *Yoga* no Brasil”.

Constatada esta lacuna, que também aqui se inscreva a mera tentativa de esboçar algumas breves localizações de uma convivência, cujos registros brasileiros remetem aos anos cinquenta do século passado. O que não pode se perder de vista é que como sempre, o *Yoga* se recompôs e que se ainda não se pode avaliar a história desta recomposição, ou o sentido dela em si própria, algumas tentativas acadêmicas vêm se somando neste esforço na atualidade, a partir de estudos de campo que gradativamente, podem contribuir para a instrumentalização de um olhar sobre a prática no Brasil. Recuando o olhar um pouco além no espaço e tempo, o que se faz válido para compreender e contextualizar o cenário nacional em seu diálogo com a tradição do *Yoga* parece ser um marco unânime, entre os autores referenciados, o trabalho missionário do renunciante indiano Swami Vivekananda (1863-1902 a partir do Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, Estados Unidos, em 1893.

Vivekananda permaneceria em solo americano nos dois anos seguintes, fazendo numerosas palestras e depois as estenderia à França e Inglaterra. Implantou em terras americanas as primeiras sociedades hindus, tendo por objetivo ensinar o *advaita vedanta*, sistema filosófico não dualista, cujo conhecimento implica no aprendizado simultâneo de diversas técnicas de *Yoga*.

Vivekananda difundiria uma perspectiva religiosa pluralista, já que o objetivo de qualquer religião só poderia ser o de realizar Deus inerente na alma: “aceito as religiões do passado e presto culto a Deus em todas elas; juntamente com cada uma, adoro a Deus na cerimônia ou rito que usarem (...). Unidade na diversidade é o plano do universo” (VIVEKANANDA, 2004, p. 24).

Parece que até então, o conhecimento de *Yoga* entre os ocidentais era meramente filosófico, a partir de um círculo restrito de intelectuais, com destaque para o romantismo desde fins do século XVIII. Estes círculos tinham acesso às traduções dos textos sagrados orientais realizadas por ingleses e franceses, vinculados à expansão imperialista da Europa em direção ao continente asiático.

³⁹ Para conhecer um pouco da biografia ou do trabalho de alguns destes pioneiros: CASTILHO, Maria Celeste de. *Sob o céu de Celeste*, biografia de Maria Celeste de Castilho, São Paulo: Riemma Editora, 2012 e SHOTARO, Shimada. *Ioga do Mestre e do Aprendiz*. Lições de uma vida simples para a plenitude. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

A partir de Vivekananda, a tradição passa a ser apresentada com ênfase na *experiência*, segundo consta o próprio prefácio de seu livro. Esta observação também está presente em Barroso (1999, p. 190) para quem o “Parlamento Mundial das Religiões inaugurou uma segunda fase, marcada por um viés prático, de *experimentação* dos caminhos espirituais propostos por elas”. Segundo Vivekananda “a experiência é o único mestre que temos. Podemos falar e ponderar por toda a vida, mas não entenderemos uma palavra da verdade, até que a tenhamos experimentado em nós mesmos” (VIVEKANANDA, 2004, P. 186).

Segundo Gnerre (2010, p. 262) também há que se destacar a própria dominação britânica da Índia entre 1849 a 1947, como de grande relevância na divulgação do *Yoga* para o Ocidente. Neste período, será intenso o fluxo de acadêmicos britânicos que se ocuparão da história e filosofia hindus, já que as universidades criadas na Índia obedeciam ao modelo britânico. Isso facilitou uma expressiva migração de pesquisadores ingleses a partir da metade final do século XIX. Por outro lado, também os colonizados das castas superiores passam a ter acesso às cadeiras destas universidades, quando não viajavam à Inglaterra para estudar diretamente nas tradicionais instituições britânicas⁴⁰.

O fato é que alguns destes alunos, como Paramahansa Yogananda (1893-1952), também possuíam formação em técnicas iniciáticas do *Yoga*, o que sugere um gradual interesse da academia pelo *Yoga*. Paramahansa, como Vivekananda, também viajaria aos Estados Unidos e ali, se radicaria até a sua morte. Fundou, nos anos vinte do século passado, a *Self Realization Fellowship* e estabeleceu importantes *Ashrams* na Califórnia, difundindo entre os americanos, as técnicas de *Krya Yoga*, uma linhagem iniciática até então, apenas passada de mestre a discípulo.

Mas, segundo Barroso (1999, p. 190-191), a ampliação do interesse pelo hinduísmo e pelas demais religiões orientais só viria a constituir-se em fenômeno de massas a partir das proposições difundidas pela *Beat Generation* ao longo da década de 1950. Esta leitura inseriu-se em forte viés contracultural e procurava definir estilos de vida alternativos aos valores da sociedade de consumo americana consagrados no pós-guerra. Nesta linha, adviria a difusão de

⁴⁰ Sri Aurobindo (1872-1950), criador do *Yoga Integral*, que associa *Yoga* a educação nas escolas, é um exemplo. Ele foi educado na Inglaterra e tornou-se um defensor político da libertação da Índia junto ao Mahatma Gandhi. No sul da Índia, encontra-se hoje Auroville, a Cidade do Amanhecer, comunidade fundada em sua homenagem e com base em seus princípios. Para conhecer um pouco mais da vida deste *yogue* e ativista político, bem como seus ensinamentos: Merlo, Vicente, *Os Ensinamentos de Sri Aurobindo - O Yoga Integral e o Caminho da Vida*, Editora Pensamento, 2010.

uma cultura psicológica que utilizaria das religiões orientais enquanto veículos de exploração da interioridade e do eu.

Barroso em sua dissertação de mestrado (1999, p. 167) defende que a ideia de *experimental* a si mesmo parece ter sido o principal legado desta aproximação do ocidente com as religiosidades orientais, o que também acompanhava e reforçava outro movimento, o da legitimação da experimentação científica, referindo-se à afirmação dos saberes psicológicos. Para ela: “poder-se-ia dizer, assim, que as religiosidades orientais irão confluír, no Ocidente, para todo o vasto campo da experimentação e da observação de si que se abrirá com a Psicologia” (BARROSO, 1999, p. 168).

Esta cultura psicológica teria reflexos numa religiosidade contemporânea a qual muitos autores nomearam de Nova Era compreendida não como uma religião em si própria, mas muito mais como uma atitude em relação ao religioso e às religiões, já que cada pessoa de acordo com os seus marcos biográficos e religiosos, seus trânsitos e motivações particulares, passa a recompor as tradições, arranjando-as e representando-as num verdadeiro “sincretismo em movimento” (AMARAL, 2000)⁴¹.

Feitas estas localizações, que se retome a trajetória do *Yoga* no país. O primeiro registro que se tem notícia é de Swami Sevananda, um francês que ainda nos anos trinta do século passado, fundou um grupo independente de estudos esotéricos no Uruguai. A partir dali, seus membros partem em caráter missionário para o Brasil e outros países latino-americanos.

⁴¹ Como já mencionado, o estudo não se pauta pelo viés nova-erista. Reconhece-se a circulação e o fluxo de identidades religiosas, mas a partir de um olhar ampliado adotando-se um referencial de pós-modernidade. Observa-se que o religioso dialeticamente conversa com um cenário cultural aberto a muitas experimentações, inclusive as religiosas, influenciando e sendo também por elas influenciado. Mas, embora um tanto rebelde às institucionalizações e às heranças identitárias, também convive e até as preserva, ou reforça, de alguma forma. Na verdade, o que parece estar em jogo é a necessidade de afirmação para si próprio da sua identidade religiosa, e a sua modulação pessoal, portanto, compreende-se que a “errância” como tão bem estudou Amaral (2000), também necessita de pausas, nós identitários, ela tece sentido, ela dialoga este ato de tecer com o outro, em pequenas tribos afinitárias. Talvez aqui se esboce uma compreensão para o sentido de uma afirmação de Amaral (2000, p. 32) a de “que não existe nada que seja em si mesmo absolutamente Nova Era, mas Nova Era seria a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem *performativamente* uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos”. Mas, mais uma vez, enquanto Amaral (2000, p. 99) parece ter se recusado ao reconhecimento de uma síntese, reconhece-se que ainda que provisória, líquida, ela pode se processar, pois os fragmentos daquilo que se experienciou e se identificou, vão tecendo um *nomos* religioso, com suas semânticas, localizações, referenciando as representações e as buscas futuras. Aliás, como tão bem reconhece D’Andrea (2000, p. 222) “a *New Age* é a própria modernidade se movendo para dentro do campo religioso (...)”. Ou ainda, “devo adiantar que, se o critério de *new ager* dependesse das autodefinições (dos envolvidos em sistemas e filosofias alternativas), então não existiria *New Age!*” (D’ANDREA, 2000, p. 10). Como o trabalho segue exatamente o viés da auto-identificação, então que se siga o conselho de D’Andrea à risca, dando o pulsar do estudo ao próprio campo.

Sevananda teria sido o responsável pelas primeiras apresentações de *Yoga* no país e segundo o professor De Rose, também pioneiro autor nacional sobre *Yoga*, ele teria viajado por várias cidades fazendo conferências e fundado grupos, além de um mosteiro em Resende, Rio de Janeiro. Mas, enquanto Sevananda introduziria o *Yoga* sob uma conotação mística, o precursor do *Yoga* na academia de prática teria sido o professor Caio Miranda. Carismático, escreveu vários livros, fundou muitos institutos de *Yoga* e preparou boa parte dos professores pioneiros da prática no país⁴² (DE ROSE, 1985, p. XXII).

O *Yoga* que se difunde no país se faz então, a partir das academias de *Yoga*, onde os precursores foram em grande parte professores autodidatas, como o próprio Hermógenes e a professora Celeste Castilho, como dão notícias suas biografias publicadas. Outro destaque é a profissionalização do *Yoga* a partir do final dos anos setenta, a partir da liderança do professor De Rose. Na atualidade, inscrevem-se cursos de extensão e pós-graduação em *Yoga* com a chancela de algumas universidades brasileiras, mas, apesar desta incipiente incursão acadêmica, a visibilidade da prática continua a ser aquela tecida a partir das academias.

O que este texto tenta aludir é que do diálogo dos tapetinhos pouco se sabe. Mera prática física como parece insinuar a mídia, ou caminho para o reencontro com uma religiosidade pessoal, ainda que sob o viés terapêutico, como remetem o discurso dos precursores nacionais, há um campo aberto de estudos à exploração. Inclusive, quando os tapetinhos também assumem outras tramas, como as eletrônicas, objeto deste estudo, em particular.

O que se pode supor desde já, é que a explicação sobre *samadhi* do professor Hermógenes pode também revelar da recomposição de uma tradição que parece sentir-se à vontade em tempos pós-modernos de celebração do instante, associando-o enquanto possibilidade para o desvelamento do próprio estado de *presença*. Quanto ao que os imaginários nacionais recompõem como *presença* e, portanto, *samadhi*, ou êxtase religioso unitivo, é outro campo aberto à investigação.

⁴² Para o professor DE ROSE (1985), o pioneirismo do *Yoga* no país é creditado ao professor Caio Miranda e não ao professor Hermógenes, sendo do primeiro, a publicação do livro brasileiro precursor: MIRANDA Caio. *Hatha-Yoga – a ciência da saúde perfeita*. Livraria Freitas Bastos, 1966. Discussões à parte, compreende-se que o pioneirismo deve ser visto muito mais em conjunto, inscrevendo-se numa conjuntura que revela o diálogo com a tradição no país, tentando a partir deste, compreender o que ele guarda de particular e o quanto se desdobrou nos imaginários da prática na atualidade. O que a um primeiro olhar pode se inferir, é que parece predominar entre os pioneiros o apelo a um discurso pragmático terapêutico.

2.2 ENTRE AS ESTRELAS, MAS TRILHANDO EM TERRA.

Yoga: jornada interior rumo a verdade.

Costumo dizer que ioga é meditação e meditação é ioga. Meditação é a contenção dos movimentos da consciência. É trazer o mar turbulento a um estado de calma absoluta. Essa calma não é entorpecida nem inerte. É uma tranqüilidade profunda, prenehe de todo o potencial da criação.

IYENGAR.

Iyengar, um dos ícones vivos do *Hatha-Yoga* na atualidade, traduz na epígrafe que abre este texto, aquilo que Patañjali apresenta já no segundo verso do *Yoga-Sûtras: Yogascittavrittinirodhah*. A afirmativa em sânscrito pode ser traduzida como *Yoga* é a cessação dos turbilhões da mente, ou ainda, é o *controle* total dos movimentos da mente.

A palavra *controle* abre um olhar que vislumbra que a proposta do *Yoga-Sûtras* recairá sobre o esforço daquele que se propõe a ser disciplinado a partir das técnicas espirituais apresentadas pelo autor.

E sequencialmente, Patañjali vai declarar que em *Yoga*, há a permanência na *natureza* do sujeito, para no quarto verso, desferir que caso contrário, haverá a identificação com os pensamentos, ou *vritti*. Portanto, o método enquanto convida e instrumentaliza à *queima*, também impõe a entrega devotada, sedenta, tanto quanto a pretensão de ultramundandade a que se propõe o discípulo.

Pouco se sabe sobre o homem Patañjali. Sua história confunde-se com relatos míticos e as datações são desencontradas entre os autores. Mas, o que importa, é que a partir do *Yoga-Sûtras*, credita-se a Patañjali a reunião de um conhecimento acumulado e milenarmente experienciado por aqueles que o precederam. Portanto, caberia a ele, a transformação deste conhecimento, até então de caráter místico em um *darshana*, que em sentido estrito significa *olhar*, podendo ser compreendido como um dos sistemas de filosofia indianos ortodoxos, ou seja, os tolerados pelo bramanismo (ELIADE, 2000, p. 18).

Para Eliade (2000, p. 11), o vocábulo *Yoga* serve genericamente, para designar qualquer técnica de ascese e método de meditação, que foram valorizados de forma diferente no tempo, pelas múltiplas correntes do pensamento e movimento indianos. Mas, é a partir do tratado *Yoga-Sûtras*, que se delineou aquilo que se nomeia como *Yoga Clássico*, e é exatamente dali que se deve partir para compreender a posição desta tradição na história do pensamento indiano, na opinião do autor.

Ainda para o autor, o *Yoga* clássico começa onde o mais antigo *darshana* indiano, o *Sâmkhya*, termina. Apenas como breve contraponto localizador, Patañjali se propõe no *Yoga-darshana*, a ir além do mero conhecimento metafísico do *Sâmkhya*, incitando pelas técnicas do *Yoga* a um conhecimento experiencial dos estados *cittavritti*, os turbilhões que agitam a consciência normal, não iluminada. Portanto, a libertação destes “deveria ser conquistada à força, nomeadamente, através de uma técnica ascética e de um método de contemplação” (ELIADE, 2010, p. 55).

Na compreensão do *Yoga*, o mundo é real, mas se existe e perdura é graças a uma ignorância metafísica, *avidyâ*, que é a raiz de todo o sofrimento, *duhkha*, já que a consciência comum toma o eu cotidiano, o impermanente, pelo *eu* imortal, o permanente, o *Purusha*. Esta afirmativa talvez seja um pouco complexa para a simplificação em tão breves linhas. O ponto a se destacar, é que no pensamento indiano, a vida tal como é, efêmera e dolorosa, sempre será objeto de formulações filosóficas soteriológicas, qual seja, procura-se um conhecimento instrumentalizante da superação da identificação com o impermanente, razão do sofrimento experienciado pela própria condição humana. Como traduz Eliade (2010, p. 21) “rejeita-se *este* mundo e menospreza-se esta vida, porque se sabe que existe *outra coisa*, para lá do devir, da temporalidade e do sofrimento”.

Nesta aspiração por um modo de ser sagrado, há um encaminhar-se teleológico através do *Yoga*, que pode ser interpretado como uma purgação epistemológica dos erros cognitivos de uma consciência profana. Então, longe desta rejeição da vida *tal como é* encaminhar-se para um pessimismo, ou niilismo, busca-se o empoderamento do homem a partir da devotada conquista de uma consciência qualitativamente diferente, capaz de reconhecer exaustivamente seus próprios condicionamentos culturais e emocionais para transcendê-los.

Esta consciência-testemunha, ou aquela desligada das suas estruturas psicofisiológicas e do seu condicionamento temporal, é na opinião de Eliade (2010, p.9) uma das maiores descobertas da Índia: “a consciência do ‘libertado’ isto é, daquele que conseguiu desligar-se da temporalidade e conhece, portanto, a verdadeira e inefável liberdade”.

Neti! Neti!, exclama o sábio das Upanishads: “Não, não!: tu não és *isto*, e também não és *aquilo!*”. Ou seja, todo o sofrimento advém da solidariedade da consciência profana com o mundano, já que o *Ser* não pode sustentar relação alguma com o *não-Ser*, que é apenas devir universal. Mas, é a própria consciência, que equivocada, sofre, alimentando a intensidade da sede de libertação e, portanto, poderá estimular à dessolidarização rumo ao assento no permanente (ELIADE, 2010, p. 23-29).

O caminho de oito membros, *Ashtânga-Yoga*, delineado por Patañjali no *Yoga-Sûtras*, propõe então, um itinerário para um *desembaçamento* do olhar, para que se possa reconhecer que a libertação é em si mesma, uma tomada de consciência:

(...) no momento em que compreendo – tendo *despertado* – que este *eu* (...) é um produto da matéria (...), compreendo ao mesmo tempo, que toda a existência foi apenas uma cadeia de momentos dolorosos e que o verdadeiro espírito *contemplava impassível* o drama da *personalidade* (ELIADE, 2000, p. 48).

Para o professor Hermógenes (2010), o *Yoga* é uma “caminhada de volta”. O que ele está querendo propor a partir de sua afirmativa? Parece aludir que há um caminho, e este caminho é o *Yoga*, mas o encaminhar-se é por conta de cada um. Dar assento à própria *natureza* sempre será uma experiência pessoal, uma possibilidade a que cada um pode se abrir e, portanto, um diálogo particular entre *aquilo* que se experiencia como *eu* na vida como ela é, nomeando-se a si mesmo de *isto* e *aquilo*, para em *Yoga*, serenamente, transcender ao *isto* e *aquilo*, reconhecendo-se *prenhe*, como diz Iyengar (2007, p. 29), *Daquilo* que o faz pulsar, o *Si Mesmo*.

Yogues: homens sedentos a caminho do sagrado

Muitos de vocês talvez nutram a preocupação de não estar à altura dos desafios que vêm pela frente. Quero garantir-lhes que, sim, estão. Sou um homem que começou do nada, tinha dificuldades graves, em muitos aspectos. Depois de muito tempo e esforço, comecei a chegar a algum lugar. Literalmente emergi da

escuridão para a luz, da enfermidade mortal para a saúde, da ignorância bruta para o mergulho no oceano do conhecimento, por meio de uma só coisa: a fervorosa persistência na arte e na ciência da prática da ioga (*sadhana*). Se isso foi bom para mim, será para vocês também.

IYENGAR

Iyengar revela que o estudo dos textos sagrados apenas respaldou suas próprias descobertas, pois tudo o que aprendeu com o *Yoga* “veio do próprio *Yoga*”. Pela afirmativa, enfatiza o *sadhana*, ou o encaminhar-se na senda do *Yoga*: “aprendia na prática, assimilava um pouco do conhecimento trazido pela experiência e aplicava esse conhecimento e entendimento ao meu aprendizado (...)” (IYENGAR, 2007, p. 14).

Iyengar é um testemunho vivo, uma fonte de inspiração para muitos *yogins e yoginês* da atualidade, que anualmente incursionam à Puna, na Índia, para praticar com o grande mestre vivo do *Hatha-Yoga* contemporâneo. É que pessoalmente, Iyengar teve uma infância plena de dificuldades a superar, já que experimentou uma série de doenças. Exatamente pela frágil constituição física, ainda na adolescência, passaria a viver com a irmã e o cunhado, o célebre Krishnamacharya, que segundo os autores, é o grande responsável pela modelação contemporânea do *Hatha-Yoga*, pois é a partir dos seus discípulos, que se formataram alguns dos principais estilos que hoje se pratica:

Aos dezoito anos, fui enviado a Puna para difundir o ensino da ioga. Desconhecia a língua local e não tinha ali comunidade, família, amigos ou um emprego garantido. A única coisa que eu tinha era a minha prática dos *ásanas*, das posturas de ioga – não conhecia ainda os exercícios de respiração do *pranaiama*, nem os textos e a filosofia da ioga. Embarquei na prática dos *ásanas* como um homem que se lança ao mar num barco que mal consegue manejar, agarrando-se a ele para manter-se vivo e contando somente com o alento das estrelas. Embora soubesse que outros antes de mim haviam lançado suas velas no mundo, não tinha seus mapas. Era uma viagem de descoberta. Encontrei então alguns mapas, desenhados centenas ou milhares de anos atrás, e verifiquei que minhas descobertas correspondiam às deles e as ratificavam (...) (IYENGAR, 2007, p. 26-27).

Aos olhares ocidentais, herdeiros da cisão cristã corpo e espírito, talvez seja necessário desligar-se do automático, para desassociar-se da ideia corrente que secciona o *Yoga*,

enquanto uma prática física; da meditação, como uma prática contemplativa espiritual. O *yogue* caminha em terra, mas o quer, entre as estrelas. Parece ser um paradoxo, pois é exatamente pelo corpo, pelos *âsanas* e *prânâyâmas*, que se dispõe a explorar o sutil, caminhando e se despregando da poeira do caminho, mas compreendendo-a enquanto absolutamente necessária para o entendimento do que lhe ultrapassa, dando-se conta de que os olhos carecem desta mesma terra para o firme propósito do desembaçar.

Para o *yogue*, a *Verdade* não está nas estrelas de fato, mas dentro de si próprio e disponível a quem se aventurar na jornada interior. O propósito do *Yoga* é o da transformação do olhar e, portanto, daquele que vê, estruturando-o gradativamente para que se auto-realize, ou cumpra a jornada que unificará em si mesmo terra e estrelas: “você não precisa viajar a um lugar remoto para buscar a liberdade, ela habita seu corpo, seu coração, sua mente, sua Alma. (...) mas você precisa escolher embarcar na jornada interior para descobri-las” (IYENGAR, 2007, p. 29).

Feitas estas considerações, talvez já seja hora de poder compreender que o *âsana* também é meditação, também é caminho de volta, já que na jornada para se atingir o propósito pessoal de iluminação, o corpo é o *locus* de onde se pode dialogar entre céu e terra. Talvez esteja aí o entendimento da definição de *âsana* de Patãnjali no *Yoga-Sûtras*, de que deve ser estável e confortável, pois é exatamente pelo controle de corpo e mente, ou em estabilidade, que se pode repousar confortavelmente numa silenciosa e profunda comunhão com as estrelas, estando prenhe *Daquilo* que tudo sustenta.

Mas, a jornada interior rumo à *Verdade* não se inicia a partir dos *âsanas*, pois lhe precedem códigos éticos e de autodomínio, *Yama* e *Nyama*, que correspondem aos dois primeiros membros do *Ashtânga-Yoga*, ou caminho de oito membros de Patañjali. Delinear rapidamente este caminho também é instrumental ao estudo a que se propõe, pois é a partir dele, que também se delineiam as trajetórias de vida na senda do *Yoga* dos *yogins* e *yoginês* com os quais o trabalho vai dialogar mais adiante. Inclusive, para observar que enquanto ponto de partida, o caminho proposto por Patañjali vem acolhendo a idiossincrasia desde sempre, revitalizando a tradição e recompondo-a plasticamente, pois é seu propósito absoluto o *sadhana* pessoal, ou encaminhar-se experiencialmente com os próprios pés entre céu e terra.

Se compete aos homens sedentos de sagrado a própria caminhada, a primeira observação é a de que no *Yoga-Sûtras* há apenas quatro versos que tratam especificamente dos *âsanas*. Sua definição clássica do *âsana* é *Sthirasukhamasanam* (Y.S. II, 46), traduzindo do sânscrito, *sthira* significa firme, fixo, constante, resistente, duradouro, sereno, calmo e tranqüilo. *Sukha* significa deleite, conforto, alívio e beatitude. *Asanam* é o plural de *âsana* e

deve ser praticado sem agitação, perturbação e excitação em todos os níveis do corpo, da mente e da Alma. Como auxiliou neste entendimento e sintetiza Iyengar “âsana é a firmeza perfeita do corpo, a constância da inteligência e a benevolência” (IYENGAR, 2007, p. 58).

Esta observação é importante, pois o acento do *Yoga-Sûtras* não recai sobre os *âsanas*, tal como se conhece na atualidade a partir do *Hatha-Yoga* veiculado pela mídia, ou pelos novos espaços não convencionais que se abrem à prática, mas nas disciplinas contemplativas e meditativas. Mas, é pela própria definição de *âsana* esboçada por Iyengar no parágrafo anterior, que se passa a compreender que também no *Hatha*, o *Yoga* formulado por Patañjali prevalece em suas grandes linhas, já que o propósito do *yogue* seja qual for o estilo, ou a recomposição idiossincrática, desde que aberta ao diálogo céu e terra, permanece a de sempre, qual seja, a de dar assento ao sopro de Deus.

Este sentimento de beleza, libertação e infinitude é uma comunhão que se faz no presente, *em presença*. Mas, tudo começa a partir de uma intenção correta: “o corpo é o arco, o *âsana* é a flecha e a Alma, o alvo”, como diz Iyengar (2007, p. 96). Portanto, não faz sentido no *sadhana* o mero cultuar estético do corpo. Mas o *âsana* pode ser compreendido como uma oferenda sagrada, uma prece daqueles sedentos do incondicionado.

Para se rezar a Deus é necessário então, primeiro purificar a mente, prontificar-se e comprometer-se na coerência entre pensamentos, palavras e ações, já que o objetivo é *yogascittavrttinirodhah*, ou estar apto à Presença, libertando-se dos turbilhões da mente profana. O passo inicial são os refreamentos éticos no convívio social, ou *Yama*, que são *ahimsâ*, ou não violência em pensamentos, palavras e ações; *satya*, ater-se à verdade; *asteya*, não roubar, ou não desejar aquilo a que não se tem direito em sentido amplo; *brahmacarya*, a disciplina da castidade, ou a moderação em todos os hábitos em linhas menos radicais e *aparigraha*, ou a prática do desapego (Y.S. II, 30). Feitas estas observações, seguem-se as disciplinas corporais e psíquicas para o autodomínio, ou *Niyama*, que também são em número de cinco: *shauca*, o princípio da purificação que permeia toda a prática do *Yoga*; *samtosha*, a prática do contentamento; *tapas*, a ascese, a prática da disciplina *yogue* que deverá ser valorosa, constante e dedicada; *svâdhyâya*, a prática do auto-estudo e *Îshavara-pranidhâna*, a prática da entrega, submissão, ou rendição a Deus, *Îshavara*.

Dando sequência ao itinerário iniciático do morrer para o profano de Patañjali, a técnica do *Yoga* começa a ser descortinada pelo *âsana* e ali é apenas esboçada, ao contrário dos tratados descritivos do *Hatha-Yoga*, pois segundo Eliade (2000, p. 69) “o *âsana* se aprende de um *guru* e não através de descrições. O que importa é o fato de o *âsana* conferir ao corpo uma estabilidade firme e ao mesmo tempo reduzir ao mínimo o esforço físico”. É

que evitando o cansaço, o enervamento de certas partes do corpo, regulam-se os processos fisiológicos e então, a atenção poderá estar focada exclusivamente na parte fluida da consciência, como é definida no *Yoga-Sûtras* II, 48 “a cessação absoluta de perturbação proveniente dos contrários”.

O *prânâyâma*, segundo Eliade (2000, p. 73) “é a *recusa* de respirar como o comum dos homens, isto é, de uma forma arritmica”. Patañjali o define como “a interrupção dos movimentos inspiratórios e expiratórios e consegue-se depois de realizado o *âsana*” (Y.S. II, 49). Interpreta-se uma ligação íntima entre o ritmo da respiração e os estados da consciência. Portanto, ritmando-a e tornando-a mais lenta progressivamente, pode-se penetrar em estados da consciência desconhecidos em estado de vigília, mas próprios ao sono, embora ao contrário destes, sem a perda da lucidez que lhes é característica (ELIADE, 2000, p. 75).

O quinto membro do caminho óctuplo é *pratyâhâra*, ou recolhimento, para que se experimente o silêncio da mente “essa capacidade de aquietar e aos poucos silenciar a mente é essencial não apenas para a meditação e a jornada interior, mas também para que a inteligência intuitiva funcione de maneira útil e benéfica no mundo externo” (IYENGAR, 2007, p. 41).

Num crescendo, observa-se que as técnicas yóguicas convidam sempre à mesma atitude, qual seja, a de fazer conscientemente, exatamente o contrário daquilo que a natureza humana força o homem a fazer. Segundo Eliade (2000, p. 123) “a simplificação extrema da vida, a calma, a serenidade, a concentração em um único ponto, etc., todos estes exercícios perseguem o mesmo objetivo, que é o de abolir a multiplicidade e a fragmentação, reintegrar, unificar, totalizar”.

Para o mesmo autor (2000, p.123) há uma espécie de “cosmização” intermediária instrumentalizante ao retirar-se do profano, pois não se pode passar diretamente do caos à liberdade. Para a consecução desta, o *yogin* se esvaziará de qualquer identificação, tornando-se progressivamente impermeável às experiências, incondicionado e autônomo. Então já se caminha rumo aos estágios finais previstos por Patañjali, que são *dhârâna*, ou concentração, a meditação, ou *dhyâna* e a absorção completa, ou *samâdhi*. Neste último estágio, o *yogin* percebe a identidade da alma com o espírito, dissolvendo os fatores kármicos acumulados na alma, pela lei da retribuição das ações passadas. A libertação final rompe com um ciclo incessante de nascimento, morte e renascimento, ou *samsâra*.

A Liberdade é a realização da *Unidade*, quando o eu individual, com todos os seus atributos se funde com o *Eu* divino, céu e terra, embora *Ele* já a tudo contemplasse silenciosa e impassivelmente. Portanto, a senda que conduz ao *Ver* está na terra que aguarda o caminhar,

embora a trajetória não seja em si um direcionamento, esta teleologia não conduz a um lugar, já que a divindade sempre esteve o tempo todo, mas é muito mais um desabaço do olhar para que se realize o *Ver*. É um morrer e um renascer, um ritual de tomar posse, voltar a *Si*, portanto, uma saudosa volta para casa.

2.3 PELOS BLOGS-TAPETINHOS: TAMBÉM YOGANDO EM BYTES?

Tapetinhos em rede: relato da urdidura do campo

Partindo do pressuposto de que a *internet é locus* para a experiência humana e, ainda, *locus* para ampliá-la enquanto se transita por novas ambiências para se ver e ouvir, dialogar e intervir, observa-se então, a configuração de novos espaços antropológicos integrados ao cotidiano contemporâneo, cada vez mais silenciosos e necessários ao jeito de ser e estar no mundo.

Os *blogs* enquanto escritas de si inscrevem-se na lógica cultural própria a estas ambiências, onde faz parte do ritual do diálogo a exposição à avaliação do outro. Entre jogos de aproximação e distanciamento, reconfigura-se a intimidade, já que ali ela é intencionalmente construída, entre falas diretas, insinuações e cochichos, que parecem guardar protocolos próprios de interação. Nestas narrativas de si, as quais talvez fosse mais apropriado falar de narrativas *interativas* de si, também pode se inferir espaços para a identificação. Por que, então, não compreender os *blogs* enquanto espaços para a identificação religiosa?

A pista que se abre neste estudo são os *blogs* ambientados na tradição do *Yoga*. Nas errâncias eletrônicas de cada um, o interesse pessoal pela temática do *Yoga* aproximou a pesquisadora dos *blogs* particularizados nesta tradição. Especialmente mobilizando sua atenção a uma possível recomposição eletrônica de uma tradição que se inscreveu nos tempos acolhendo a idiossincrasia do *sadhana* particular, mas também como absolutamente introspectiva e reservada à relação *guru/discípulo*. A princípio parecia não fazer muito sentido a própria ambiência em si quando o assunto gira em torno do *Yoga*, pelo devassar da trajetória pessoal, o meditar interativo, aparentemente performático.

Com a proposta de ver e ouvir simplesmente, iniciou-se uma incursão labiríntica onde se deixou levar pelas listas de *blogs* seguidos por cada blogueiro, os seus próprios seguidores e os comentaristas dos *posts*. Esta errância era necessária, pois não se encontrava os *blogs* facilmente a partir de perguntas chave nos buscadores tradicionais da *internet*. As pistas iniciais vinham de muitas partes: revistas especializadas, redes sociais, outros *blogs*, *sites* afinitários, etc.

Obviamente não foi uma errância de fato, já que apesar de não linear, sempre foi conduzida por um objetivo geral de estudo: os *blogs* enquanto narrativas que pudessem dizer de outras linguagens, ritualidades e sociabilidades e funcionassem como pistas da mobilidade religiosa subjetiva contemporânea, acenando como territórios para a auto-identificação dos imaginários descentrados do religioso. Então, fazia-se o caminho das beiradas e a partir delas, talvez se pudesse aludir para modificações de fundo, puxar um fio semântico das recomposições cada vez mais avessas às heranças e instituições religiosas.

Para puxar este fio, o carretel começou a se desenrolar a partir de um território amplo de *blogs* nacionais autotematizados no *Yoga*. Mas, o propósito sempre foi o de percorrer *blogs* pessoais de narrador exclusivo, que ainda que não construídos e mantidos apenas para falar de *Yoga*, preservassem aqui e ali pulsares pessoais a partir desta senda. Portanto, logo se excluíram os *blogs* institucionais, de cursos, estúdios de *Yoga*, por exemplo, ou com apelo profissional pessoal exclusivo.

Dentro deste critério amplo, foram visitados aproximadamente uma centena de *blogs* brasileiros. Foi se observando o volume de postagem, o número de seguidores, a frequência dos comentários, a atualização das postagens, a disponibilidade para o diálogo, os *links* para as redes sociais, etc. Inferiu-se que apesar de algumas regularidades, amplas diga-se, os *blogs* são caleidoscópios muito pessoais.

Havia quem se mostrava mais, disponibilizando o *e-mail* pessoal, *links* para o *Facebook* e *Twitter*, interagia bastante pelos comentários, visitava seus leitores nos seus próprios *blogs* e ali também inscrevia mensagens. Havia outros mais reservados, embora parecessem também estar disponíveis ao diálogo, pela visibilidade dos endereços eletrônicos e das redes sociais, inscrição do número de contadores de visitantes, listas de *blogs* afinitários de *Yoga*, etc. Enfim, os *blogs* contrariavam o olhar talhado para o explícito e se inscreviam no território da suposição da pesquisa.

Quanto à atualização, logo se observou que, no geral, ela não era frequente. Mas, longe de se tratar de bancos de dados esquecidos, sugeriam ritmo próprio, colecionando os pulsares suplicantes de rastros, na necessidade de expor-se aos pedaços, enquanto fossem

sendo reconhecidos como fazedores de sentido e, funcionassem enquanto marcos pessoais que se quisesse mostrar ao outro.

Bom, também logo se percebeu que a observação silenciosa deveria dar lugar ao diálogo da pesquisadora com os blogueiros. Pela diversidade dos *blogs*, as questões de pesquisa não poderiam ser plenamente respondidas pelos *posts*. Também seria uma oportunidade de deixar claros os propósitos de pesquisa e ainda que se tratasse de conteúdos públicos, solicitar o consentimento para a utilização dos *posts*, ou fragmentos destes no texto dissertativo, corroborando a preocupação ética da pesquisa.

Deste universo, interagiu-se com quase meia centena de *blogs*, ou todos aqueles que tivessem um apelo reflexivo, ainda que aqui e ali; mas que não se tratassem de meras colagens ou publicidade. Também se descartaram os *blogs* que tivessem perdido o foco com o tempo, transformando-se em espaço para mera divulgação profissional, pois muitos são mantidos por professores de *Yoga*. Ainda foram excluídos os *blogs* simplesmente abandonados, tornando-se meros bancos de dados esquecidos em rede.

A receptividade ao estudo pode ser considerada muito boa, já que dos quarenta e oito *blogs* com os quais se tentou uma abordagem, cerca de trinta e sete retornaram, ou 77%. Este contato foi feito, na maioria das vezes, reservadamente, por *e-mail*, desde que os endereços estivessem disponibilizados. Outras alternativas de contato foram as redes sociais em que o blogueiro divulgava o *blog*, ou a inscrição das intenções de pesquisa na ambiência do próprio *blog*, pelas caixas de comentários.

Infelizmente, os diálogos nem sempre prosseguiram, apesar de sinalizações muito positivas de praticamente todos a início. Algumas vezes, recebiam-se mensagens de justificativas sobre a demora em responder às questões propostas, explicitando a preocupação com os prazos da pesquisadora. Mas, ao mesmo tempo, era confessado que aquelas questões faziam o blogueiro refletir de uma forma nova, com outra perspectiva, incluindo o leitor do *blog*, por exemplo, ou a proposta do *blog* em si, fazendo um balanço de trajetória para o qual não se estava preparado ainda e teria de se encontrar o tempo apropriado, o seu próprio tempo. Também se questionou por parte de alguns, que a pesquisadora não se inscrevia explicitamente como seguidora do seu *blog* durante sua história, não deixava ali os registros pessoais também. Houve também quem estivesse se desinteressando do *blog* e migrando para as redes sociais mais populares do momento.

O que se apresenta a seguir são algumas possibilidades analíticas inscritas na interação entre pesquisadora e blogueiros, a partir da leitura do conteúdo de vinte e quatro *blogs* autotematizados no *Yoga* e das entrevistas por *e-mail* com os respectivos narradores. Pode se

dizer que o critério de escolha desta seleção tomou como ponto de partida os conteúdos das narrativas, mas optou necessariamente por seguir em companhia daqueles blogueiros que tornariam o diálogo possível e assim a própria pesquisa, já que o propósito era adentrar o imaginário religioso destes narradores.

A aproximação entre pesquisadora e blogueiros foi gradual, ao longo de todo o segundo semestre de 2012. Pelas *beiradas*, fez parte da estratégia de aproximação o falar de si própria, do interesse e prática pessoal do *Yoga*, da linha de orientação e a pesquisa em si, trocar artigos de estudos, inscrever-se nas caixas de comentários dos *blogs* e, quando convidada explicitamente, fazer parte das redes sociais do blogueiro. A partir desta aproximação eletrônica, a pesquisadora também foi frequentemente convidada para aulas, cursos, visitas aos locais de prática e trabalho de alguns blogueiros, embora estes contatos não fizessem parte do esforço desta pesquisa e, portanto, ficassem reservados a futuras incursões particulares.

Segue abaixo, um mero roteiro de questões, agrupadas em três blocos temáticos, relacionados à própria estrutura redacional do último capítulo dissertativo. Observa-se que as questões funcionaram sempre como ponto de partida para que o diálogo acontecesse. Enquanto um mapa provisório do território ao qual se adentrava, considerou-se que este prevaleceu sempre aberto a novas explorações e reconfigurações, e desenhava-se novamente, a partir do próprio diálogo, já que para o olhar da pesquisadora, os territórios permanecem sempre, para além de qualquer representação.

. TRAJETÓRIAS:

- . Qual o primeiro contato com o *Yoga*?
- . Você tinha um propósito?
- . Como foi acontecendo esta aproximação? Leituras, práticas, cursos, viagens...
- . Você detectava mudanças de percepções e atitudes como na escolha da alimentação, ou das opções de lazer, nos relacionamentos pessoais, por exemplo?
- . Há quanto tempo o *Yoga* faz parte da sua vida?
- . Pode dizer que *Yoga* mudou a sua vida?
- . Você vive profissionalmente do *Yoga*?

2. YOGA E ESPIRITUALIDADE:

- . Você associa o *Yoga* a uma espiritualidade/religiosidade?
- . O *Yoga* reorientou o cuidar de si e do outro?
- . Você ritualiza o seu cotidiano? Fala-se de mantras, meditação, etc.
- . Você tem um altar? Pode descrevê-lo?
- . Tem um *guru* ou mestre espiritual?
- . Tem uma afiliação religiosa?
- . Frequenta cultos religiosos, ainda que esporadicamente?

<ul style="list-style-type: none"> . Tem crenças religiosas, ainda que não pertenças, ou afiliações religiosas? . Como traduz o <i>Yoga</i> em uma única palavra? . Pode dizer que o <i>Yoga</i> inspira a sua vida?
<p>3. BLOGS:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Por que criou o <i>blog</i>? . O que o motiva mantê-lo no ar? . Interage com outros blogueiros? . Interage com o leitor além do espaço visível do <i>blog</i>? . O que pensa do seu leitor? Por que ele seguiria o <i>blog</i>? . Considera o <i>blog</i> como um espaço de trocas e, portanto, de diálogo? . Você relê os <i>posts</i> antigos? Considera que registrem e testemunhem um processo?

Ilustração 1: Quadro - roteiro de diálogo de pesquisa
 Fonte: Acervo pessoal.

Dos fios da urdidura: os blogueiros

Uma vez expostos os esforços iniciais de pesquisa em suas linhas mais amplas, prossegue-se com a tentativa de delinear o perfil dos blogueiros que fazem parte deste estudo. Ele foi montado a partir do retorno das entrevistas e dos perfis disponibilizadas no próprio *blog*. Usualmente, os *blogs* trazem chamadas para o perfil do blogueiro na página principal, frequentemente no canto superior direito. Clicando na visualização completa, conhece-se outros *blogs* do narrador, os *blogs* que segue em particular, local e data de inscrição do *blog*, contato de *e-mail* particular e outras informações que o blogueiro escolher deixar acessível aos leitores.

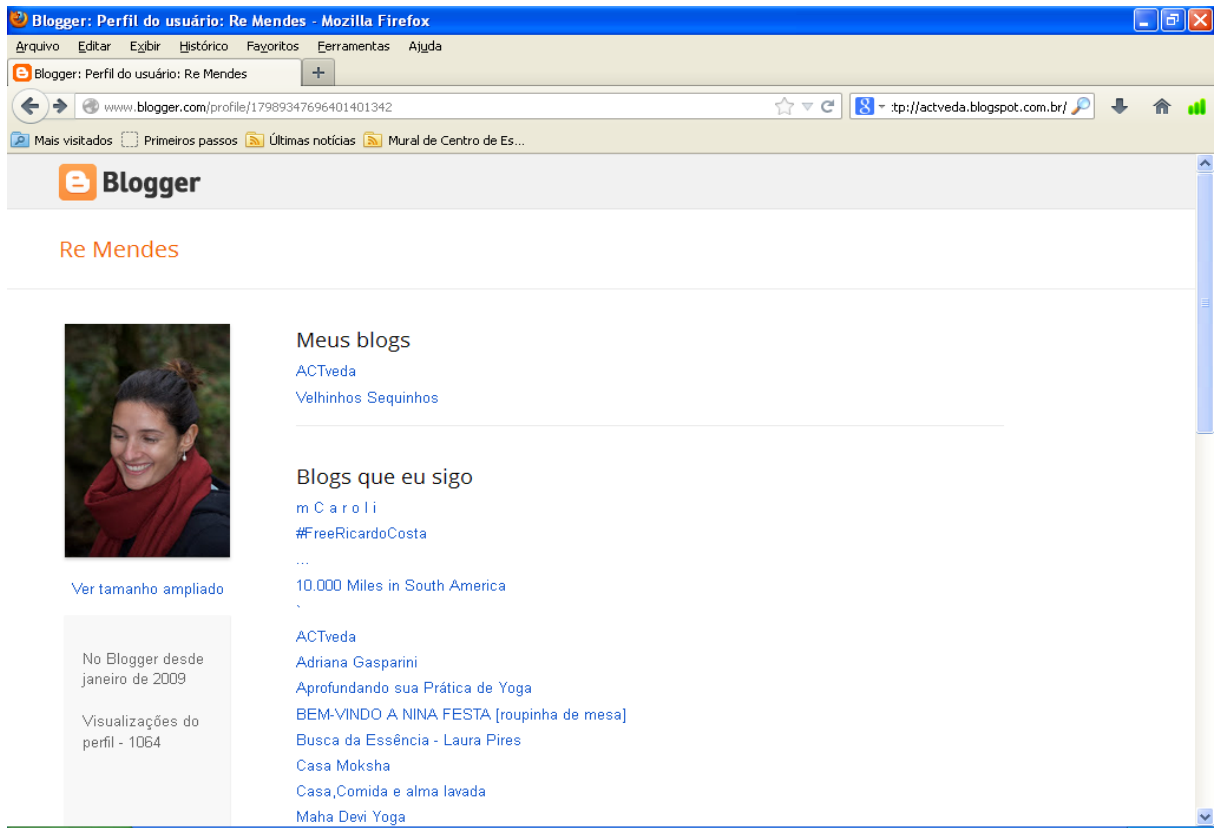


Ilustração 2: Imagem - *Print* de tela: perfil de blogueiro
 Fonte: MENDES, Re. *ACTveda*.. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 04 ago. 2012.

Como se pode visualizar abaixo, os blogueiros são adultos, especialmente mulheres (75%), moradores dos grandes centros urbanos brasileiros, destacadamente São Paulo (56%), com nível superior completo, muitos anos de estudo e prática e, profissionalmente, estão envolvidos com o *Yoga*: a maioria exclusivamente, embora alguns o conciliem a outras profissões, sendo que cerca de 25%, têm de fato outras opções profissionais, conforme discriminado nas observações do quadro a seguir:

Entrevistados por e-mail	24 blogueiros
Idade média	30-50 anos
Sexo	F (18) - M (6)
Residência	São Paulo (14); Rio de Janeiro (6); Santa Catarina (1); Minas Gerais (1); Bahia (1); Não informada (1).
Escolaridade Média	Nível Superior Completo
Profissão	Professores de <i>Yoga</i> : 14 Conciliam o <i>Yoga</i> a outras atividades: 4 Outros*: 6
Tempo médio de estudo e prática de <i>Yoga</i>	Menos de 5 anos: 01 Entre 5 e 10 anos: 07 Mais de 10 anos: 16

Tempo médio do <i>blog</i> no ar	4 anos
---	--------

*(Universo profissional: Terapeuta Holístico, Moda e Beleza, Publicitário, Psicólogo, Servidor público, Professor Universitário, Professor de Inglês).

Ilustração 3: Quadro - Perfil dos blogueiros *yogins*

Fonte: Acervo pessoal

Nesta etapa de pesquisa, a atenção esteve focada em cada *blog* em particular, salvando e datando *off-line* os conteúdos dos *posts* que pudessem ser relevantes a consultas futuras, sempre em pastas individualizadas e tematizadas a partir do sumário dissertativo previsto. Também foi feita uma amostragem ampla, que não só incluísse os *posts* relativos ao período de interação com os narradores, mas sim, todo o período do *blog* no ar, uma maneira de avolumar o referencial de análise, mesmo porque ele sempre foi assistemático no tempo, quanto ao volume e periodicidade de postagem. Observa-se que o fluxo de postagem parece estar diretamente relacionado aos marcos biográficos e idiossincráticos e à necessidade pontual da visibilidade da reflexividade do narrador.

Como os conteúdos dos *blogs* são públicos optou-se por referenciá-los tal como se inscrevem na rede. Mas, para referenciar os blogueiros, a ideia foi a de convidá-los a escolher os próprios nomes de pesquisa e sempre que possível, que os justificasse. Alguns não exercitaram esta escolha e então, os nomes vieram da inspiração da pesquisadora a partir do próprio *blog*. Assim, foi delineado um quadro semântico que traça um breve painel dos imaginários com os quais o estudo inicia o seu diálogo:

Ajé Omin	Que significa ‘água de mulher encantada’, em Yorubá.
Andarilha	Enfrentei caminhos de muitos obstáculos, caminhos difíceis, mas como boa guerreira nunca deixei de acreditar e buscar por um dia melhor, por uma pessoa melhor[...].
Borboleta	No mistério do sem-fim equilibra-se um planeta. E, no planeta, um jardim, e, no jardim, um canteiro; no canteiro uma violeta, e, sobre ela, o dia inteiro, entre o planeta e o sem-fim, a asa de uma borboleta. Cecília Meireles.
Borbolótus	Ao entrar nesse mundo novo, surgiram novos caminhos, novas perspectivas, novos mestres.
Emyoga	Um conhecimento que nos centra internamente para, na realidade, descentrar-nos. Ou seja, faz-nos reconhecer como consciência e luz e ao mesmo tempo e conseqüentemente, todos e tudo como parte dessa mesma consciência, esse mesmo todo.

Gopala	[nome do blogueiro mantido]
Jyottimay	Significa feita de luz brilhante! Rs!!!
Kuru	Ganhei-o no ensino médio de um amigo que colocava apelidos em todo mundo, e com ele realizei um grande desejo, que era ter um apelido. No início era Kuru-: esse mesmo nome para uma família que iria participar do combate de Arjuna. Portanto pode me chamar de Kuru “Kuru, um brinquedo de corda que saía andando de lado, e depois ficou abreviado mesmo. “Anos depois, me surpreendi ao encontrar logo no início do Bhagavad Gita”.
Liberdade	Ishvara, a ordem do universo mudou totalmente o meu rumo!
Luz	É como as pessoas que amo me chamam.
Muni	Nessa eterna busca de quem sou e o que sou, haverá sempre um interesse mesclado entre a fé, a devoção, a entrega e a sabedoria, distante para muitos, mas que não me afasta de nada. [o asceta]
Naestrada	Viagens pelo mundo afora e pelo universo dentro de mim.
Nirodhah:	Mas a palavra que me ocorre - e que vem me ocorrendo bastante em minhas últimas reflexões - é NIRODHAH.
Nopresente	Pode nomear como NOPRESENTE.
Padma	Quer dizer Lótus em sânscrito, porque sempre admirei a flor de Lótus.
Peregrino	[...] A circular muito bem, com muita humildade e respeito, por todas as tradições mantendo os pés nas nossas crenças sem menosprezar todas as outras existentes e que fazem tantas transformações positivas na vida de outras pessoas.
Prakash	[escolha não justificada]
Rasa	Esse nome me foi dado. [Verdade Suprema]
Sarie	Não sei por que, mas me identifico com este nome, há muito tempo. Sem motivo consciente.
Shakti	Em homenagem a uma querida amiga professora de yoga também.
Shanti	É o nome da minha gata. [paz]
Teerna	Meu nome hindu. Imagem: de chuva, que molha, traz vida, transforma, esperança...
Yogini	Pensamentos soltos, traduzidos em palavras.
Zé Roberto	[escolha não justificada]

Ilustração 4: Quadro - Semântica dos nomes de pesquisa delineados pelos blogueiros

Fonte: Acervo pessoal.

Este convite foi normalmente acolhido com entusiasmo, enquanto uma tentativa de se criar cumplicidade na pesquisa, de que o diálogo eletrônico fluísse de forma acolhedora, rompendo um pouco a formalidade de um trabalho acadêmico, especialmente, porque ele se

passava a partir de uma abordagem impessoal, já que a pesquisadora era apenas um texto breve e objetivo que se apresentava por *e-mail*.

Também se tentou agrupar os blogueiros pelo conteúdo das postagens, uma tarefa particularmente difícil, já que cada *blog* é uma espécie de caleidoscópio muito pessoal, cujas regularidades e particularidades também se inscrevem no território da própria subjetividade da pesquisadora.

<i>SACRAMENTAIS</i>	<i>BROUILLEURS</i>	<i>USUFRUIDORES</i>
Reflexivos	Reflexivos	Divulgadores
Tradição do <i>Yoga</i>	Espiritualistas	<i>Yogasanas</i>
Yoga como caminho	<i>Yoga</i> é caminho	<i>Yoga</i> em benefícios
Mestres do <i>Yoga</i>	Muitos mestres	O seu mestre
Mantras, rituais, altares, deidades hindus	Altares plurais e experiências pessoais	Mantras, meditações, ásanas e seus benefícios
Vegetarianismo	Alimentação natural	Alimentação natural
Eco-responsáveis	Eco-responsáveis	Eco-responsáveis
Cursos, livros de <i>Yoga</i> , Vedanta e viagens à Índia	Livros de espiritualidade e vivências.	Livros e cursos de <i>Yoga</i> para aprofundamento da prática
Interatividade tribal	Interatividade intensa e ampla	Interatividade tribal

Ilustração 5: Quadro - Tipologia dos *posts* dos *blogs*

Fonte: Acervo pessoal

O que se pode inferir é que os *blogs* refletem a idiosincrasia de cada narrador. Como toda classificação, esta também é apenas um ensaio do olhar, provisório e simplificador, mas válido enquanto exercício de se tentar compreender os imaginários que por ali escorrem. Ainda, frequentemente, as características narrativas se entrelaçam, embora aqui e ali, se possa pensar em algumas particularidades que permitam arriscar a tipologia.

Uma das regularidades que podem ser assinaladas genericamente ao campo é a opção por estilos de vida que levam em conta a sua qualidade, seja no cuidado com a alimentação, sempre natural e frequentemente, vegetariana, com produtos orgânicos, preferencialmente; na observância da prática das posturas do *Yoga* que garantem o tônus muscular, alinhamento postural e equilíbrio e da meditação, que contribui para a administração da ansiedade e estresse contemporâneos; a preocupação com um consumo sustentável em suas linhas amplas e com escolhas de lazer que promovam boas oportunidades para se enriquecer culturalmente neste universo seja a partir de leituras, viagens tematizadas, retiros meditativos, cursos, vivências, etc. Esta opção leva constantemente à aproximação afinitária e algumas *tribos*

costumam se construir, agregando amigos presenciais ou eletrônicos, assinalando que esta delimitação já não faz muito sentido.

As particularidades narrativas que talvez possam ser assinaladas inscrevem-se nos propósitos pessoais que mais frequentemente puderam ser percebidos entre os blogueiros que se inscrevem neste campo de análise. Mais uma vez, cabe assinalar, que se reconhece a precariedade desta tentativa, mas que através dela, tentou-se encontrar caminhos que sugerissem algumas motivações para que o blogueiro ali dialogasse.

Observou-se que alguns textos estavam mais focados em apresentar a tradição espiritual do *Yoga* resgatando a historicidade, deidades, grandes *yogues*, significados dos termos em sânscrito, leituras fundamentais, lugares de peregrinação indianos. Estes textos não só trazem colagens, como também situam a própria incursão do autor neste universo, sua recomposição pessoal, bem como suas sugestões para o leitor do *blog* de seus rituais, altares, viagens, leituras, cursos, etc. Os *sacramentais* estão devotados à tradição a partir de sua própria recomposição e entregar-se a ela é o exercício de se estar a caminho.

Os *brouilleurs* parecem estar abertos a muitos caminhos espirituais simultâneos e dialogam com o leitor a partir das suas localizações provisórias. São frequentes as colagens de conteúdos de várias tradições religiosas, a homenagem aos seus mestres espirituais e o relato das experiências de vida do autor e de seu aprendizado. Os *blogs* contam com maior número de seguidores e interatividade mais pronunciada, abrangendo muitos curiosos.

Aqueles *blogs* nomeados como *usufruidores* são os que têm por foco os textos que relatam os benefícios da prática do *Yoga*, sejam eles físicos, ou psicológicos. Normalmente o blogueiro tem uma linha de prática bem definida, o seu mestre inspirador, e reserva bastante energia ao investimento de leituras e cursos de aprimoramento da prática pessoal. São comuns os textos de detalhamento de posturas, com muitas imagens e os benefícios específicos de cada uma. Ainda que um caminho espiritual, este parece ser um tom secundário às narrativas.

Um fato a se destacar foi o verdadeiro desencaixe de olhares, quando se iniciaram os diálogos por *e-mail* com os blogueiros, quando *blog* e blogueiro muitas vezes, não se ajustavam para a pesquisadora. Talvez devido ao período de observação silenciosa na pesquisa e as suposições exclusivamente inferidas deste exercício. Quando o diálogo com o blogueiro foi se encorpendo, a tipologia construída para os blogueiros, exclusivamente a partir de suas postagens, acenava não fazer mais muito sentido.

Reservadamente, podia-se conhecer outras facetas do blogueiro, especialmente, seu imaginário religioso mais amplo, suas heranças religiosas familiares, bem como algumas semânticas relativas à tradição do *Yoga*, nem sempre explícitas no *blog*. Ainda, normalmente

os blogueiros mais explícitos nos *blogs*, apresentaram-se de forma mais contida no diálogo, enquanto os mais reservados e objetivos nas narrativas em rede, frequentemente foram mais solícitos e abertos ao diálogo da pesquisa. Neste momento, a proposta é apenas apresentar algumas observações, como também sugerir uma rápida representação do campo, que será detalhada na sequência dissertativa proposta.

Das urdiduras: os *blogs*

Inicia-se a urdidura com uma rápida visualização do *layout* da apresentação dos *blogs* em estudo. As páginas principais sempre são convidativas ao adentrar pela beleza estética, com títulos, textos e imagens de abertura atrativos.

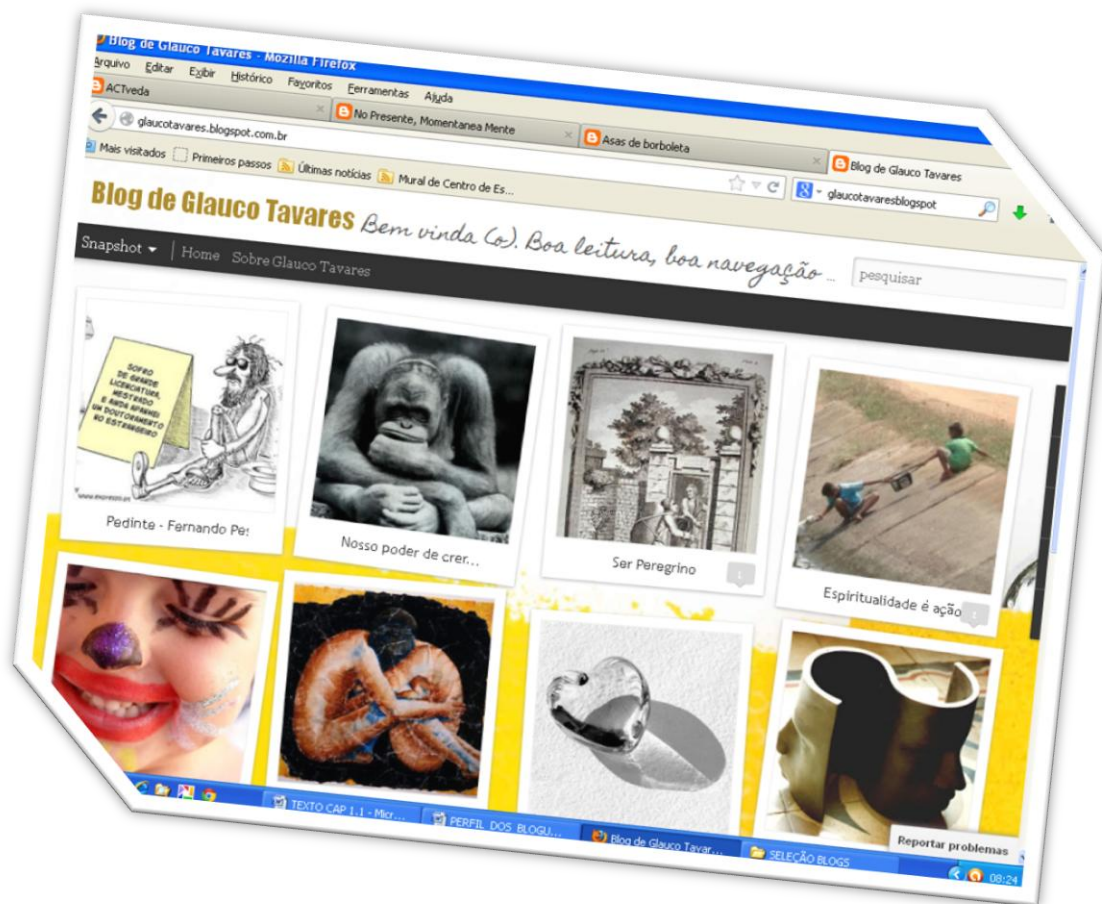




Ilustração 6: Imagem - *Print* de telas: apresentação dos *blogs*

Fontes: TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo [s.i.]. Acesso em: 23 set. 2012.
 PERES, Cacau. *Aspirante a Yogini*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 22 set. 2012.

A partir de um *blog* em particular, propõe-se um breve ensaio etnográfico, ilustrativo de uma página neste formato, incorporando o relato de alguns de seus recursos, que podem ser oferecidos à degustação daqueles que se propuserem a adentrar a ambiência. O *blog* pode ser representativo desta possibilidade no *corpus* de pesquisa, já que agrega vários recursos, sempre modulados a partir das preferências pessoais do blogueiro, uma constante nas páginas visitadas e estudadas.

Inicialmente se destaca o próprio texto de abertura e o apelo pessoal para compartilhar aquilo que se sugere como um micro-cosmos eletrônico:



Ilustração 7: Imagem - *Print* de tela: Apresentação do *blog*
 Fonte: Neves, Dani. No Presente Momentanea Mente. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 03 out. 2012.

Na sequência são oferecidas várias seções para a navegação do *blog*: *Ouvindo...*, *Lendo...*, *Assistindo no cinema*, *Vamos juntos* [a lista dos seguidores], *Passarinho me contou* [link para o *Twitter*], *Marcadores* [forma de organizar o histórico do *blog* por temas], *Arquivo do blog* [organização cronológica convencional], *Tem alguém aí* [contador de visitantes *on-line*], *Deleite* [o que está mobilizando a autora naquele momento], *Participe* [o engajamento da autora no vegetarianismo], *O que tem sido lido por aqui* [relacionando os *posts* mais lidos e comentados], *A lua agora* [atualização *on-line* do ciclo lunar], o *Repertório* [ou lista dos *blogs* seguidos pela autora] e finalmente: “*Quer que eu te persiga no e-mail?* [com a caixa de inscrição convidando a aproximação].

Visualizadas rapidamente algumas das amplas possibilidades que se abrem à investigação a partir destas mídias, optou-se por mapear traços mais gerais que estruturassem objetivamente, algumas localizações às questões de pesquisa a serem desenvolvidas neste estudo.

Assim como foi delineado um perfil para os blogueiros, também era necessário, visualizar os *blogs* em números, levando-se em conta o tempo da mídia no ar, trazendo o ano

de sua criação, o volume das postagens no tempo, o cálculo do ritmo de postagem pela sua mediana, o número de visualizações do perfil do blogueiro e de seus seguidores, bem como a possibilidade de *links* para as redes sociais, a existência de uma lista de *blogs* afinitários e o registro do hábito de interagir com o leitor.

A partir do painel amplo apresentado na próxima página, observou-se que praticamente todos os blogueiros se utilizam do *Blogger*, o serviço do *Google*, que oferece ferramentas para a criação, edição e o gerenciamento de *blogs*, que embora tenha proposta semelhante ao *Wordpress*, costuma ser escolhido pela sua simplicidade. A extensão do endereço eletrônico destes *blogs* é *blogspot.com*. Alguns blogueiros mantêm outros *blogs* concomitantes, atendendo a outros propósitos não previstos neste estudo.

Algumas rápidas observações se fazem necessárias. A primeira delas diz respeito à visibilidade dos seguidores na página principal do *blog*, que não pode ser interpretada como sinalizadora exclusiva da interatividade do blogueiro. As pistas da interatividade podem se inscrever também pelos contadores de visitantes, visualizações do perfil do blogueiro, ou do próprio visitante, quando *on-line* no *blog*. Outros indícios são os *links* para as redes sociais e a disponibilização do endereço eletrônico particular do blogueiro. Obviamente, que mesmo não explorando todos estes recursos, os *blogs* refletem o carisma do blogueiro a partir do volume dos comentários dos *posts*.

Na interação entre pesquisadora e blogueiros, foi revelado o hábito de se interagir além *blog*, reservadamente com alguns leitores, incluindo algumas migrações destes para a vida cotidiana dos narradores, como amigos, cúmplices de práticas e parceiros de viagens.

<i>Blogs</i>	No ar desde	<i>Posts totais</i>	Media na dos <i>Posts</i>	Visitas ao perfil	Seguem	<i>Links Redes Sociais</i>	Lista <i>Blogs Afins</i>	<i>Interage além Blog</i>
http://actveda.blogspot.com.br/	2009	219	46,0	988	96	SIM	SIM	SIM
http://algosobreyoga.blogspot.com.br/	2007	139	27,0	1.674	88	NÃO	SIM	SM
http://anacabezas.blogspot.com.br/	2008	-	-	300	6	SIM	SIM	SIM
http://aspiranteayogini.blogspot.com.br/	2008	35	7,0	391	6	NÃO	SIM	SIM
http://daninaestrada.blogspot.com.br/	2008	107	24,0	909	39	SIM	SIM	SIM
http://fabirodriguesyoga.blogspot.com.br/	2010	-	-	528	37	SIM	SIM	SIM
http://glaucotavares.blogspot.com.br/	2008	107	22,0	104.115	197	SIM	NÃO	SIM
http://inspireyogablog.blogspot.com.br/	2008	36	6,0	644	-	SIM	SIM	SIM
http://japanaindia.blogspot.com.br/	2010	152	47,0	-	25	SIM	SIM	SIM
http://jardimdosgirassois.com.br/	2012	-	-	-	-	SIM	NÃO	SIM

blogspot.com.br/*								
http://julianacerdayoga.blogspot.com.br/	2010	85	13,0	895	23	NÃO	SIM	NÃO
http://jyotiprema.wordpress.com/	2009	47	10,5	-	-	NÃO	SIM	NÃO
http://laiyoga.blogspot.com.br/	2007	215	31,5	838	82	SIM	SIM	SIM
http://liberdadeeyoga.blogspot.com.br/	2010	275	137,5	-	33	SIM	NÃO	SIM
http://no-presente.blogspot.com.br/	2009	873	180,5	-	64	SIM	SIM	SIM
http://olhardoyoga.blogspot.com.br/	2011	111	55,5	311	-	SIM	SIM	SIM
http://orianashakti.blogspot.com.br/	2007	568	71,0	4.079	117	SIM	SIM	SIM
http://surmeditar.blogspot.com.br	2010	40	17,0	-	49	SIM	NÃO	SIM
http://thaisyoga.blogspot.com.br/	2007	937	157,5	1.307	30	SIM	SIM	SIM
http://www.vidadeyoga.com.br	2009	-	-	-	-	SIM	NÃO	SIM
http://vipassanamaste.blogspot.com.br	2008	81	12,0	647	44	SIM	SIM	SIM
http://walnunes.blogspot.com.br/	2008	-	-	-	85	SIM	NÃO	SIM
http://yogaacompanhia.blogspot.com.br/	2010	294	40,0	532	45	SIM	SIM	SIM
http://yogaemvoga.blogspot.com.br/	2010	147	69,0	584	-	SIM	SIM	NÃO

Dados tabulados a partir das consultas realizadas pela pesquisadora em 13/01/2013, com esta finalidade específica. Informações não agregadas à tabela devem-se à inexistência destas no *layout* de apresentação do *blog*. Seguidores e visitantes podem ser recursos agregados ou excluídos a qualquer tempo, assim como o arquivo de *posts*. Portanto, o quadro apenas sugere o campo, que tece suas próprias estratégias de visibilidade, variando no tempo.

*O *blog*, na verdade, tem datação muito anterior e foi um dos precursores para o interesse inicial deste estudo. Ao saber disso, a blogueira confessou à pesquisadora apenas ter ocultado dos leitores os *posts* antigos, enquanto decidia sobre a continuidade ou os novos rumos do *blog*.

Ilustração 8: Quadro - Inventário do campo

Fonte: Acervo pessoal.

Como boa parte deste público é de profissionais do *Yoga*, é comum a divulgação periódica dos eventos que estão envolvidos direta ou indiretamente, dos endereços eletrônicos dos espaços particulares de prática, o diálogo com alunos, enfim, o *blog* sinaliza como um espaço ampliado para os tapetinhos convencionais.

Ali se postam dicas do *âsana* perfeito, de alimentação natural, de leituras, viagens, cursos e eventos autotematizados no *Yoga*. Ali se derrama a própria trajetória nesta senda, medita-se interativamente, fala-se e ouve-se simplesmente. Nestes caleidoscópios pessoais, muitas são as tonalidades dos *posts*, alguns meramente informativos sobre a tradição do *Yoga*, recuperando sua trajetória no tempo, outros digerem o próprio estudo do *Baghavad Gîtâ*, do *Yoga-Sûtras*, do *Vedanta* e da mitologia hinduísta. Ali se reza a partir de mantras, invocam-se deidades hinduístas, fazem-se recomposições a partir do próprio mosaico de referências religiosas do blogueiro, que também incluem outras tradições. Postam-se vídeos de como construir o próprio altar, das viagens de peregrinação à Índia, dos *gurus* pessoais e tão mais.

Apenas como sugestão, recortes de algumas telas para a visibilidade rápida do que se tenta traduzir em palavras.

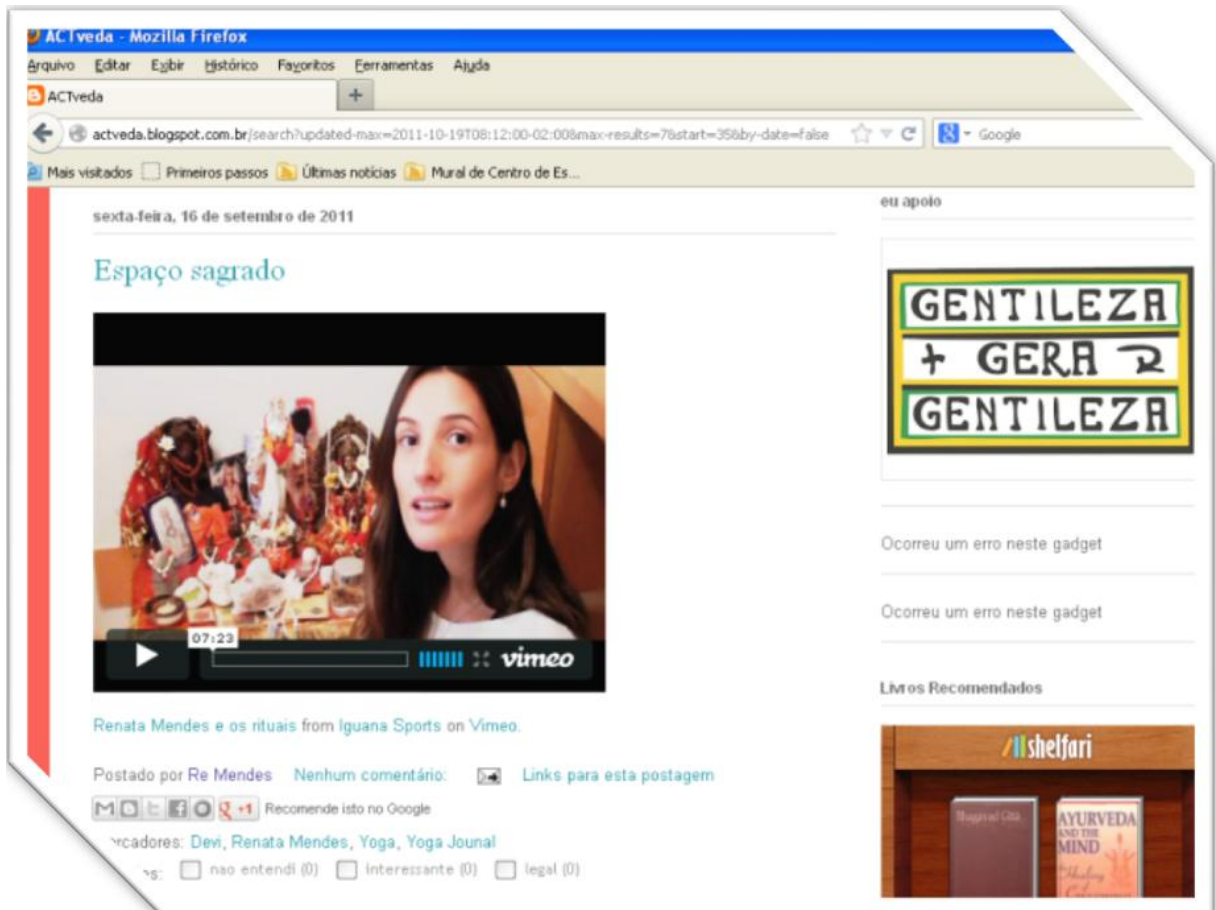


Ilustração 9: Imagem - *Print* de tela: Espaço sagrado
 Fonte: MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, 16 set. 2011. Acesso em: 04 jun. 2013



Ilustração 10: Imagem - *Print* de telas: Diversos
 Fonte: CABEZAS, Ana. *Estudando Yoga*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 29 set. 2012.
 RODRIGUES, Fabiana. *Moksha*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 13 out. 2012.]

Por enquanto...

Neste exercício textual, foram apresentados os conceitos e localizações principais da tradição do *Yoga* necessários ao estudo de campo. Recuperou-se a etimologia do vocábulo *Yoga* e o diálogo da tradição no tempo, sempre em recomposição a partir da experiência pessoal do praticante.

Considerou-se o olhar ampliado para o entendimento de uma tradição tão distante no tempo e tão próxima ao mesmo tempo, já que presente no imaginário contemporâneo de estilos de se viver comprometidos com a qualidade de vida. Algumas ponderações relativas a estes imaginários foram colocadas, como a mera associação do *Yoga* ao *âsana*, os exercícios de estabilidade propostos sobretudo pelo *Hatha-Yoga*, o braço da tradição que nos alcançou mais frequentemente.

Na primeira parte deste capítulo, deteve-se à historicidade do *Yoga*, revisitando-o no tempo, sempre em diálogo dinâmico passado/presente, para que se refletisse sobre as próprias recomposições contemporâneas desta tradição. Há uma história a se contar desta recomposição no país que está em aberto, mas algumas referências pontuais puderam ser agregadas ao texto.

O segundo esforço redacional ateu-se ao entendimento da semântica do caminho óctuplo de Patañjali e da necessária cosmificação estruturante ao *samadhi*, compreendendo os *yogues* enquanto homens sedentos do sagrado entre terra e céu. Na verdade, o *yogue* necessita experimentar o próprio sofrimento e alicerçar sua trajetória a partir dali, instrumentalizando-se pelas técnicas meditativas e disciplinas espirituais do *Yoga* para descentrar-se de si mesmo, rumo ao ato de dar assento ao sopro de Deus. Portanto, toda a terra do caminho é absolutamente necessária, enquanto se caminha entre as estrelas, rumo ao *Si Mesmo*, que paciente e silenciosamente, a tudo observa.

Este desvelamento do olhar também pode ser exercitado em outros tapetinhos. Por que não incorporar os *blogs* enquanto tapetinhos eletrônicos para se meditar trajetórias e exercitar novas formas de vivenciar a tradição? Sugere-se então, o meditar interativo de si pleno da idiosincrasia de cada *yogin* estudado. Os *blogs* foram delineados em suas linhas amplas, construindo painéis que dessem visibilidade ao território por onde o estudo se encaminhará. Ali também se relatou parte significativa da metodologia adotada.

Da urdidura do campo, propõe-se a resgatar alguns fios em ato de tecer o estudo. São eles os imaginários religiosos dos blogueiros, recuperando suas trajetórias de sentido até o

Yoga, o léxico e a semântica destes imaginários no entendimento do *Yoga* e por fim, explora-se a possibilidade de um pacto eletrônico *yogin*, a partir dos diálogos que se travam pelos *blogs* autotematizados na tradição. Para o entendimento deste esforço, o leitor é convidado a encaminhar-se adiante.

3 EM DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS E OS IMAGINÁRIOS: ADENTRANDO OS BLOGS-TAPETINHOS

Neste capítulo abre-se o diálogo da pesquisadora com o campo, considerando os *blogs* enquanto *blogs-tapetinhos*, melhor dizendo, tapetinhos eletrônicos para se meditar trajetórias e exercitar novas formas de vivenciar a tradição do *Yoga*.

A proposta é dialogar com a idiosincrasia dos blogueiros, recuperando as narrativas dos imaginários que se tecem a partir destas ambiências eletrônicas. Assim, a ideia será sempre a de promover um diálogo entre os autores que constroem as localizações principais do estudo: Hervieu-Léger, Maffesoli e Berger, com o próprio campo pelo que ele diz de si. Desta conversação, também participa explicitamente a pesquisadora e sempre que possível, esta experiência também será incorporada ao texto.

Como o material recolhido tem volume razoável⁴³, já que se propôs a investigar toda a trajetória dos vinte e quatro *blogs* que constituem o campo, que em média, acumulam cerca de quatro anos de vida; e ainda, reunir os depoimentos dos blogueiros, alguns um tanto longos, opta-se na maioria das vezes, pelo trabalho a partir de painéis que identificam os blogueiros pelos nomes de pesquisa por eles escolhidos. Este cuidado será adotado sempre que o material referir-se aos depoimentos reservados, resultado dos *e-mails* trocados entre pesquisadora e blogueiros. Pelos painéis se tenta dar visibilidade a uma amostragem significativa do léxico e da semântica do campo.

Desta forma, presume-se que o trabalho siga mais leve, sem cansar o leitor com recortes e colagens de inúmeras narrativas, além de rapidamente localizá-lo na linha argumentativa em curso. Também serão incorporados ao texto alguns dos recursos da mídia como imagens, transcrição de vídeo, recortes dos diálogos. Os *blogs* são um universo de possibilidades de pesquisa, com muitos recursos interativos, inclusive muitos convites para se explorar a rede afinatória no qual se insere. Não se perder no labirinto de informações e possibilidades interativas da mídia, foi um necessário exercício de centramento metodológico.

⁴³ Foram construídos arquivos eletrônicos *off-line* com pastas individualizadas para cada blogueiro, com as respectivas datas de acesso da pesquisadora. À medida que o estudo do *blog* acontecia, eram selecionados recortes significativos aos propósitos do estudo. Nestes arquivos, também foi incluído o resultado de toda a interação eletrônica com o blogueiro. Assim, preservava-se um material de estudo para posteriores consultas, resguardado das oscilações *on-line* da mídia, seja por retificações dos conteúdos já publicados, ou o seu mero apagamento. Cada pasta tem volume diferenciado, mas estima-se que o arquivo totalize aproximadamente seiscentas páginas.

Na primeira parte do texto, tenta se recuperar os imaginários do religioso dos blogueiros, constatando a semântica da sua desafiliação religiosa e algumas considerações a partir dela. Logo depois, incursiona-se pelos imaginários da identificação com o *Yoga* em si próprios, observando possíveis recomposições. Neste propósito, recuperar-se-ão as trajetórias particulares enquanto se tenta observá-las como ensaios narrativos de cosmificação a partir do *Yoga*. Finalmente, estes supostos micro-ordenamentos eletrônicos a partir dos *blogs*, serão urdidos narrativamente pelos próprios blogueiros, com suas motivações para alimentar a mídia, seus imaginários dos leitores e a possibilidade de se incluírem num arquivo de memórias interativo. A ideia é também investigar um pressuposto pacto de leitura eletrônico, um pacto de identificação a partir dos *blogs-tapetinhos*, do qual a pesquisadora também se propõe a participar.

3.1 SEM SER ISSO, OU AQUILO, SENDO ISSO E AQUILO TAMBÉM: ENSAIO SEMÂNTICO DA DESAFILIAÇÃO RELIGIOSA NO CAMPO

Tantos caminhos, tantas leituras diferentes para os mesmos caminhos. Quantas possibilidades temos então? Algo elevado à potência infinita, talvez. Em cada escolha, mais várias dezenas de outras sub-escolhas. Partindo do macro para o micro, passando a peneira, eliminando e, ainda assim, sobrando. Sobrando várias escolhas. Mais fácil quando éramos crianças e só tínhamos que responder à uma pergunta: "Você quer o sorvete de chocolate ou de morango"? Harih om!

PERES

Os resultados divulgados pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 revelaram que aproximadamente quinze milhões de brasileiros se auto-

declaram como *sem religião*. Mas, exatamente estaríamos falando do quê, de quem? O que escaparia a esta categoria censitária? Para este contingente populacional, torna-se indiferente exigir que a vida faça sentido? Como compreender uma categoria, que em si própria, acena para a pluripossibilidade de formas de crer e viver o que se crê?

A partir da sondagem de campo deste estudo, sugere-se algumas perspectivas para a compreensão do cenário religioso brasileiro na atualidade, que além de plural traz suas próprias particularidades históricas e culturais, já que recuperando a trama católica no tempo, observa-se que ela de certa forma, sempre foi porosa. Refere-se aqui ao atrevido exercício brasileiro de urdir, bordar, ou bricolar, os próprios mantos do religioso.

Apesar da histórica hegemonia católica dos números, os altares sempre foram plurais de alguma forma, as crenças incorporavam as rezadeiras, os signos de proteção, os santos e atabaques. A experimentação do religioso sempre se fez sob o manto protetor e acolhedor do catolicismo popular, cuja adesão religiosa parece ter sido, de certa forma, distante da ortodoxia e do clero oficial, estando muito mais viva dentro do âmbito doméstico, no terço, nas ladainhas, na devoção aos santos e vez por outra, nas missas e seus sacramentos.

Como Riobaldo, o crente católico, parecia estar sempre, de certa forma, “bebendo água de todo rio”, já que “uma só, talvez não lhe chegasse” (ROSA, J. G., 1983, p. 15). A partir da alusão às particularidades dos imaginários brasileiros do religioso, que por vocação, sempre insistiram em compor e recompor as crenças e rituais, o estudo tentará buscar alguns indícios daquilo que escaparia às estatísticas oficiais das tendências religiosas da atualidade, incorporando o léxico e a semântica da desafiliação religiosa a partir de um grupo concreto, ainda que ele fosse um mero arranjo de pesquisa.

Portanto, esta foi a senda do estudo: buscar pelas narrativas dos blogueiros *yogins* os imaginários, quando crer e pertencer dialogam sob o ritmo da mobilidade subjetiva religiosa. Sob o viés da auto-identificação religiosa, procura-se inserir uma breve contribuição à reconhecida necessidade de pesquisas empíricas acerca da experiência, ou experimentação religiosa dos sujeitos por eles mesmos, dando pistas mais próximas daquilo que tece o acontecer religioso, daquele não sei o quê que os números não revelam⁴⁴.

Pelas sondagens da pesquisa, registrou-se que setenta e cinco por cento dos blogueiros se auto-declararam como desafiados religiosos. Observa-se que o estudo aconteceu em

⁴⁴ Expressão de João da Cruz em seus Cânticos Espirituais, que alude a tudo ao que a linguagem, neste caso em particular, ao que os números, não podem capturar quando se trata de experiência religiosa. JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas*. Petrópolis: Vozes, 1988.

diálogo, através da troca de *e-mails* entre pesquisadora e blogueiros. A filiação ou desafiliação religiosa não estava explícita nos *blogs* e portanto, eles serviriam muito mais de ambiência e ponto de partida para o recorte investigativo a que se propunha.

O primeiro passo então, foi tentar resgatar as heranças religiosas familiares, onde observou-se a predominância do catolicismo. Pelo quadro abaixo, pode-se ter uma visibilidade destas trajetórias para o conjunto do campo. Infelizmente, apesar de solicitada a todos, a informação da herança religiosa familiar foi omitida em aproximadamente quarenta por cento dos diálogos.

Religião Familiar:			Afiliação Religiosa Atual:	
Catolicismo	13		Desafiliação religiosa	18
Desafiliados religiosos	02		Afiliação religiosa Única*	04
Não informado	09		Afiliações religiosas múltiplas**	02

*FILIAÇÕES: CANDOMBLÉ (1), ESPÍRITA (2); BUDISMO (1)
 **FILIAÇÕES: HINDUÍSMO, CATOLICISMO, BUDISMO, TAOÍSMO

Ilustração 11: Quadro - Mapeamento religioso do campo

Fonte: Acervo pessoal

Para tentar compreender a omissão da herança religiosa por parte significativa dos blogueiros, o diálogo entre pesquisadora e campo seguiu adiante. Então, percebeu-se que a herança religiosa *em si própria*, talvez estruturasse o ousado exercício de recompor a trama particular do religioso, de desmanchar e urdir de novo, entre modos de ser, de crer e viver o que se crê. A intensidade deste exercício, naturalmente, variou no campo. Supõe-se que a densidade destes fios nos imaginários da herança religiosa talvez seja incômoda a alguns pelo aceno das dificuldades das novas tessituras. A narrativa abaixo, do blogueiro Kuru, revela como ele processa a auto-declarada herança religiosa católica, corroborando em parte a afirmativa.

[...] Fui criado numa família radicalmente católica, meu pai foi seminarista e minha mãe, filha de Maria; trabalha na igreja como sacristã até hoje. Durante 20 anos, meu pai teve uma livraria de livros e artigos católicos, que por minha sorte foi aos poucos se ampliando para vários outros assuntos, tais como filosofia, psicologia, educação e outros afins, mas lá era um ponto de

encontro de padres, seminaristas e católicos da cidade. Até os 12 ou 13 anos eu estava totalmente mergulhado na fé católica, frequentava a missa, rezava, me confessava, fui coroinha por um tempo e era devoto de São Francisco de Assis. Ele era um verdadeiro ídolo para mim, um exemplo a ser seguido, rebelde, místico, radical, diferente, original, tudo isso me fascinava e me alimentava o espírito. Sei que a partir de um momento comecei a não querer mais ir à missa, e isso era uma fonte de brigas e cobranças. Até que um dia consegui falar para minha mãe que eu não achava certo ir para um lugar que eu não acreditava, que não tinha mais a importância que anteriormente tinha para mim. Daí em diante, fui me afastando do catolicismo e me aproximando do intrigante oriente. E é aí que a coisa pega, pois vejo em meus pais, principalmente na fé em Nossa Senhora de minha mãe, algo que perdi e que, às vezes, me pergunto se não me faz falta. Acho que jamais retornarei à fé que já tive na igreja e no mundo proposto por ela, e isso é bom por um lado, me liberta para muitas coisas, mas por outro me deixa um pouco desamparado, parece que mais frágil, e vejo também que não consigo substituir essa fé por outra similar [...]. (KURU. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <http://myogom@gmail.com/>.Em 28 out. 2012).

Esta narrativa parece ilustrar a fragilização dos atrelamentos institucionais, quando a necessidade de experienciar o religioso escapa ao atrelamento usual das crenças às pertenças. A afirmação da identidade faz-se cada vez mais uma opção particular a partir de um contexto cultural onde imperam as escolhas, o fazer sentido para si. Esta necessidade conversa dialeticamente com o religioso, tanto se refletindo neste campo, como também a partir dele, sendo intensificada.

O que a narrativa parece explicitar também é a necessidade de cosmificação, já que o exercício da liberdade religiosa em si, nas palavras de Kuru, lhe traz inseguranças: “me liberta para muitas coisas, mas por outro me deixa um pouco desamparado, parece que mais frágil, e vejo também que não consigo substituir essa fé por outra similar (...)”. Seguindo o viés interpretativo de Berger (2004), compreende-se no campo a necessidade de urdir o próprio dossel sagrado particular, do micro *nomos*, que também pode incluir a ambiência dos *blogs*. Para Berger (2004, p. 18), a necessidade do *nomos* se justifica enquanto um dossel protetor da anomia, já que “o homem produz a si mesmo num mundo”. Enquanto ser relacional, o homem está em contínua conversação com o universo que lhe acolhe, dotando-o de sentido e contribuindo ativamente para que o diálogo aconteça e prossiga.

Insistindo ainda na linha argumentativa anterior, a de que a herança, sobretudo a católica, uma constante no campo, dialoga com os imaginários em ato de fazer sentido para si e de certa forma, pudesse ser razão para a omissão de alguma coisa que se supõe presa ao passado, ou que de lá, teima sempre em retornar enquanto se ousa o caminho espiritual *solo*, prossegue-se no relato de Kuru:

[...] vejo também que não consigo substituir essa fé por outra similar. Há mais de 20 anos frequento um ashram do movimento Hare Krishna, lugar lindíssimo ao pé da serra da Mantiqueira, e em alguns momentos tive vontade de mergulhar mais nas práticas do hinduísmo, mas olhando mais de perto, enxerguei nelas e nos devotos as mesmas estruturas e posturas que tive na fé cristã, parecia que estava trocando apenas a roupa, mas o corpo era o mesmo. Frequentei também, com menor intensidade, três comunidades budistas de linhagens diferentes: Kadampa, Zen-budismo e Butsuryoji. Se eu tivesse uma religião formal seria a zen-budista, mas não sinto esse chamado forte o bastante para tal, sou um simpatizante, apreciador, admirador, estudioso dessas religiões, mas não um devoto, um fiel. Não sei o quanto isso é positivo ou negativo para meu amadurecimento espiritual, pois acabo não mergulhando num caminho específico. Além disso, percebo o quanto é difícil dissolver as marcas que o catolicismo deixou em mim, e só me dei conta disso quando fui casar e quando fui batizar minha filha. Nesses momentos, principalmente no batizado, várias questões emergiram e trouxeram velhos conflitos à tona. E dessa crise me vi realmente rompido com a fé cristã, embora em alguns momentos quase invejo a fé e a segurança que meus pais parecem ter na fé que professam, e isso não faz mais parte da minha vida. (KURU. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <http://myogom@gmail.com/>.Em 28 out. 2012).

Prosseguindo na tentativa de tatear o campo, o segundo passo adotado foi o ensaio de uma tipologia da desafiliação religiosa entre os dezoito blogueiros, aqueles que assim se declararam em correspondência recebida por *e-mail*.

Tradicionalizados não praticantes	6
Espiritualistas	12
Ateus/Agnósticos	0

Ilustração 12: Quadro - Desafiliação religiosa no campo
Fonte: Acervo pessoal.

Compreende-se por *tradicionalizados não praticantes*, aqueles blogueiros que se auto-declararam emersos do universo católico, mas se consideram desafiliados desta religião, ou não mais vinculados a ela, uma vez que associam religião à prática religiosa dentro de uma instituição religiosa da qual se é crente, atitude em desuso neste grupo.

Considerou-se como *espiritualistas*, todos aqueles que se auto-declararam como desafiliados, já que seguem um caminho religioso particular, combinando as crenças e práticas religiosas de algumas tradições, sobretudo orientais, à sua própria maneira. Para estes

blogueiros, o religioso escorre além das delimitações de uma tradição religiosa em particular. Portanto, incursionam por várias delas, mas sempre para reforçar o vínculo ao seu propósito pessoal de aprendizado constante e consequente evolução espiritual.

Nenhum dos entrevistados declarou-se como ateu ou agnóstico, embora não houvesse esta pergunta explícita por parte da pesquisadora. Na verdade, não se tratava de uma entrevista objetiva tradicional, como a do censo do IBGE, mas muito mais um diálogo que tomava o curso da disponibilidade de abertura de cada blogueiro. Conversando sobre os vínculos religiosos, ou ausência deles, tentava-se mapear o que estas pessoas responderiam ao censo, já que se auto-declaravam como não vinculadas a uma religião em particular, na verdade, um mero *gancho* para que o diálogo prosseguisse e se tentasse observar os imaginários enquanto narravam-se a si próprios. A categoria ateus/agnósticos foi preservada no quadro, pois como se verá adiante, os próprios blogueiros explicitaram que não estar afiliado a uma religião em particular não se traduzia na negação de Deus, ou na sua indiferença.

Também cabe observar que esta tipologia em si é um mero exercício, pois ainda que muitos blogueiros não tivessem revelado sua herança religiosa familiar e, portanto, não dessem ênfase à questão da associação crença e prática religiosa, definindo-se apenas como *espiritualistas*, muito provavelmente, conviveram com a tradição católica dos pais e preservam traços dela em seus imaginários, inclusive para enfatizar a própria desafiliação religiosa, muitas vezes, um mero desencantamento do catolicismo. Naturalmente, ainda que se classificasse parte dos blogueiros como *tradicionalizados não praticantes*, estes também poderiam ser frequentemente considerados como *espiritualistas*, já que também exercitam suas próprias composições e recomposições no ato de fazer sentido para si. O que se quer deixar claro, é que a tipologia revela apenas uma representação da pesquisadora, enquanto ensaia encontrar suas próprias chaves de leitura do campo.

Tanto o é, que a questão da desafiliação religiosa em si mesma não é uma questão nativa ao campo. Houve um grande estranhamento por parte dos blogueiros quando se tentou associá-los à categoria censitária dos *sem religião*. Sensível à dificuldade do campo em enquadrar-se nestas categorias, ou em se auto-identificar a si mesmo religiosamente, quando se parte de molduras institucionalizadas, ou da recusa destas, decidiu-se insistir na temática, adentrando às tramas destes *dosseis do eu*. Foi questionado ao blogueiro Kuru o que ele responderia ao censo, já que não seguia uma religião em particular e ainda, se seria uma opção incluir-se na categoria censitária dos *sem religião*: “(...) Já não dá mais para encaixar

tudo dentro do mesmo *script* de sempre, num mundo globalizado, múltiplo, complexo, rico, interligado. Até porque a Consciência não tem fronteiras, nem bandeiras e nem padrões”.

Este diálogo alongou-se durante algumas semanas, sempre nos *ruminare*s eletrônicos de fim de semana de Kuru, que manifestou desde o primeiro momento, interesse especial pela pesquisa em si como uma oportunidade de reflexão sobre sua própria trajetória, uma constante entre muitos dos pesquisados. Então, arriscou-se insistir numa moldura censitária, acaso viesse a ser abordado por uma pesquisa neste formato:

Não sei! Quando alguém me pergunta qual é a minha religião eu digo que tive formação católica, mas que não sou mais praticante. Essa parece ser a situação de muita gente que conheço, tem alguns princípios, algumas referências, mas nada muito sério. Eu não sou católico, nem simpatizante. Muito menos sou ateu ou desinteressado pelo assunto, talvez nada seja mais importante para mim. Acho que eu estou enrolando... rrsrsrs, porque não sei o que responder. Se no censo a opção é essa, essa, essa ou essa religião, qualquer coisa que eu respondesse daria na mesma, não me definiria. Talvez eu respondesse budista. Essa foi a pergunta mais difícil de responder, e que acho que não respondi..rrsrsrs. (KURU. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>.Em 09 out. 2012).

Há um trecho nesta narrativa que foi recorrente no campo quando a pesquisadora teimava em insistir numa formatação da crença, ou prática religiosa: *talvez eu respondesse...* Observou-se que os blogueiros frequentemente associavam a categoria censitária dos *sem religião* ao ateísmo, portanto, não se sentiam confortáveis nesta classificação. Assim, pela insistência da pesquisadora, sugeriam *o talvez eu respondesse..., me consideraria como...*, que revelava não uma aderência religiosa em si, mas muito mais uma sugestão de identificação religiosa de empatia, numa busca religiosa mais ampla, que não atrelasse crenças e pertenças, ou que reconhece as pertenças cada vez mais como território próprio às idiossincrasias, fora das modulações institucionalizadas. O recorte da narrativa de Muni parece corroborar esta afirmativa:

Pelo que me lembro das opções existentes, *me consideraria* [grifo nosso] como budista ou hinduísta. Sinto que não tenho assim especificamente uma crença a partir da concepção religiosa. Tenho Budas em casa, Ganeshas e Krishnas espalhados, mas sem qualquer regra. (MUNI. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>.Em 13 nov.2012).

Insistindo em outro *e-mail* adentrar o imaginário da crença de Muni:

Não me lembro como me classifiquei no Censo. Pra bem dizer a verdade, acho que no último Censo não fui cadastrado, pois não me entrevistaram rs.

Na realidade, poderia me classificar sim como sem religião. Creio que não faria diferença alguma para mim, exceto para o censo, rs. Minha opção pelo *budismo* ou *hinduísmo* tem mais a ver *se não houver outra opção* [grifo nosso]. Digamos que são as que mais se aproximam daquilo que sigo, uma vez que recito mantras, faço práticas de meditação, yoga, procuro seguir determinados princípios que fazem mais parte dessas religiões do que outras. Quando diz *sem religião*, significa o quê? Uma pessoa sem religião se classificaria como "ateia" de ateu? Se sim, não sei se me enquadraria ou classificaria como tal (embora não seja preocupante), uma vez que acredito em Deus ou o nome que queira dar. Por este motivo, talvez pudesse haver uma opção do tipo *espiritualista* ou *algo similar*. (MUNI. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>. Em 13 nov. 2012).

A dúvida de Muni quanto à associação dos *sem religião* ao ateísmo foi parte do diálogo do campo. As sugestões quanto à ampliação das categorias censitárias, incorporando uma *opção* “espiritualista” ou “algo similar” também.

Recupera-se então, as falas de Peregrino, que como Muni, acredita em “Deus ou o nome que queria dar”, mas não se afilia a uma instituição religiosa em particular, pois “sua religião é Deus”. Ao ser instigado a se classificar numa moldura religiosa para a pesquisa, reconhece-se apenas como “cristão”. Insistindo-se para que traduzisse o que particularizaria dentro do universo religioso cristão, então admitiria: “Então eu responderia que sou sem religião mesmo”, para em seguida fazer sua sugestão: “acredito que a melhor forma de mensurar a espiritualidade é avaliar as ações. Elas demonstram a nossa fé, a nossa ligação com aquilo que acreditamos”. Segue adiante, recorte do *post*: Espiritualidade é ação, que pode ser ilustrativo da reflexão dos blogueiros quando a temática gira em torno das diferenças entre a religião e a espiritualidade.

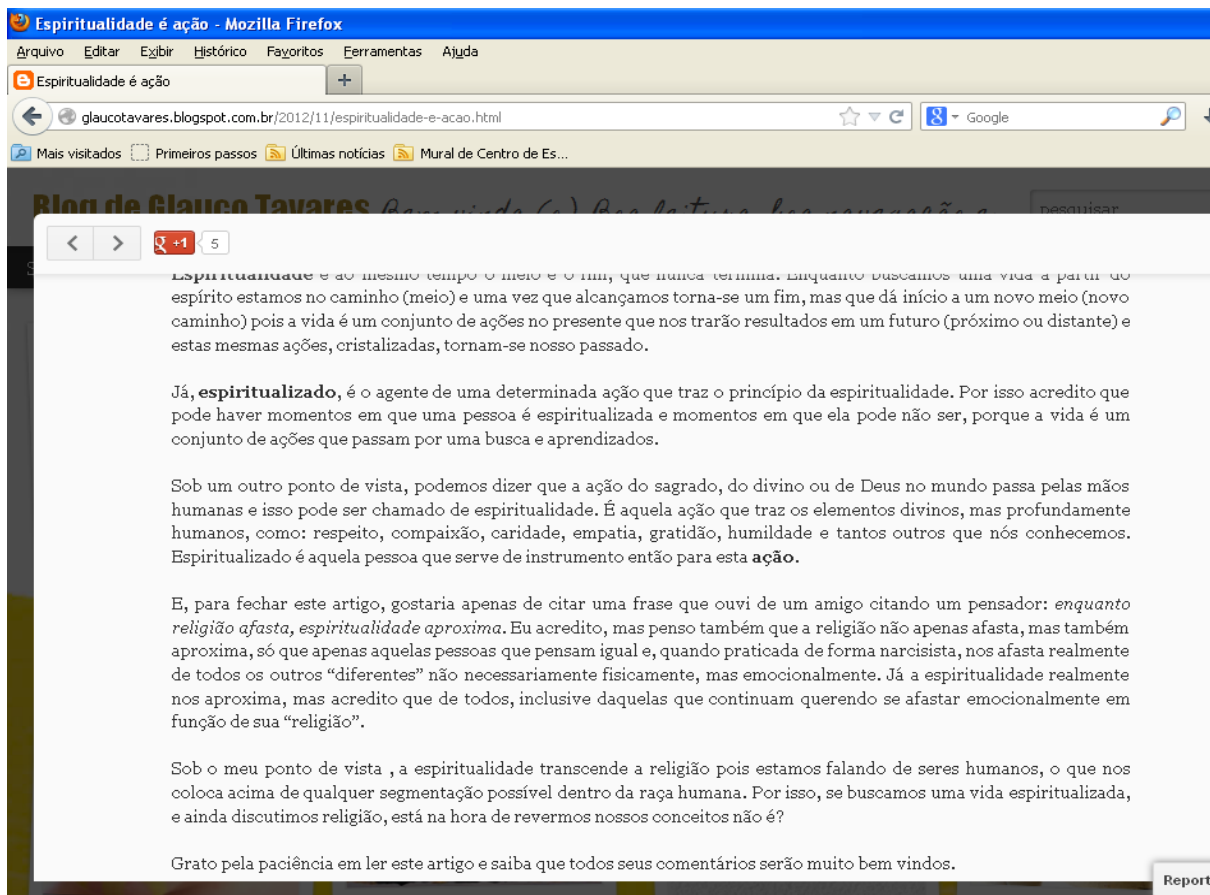


Ilustração 13: Imagem - *Print* de tela: Espiritualidade é ação

Fonte: TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo, 07 nov. 2012. Acesso em: 23 set. 2012.

A questão das ações em conexão com as crenças religiosas é bastante pertinente quando os imaginários dialogam com o *Yoga*, como já observado, uma tradição que sempre exigiu a experiência, o trilhar do *sadhana* particular, cosmificando a senda enquanto se *descasca* as camadas do profano, aguçando o olhar para o sagrado que a tudo envolve.

Peregrino tem uma trajetória religiosa singular em relação à herança religiosa comum ao campo, já que pelo seu relato, chegou ao cristianismo depois de um longo percurso de buscas passando por outras tradições religiosas, sempre por si próprio, tendo hoje como diretor espiritual um padre católico beneditino. É interessante incorporar esta narrativa, uma vez que ela sinaliza outros itinerários possíveis da desafiliação religiosa, sempre dentro de uma perspectiva de alargamento do olhar durante a pesquisa:

Eu tenho sim um diretor espiritual há três anos e meio. Comecei meus estudos espirituais pelo Budismo, depois pelo Yoga e recentemente pelo Cristianismo com o meu diretor espiritual. Em meu altar tenho: Ganesha, Sidharta Gautama (Buda histórico), um Sufi (mística Islã), São Bento, Jesus

Cristo, Pietá e um Shiva Lingam. Já que comentou sobre o pluralismo eu acredito que o foco nesta vida é o Ser Humano e, portanto, ele está acima de qualquer religião. O que nos leva a circular muito bem, com muita humildade e respeito, por todas as tradições mantendo os pés nas nossas crenças, mas sem menosprezar todas as outras existentes e que fazem tantas transformações positivas na vida de outras pessoas. (PEREGRINO. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>.Em 29 out. 2012).

O campo também quis definir *religião* na pesquisa durante todo o diálogo, pela amplitude da questão que indagava sobre a religiosidade/espiritualidade de cada blogueiro. A intenção sempre foi exatamente esta, deixar em aberto, para suscitar o diálogo. A palavra religião incomodou bastante, pois a linha conceitual da pesquisa que associa religião a *nomos* religioso a partir do referencial *bergeriano* (2004), não é compartilhada pelo campo, que naturalmente, tem suas próprias localizações do religioso. Ademais, questionava-se sempre se a pesquisa estava associando o *Yoga* a uma religião em si.

Importante é destacar que embora o referencial do campo corrente seja a *espiritualidade* e não a *religião*, já que esta frequentemente foi associada à instituição religiosa e, mais particularmente entre alguns, à tradição religiosa católica, pode se notar que boa parte das trajetórias se afirma na construção de sentido particular a partir do desencantamento desta tradição, incorporando outras sendas que o campo auto-declara como espirituais.

O blogueiro Gopala parece traduzir para o campo o que viria a ser religião e a espiritualidade:

Cabe aqui dizer que toda religião é fundada com base em dogmas originalmente *revelados*" de forma espiritual, mas que foram ficando empoeirados ou rigidamente transformados em *leis*, perdendo muitas vezes seus sentidos verdadeiros (...).(GOPALA. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http// myogom@gmail.com/>. Em 24 out. 2012).

Jyottimay também auxilia na compreensão do imaginário religioso do campo, estabelecendo as localizações entre religião e espiritualidade:

Religiosidade e espiritualidade são coisas diferentes. Sempre que se fala ou pratica algo na direção de autoconhecimento, falamos em espiritualidade. Religião é outra história que também deveria ser para autoconhecimento, mas acaba sendo para criar dogmas e seguidores, fiéis, que devem *seguir isso ou aquilo* [grifo nosso]. Sem dúvida, religião nos liga a nós mesmos, mas também acaba com os questionamentos, pois se passa a aceitar uma

verdade absoluta. Funciona em certos aspectos, é uma porta de entrada. Mas acho que um buscador deve ir além da religião e dogmas. Mas claro que sempre tem uma que fala melhor ao sistema de crenças pessoais e onde ficamos e observamos mais. (JYOTTIMAY. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>. Em 16 out. 2012).

Mas é a blogueira Padma que parece sintetizar boa parte do que foi observado no campo até aqui. Ainda, compõe uma semântica da desafiliação religiosa e recupera a composição dos altares dos *yogins*, que pode ser considerada como representativa do campo em suas linhas amplas:

Não pertenço a nenhuma religião, nunca pertenci, nem quando criança. Mas nunca fui atea, sempre acreditei em deus e que não estamos sozinhos nessa vida, que existem muitas energias, seres, ou qualquer que seja o nome, que trabalham com a gente. Acredito muito nisso. Se o censo me perguntasse qual é a minha religião, diria que nenhuma, que tenho uma espiritualidade e ponto. Se um dia fosse constituído que ninguém no mundo pudesse ficar sem religião, escolheria o budismo. Mas como isso não vai acontecer, prefiro ficar assim. Meu altar em casa tem um ganesha meu e um do meu marido, dois budas, um que comprei quando morei na Espanha e um que ganhei em Sarnath, uma das cidades mais incríveis que conheci na Índia, muitas pedras, uma flor de lótus que ganhei de uma amiga e umas velas. Ando com um saquinho na bolsa que tem um ganesha, um pêndulo de cristal e uma guia da umbanda que ganhei também. Se um dia alguém me der um santo, ponho lá no altar também, acho tudo válido, pois o que importa é a energia. Mas sempre tive essa ideia, e esse ano quando fui pra Índia isso ficou mais claro dentro de mim: o divino, a espiritualidade, estão dentro de nós. Não estão em nenhuma religião, nem em nenhum lugar, em nenhum objeto. Fui pro lugar que é conhecido como o berço da espiritualidade, e vi coisas lindas, mas também teve muita gente querendo me explorar em templos e rituais. Isso foi muito forte, algumas situações que vivi não eram diferentes do que vemos em algumas igrejas evangélicas daqui. (PADMA. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < http//myogom@gmail.com/>. Em 29 set. 2012).

As viagens de peregrinação à Índia, incorporadas pela narrativa de Padma, costumam ser uma constante no campo, os *blogs* estão plenos de belas imagens e relatos das experiências religiosas ali vividas, dos encontros com os *gurus*, dos cursos de *Yoga* realizados na ambiência dos *Ashrams*, dos lugares sagrados visitados como algumas ilustrações que se seguem abaixo, embora não fossem objeto da pesquisa em si, neste momento, já que se ateuve mais ao léxico e semântica das narrativas dos diálogos por *e-mail* com a pesquisadora:

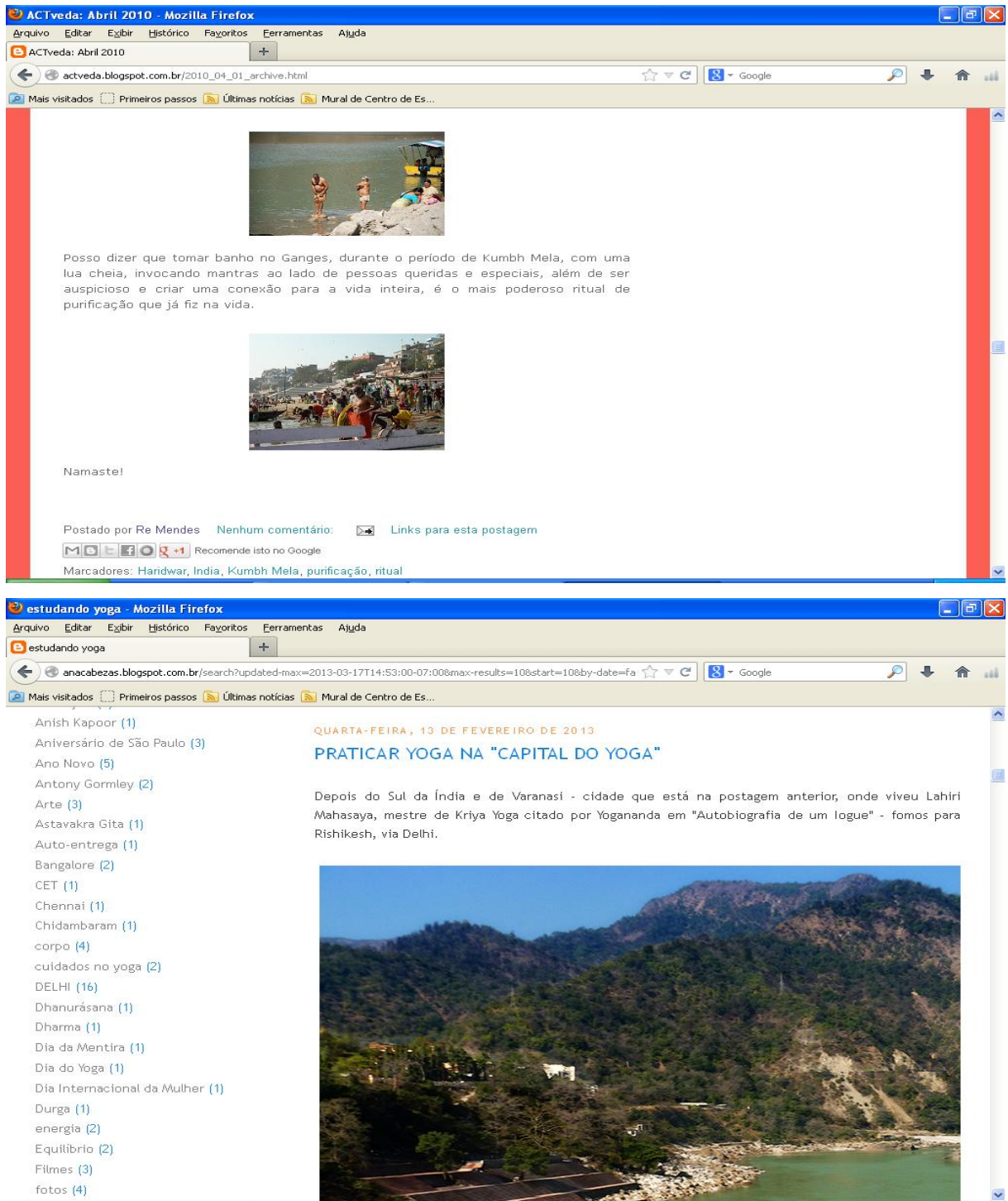


Ilustração 14: Imagem - *Print* de telas: Diversos
 Fonte: MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 04 jun. 2012; CABEZAS, Ana. *Estudando Yoga*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 29 set. 2012

Estas ilustrações foram incorporadas, apenas para construir o cenário para o adentrar à semântica da desfiliação religiosa no campo que está bem distante da mera ausência de religião, quando compreendida enquanto uma cosmificação particular, um micro-dossel

protetor que tece suas próprias localizações a partir das experiências religiosas que incorpora às suas trajetórias; e como vai se observando, estas trajetórias são plurais e acolhedoras, não se restringindo às religiosidades orientais e ao *Yoga*, portanto.

Para situar a semântica da desafiliação religiosa no campo, decidiu-se por um painel, que sintetizasse recortes das narrativas dos blogueiros e se aproximasse o mais possível de uma representação desta. O painel ofereceria à pesquisadora algumas sendas para que se explorasse o campo, recuperando e incorporando as narrativas que pudessem ilustrar questões mais recorrentes dentro deste, como vem sendo feito até o momento.

*A consciência não tem fronteiras, nem bandeiras e nem padrões
 A religião que eu tinha era pequena demais
 Acredito em Deus como uma energia, força propulsora do universo
 Acredito em Deus, nunca fui ateu
 Acredito em religião, mas não no que o homem faz com elas
 Acredito em tanta coisa, mas não sigo nada, porque quando vou estudar a fundo, não concordo com tudo que dizem
 Amo igrejas, frequento bastante, quando não tem missas
 Jamais retornarei à fé que tive na igreja e no mundo proposto por ela...
 vejo que não consigo substituir essa fé por outra similar
 Me classificar como com ou sem religião não faria diferença alguma
 Me libertei da religião, não sei dizer em qual religião minha crença se encaixa hoje em dia
 Caminho espiritual nunca me prendeu a uma religião
 Minha religião é Deus
 Minha religião é amor
 Não frequento a igrejas, nem ao ritual católico
 Não sou encanada em "nomear" a minha religião... sinceramente não sei
 Não tenho religião, mas reconheço o sagrado no meu cotidiano e na vida
 Qualquer coisa que eu respondesse daria na mesma, não me definiria
 Tenho uma espiritualidade e ponto
 Um não-pertencente, um descamisado religioso, sem ser isso ou aquilo
 Viver é sagrado, tem Deus ali.*

Ilustração 15: Quadro - Semântica da desafiliação religiosa no campo

Fonte: Acervo pessoal.

Ao passear pelo quadro semântico da desafiliação religiosa no campo, recupera-se uma fala de Rubem Alves (2007, p. 54-55) que diz que :

Deus é como o vento (...) as religiões tentam engarrafá-lo em lugares fechados a que elas dão o nome de ‘casa de Deus’. Mas, se Deus mora numa casa, estará ele ausente do resto do mundo? Vento engarrafado não sopra... (...) é preciso esquecer os nomes de Deus que as religiões inventaram para encontrá-lo no assombro da vida.

Já que vento engarrafado não sopra, parece que se está falando neste campo de garrafas fissuradas do religioso, de onde se pode espiar pelas próprias fissuras o que escorre dali. Para esta observação, recorreu-se à confecção de um novo painel, desta vez, buscando nas narrativas dos imaginários do religioso *yogin*, suas identificações com outras religiões, filosofias e sistemas de sentido religiosos, bem como, de suas crenças.

Religiões, Filosofias e Sistemas de sentido religiosos*	Crenças dos <i>yogins</i>
Budismo Candomblé Círculos Femininos Sagrados Cristianismo Hare Krishna Hinduísmo Kardecismo Taoísmo Umbanda Vedanta Xamanismo.	Alma, Amor Universal, Ascensão Espiritual, Comunicabilidade entre os mundos físico e espiritual, Consciência Universal e Eterna, Deus, Energias, Evolução, Ishvara: a ordem do universo, Jesus, Karma, Mestres Espirituais, Mística, O Absoluto, Força Criadora de Tudo, Ordem Cósmica, Passes, Poder Criador de Shakti, Reencarnação, Santos Católicos, Deidades Hindus, Ser Humano, Seres Espirituais.

*Estas identificações são traduzidas como incursões esporádicas aos cultos das tradições religiosas ou auto-estudo dos seus conteúdos religiosos ou filosóficos, sejam individuais ou em pequenos grupos dirigidos, como no caso do Vedanta.

Ilustração 16: Quadro - Imaginários do religioso pelos *blogs-tapetinhos*

Fonte: Acervo pessoal.

O que o painel parece insinuar, é que se pode desconfiar que *entre e para além* molduras religiosas há querelas dos espíritos⁴⁵ não capturadas pelos números, daquilo de que é feito o trêmulo e palpitante do que vive, que insiste em borrar definições, totalmente avesso às tentativas estatísticas. Pressupõem-se novas maneiras de crer e pertencer e de pertencer

⁴⁵ A querela dos espíritos foi sugerida por José Jorge de Carvalho (1999), como uma linguagem privilegiada para se falar da busca de sentido religioso em uma sociedade pluralista e sujeita a profundas mudanças em suas linhas mais amplas. Acredita-se que ela sintetize o esforço de abordar a temática neste texto que alude ao vivo, intenso e imaginativo, ou aquilo que escapa às estatísticas.

sem aderir, desde que a pertença em si, incorpore também a própria idiosincrasia, ressemantizando-a em si própria, na própria trajetória.

Mas, ao mesmo tempo, tem-se claro também, que estas colocações, partem sempre de um referencial institucionalizado, comum aos autores na observação da desafiliação religiosa. Talvez tenha de se rever categorias e pressupostos de pesquisas moduladas a partir de um mundo que se deixava mais facilmente apreender. E um bom exercício é partir de um campo concreto e deixá-lo dizer de si, como se tenta fazer neste estudo.

Como vem aparecendo nas narrativas dos depoimentos, nos *blogs* também está presente a ritualização do cotidiano, com sugestões de práticas de meditação, o relato do hábito de rezar e entoar mantras, o estudo autônomo de textos sagrados de tradições religiosas, *Yoga* e espiritualidade, a presença de *gurus* ou mestres, ainda que se reconheça também em si próprio, o *mestre interior*. É comum frequentarem esporadicamente cultos religiosos de tradições com as quais se identificam em uma determinada etapa de vida e incorporarem o relato ao *blog*. Ainda, a participação de retiros, *workshops*, vivências espirituais e o peregrinar por lugares sagrados. Segue abaixo o *post* ilustrativo de uma destas vivências espirituais *yogins*, que relata a experiência de meditação da blogueira em um retiro de meditação Vipassana por dez dias em total silêncio:

Voltei!

Voltei no último domingo. E até agora não tinha escrito, um pouco por falta de tempo, um pouco por não saber por onde começar. Fiquei somente dez dias, mas parece que fiquei mais de um mês fora. Foi muito intenso. Uma das experiências, senão A experiência mais forte e bonita que eu já vivi. Fui para um retiro de Meditação Vipassana. É um retiro de dez dias de meditação contínua, meditamos o dia todo, parando apenas para comer, tomar banho, etc. Dez dias em nobre silêncio, sem contato nenhum nem com o mundo externo nem com os outros meditadores, somente em contato comigo mesma.

Muita coisa foi trabalhada. Coisas atuais que eu já sabia que tinham que ser resolvidas, coisas que eu nem fazia ideia. Me vieram imagens de infância, me vieram imagens de pessoas com quem eu nem sabia que tinha coisas a resolver, mas tinha... Todo momento, tudo era um aprendizado. Durante dez dias, nada passou em branco. Se aparecia um animal no meu quarto, era algo que eu tinha que trabalhar em mim (isso dava um texto a parte: a convivência amigável e "tranquila" que tive que aprender a ter com sapos, aranhas e outros!). Se o banheiro estava cheio na hora que eu queria tomar banho, mais um trabalho. Se um mosquito me picava, outro. Nada era por acaso. A relação com a comida. A relação com a vaidade. A relação com a natureza. Com o desconforto, com a dor. Com pessoas diferentes de mim. Com a falta de recursos. E, obviamente, com a fala, ou a falta dela. Tudo foi um grande aprendizado. Saí de lá me sentindo leve, feliz! Saí de lá me sentindo resolvida. Agora surge um novo desafio: de volta a vida de sempre, colocar em prática tudo o que foi trabalhado por ali. Esse é o meu objetivo.

Vamos ver até onde consigo chegar!
 Namaste! (BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo, 03abr.2009. Acesso em: 26 set. 2012).

Prosseguindo na tentativa de incorporar ao texto algumas práticas comuns na ritualização religiosa do cotidiano dos blogueiros em estudo, particularizou-se a partir dos *e-mails* as narrativas descritivas dos altares de cada um. A partir deste material recolhido, arriscou-se uma representação ilustrativa dos altares *yogins*, resgatando os símbolos religiosos mais recorrentes. Ensaçou-se uma tentativa de agrupamento destes, destacando os ícones religiosos mais citados como Jesus Cristo, Buda, deidades hindus; diversos objetos simbólicos de poder, adicionados pelas suas possibilidades de limpeza ou harmonização, ou pelo simbolismo pessoal que remete a memórias que se quer preservar, como também muitas fotos, de mestres espirituais, do *yogue* ao qual se alinha a prática pessoal, ou de pessoas da família e amigos ausentes aos quais se quer estar próximo em orações, cânticos ou lembranças. Incensos, velas, flores trazem cores e aromas à composição. Cabe observar que o *layout* apenas sugere uma circularidade, pois as composições se distribuem em arranjos idiossincráticos particularizados, embora frequentemente, os elementos se repitam aqui e ali. Pode se dizer, então, que se trata de uma circularidade em aberto, porosa, já que os altares *yogins*, compreendidos em expansão, são generosos acolhedores do religioso.

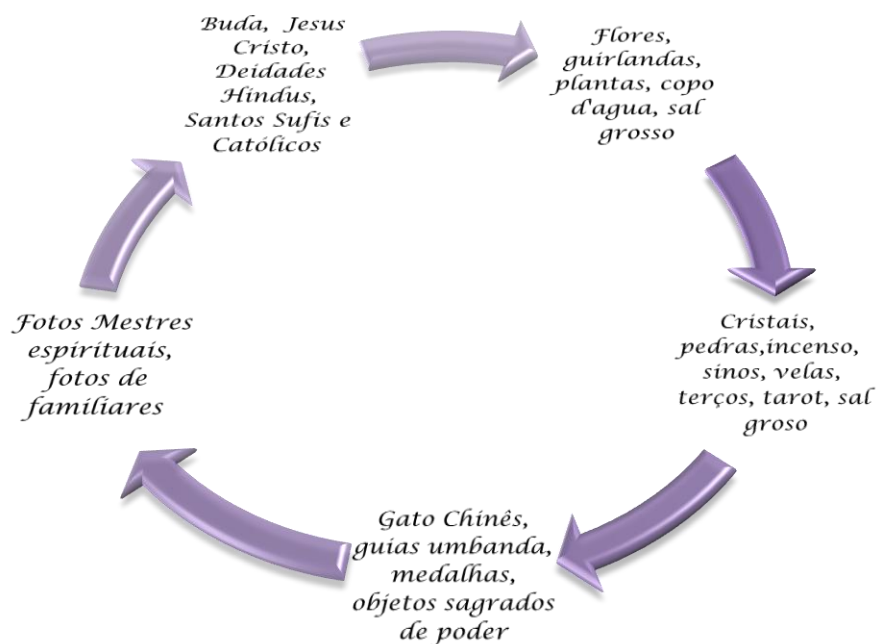


Ilustração 17: Imagem - Altares *Yogins*

Fonte: Acervo pessoal.

Os altares acenam para as subjetividades religiosas que emergem das aceleradas mudanças que se passam no contexto cultural macro. Em suas repercussões no religioso, a ênfase se desloca das igrejas para as pessoas, pois como sublinha Guerriero (2006, p.49-50), a secularização tem por significado profundo o declínio do compromisso religioso na sociedade, o que pode ser complementado com o não necessário recuo da interpretação religiosa nas consciências. Na verdade, a secularização possibilitou o avanço do pluralismo e do trânsito religioso incentivando a uma manipulação mais livre dos bens simbólicos e da construção de arranjos religiosos pelos sujeitos, ou pelo menos, dando grande visibilidade a isso, especialmente quando a pesquisa utiliza-se da ambiência da *internet*.

Esta *antropofagia religiosa* jamais foi captada pelos números, já que não se abrem às auto-declarações das múltiplas pertencas e estão atrelados a um viés interpretativo que ainda comunga crença e pertença. Os brasileiros sempre encontraram formas diferentes para ser católico, protestante, espírita, xamânico, afro-religioso e até sem religião. Como destacam Magalhães e Portella (2008, p. 8), o Brasil é um país “em que a palavra ‘religião’ encontra semântica ampla, plural e viçosa”.

Portanto, como assinala Sanchis (1997, p. 37), a diversidade religiosa de que se fala nos tempos atuais, que articula instituições e subjetividades, não é de fato uma novidade objetiva. Para o autor, o Brasil parece ter sido sempre plural, “um pluralismo de tipo peculiar, que o caráter regulador do catolicismo não conseguiu disfarçar (...)”. Ainda, numa curta frase: “um espaço aberto e sem fim” aos jogos identitários. Então, observa-se que esta privatização do sagrado alojada na vida cotidiana dos sujeitos parece ter sido sempre uma característica brasileira. Os altares sempre estiveram presentes e se compuseram e recompuseram ao ritmo dos anseios religiosos particulares.

Quanto aos anseios religiosos do campo, foram muitas as narrativas que dão notícia das composições *yogins* já esboçadas pela imagem anterior. Mas, optou-se por sintetizá-las a partir da transcrição de um dos vídeos postados no *blog* ACTveda, intitulado *Ritualize o seu dia*. A narrativa fala por si própria dos imaginários do religioso *yogins* a partir do altar pessoal da blogueira, que se dispõe a descrevê-lo e a detalhá-lo semanticamente, recuperando cada elemento de composição e a própria ritualidade deste:

[...] o que é ritualizar ou fazer algumas coisas, ações diárias mais sagradas para a gente não perder a conexão com a gente. Então, todo dia eu faço minha meditação e nunca deixo de olhar pra um altar, para o meu altar e lembrar quão sagrado é cada elemento que está dentro dele, que eu montei

com muito carinho ao longo de vários anos e cada coisa que tem ali representa uma coisa super importante que me lembra o que é sagrado pra mim. Todo dia eu medito coloco uma intenção específica pro meu dia e a partir disso eu começo ele, dando o tom que eu quero dar pro meu dia. Então é super importante a gente saber o que quer e que ação, que intenção a gente quer dar pra cada ação do nosso dia. Então eu começo aqui sempre no meu altar a fazer algumas coisas importantes. Primeiro a gente escolhe um lugar que não seja de passagem, que ninguém, outras pessoas, ou poucas pessoas tenham acesso. Você pode colocar ele encostado normalmente numa parede, porque dentro da tradição hindu a gente fala que a irmã do lado negativo da Lakishmi, que é a da prosperidade, a deusa da prosperidade, ela mora nos cantos das paredes. Então a gente não quer que nosso altar pegue energia negativa. E vc. vai colocando, eu gosto de colocar os 5 elementos no nosso altar, no meu altar, então eu coloco uma pedra, tem sempre um incenso, tem o fogo através ou de lamparinas ou de velas, eu tenho uma água aqui do Ganga, eu vou colocando tudo que tenha um significado pra mim, não necessariamente alguma coisa, que seja alguma coisa religiosa. Então, por exemplo, o mala, o japa mala que eu uso para fazer a minha meditação e minha repetição de mantras eu sempre deixo no altar, eu nunca uso no corpo porque você sempre acaba contaminando com a energia do dia a dia, suas emoções durante o dia e é um lugar onde eu sempre deixo o que sagrado e eu não mexo. Cada elemento aqui do meu altar tem tudo que me faz lembrar durante toda minha jornada o que foi muito especial, o que me trouxe muita sensação de paz e me que fez ter muito clareza de quem eu sou. Então eu sempre tive uma conexão muito forte com a Iemanjá, então ela está no centro do meu altar, indianizada, com colarzinho indiano, com bindi. O Ganesha foi a primeira estátua que eu comprei ,a primeira vez que eu fui pra Índia, depois eu comprei várias estatuazinhas e o meu altar foi se incrementando e daí quando eu comecei todo o meu trabalho, dentro do shakti mantra, com mantras voltados para a mãe divina, eu usei mais este paninho vermelho, que é bastante usado na Índia que dá um chan no altar, fica bem indiano e daí eu fui comprando algumas coisas, ganhando outras, coisas que foi de extrema importância ,eu comprei a Durga e fiz um ritual lindíssimo com ela e dentro deste ritual é considerado que a estátua é viva, então é como se eu tivesse uma hóspede o tempo todo dentro da minha casa e é uma deusa, guerreira, então ela tá o tempo todo do meu lado e eu ganhei esta Gita pequenininha de uma grande amiga minha que tá morando na Índia, a Sônia, que me ensinou muito sobre ritualística, que me ensinou fazer os pujas, os rituais que eu não faço diariamente, que apesar da tradição a gente sempre pede pra fazer, eu não faço ela longa, quando eu faço eu faço sempre em momentos muito especiais quando tem um eclipse, quando tem alguma conjunção voltada pra mim dentro dos planetas, alguma coisa voltada quando eu tô sentindo que eu preciso trabalhar e daí eu faço um ritual maiorzinho aqui sentada de frente, uso o sino, bato, faço barulho em casa, uso bastante incenso, faço todo o tradicional. Mas normalmente eu faço minha meditação, sempre reverencio muito isso todas estas formas divinas porque me faz lembrar o que eu sou, o que eu busco , o que eu quero na minha vida e é pra isso é que serve o altar, o altar é para estar sempre lembrando de forma, lembrando mesmo, porque é bem colorido me faz lembrar que você é o sagrado, também, tanto quanto estas imagens. Então, eu tenho meus professores, eu tenho a Ama, uma pessoa que eu reverencio muito, Dayananda , tenho Ganesha, presentes de amigas, aqui um Lingam que é a representação de Shiva, então Shiva, a gente sabe que a gente não precisa de nenhuma forma física que nem tá aqui, mas uma pedra lembra muito bem a gente da transitoriedade da vida, então é pra isso que serve, o

altar, ele não precisa estar voltado a nada religioso,mas sim a tudo que lembre que a vida é impermanência e que a gente é sagrada. Então eu também uso alguns yantras que são formas geométricas das divindades para deixar energizar no altar. Então são coisas que eu fui aprendendo ao longo do tempo a fazer e que tem significado para mim colocar aquilo,então eu sei porque eu coloquei isso, eu sei exatamente porque tá aqui e eu sei a minha conexão com isso, faz todo o sentido pra mim. (MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, 16 set.2011. Acesso em: 04 jun.2012.

A tentativa deste estudo, foi a de incorporar as narrativas dos próprios imaginários do religioso do campo em si a partir do léxico e sua semântica. O exercício foi o de alargar o olhar para o pluralismo religioso, observando-o além molduras, ou entre elas também. Mas, se reconhece que também se tenha partido delas, ao explorar os imaginários da desafiliação religiosa. Estes foram ouvidos a partir do não lugar, da não instituição religiosa, que é o que parece dizer a categoria censitária dos *sem religião*.

Ao mesmo tempo, mostrou-se no texto que estes referenciais censitários são meras formalidades de pesquisa e, portanto, estranhos ao campo. Neste estudo, funcionaram muito mais como ponto de partida para que o diálogo acontecesse e renovasse o olhar da própria pesquisadora sobre a idiosincrasia incorporada às pertenças.

O diálogo de pesquisa sugeriu que é o significado da própria pertença em si que parece se ampliar então, não apenas meramente dissociada das crenças como dizem os autores. Então, se crer não mais significa necessariamente pertencer, pertencer também parece não mais significar necessariamente frequentar, construir vínculos e laços sociais religiosos tradicionais, mas muito mais, no dizer do campo, auto-identificar-se, ter empatia por, observar alguns preceitos de, estudar textos de...

Dialogando com estes imaginários da auto-identificação, propôs-se então, um último esforço de pesquisa: rever todos os depoimentos e mapear o léxico da auto-identificação para tentar dar visibilidade a algumas palavras e frases chave da mobilidade subjetiva religiosa, daquilo que cosmifica de modo sagrado para o campo. Pelo painel abaixo, sugere-se que não se está falando de uma mera colagem, ou justaposição de referências espirituais, mas um fazer sentido para si que cria marcos, localizações, nós. Não se trata de uma busca errática, mas da possibilidade de dialogar abertamente com as próprias heranças religiosas, para trilhar o caminho do pertencimento por convicção, por experiência, ou experimentação, por adesão idiosincrática. E o próprio léxico deste movimento pode sinalizar em si, a necessidade de se ampliar os referenciais de pertença tradicionais, que passam a se inscrever em territórios particulares de difícil apreensão aos olhares mais apressados.

Sigo, gosto de, simpatizo, aprecio, admiro, me inspiro, me interesso por, tenho afinidade com, não frequento a, não me prendo a, não me encano com, não nomeio a, participei de, conecto-me com, estou achando que, me pego pensando em, me conheço, reconheço, descubro, estudo, questiono, interajo, amadureço, me conforto com, me encontro com, me identifico, signífico, ressignifico, caminho, compreendo, me lembro de, me desperto, busco, quero chegar a, escolho, adapto, me aquieto, pratico, evoluo, me curo, vivo...

Ilustração 18: Quadro - Léxico da auto-identificação religiosa no campo
Fonte: Acervo pessoal.

Pode se dizer que as teias do religioso são tecidas sutil e silenciosamente. Encontrar o fio no labirinto de sentidos da pós-modernidade é tarefa apenas para hábeis tecelões. Muito provavelmente, o fio pode ser puxado a partir do imaginário das buscas, dos relatos das experiências religiosas, das sutilezas que envolvem as crenças e pertenças. Sugere-se então, que o que deve ser levado em conta é como se vive o que se crê, a própria experimentação e a semântica enquanto se movimenta: então, pode se falar da tessitura de um micro-cosmos, de um micro-dossel? Pois afinal, o que os números do censo podem nos dizer daqueles que insistem em craquelar as próprias *garrafas* recebidas como herança religiosa? Parece que aos números lhes escapa a necessidade do assombro, pois ainda não inventaram um instrumento ou método para mensurar o encantamento, embora a partir deles, possa-se conjecturar à vontade.

Este estudo apenas serviu de ponto de partida para se tecer algumas localizações do religioso daqueles que se auto-declararam à pesquisadora como não sendo isso ou aquilo, ou ainda, isso e aquilo também, cerca de setenta e cinco por cento do campo. Compreendeu-se que o auto-emolduramento *sem religião* só ocorreu pela insistência da pesquisadora em classificá-los a partir das molduras censitárias tradicionais.

Apesar destas molduras como fundo, o exercício foi o de mostrar pelo próprio léxico e semântica do campo, que elas não fazem muito sentido quando os imaginários têm voz, já que tudo parece escorrer por entres as fissuras, borrando qualquer localização usual, pois se está em pleno exercício de as tecer. Então, que se continue a exploração abrindo-se ao campo como um todo, quando a cosmificação parece acontecer a partir do *Yoga*.

3.2 EM YOGA: DOS BLOGS-TAPETINHOS...

Quem está absorvido no *Yoga* enxerga todo o universo e todos os acontecimentos da vida como *Yoga*, como uma maneira de praticar *Yoga* [...] Estar entregue ao fluxo, ter fé e confiança no Divino, amá-lo acima de Tudo, percebê-lo em todos e em todas as coisas. Deus está sempre lá, onde o *Yoga* está.

ZAMBONI

Seguindo o viés de que a crise da autoridade religiosa não autoriza falar do necessário desencantamento do religioso, torna-se imperativo ampliar a semântica do pluralismo religioso para além molduras, incorporando o entendimento das suas recomposições e representações na atualidade. Firme neste propósito, o estudo se propõe à tarefa de seguir os rastros dos itinerários *yogins*, conversando com os blogueiros ora reservadamente por *e-mail*, outras, revisitando os *blogs* e observando silenciosamente os *posts* tematizados na tessitura desta senda.

Como as pessoas se movimentam, suas escolhas e atitudes, parecem dialogar com seus próprios marcos biográficos pessoais e religiosos, as experiências a que se propuseram, as vivências, leituras, cursos, viagens, etc. Se são as próprias coisas que nos ensinam de si mesmas, mais uma vez, que se recorra às narrativas, recuperando-se a urdidura de cada *sâdhana* em particular. A partir delas, foi confeccionado um painel que desse conta de *como aconteceu a passagem ao Yoga* para cada blogueiro.

	O ANTES:	O DEPOIS:
AJÉ OMIN:	[...] O processo de adaptação com a cidade e o mercado de trabalho foi estressante, e me encontrava numa situação limite [...].	[...] Me sentia totalmente voltando pra 'casa', aterrada, firme, estável, calma [...] A transformação em meu corpo-mente era tanta [...] Após algum tempo de prática regular, notei que alguns problemas crônicos dos quais sofria [...] haviam sumido[...].
ANDARILHA:	[...] Tive uma crise existencial que me deixou num vazio sem fim. [...] começaram a me	Posso dizer feliz que o Yoga é o meu estilo de vida, e a minha única profissão.

	indicar vários caminhos alternativos, entre eles o Yoga [...] na busca pra tentar achar um sentido, pra abandonar o que estava me matando e ir ao encontro de algo que eu pudesse dizer que vale mesmo a pena viver.	
BORBOLETA	Comecei a praticar Yoga aos 18 anos. Havia acabado de entrar na faculdade de Direito [...].	Em minha vida muita coisa mudou: mudei de faculdade – fui fazer comunicação social; tornei-me vegetariana; mudei de baladas, buscando pessoas e lugares mais simples, puros e pacíficos. [...] fui me tornando mais sensível. Foi inevitável em mim a busca pelo caminho da espiritualidade. O Yoga me abriu as portas da percepção e encontrei com o mais profundo de mim mesma.
BORBOLÓTUS:	Meus primeiros passos no Yoga foram aulas em grupo numa escola [...].	Ao longo desse caminho fui mudando minha postura diante da vida, dos obstáculos e com relação aos sentimentos. Fui me percebendo melhor e com isso veio o autoconhecimento [...]. Com o Yoga descobri um caminho espiritual mais aberto. E senti muito mais forte essa ligação com o Divino.
EMYOGA:	O meu propósito era melhorar o rendimento no esporte. Mas não apenas isso, senti uma atração muito grande especialmente pelos pranayamas, controle da respiração. E por toda a Filosofia, pois já tinha contato com as filosofias orientais através do meu pai.	Junto com o Yoga, veio o vegetarianismo, o reconhecimento dos valores do Yoga e todo o meu processo de autoconhecimento.
GOPALA :	Aos dezanove anos, viajando de trem pelo interior da Áustria, recebe sua primeira iniciação em uma linhagem Indiana de meditação com um monge itinerante, num encontro mágico que viria a desencadear várias experiências futuras.	[...] Vive no Rio de Janeiro, onde decide condensar seus anos de experiência e constante estudo da meditação aliada à música no projeto Sur.
JYOTTIMAY:	[...] Era muito ansiosa, angustiada, necessitava controlar tudo. Sentia muitas dores de cabeça, sofria de retenções de	Hoje já dá para lidar com a mente, as emoções. Esperar a raiva passar, sentir meu corpo mais inteiro, sem dores de cabeça, problemas

	líquidos, alterações de humor [...]. Fui ao fundo do poço para aceitar e entender a vida como ela é e não como eu gostaria que fosse.	digestivos. Mas Yoga não é uma solução imediata. Precisa de paciência e disciplina.
KURU :	Cheguei ao Yoga meio que por acaso. Na adolescência tive um grande estirão e com isso fiquei anêmico, fui ao médico [...], comecei a ler sobre alimentação natural e acabei chegando num livro do Professor Hermógenes.	Não considero que só estou praticando Yoga quando estou fazendo ásanas, ou qualquer outra técnica. As questões éticas e o exercício da atenção me transformam e me revelam constantemente um novo mundo, é uma prática ininterrupta de Yoga.
LIBERDADE:	Em busca de saúde e qualidade de vida procurei o Yoga [...] não tinha um propósito bem definido, sempre gostei da cultura da Índia e com aversão as academias convencionais[...].Era publicitária e trabalhava como gerente de relacionamentos em uma empresa de marketing, emprego bem estressante [...].	Simplesmente me apaixonei e fui percebendo pouco a pouco uma mudança no meu estilo de vida, nos gostos, nas pessoas com quem me relacionava. O marketing não fazia mais sentido (...). Ishvara, a ordem do universo, mudou totalmente o meu rumo! Decepcionada com o trabalho, acabei pedindo demissão [...]
LUZ:	Foi em uma época bem difícil, eu estava concentrada em manter minha mente longe de pensamentos destrutivos, procurava um meio de neutralizar isso e me manter em uma sintonia mais equilibrada e saudável [...].	As mudanças foram internas e intensas. Nunca mais fui a mesma, [...] o meu íntimo mais profundo passou por mudanças indelévels. A principal delas foi a fé, ela se fortaleceu muito, minha “intimidade” com Deus se transformou como nunca antes[...].
MUNI:	Desde criança sempre tive propensão às questões espirituais, em busca do autoconhecimento. Meu primeiro contato direto se deu pela Bhakti Yoga, sendo mais diretamente a partir do Movimento Hare Krishna [...] os caminhos foram sendo traçados sem compromissos. Eu estava receptivo e aberto ao mundo da Yoga [...].	A Yoga acaba sendo parte de mim como um instrumento eficaz no sentido de combater o sofrimento e as angústias identificadas por este personagem [...]. Às vezes, é bem difícil estabelecer esta união, esta conexão, mas é um exercício que pode gerar novas percepções, como por exemplo, observar a vida como ela acontece, sem apegos ou aversões.
NAESTRADA:	[...] Sentia que não estava trilhando o caminho correto, sentia que na busca do autoconhecimento estava me distanciando cada vez mais da minha essência.	Com o Yoga percebi que a busca é interna e que o único acessório é nosso próprio corpo, que deve estar o mais purificado possível pra acessarmos as camadas mais profundas do nosso ser. É um

		processo de dentro pra fora e não o contrário como eu acreditava anteriormente.
NIRODHAH :	[...] Comecei a ter problemas de saúde (...) irritei-me muito com o tratamento recebido de ortopedistas e fisioterapeutas que consultei à época, e decidi que iria fazer algo por mim mesma.	Posso dizer que o Yoga muda tudo em minha vida, há muito tempo. É um processo, é a minha frente de trabalho em relação à minha própria vida, em relação a todas as minhas questões. É a ferramenta que escolhi – ou será a ferramenta que me escolheu? – para fazer frente às necessidades de crescimento que a existência impõe.
NOPRESENTE:	[...] O Yoga era uma ferramenta de descoberta do meu corpo; de perceber até onde eu era capaz de ir, e o que me limitava. Bem divertido.	O olhar mudou. Yoga deixou de ser esporte e passou a nortear outras coisas... [...] Seis meses de estudo, larguei tudo e fui pra Índia.[...] depois de dois anos vivendo de Yoga [...]estou novamente publicitária [...]O Yoga não mudou meu estilo de vida. Conhecer pessoas, estudar coisas diferentes, viajar, isso tudo me fez. O Yoga é uma parte de mim, não é meta.
PADMA:	[...] O teatro estava sendo, pouco a pouco deixado de lado, naturalmente. Bastou eu entender isso pra resolver que queria me dedicar integralmente ao trabalho e aos estudos com o Yoga, e por isso não podia mais ocupar meu tempo com ensaios e apresentações que já não me motivavam mais.	Mudei de vida! Mas posso dizer também que, além de ter mudado de profissão e de sonhos, virei uma pessoa mais leve, aprendi a seguir mais o meu coração. Virei uma pessoa mais sensível e mais acolhedora.
PEREGRINO:	[...] Uma decepção amorosa, [...] o que me deixou muito mal [...] fui orientado a procurar a prática do Yoga para me equilibrar [...].	[...] Nossa busca nesta vida é por se tornar uma pessoa melhor e isso passa pelo autoconhecimento. Este é o motivo do Yoga ser importante em minha vida, pois continua me auxiliando neste caminho árduo.
PRAKASH :	[...] Quando engravidei nos EUA [...]. Eu estava lá sozinha, sem minha família e a gravidez me assustou um pouco [...] então comecei a ter todas as somatizações negativas que você puder imaginar, até que meu ginecologista me mandou fazer Yoga.	Eu acredito muito que o Yoga salvou minha vida em diversas ocasiões. [...] Me tornei uma pessoa mais sensível às necessidades do outro, e às minhas também, mais calma e madura, menos crítica.
RASA:	[...] Comecei a praticar para	Hoje vivo profissionalmente de

	ficar com o corpo bonito. Na mesma época tive um caso de doença na família que o Yoga me ajudou muito a passar por essa fase de forma mais tranqüila.	Yoga. Dando aulas particulares, cursos, workshops e fazendo parte de cursos de formação em São Paulo e no interior.
SARIE :	[...] O cumprimento das exigências do cargo gerava em mim muita ansiedade e angústia. Na verdade, eu não estava satisfeita e buscava um sentido maior para minha vida.	Um encontro comigo mesma, com a minha essência, com o sagrado que habita o meu (nosso) íntimo [...] quebrou vários paradigmas, ressignificou minha visão sobre a vida, sobre Deus, sobre espiritualidade[...].
SHAKTI :	Sou formada em educação física [...] e meu primeiro contato com a Yoga foi nessa época de pós-formada numa academia que trabalhava. Sinceramente nem gostei. Achava que não tinha diferença nenhuma das aulas de alongamento e Pilates.	Meu conceito de Yoga, movimento, consciência corporal, respiração e de tudo mais mudou [...] mas sempre prevaleceu o benefício da prática. Esse benefício que se estendeu do corpo físico, para a saúde mental e social [...]. Aprendi a respeitar mais o meu corpo, a ser gentil com os seus sinais e dialogar de uma forma mais "transparente" com ele.
SHANTI :	A primeira vez que entrei numa sala de Yoga foi por estar muito triste com o fim de um relacionamento de poucos anos, mas que fora muito intenso. Estava procurando caminhos para me curar, para voltar a sentir paz em meu coração.	Comecei a ler sobre a filosofia [...]. Alguns meses depois resolvi fazer o curso de formação [...]. Hoje não dou aulas, pratico ásanas, mas não diariamente, quanto a filosofia, SEMPRE. Impossível retirar os ensinamentos do Yoga de dentro da gente, eles passam a fazer parte de nossas vidas de forma definitiva.
TEERNA :	[...] Buscava uma prática corporal que desse conta de olhar o ser inteiro e privilegiar o ser inteiro numa aula [...].	Mudou tudo, mudou quem eu sou. Eu sempre fui muito impulsiva [...] o Yoga me fez respirar antes de toda e qualquer situação. [...] Passei a ver mais o outro, tentar entender o ponto de vista do outro, passei a dar menos importâncias aos problemas, entregando e aceitando, agradecendo e confiando!.
YOGINI :	[...] Queria uma atividade mais tranqüila, que me acalmasse e me desse prazer também (sempre odiei a malhação tradicional). Meu único propósito era me tornar uma pessoa mais calma e fazer uma atividade física que me trouxesse prazer [...].tive um	Percebi que comecei a aplicar muito do Yoga em minha vida através do próprio autocontrole, de ser menos explosiva mais compassiva.

	câncer na tireóide e o Yoga foi de profundo apoio para mim nessa época.	
ZÉ ROBERTO :	Assistia por curiosidade uma senhora que ensinava pela TV, mas jamais poderia imaginar que meu interesse fosse crescer.	[...] Ministro aulas de Yoga como segunda ocupação. Tenho um trabalho fixo que me permite pagar para participar de cursos sobre Yoga, Vedanta e ainda viajar.

*Painel delineado a partir dos depoimentos recolhidos por *e-mail* e fragmentos dos perfis públicos dos *blogs*.

Ilustração 19: Quadro - Imaginários das trajetórias *yogins*

Fonte: Acervo pessoal.

Cosmificando...

Narrar a própria trajetória parece ter sido muito motivante aos blogueiros, portanto, os depoimentos recebidos por *e-mail*, no geral, foram longos e frequentemente, destacaram-se no conjunto do material recolhido eletronicamente. Interessante é observar desde já, que pode ir se delineando o esboço de uma *tribo* afinitária à medida que o estudo avança, uma *tribo* reunida pela própria pesquisadora, que compartilha itinerários de passagem, modos de ser e crer, incluindo a necessária visibilidade destes pelas telas. Mas, que se pontue que esta *tribo* não necessariamente se conhece, embora aqui e ali, tenha se observado ramificações e entrelaçamentos eletrônicos comuns pelos seguidores ou comentaristas.

A pesquisadora também participou do relato destes itinerários, provocando-os direta ou indiretamente, embora frequentemente eles já fizessem parte do arquivo do *blog*, ou do perfil ampliado do blogueiro. Os relatos foram tema para alguns *posts* que revisitavam e editavam narrativas, ou alimentavam novas reflexões sobre a passagem; e isso era confidenciado à pesquisadora por *e-mail*, criando-se uma cumplicidade no diálogo em curso. Outras, estudo e pesquisadora eram incorporados à tela do *blog* e tornavam-se parte da narrativa também, como se pode visualizar abaixo.

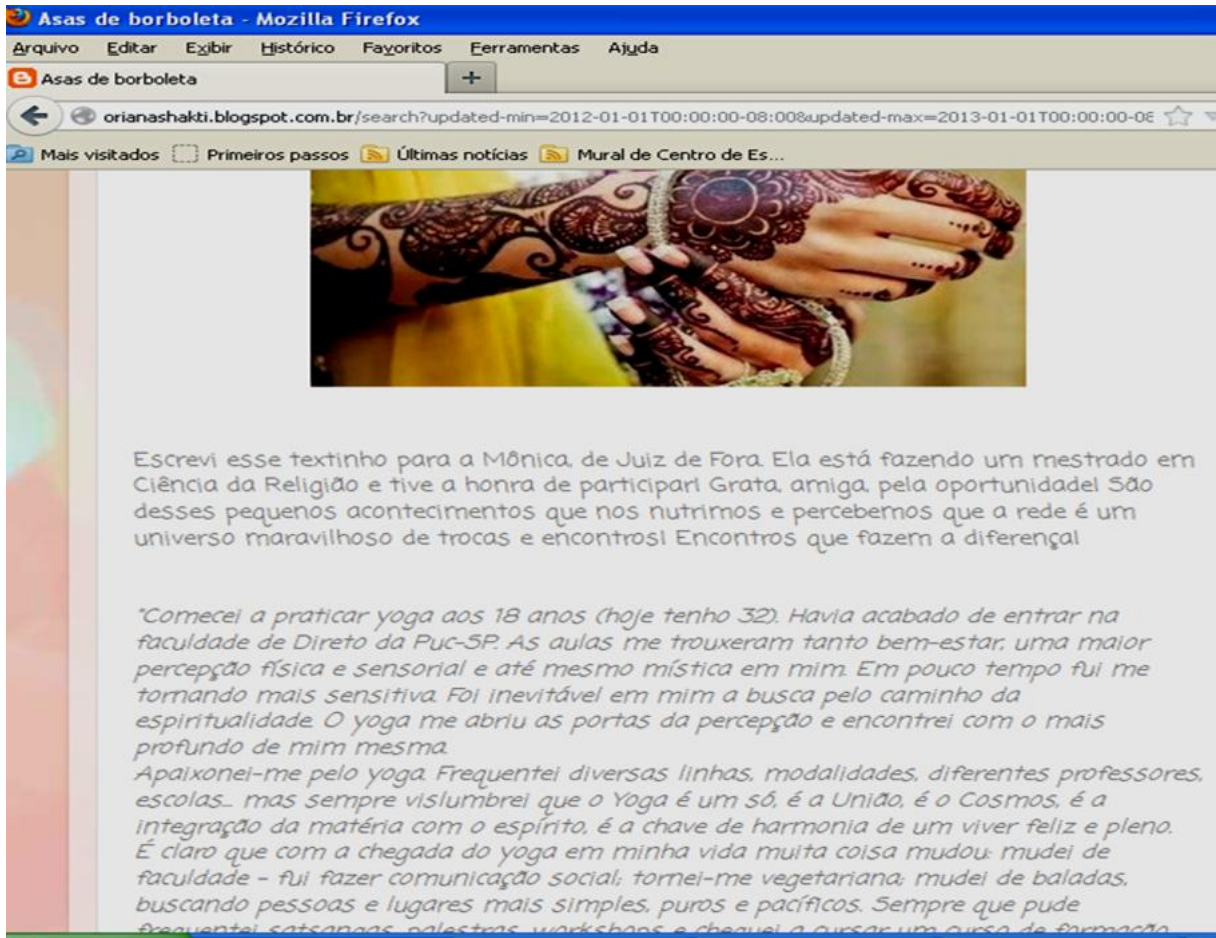


Ilustração 20: Imagem - *Print* de tela: Para Mônica

Fonte: ZAMBONI, Oriana. *Asas de Borboleta*. Campinas/SP, 02 nov.2012. Acesso em 28 set 2012.

Diário 11/10/2012



Ontem a noite ao abrir o meu e-mail, me deparei com um que me chamou a atenção. Uma pesquisadora, leitora do blog, que faz mestrado em ciência da religião e filosofia, gostaria da minha participação em um de seus trabalhos na faculdade UFJF. Fiquei feliz com o convite e percebi a importância que os relatos deste blog tem na vida de muitos. Não tenho tido muito tempo de escrever aqui(...). De certa forma, fiquei inspirada com o convite, comecei a refletir sobre algumas coisas que já dividi aqui, comecei a imaginar que tipo de leitor acompanha os meus escritos, que não tem o intuito de educar, mas incentivar e inspirar as pessoas a serem o melhor de si. Para os alunos de certa forma, este blog, é uma maneira de mostrar a eles, que também já passei por situações do qual muitos enfrentam, que tive erros, vícios e escolhas da qual não me arrependo, não por que tenho orgulho dos erros que cometi, mas por que tenho a certeza que os superei e que posso dizer de cabeça erguida, que sei o peso entre escolher entre sombra e a luz, que sei as consequências de onde levam atitudes inconscientes e conscientes. Que o caminho sofrido me levou a ascensão, que muitos acham que nasci num

berço de ouro, por que aos 30 anos sou dona do meu próprio negócio e posso fazer o que mais amo na vida.



Muitos acham que a vida sempre foi fácil por causa do que já conquistei, mas como todo ser humano que atingiu o lugar onde almejava chegar, enfrentei caminhos de muitos obstáculos, caminhos difíceis, mas como boa guerreira, nunca deixei de acreditar e buscar por um dia melhor, por uma pessoa melhor, nunca deixei de acreditar no ser humano e aprendi com o **Yoga Integral** a perdoar a mim mesma, aprendi a deixar a mágoa pra trás, o ressentimento eu mandei embora após muitas práticas de pranayamas, a dor e o aperto no peito eu perdi depois de muitos asanas que trabalham a abertura do peito, do chackra cardíaco, sempre tive o ombro um pouco fechado. Um dos motivos era a vergonha que carregava do meu próprio corpo, pequena do colo grande, outro motivo eram as dores, as mágoas, a tristeza que carregava dos fatos que não aceitava e que fizeram parte da minha infância. Com o tempo o **Yoga Integral** me ensinou a ir deixando isto para trás, depois de um tempo que consegui me distanciar destes fatos, o yoga me ensinou a perdoar e a aceitar. **Com muito tempo de aceitação e entrega o Yoga Integral me ensinou o verdadeiro significado do que é o amor.** Se hoje eu pudesse descrever em uma palavra o que o Yoga Integral significa na minha vida, eu simplesmente diria, AMOR. (NUNES, Wal. [S.I.]. São Paulo, 11 out. 2012. Acesso em: 13 out. 2012).

Como já observado, os itinerários já costumam integrar o próprio *blog*, aparecendo ora no perfil ampliado do blogueiro, como se pode ver na primeira ilustração a seguir; outras, logo nos primeiros *posts* do *blog*, localizando-o na senda do *Yoga* e no próprio *blog*, dando visibilidade à sua proposta de diálogo a partir dali, como a segunda ilustração explicita.

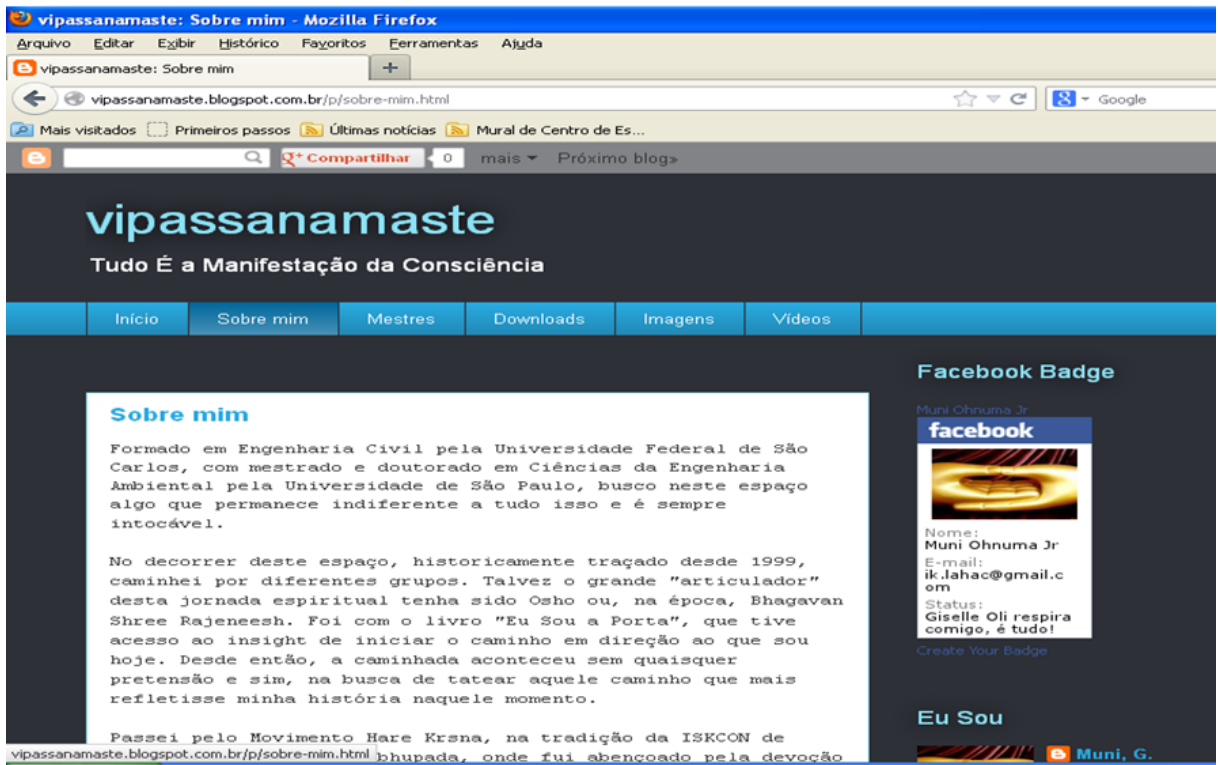


Ilustração 21: Imagem - *Print* de tela: Sobre mim
OHNUMA JUNIOR, Muni. *Vipassanamaste*. Rio de Janeiro, 2008.
Acesso em: 22 set. 2012

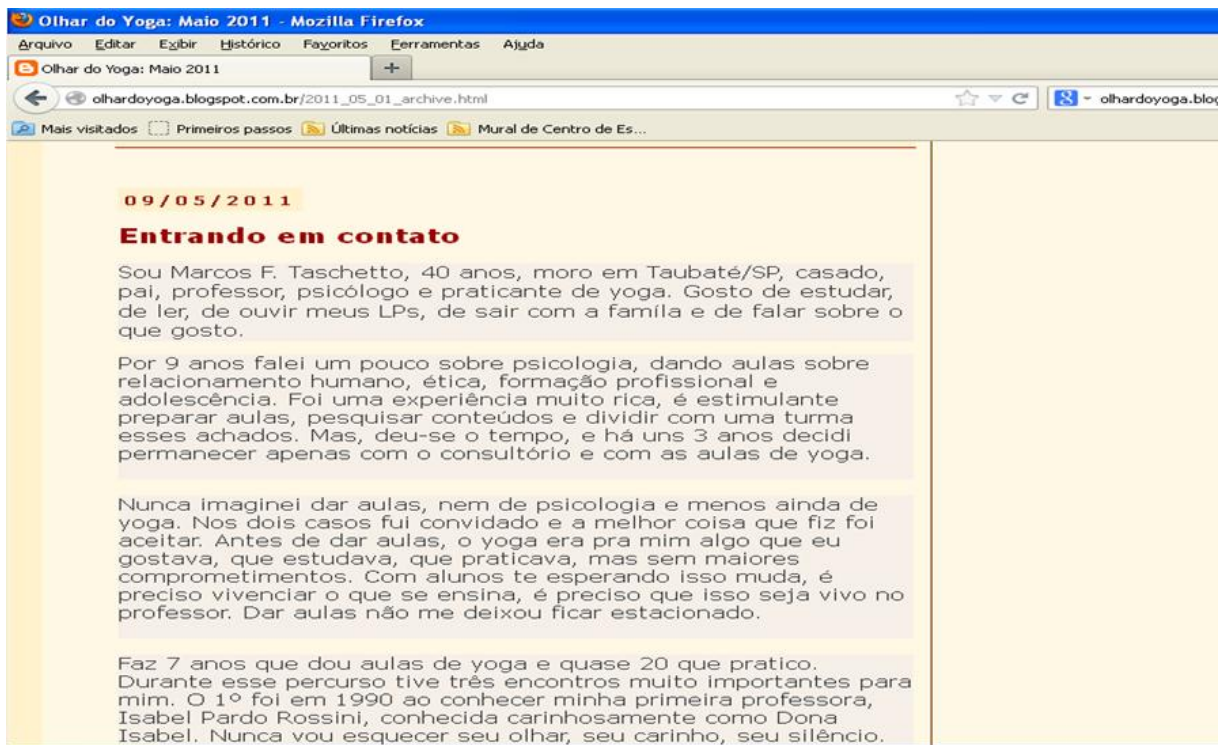


Ilustração 22: Imagem - *Print* de tela: Entrando em contato
TASCETTO, Marcos F. *Ohar do Yoga*. Taubaté/SP, 09 mai. 2011. Acesso em: 13 out. 2012.

Estes relatos criam cumplicidade, aproximam os blogueiros dos leitores, que frequentemente interagem pelas caixas de comentários, identificando-se pelas mesmas trajetórias convergentes ao *Yoga*, convidando-os a conhecer os *blogs* deles também, ou sugerindo outros, que costumam visitar e interagir particularmente. Assim, a *tribo* vai se tecendo, compondo *nós* aqui e ali, enquanto se espalha pelo labirinto virtual.

O que se quer destacar agora, é que parece haver uma *passagem* que necessita ser compartilhada, explicitada, legitimada em diálogo, ainda que este outro seja um mero anônimo, que parece se tornar quase imediatamente, muito próximo pela afinidade da senda e, ainda, um cúmplice pela ambiência do *blog*.

Este reconhecimento advém de alguns marcos que se repetem nas narrativas. Primeiro se percebe uma insatisfação generalizada, quando o adoecimento é frequente. Relatos de estresse, crises de ansiedade, depressão, sensação de vazio, insegurança, decepções afetivas... Jyottimay sintetiza o momento pré-catarse:

[...]era muito ansiosa, angustiada, necessitava controlar tudo. Sentia muitas dores de cabeça, sofria de retenções de líquidos, alterações de humor, prisão de ventre, era irritadiça frequentemente. Fui no fundo do poço para aceitar e entender a vida como ela é e não como eu gostaria que fosse. Ainda tenho muito chão pela frente, mas hoje já da para lidar com a mente, as emoções. Esperar a raiva passar, sentir meu corpo mais inteiro, sem dores de cabeça, problemas digestivos. Mas yoga não é uma solução imediata. Precisa de paciência e disciplina. Não é um remédio que se toma e depois se tem alta. A mudança é real e para sempre, pois a transformação, seja do corpo, da mente ou das emoções só ocorrem porque há consciência, discernimento, responsabilidade. JYOTTIMAY. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <http//myogom@gmail.com/>.Em 16 out. 2012).

O encontro com o *Yoga* acontece normalmente a partir da experiência de uma aula de *Yoga*, mas também pode ocorrer a partir de eventos, livros, vídeos, *sites e blogs*, etc. Shanti traz um relato que se repete no campo:

Estava procurando caminhos para me curar, para voltar a sentir paz em meu coração. Um dos caminhos que surgiu na minha vida foi o Yoga (...)Não procurei o Yoga em nenhum momento como forma de atividade física, de alguma forma que não me lembro, eu já sabia que Yoga não era um monte de posturas complicadas (...)Acho que devo ter feito uns dois meses de aula numa escola conceituada aqui de Salvador, cuja prática se limitava aos asanas, então parei; minha alma estava querendo mais. Comecei a ler sobre a filosofia: Autobiografia de um Iogue, Professor Hermógenes e outros. Alguns meses depois, resolvi fazer o curso de formação, pois eu queria estudar, queria ler sobre a filosofia do Yoga, seus caminhos, seus métodos, enfim. SHANTI. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <http//myogom@gmail.com/>.Em 17 out. 2012).

A partir do *encontro*, as narrativas inscrevem outro marco decisivo nas biografias dos blogueiros, delineando um novo *estilo de ser*, novas escolhas que implicam outras opções de se vestir, de se alimentar, de se relacionar, de entretenimento, e até de estudo, trabalho, sobretudo, delineando um caminho espiritual onde se propõe a uma metamorfose de si pelo *Yoga*, como relata a blogueira Borboleta:

Apaixonei-me pelo yoga. Frequentei diversas linhas, modalidades, diferentes professores, escolas... mas sempre vislumbrei que o Yoga é um só, é a União, é o Cosmos, é a integração da matéria com o espírito, é a chave de harmonia de um viver feliz e pleno. É claro que com a chegada do yoga em minha vida muita coisa mudou: mudei de faculdade – fui fazer comunicação social; tornei-me vegetariana; mudei de baladas, buscando pessoas e lugares mais simples, puros e pacíficos. Sempre que pude, frequentei satsangas, palestras, workshops e cheguei a cursar um curso de formação em yoga. BORBOLETA. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < [http// myogom@gmail.com/](http://myogom@gmail.com/)>. Em 30 out. 2012).

Teerna, relata uma mudança de *olhar*, enquanto fazia uma pausa rápida no longo *e-mail* que redigia à pesquisadora, acenderia um incenso e ouviria um mantra, criando assim, uma ambiência de cumplicidade no diálogo de pesquisa:

Putz, isso é o mais difícil de descrever porque são tantas mudanças e foi por isso que ao ler tuas questões eu demorei tanto pra responder... peraí...vou acender um incenso e colocar um mantra antes de continuar com vc! =) (...) Mudou tudo, mudou quem eu sou. Eu sempre fui muito impulsiva por exemplo, e o yoga me fez respirar antes de toda e qualquer situação. Mesmo respirando ainda erro, mas erro menos que antes. Passei a ver mais o outro, tentar entender o ponto de vista do outro, passei a dar menos importância aos problemas, entregando e aceitando, agradecendo e confiando! TEERNA. Entrevista de campo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < [http// myogom@gmail.com/](http://myogom@gmail.com/)>. Em 01 dez. 2012).

A escolha consciente da própria comida aparece com enorme frequência nos *blogs*, coerente à observância de um dos *Yama* de Patañjali, *ahimsâ*, ou conduta não violenta, em pensamentos, palavras e ações, que legitima a opção pelo vegetarianismo do *yogin*. Os itinerários vão tecendo uma rede afinitária onde são compartilhadas as mesmas inquietações e escolhas; e isso está muito visível nos *blogs*, inclusive, quando se convida o leitor a opinar nas escolhas do blogueiro, incorporar suas experiências também, como se vê no recorte abaixo, que fala da escolha de se adotar, ou não, a dieta vegetariana vegana, mais radical, onde não se consome nada que tenha origem animal.



Ilustração 23: Imagem - *Print* de tela: *Vegan: ser ou não ser*
 Fonte: ROSA, Daniela Santa. *Dani na Estrada*. São Paulo, [s.i.]. Acesso em: 12 out. 2012.

Outra constante, é o redirecionamento profissional, boa parte dos blogueiros incorporou o *Yoga* nas suas vidas integralmente, como Padma, que formada em artes cênicas, hoje trabalha como professora de *Yoga* e acredita que “está onde deveria estar”:

Desde que me assumi inteiramente como professora de yoga tudo foi fluindo de forma tranquila e gradativa, sem sofrimentos, sem tensões. Já vi isso acontecer com outros amigos que começaram a dar aulas depois de mim, que largaram outras profissões para se dedicarem ao yoga. Acho que isso se deve ao fato de que o yoga nos deixa em contato muito mais verdadeiro conosco, a energia acaba fluindo melhor, sem bloqueios.

Então, sobre a pergunta "o que mudou na minha vida após o yoga", tenho que responder: Tudo! Mudei de vida! Mas posso dizer também que, além de ter mudado de profissão e de sonhos, virei uma pessoa mais leve, aprendi a seguir mais o meu coração. Virei uma pessoa mais sensível e mais acolhedora. O mundo do teatro é maravilhoso mas é um mundo com muito ego, e conseguir deixar um pouco de lado a vaidade, a competição, a necessidade de aparecer, é muito gratificante.

Acho que yoga é vida. Por isso, o aprendizado não acaba nunca, e isso é muito interessante, pois nos desafia a estar sempre estudando, buscando, descobrindo, tanto na prática de asanas, que é o meio mais constante que eu escolhi para me dedicar ao yoga (também pratico pranayamas e meditação, mas com menor frequência), quanto ao reflexo que isso tem no dia dia, a forma como lidamos e enfrentamos os desafios, as alegrias e as tristezas usando o conhecimento yogue.(PADMA Entrevista de campo. [mensagem

peçoal]. Mensagem recebida por < http// myogom@gmail.com/>.Em 28 set. 2012).

Além dos pulsares não lineares pelos *blogs*, os relatos recebidos por *e-mail* pela pesquisadora, dão notícia de trajetórias em cosmificação, um processo de catarse pelo *Yoga*, cujas dificuldades experienciadas no passado alavancaram a necessidade de reinventar-se, transformar-se, transmutar-se. Há um movimento pessoal onde se pode perceber um fundo comum, com marcos narrativos de ruptura e ordenamento, que levam a pensar que apesar de singulares e idiossincráticos, estes itinerários dizem de uma dimensão coletiva da experiência de fazer sentido para si.

Estes itinerários parecem edificar outros *templos*, onde aquilo que se vive nos tapetinhos de prática ativa novas percepções do corpo e mente, refinam o sutil e promovem uma nova consciência de si próprio e do outro. Esta trajetória também ocorre *além texto*, já que idiossincrática⁴⁶. Enquanto se narra a própria senda no *blog* também se edificam os próprios marcos, guardando-os de certa forma bem ali, nas memórias do *blog*, pelos arquivos, que ora são organizados cronologicamente, ora por *tags*, ou etiquetas, que é outra forma de organizar os arquivos, a partir de palavras-chave. Talvez dali se queira assistir a si próprio mais adiante, recuperar passagens, refletir sobre elas, editá-las em novos *posts*. Ainda, se quer sobretudo, ser assistido por todos aqueles que ali vão por mera curiosidade, ou em busca de identificação, urdindo uma espécie de *tribo* então.

O *post* abaixo, parece corroborar estas afirmativas, recuperando a ideia de que se está em marcha, e que se ainda engatinha na senda, incorporando também, um rápido diálogo de uma visitante do *blog*:

Sou um bebê



Já falei isso para algumas pessoas. Sou um bebê. Engatinhando. Ainda tenho um mundo inteiro pela frente, ainda tenho que aprender a ficar em pé

⁴⁶ Esta sugestão foi pensada a partir das observações de campo de Sônia Maluf, que pesquisou itinerários espirituais de segmentos das classes médias urbanas no sul do país, que revelavam uma confluência entre o terapêutico e o espiritual. Segundo Maluf (2003, p. 166) “Através dos itinerários singulares, pode-se compreender que a experiência se faz, sobretudo ‘fora do templo’ (uma espiritualidade intramundana, incorporada na vida cotidiana e no ‘estar no mundo’) e ‘fora do texto’, ou seja, do texto de uma tradição definida”.

sozinha, depois vou começar a andar, correr... Ainda é muito pouco o que sei. E vai continuar sendo pouco, daqui a 20 anos. É assim que me sinto com o yoga: um bebê. E adoro isso! É maravilhoso poder olhar pra frente e ver um caminho imenso que ainda tenho que percorrer. Porque a vontade que tenho de percorrê-lo é enorme. E porque mesmo quando tiver 80 anos, e assim 60 anos de prática de yoga, talvez já tenha deixado de ser um bebê, mas não serei mais que uma criança, em plena fase de aprendizado. Para alguns talvez isso seja desanimador, nos dias de imediatismo em que vivemos. Mas eu acredito que quando deixamos de aprender, perdemos nossa razão de existir. Estamos sempre aprendendo, em todas as áreas da vida, mesmo que isso não seja consciente. No caso do yoga, é totalmente consciente. É um mundo extremamente antigo e misterioso que vamos descobrindo aos poucos, e acredito serem poucos na história da humanidade os que chegaram a um ponto onde já se soubesse quase tudo. Sou um bebê porque ainda sei muito pouco, e ainda tenho a vida inteira para aprender. Uma vez falei isso para uma amiga e ela disse: Bom, então se você que é professora, pratica frequentemente e faz os ásanas que você faz, é um bebê engatinhando, o que eu sou? Respondi: um bebê que ainda não aprendeu a engatinhar. A resposta veio rápida, e só depois parei pra pensar nela. Mas é verdade. Algo eu já aprendi. Mas a minha distância da idade adulta é praticamente a mesma que a dela. A única diferença é que já aprendi algo antes, e por isso posso ensiná-la. Namastê!

Postado por Mariana Akamine Bergamasco às 7/19/2008



Fernanda R. Lima disse...

Oi Mariana! Nossa adorei esse seu texto! Me sinto assim também... não sou professora (começo curso de formação ano que vem)e mesmo quando eu já tiver me formado vou continuar achando que sei muito pouco... mas é o que somos mesmo não? Eternos aprendizes! E no Yoga todo dia é um novo aprendizado, um novo olhar sobre o mesmo tema. Namastê! 21 de julho de 2008 16:15

(BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo, 19 jul. 2008. Acesso em: 26 set. 2012).

Observa-se que há um projeto em andamento a partir do *Yoga* que reúne as experiências do *yogin* e lhes dá um sentido de vida, ativando o esforço da autoconstrução de si, reordenando aquilo que parecia disperso, empoderando-o para a transformação. Neste processo se tem por roteiros tradicionais o *Yoga-Sûtras* de Patañjali, o *Baghavad Gîtâ*, os *Upanishads*, os livros dos mestres e *gurus*, os *sites* e *blogs* sobre *Yoga*. Também procura-se por cursos de formação e aprimoramento, *workshops*, vivências em *Âshrams*, viagens de peregrinação por lugares sagrados...

Nesta passagem, pode-se inferir um léxico comum ao campo, portanto, propôs-se ao exercício de delineá-lo enquanto as narrativas eram recebidas por *e-mail* pela pesquisadora.

O léxico em si, parece corroborar a argumentação de que há um *micro-cosmos* em tessitura, cuja urdidura também se amplia ao incorporar a experiência do *blog-tapetinho*, e a de seu visitante, quando registra ali também aquilo que se passou no seu tapetinho particular. A afirmativa leva a sugerir uma espécie de *blogocosmos*, ou um *blogonomos* em andamento. Como vem sendo apresentado, estas sugestões foram se delineando ao longo do estudo, na observação do próprio campo, incorporando o léxico e a semântica a que se teve acesso, a partir do referencial *bergeriano* que compreende a necessidade de cosmificação, de ordenamento significativo da realidade de forma que o *nomos* funcione como um potente escudo protetor da anomia. Na perspectiva da auto-identificação, pode-se sugerir então, que este exercício de ordenamento parece se tornar cada vez mais particular, incorporando a idiosincrasia do blogueiro.

<i>Antes:</i>	<i>Depois:</i>
<i>Angústia</i>	<i>Aceitação, Acolhimento,</i>
<i>Ansiedade</i>	<i>aperfeiçoamento, aprendizado,</i>
<i>Crise</i>	<i>aterramento, autoconhecimento,</i>
<i>Curiosidade</i>	<i>autocontrole, bem-estar, busca,</i>
<i>Desmotivação</i>	<i>calma, caminho, casa, compaixão,</i>
<i>Dificuldades</i>	<i>completude, conexão, confiança,</i>
<i>Doença</i>	<i>consciência, coração, crescimento,</i>
<i>Impulsividade</i>	<i>desbloqueio, descoberta, diálogo,</i>
<i>Insatisfação</i>	<i>encantamento, encontro, energia,</i>
<i>Limitação</i>	<i>entrega, equilíbrio, escolha,</i>
<i>Moda</i>	<i>espiritualidade, essência, estilo de</i>
<i>Perdas</i>	<i>vida, estudo, expansão, experiência,</i>
<i>Situação Limite</i>	<i>ferramenta, firmeza, gentileza,</i>
<i>Somatizações</i>	<i>gratidão, integridade, leveza,</i>
<i>Stress</i>	<i>libertação, maturidade, meditação,</i>
<i>Tristeza</i>	<i>mudança, oásis, paz, percepção,</i>
<i>Vazio</i>	<i>processo, profissão, respeito,</i>
	<i>ressignificação, retiros, segurança,</i>
	<i>sempre, sensibilidade, sentido,</i>
	<i>serenidade, transformação,</i>
	<i>vegetarianismo, verdade.</i>

Ilustração 24: Quadro - Léxico das trajetórias yogins
Fonte: Acervo pessoal

Em ato de tecer a si próprios, os blogueiros parecem experimentar também novas interfaces do eu consigo próprio pela ambiência dos *blogs*, abertas a partir das possibilidades tecnológicas da atualidade. Pelos registros textuais eletrônicos, pode se construir uma visibilidade da trajetória para si mesmos, fios narrativos chave, que ali se registram nas memórias do *blog*, capazes se recuperar a senda no tempo de um jeito novo. É que a urdidura deste fazer sentido para si, já não é mais solitária, pois pelo *blog* também se busca o outro, um suposto companheiro de senda. A jornada deve ser compartilhada, em diálogo, ainda que este se inscreva na lógica da ambiência, a partir das novas possibilidades, agora eletrônicas, de se estar com o outro.

A partir destas considerações, retorna-se à ideia de que os *blogs* poderiam funcionar, então, como oráculos, lugares de fala, lugares de escuta, que se inserem nas novas maneiras de se construir a identificação na contemporaneidade. Melhor dizendo, os *blogs* poderiam ser pensados como tapetinhos de prática numa perspectiva ampliada e também recomposta, já que por ali a senda já não mais necessariamente se modularia exclusivamente numa reflexividade introspectiva, como sugere a prática tradicional? Isto leva a pensar que há um fazer sentido para si próprio que só é alcançado pelo abrigo do outro. Poder-se-ia deduzir, então, que pelos *blogs*, isso se tornaria mais explícito?

Em infinito particular...

Seguindo a sugestão de José Jorge de Carvalho (1992, p. 135) de também incluir a intimidade dos sujeitos nas reflexões acerca da pluralidade religiosa, então propõe-se a compreender o que o campo diz de si próprio, na pista de que ele parece encontrar de fato um *centro* a partir do *Yoga*.

Reconhecendo as narrativas eletrônicas *yogins* como exercícios que refletem a pluripossibilidade de escolhas entre modos de ser, de crer e viver o que se crê a partir do *Yoga*, foi delineado um painel com recortes dos depoimentos recolhidos por *e-mail*, que pretendem traduzir o universo simbólico do *Yoga* entre os entrevistados:

<i>Conexão com o divino</i>
<i>Comunhão com o ser infinito, imutável e eterno</i>
<i>Transcendência de nossas limitações individuais</i>
<i>Reconhecimento do sagrado em mim</i>
<i>Ferramenta de autodescoberta, autocuidado e refinamento pessoal</i>
<i>Descoberta da inspiração e inspiração é amor</i>
<i>Prática espiritual que aponta o caminho do autoconhecimento</i>
<i>Sopro da vida em movimento, o caminho da inconcebível atemporalidade</i>
<i>Descoberta de um caminho espiritual mais aberto</i>
<i>Essência de vida, um modo de caminhar</i>
<i>Pigmento colorido que nos permite vislumbrar a imensidão caleidoscópica do todo, a cada instante</i>
<i>Ressignificação da visão sobre a vida, sobre Deus, sobre espiritualidade</i>
<i>Inspira a ser uma pessoa melhor, à compaixão</i>
<i>Simplesmente é</i>
<i>Cultura, forma de vida inteligente que ajuda equilibrar o corpo, a mente e o espírito</i>
<i>Caminho para a cura interna</i>
<i>Instrumento eficaz para o combate do sofrimento e das angústias identificadas pelo meu personagem</i>
<i>Espiritualiza, aproxima da verdade</i>
<i>Corpo de conhecimento que ensina muita coisa bacana, ajuda, inspira</i>
<i>100% espiritualidade, uma filosofia de vida que pode ser considerada uma religião, dependendo do pano de fundo que se escolher</i>
<i>Caminho para se experimentar aquilo que os mestres descrevem como único caminho válido da vida: a liberdade</i>
<i>Prática para experiências transformadoras</i>
<i>Tudo, o próprio mundo! Sem ele seria muito estranho estar neste mundo</i>
<i>Abre as portas da percepção para o encontro com o mais profundo de si mesmo</i>
<i>União, cosmos, integração da matéria com o espírito, chave de harmonia, de um viver feliz e pleno</i>

Ilustração 25: Quadro - Semântica do Yoga pelos blogs- tapetinhos

Fonte: Acervo pessoal.

A palavra *caminho* destacou-se nos depoimentos. Outras palavras que merecem ser discriminadas: *instrumento, ferramenta, prática*; e ainda, *cultura, filosofia, corpo de conhecimento*. Observa-se então, que o conhecimento experienciado a partir do *Yoga* nos tapetinhos de prática, não ali se restringe, mas amplia-se a todas as vivências do *yogin*. Em si mesmas, elas podem funcionar como singulares laboratórios da transformação do olhar, que faz *reconhecer, descobrir, transcender* as limitações individuais, tornando-se, então: *um*

caminho, ou *um modo de caminhar* que pode conectá-los à *Verdade*, à *Liberdade*, ao *divino*, ao *ser infinito*, *imutável*, *eterno*.

O *caminho*, ou o *modo de caminhar yogin* está intimamente ligado a uma tomada de consciência, que faz nus os condicionamentos culturais, auxilia no *equilíbrio corpo, mente e espírito*, *curando internamente*, já que permite *combater o sofrimento e as angústias identificadas com o personagem*, inspirando-o a viver de forma harmoniosa, feliz, plena.

Enquanto *modo de caminhar*, tem destaque nos *posts* a questão do olhar do *yogin*, como explica a blogueira:

[...]Porque estamos todo o tempo em contato com milhões de coisas que passam rapidamente pelos nossos olhos sem serem notadas, sem serem valorizadas. E o yoga nos ensina a perceber o presente, a perceber o detalhe, a trabalhar no micro para chegar ao macro. Quando estamos presentes, somos capazes de olhar para coisas que geralmente são ignoradas no nosso dia-dia e essa é uma experiência transformadora. Temos que aprender a olhar as coisas com novos olhos. ((BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo, 25 mai. 2009. Disponível em: <<http://algotobreyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 set. 2012).

Dos tapetinhos de prática para os tapetinhos ampliados da experiência cotidiana e destes, para os *blog-tapetinhos* também, a questão da espiritualidade perpassa as narrativas. Frequentemente postam-se textos explicativos acerca da semântica do *âsana*, tentando fazer compreender que a prática dos tapetinhos não ali se limita, já que não se trata de uma mera ginástica, mas do ensaio simbólico da aventura *yogin* de transformação de si próprio mediante disciplina, atenção, propósito, determinação, auto-conhecimento, superação. Como diz Iyengar (2007), o *yogin* caminha em terra, ainda que o queira entre as estrelas. E toda a viagem se passa em si mesmo, é uma jornada de reconhecimento, portanto.

Técnica ou Espiritualidade? - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Técnica ou Espiritualidade?

glaucotavares.blogspot.com.br/2009/03/tecnica-ou-espiritualidade.html?q=espiritualidade


blog do glauco tavares

Mais visitados Primeiros passos Últimas notícias Mural de Centro de Es...

Blog de Glauco Tavares

MAR 24

Técnica ou Espiritualidade?



Antes de começar a escrever este artigo gostaria de deixar registrado que tenho grande admiração e respeito por B.K.S. Iyengar e que faço uso, tanto em minhas práticas pessoais quanto nas aulas que ministro, dos alinhamentos e prop's apresentados por ele. Mas procuro utilizar este conhecimento e estes acessórios para auxiliar, tanto eu quanto as pessoas que estão praticando comigo, a olharem para dentro. Aquietar a mente através dos alinhamentos e da plena consciência do agora faz com que possamos galgar passos mais elevados no caminho do Yoga.

Em minha viagem a Índia em 2009 e ficando, dos 48, 30 dias em Rishikesh que é considerada a capital do Yoga, tive a oportunidade de refletir muito. Em uma destas reflexões veio-me um questionamento: E o que será que vale mais no caminho do Hatha Yoga: técnica ou espiritualidade? Lembrei-me que durante as minhas leituras e aulas que já fiz, muitos professores têm muita técnica, mas muito pouca espiritualidade.

O Yoga existe há pelo menos há 5.000 anos, segundo vestígios arqueológicos de imagens desenhadas em rochas com Deuses em posturas meditativas. Já o primeiro tratado de Hatha Yoga foi escrito somente entre os séculos X e XI de nossa era e chamado de Goraksha Shataka, sendo seu autor o sábio Goraksha Nâtha. Não que o Hatha Yoga tenha surgido necessariamente no século X, mas foi apenas neste período que ele foi compilado e passado para o papel, assim como fez o sábio Patanjali com os Yoga Sutras. Posteriormente foram escritos outros tratados de tão grandiosa importância como o:

Reportar problemas

estudando yoga - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Técnica ou Espiritualidade? estudando yoga

anacabezas.blogspot.com.br/search?updated-max=2009-08-02T21:25:00-07:00&max-results=10&start=100&by-date=f

anacabezas.blogspot

Mais visitados Primeiros passos Últimas notícias Mural de Centro de Es...

Share this on Facebook

Tweet this

View stats

(NEW) Appointment gadget >>

APRESENTAÇÃO DE SLIDES



APRESENTAÇÃO DE SLIDES



APRESENTAÇÃO DE SLIDES

QUARTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 2009

O CORPO COMO INSTRUMENTO (DE QUE MESMO?)

Não raro escutamos falar do corpo físico como um empecilho.

O corpo, em nossa cultura, muitas vezes é tratado como algo que atrapalha a evolução, como algo destacado de quem realmente somos, como se tivéssemos nascido nele por um mero acidente. Ainda assim - como todos os exageros e absurdos que saem pela culatra - temos em paralelo a isso um culto extremo a esse "estorvo", afinal, apesar de ser só o nosso corpo e não ter quase nada a ver conosco, é o que o mundo vê, e parece que cada vez mais vivemos para ver e ser vistos. E dá-lhe funilaria, pintura, desmanche e reposição de peças... E nossa tecnologia é realmente prodigiosa mas, em paralelo a tudo isso, o corpo parece não desistir de dar seus sinais.

Claro! Maravilha é o que ele é.

Que o corpo seja um instrumento do ego pode soar mais corriqueiro aos nossos ouvidos, com tudo o que vemos de condenável nisso (afinal, hoje em dia quase todos adoram falar no sentido do rebaixamento do ego); mas o corpo é sem dúvida alguma um instrumento notável para quem quer ir além. E aí estamos falando de Yoga, de Hatha Yoga, que instrumentalizou o corpo da maneira mais notável.

Vale aqui mais uma citação do genial Iyengar: "O corpo alinha a mente; a mente alinha a consciência". (Ou vamos fundar a Cia Yoga du Soleil de Teatro, Circo e Dança?)

POSTADO POR ANA CABEZAS ÀS 19:58 NENHUM COMENTÁRIO:

MARCADORES: CORPO

DOMINGO, 19 DE JULHO DE 2009

INSTALAÇÃO DA KURUNTHA V

APRESENTAÇÃO DE SLIDES

Ilustração 26: Imagem - Print de telas: Diversos

Fonte: TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo, 24 mar.2009. Acesso em: 23 set. 2012; CABEZAS, Ana. *Estudando Yoga*. São Paulo,[s.i.]. Acesso em: 29 set. 2012

O *Yoga* enquanto *caminho* ou *modo de caminhar* está imerso numa semântica de espiritualidade que tenta frequentemente recuperar o sentido original das práticas dos tapetinhos, ampliando-as enquanto oportunidades de habilitar corpos e mentes, refinando o olhar, para o reconhecimento de que já se tem assento no Absoluto, Verdade, Liberdade, o Si-Mesmo... O *post* abaixo, corrobora a afirmativa de que ater-se aos *âsanas* é apenas molhar os pés nas margens e instiga ao *yogin*, leitor do *blog*, a adentrar no oceano do *Yoga*:

Yoga é um oceano



O *yoga* é como um oceano... vasto, profundo, surpreendente. Cada um se relaciona com este oceano da forma que pode e quer, e há muitas formas.

Uns sabem que ele existe, já ouviram falar, mas nunca o viram e nem estão interessados nisto. Outros já o viram por fotos, livros e vídeos, e isso basta. Outros o admiram de longe, da calçada de uma orla urbana. Que bela paisagem! Alguns outros gostam de molhar seus pés nas águas rasas e mansas. Outros passam o dia nadando, brincando ou surfando em suas eternas ondas. Outros o atravessam, de margem a margem, em barcos e navios, mas não o tocam. Outros tiram dele seu sustento, o enfrentam todos os dias, conhecem suas variações e ritmos. Outros mergulham de fato nele, pesquisam, vão fundo.

Todos se relacionam com o oceano, cada qual a sua maneira. Mas aquele que apenas molha seus pés não faz idéia do que há no mais fundo. Há muitas formas de se relacionar com o *yoga*, e em todas elas podemos tirar proveitos e receber muitos benefícios, mas isso pode nos deixar acomodados no mínimo, no prazer pequeno. *Yoga* vai muito além de alongar músculos ou de trazer um pouco de relaxamento, além dessa praia há um vasto oceano a se navegar e mergulhar. Pela prática dedicada do *yoga* avançamos mar adentro, e o tamanho deste oceano chamado *yoga* é exatamente o tamanho da Consciência. *Yoga* é a própria Consciência, que começa pela restrita e contida no âmbito pessoal, mas que não se limita a ela, vai além, muito além. (TASCHETTO, Marcos F. *Ohar do Yoga*. Taubaté/SP, 30 nov. 2012. Acesso em: 30 nov. 2012).

Somando-se à metáfora do *post*, pode-se também sugerir o exercício de *abrir janelas*, que impera *devorar a casa*, reconhecer as limitações, os condicionamentos culturais, as prisões mentais que estão guardadas em penumbra. Há de se meditar, iluminar o que turva o ver, polindo as lentes, com a própria areia do caminho. Nesta jornada, criam-se espaços para a auto-observação enquanto personagem no drama de si próprio. O acesso a esta percepção é todo o lado de fora, que como em exercício de ampliação do círculo, ou seja, o seu corpo e mentes, quer diluir a própria circunscrição e progressivamente, a todas as quais se submete, a ponto de não mais circular ou estar circulado por nada, mas apenas contido no absoluto.

Destaca-se um *post* que traduz o sentido das práticas meditativas *yogins* e da iluminação no campo, sempre dentro de um propósito que rompe as circunscrições do eu para a inclusão do que o envolve, num pulsar acolhedor bem largo que “quando você muda seu comportamento, suas atitudes, seus gestos e neles só existem amor, respeito e gratidão, você transforma o ambiente e as pessoas que estão ao redor”:

Espiritualidade se mostra no dia-a-dia

O que é a iluminação?

Para alguns, um processo místico que ocorre quando a energia representada por uma Serpente e conhecida como Kundalini é desperta e sobe pela coluna vertebral atingindo o Sahashara Chakra, localizado no topo de nossa cabeça. Esta Kundalini está localizada no Muladhara Chakra que é nosso centro energético localizado próximo a base de nossa coluna. Para outros, um processo endócrino pela liberação de um hormônio pela glândula Pineal. Segundo o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, médico, pesquisador do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, em seu estudo sobre a pineal, chegou à seguinte conclusão: "A pineal é um sensor capaz de ver o mundo espiritual e de coligá-lo com a estrutura biológica. É uma glândula, portanto, que 'vive' o dualismo espírito-matéria". Mas independente do que acreditamos ser o estágio final da iluminação e como ele ocorre, estive pensando sobre o processo, a busca. **Para que nós buscamos a iluminação?** Para estarmos em estado de consciência elevada, certo? Estado este conhecido como Samadhi, estado Búdico, Nirvânico, de Consciência Crística ou, como citado no Livro de Alexandre Campelo: “Jesus, o Cristo Yogue”, o estado de Kutastha Chaitanya (Kutastha = o que está em cima, no cume, na cúspide, situado no alto. + Chaitanya = espírito, inteligência, pureza). Mas para que serve este estado se não para ajudar as pessoas? Será que todos que buscam este estado de supra-consciência sabem que este caminho é difícil, exige disciplina, auto-observação, é trilhado sozinho mas ao atingí-lo o resultado deixa de ser individual e passa a ser coletivo? O que fizeram alguns seres citados a seguir, dos inúmeros iluminados que já estiveram entre nós, senão ajudar outras pessoas a encontrar este mesmo caminho: Sidarta Gautama, Jesus Cristo, Paramahansa Yogananda, Swami Shankaracharya, Lahiri Mahasaya, Swami Vivekananda, Swami Sivananda, Yukteswar, Moisés, Lao Tsé, Confúcio, dentre outros. Através de meus estudos sobre a vida, por enquanto, de Sidarta Gautama e de Jesus Cristo, tenho a convicção que a espiritualidade de uma pessoa se mostra no dia-a-dia, nos relacionamentos, nas reações diante das adversidades, nas atitudes e nos gestos. **Por isso que considero o estado de iluminação como um resultado coletivo, pois quando você muda seu comportamento, suas atitudes, seus gestos e neles só existem amor, respeito e gratidão, você transforma o ambiente e as pessoas que estão ao redor.** Pois de nada adianta ser uma pessoa “espiritualizada” dentro de uma sala ou em um parque durante um processo meditativo e ao término voltar “ao mundo” mantendo suas atitudes grosseiras e seus relacionamentos conturbados. Fica claro para mim que o processo de meditação nada mais é que uma base, um alicerce. Meditamos para que possamos aquietar nossa mente e despertar a nossa consciência, nos aproximando assim de nossa essência, do sagrado que há em cada um de nós. E finalizando o processo meditativo em sala, precisamos manter este estado meditativo em nosso dia-a-dia, não com os olhos fechados e em postura meditativa, mas em nossos relacionamentos,

nas atitudes, nos gestos. Pois o que há em nossa essência senão a amor de Deus e incondicional. (TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo, 12 ago. 2010 .Acesso em: 23 set. 2012).

Tentou-se captar então, o léxico do campo que pudesse traduzir a *pulsção* para este *sair de si*, ou iluminação, entre os blogueiros *yogins*, solicitando-lhes que fosse traduzido em apenas uma palavra o significado de *Yoga*. O resultado foi inserido em uma imagem simbólica de estrela, já que vem-se trabalhando a jornada *yogin* a partir da metáfora de Iyengar (2007), enquanto uma caminhada em terra, mas entre as estrelas, rumo a libertação de tudo aquilo que lhe turva o reconhecimento e o tomar posse da Liberdade que já lhe contém. O encaminhar-se não conduz a um lugar de fato, mas é muito mais uma purgação epistemológica, um morrer e um renascer, um voltar a Si, ou uma saudosa volta para *casa*.



Ilustração 27: Imagem - Semântica do Yoga em uma palavra
Fonte: Acervo pessoal.

A palavra que apareceu com grande frequência foi *amor*, sendo citada por um quarto do campo⁴⁷. No campo, pode se conjecturar então, que estar em *yoga* é estar em relação amorosa com uma Verdade infinitamente amante e portanto, também infinitamente amável. Na sequência, vieram “vida”, tendo também destaque na estrela: “tudo”, “união”, “autoconhecimento”, “união” e “consciência”. Todas as palavras citadas foram incorporadas ao gráfico, pois frequentemente os blogueiros não se limitaram a traduzir em apenas uma palavra o caminho pessoal no *Yoga*.

Para Berger (2010, p. 56) é pela linguagem que as subjetividades do eu se fazem mais reais, não apenas para o interlocutor, mas também para si próprio. É a linguagem que irá tipificar as experiências e também cristalizar e estabilizar a subjetividade. Enquanto conversa, dialeticamente, exterioriza, objetiva e novamente interioriza, cosmificando, ordenando, construindo referências para uma interlocução plausível.

A partir deste viés interpretativo, seguem abaixo, alguns exercícios de *conversação* entre blogueiros e leitores dentro da proposta da tradução da semântica do imaginário do *Yoga* no próprio campo:

Reflexão sobre a meditação

Meditação tem como função ampliar nossa visão de vida, para percebermos que estamos no oceano da vida e não ilhados. O meu corpo faz ondas. E também recebo ondas dos outros (impacto e sou impactado). Quando nos identificamos somente com a onda, nos limitamos. Sair desse confinamento que eu mesmo me limito para compreender que estou no oceano da vida. É preciso ter espaço para essa compreensão. É preciso ter uma âncora na prática e na vida para não ser levado pelos estímulos de todas as variedades. Por isso, temos que entender que não termino aqui, permeio em tudo e tudo permeia em mim.



Ana Paula, 17 de maio de 2012 16:49

Oi Renata tudo bem?espero que sim...Gostei muito da sua reflexão sobre meditação e venho pedir autorização para publicá-la no meu blog - com os devidos créditos é claro! Obrigada.
Namastê.<http://papodeyoga.blogspot.com.br/>
Responder

⁴⁷ Cavalari (2011, p.241) ,ao estudar a trajetória de professores de *Yoga* em Campinas/SP durante a sua tese de doutoramento na Unicamp, também buscou pelas narrativas, delinear palavras e imagens que definissem *Yoga* no campo. Observou também, que teciam-se sínteses a partir da palavra “amor”, relatando que o *Yoga* representaria, então: “a ‘relação amorosa’ consigo mesmo, com os outros e com a natureza, sustentada pela liberdade de ser quem somos”.



Re Mendes 17 de maio de 2012 17:53

Oi Ana Paula,
Fique a vontade de publicar essa reflexão!! Adorei seu blog!
Namaste!

(MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, 16/17 mai. 2012.. Acesso em: 04 jun. 2012

Como você se relaciona com o seu presente?



Você realmente está vivendo o seu presente ou o está usando para alcançar o futuro? É uma questão para se pensar, não? Alguns de nós simplesmente ignoram o presente e vivem lembrando do passado, ou imaginando o futuro. Mas há também quem aprendeu a viver e aceitar o presente, pois essa é a única forma para alcançar os seus objetivos - depois. Sendo assim, o agora não é realmente o que importa. Na prática de ásanas, isso fica bem claro quando aceitamos os nossos limites porque é o que temos no momento, mas praticamos com o objetivo de alcançar algo além depois de muito tempo de prática. Sim, de fato o tempo nos ajuda a evoluir mais e mais. Mas não devemos praticar com a intenção de "um dia fazer aquela postura como a moça da revista", mas sim de viver e sentir os nossos limites no exato momento em que eles surgem. A dor, o desconforto ou a limitação nos faz crescer, não só porque aprendemos a superá-los, mas porque nos faz sentir vivos e presentes. E assim, paradoxalmente, a evolução vem mais rápido. E durante a meditação? Ouvimos o tempo todo frases como: "Meditate, porque com o tempo você vai se sentir muito melhor". "Meditate, pois você ficará muito menos doente", entre outros. Então, ao refletir sobre esse tema, me veio a seguinte frase: Medite, pois é a melhor coisa que você pode fazer agora. E só. Experimente fazer o seguinte exercício: da próxima vez que você caminhar, seja pra onde for, tente simplesmente caminhar. sinta os seus passos, o seu corpo. Sem alimentar nenhum pensamento, simplesmente ande. Eu já fiz isso algumas vezes, e é bem difícil. Porque sempre andamos em direção a algo, seja o trabalho, a padaria ou o banheiro, quando damos o primeiro passo, nossa mente já está lá, no ponto de chegada. No futuro. Isso não quer dizer que você não deve fazer planos. Eles são importantes e saudáveis. Mas a sementinha sendo germinada, a ação de colocar a água, os primeiros brotinhos, deveriam ser tão importantes na nossa vida quanto o vaso cheio de flores. E não há dúvidas que quando cultivamos com amor e paciência, a flor nasce muito mais bonita. Então, a cada dia, deveríamos nos fazer de novo a mesma pergunta: Como estou me relacionando com o meu presente?
Namaste!

NelsonMP disse...

O presente é o nível intuitivo, é dele que nasce o Novo. As práticas meditativas nos colocam receptivos a este nível. Com o tempo vamos alcançando uma estabilidade de estado meditativo, uma certa sintonia intuitiva, que flui independente das nossas atividades no momento.

Assim vamos nos tornando capazes de ver o Novo em todas as direções inclusive nas cenas do passado que deixam de ser repetidas e começam a revelar a essência de cada instante da nossa vida, seus significados e as suas verdadeiras conexões.

O presente é uma certa profundidade de vida, é um ouvir com o coração, é uma aceitação ativa, é um contentamento sereno e confiante. O perdão, a desilusão e o desapego também nos auxiliam a alcançar a leveza do presente. Nele há muito mais luz, portanto o presente é libertador. O melhor exercício de concentração é a prática de amor desinteressado. Quanto mais no presente estamos, mais conscientes ficamos do nosso verdadeiro Ser.

Como diz a sabedoria popular: "Deus está no Presente".

31 de maio de 2010 13:06

Gabriela disse...

Mari, amei seu texto, e se encaixou direitinho na minha vida agora...porque eu sempre me faço essa pergunta...mas acho que nesse momento que estou agora, nessa viagem, estou aproveitando muito mais o presente do que antes, porque antes tudo o que eu fazia era voltado para essa viagem, agora é ela que esta acontecendo. Beijão! E amei a foto heim! Que fotografia!!!

10 de junho de 2010 15:57



Mariana Akamine Bergamasco disse...

Fá, boa ideia, vou fazer o mesmo!! Gabizinha, que honra a sua visita!! Amei!! E certeza que a foto ajudou e muito no texto, é liiiiinda, por isso que eu roubei! eheheh! Nelson, obrigada pelo seu comentário!

10 de junho de 2010 22:15

Mario Cassettari disse...

O tempo é um artifício que inventamos para distrair a vida. Quanto mais a cabeça pensa, menos presente estamos. Viva mais com o coração, viva mais com a alma, viva mais com os institutos...Quanto mais penso nisso, mais atrasado fico pra Yoga. Hahaha Obrigado pelas aulas.

bjs

12 de junho de 2010 09:55



Mariana Akamine Bergamasco disse...
 Adorei o seu comentário, Mario! Totalmente yogue! Obrigada!
 14 de junho de 2010 13:05.
 (BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo, mai/jun.
 2010. Acesso em: 26 set. 2012

O que pode ser observado é que a *conversação bergeriana* se inscreve em novos territórios, descolados das tradicionais relações face-a-face. Portando, isso leva a supor novas urdiduras do *blog-dossel* particular. *Micro-dosséis* que necessitam construir plausibilidade para o léxico, a semântica, que portanto, precisam reconhecer-se dentro de uma ética específica, dentro de uma rede de símbolos, de uma ritualidade eletrônica e ainda, de uma rede afinitária de conversação.

Os *blogs* podem ser vistos então, como prováveis *nós eletrônicos*, tecidos pelas possibilidades interativas abertas pela tecnologia. Novas experiências para o reconhecimento de que não se está sozinho, renovando o trânsito do ir e vir ao outro e do outro, pelas novas ritualidades, linguagens, espacialidades e temporalidades, que esboçam novas formas de ser, de crer, de viver o que se crê em conversação.

Pelo exercício do abrigar-se no outro, pode-se então, confirmar para si próprio a senda no *Yoga*, acolhendo-se em si mesmo também, o que faz sugerir compreender os *blogs yogins* como um provável micro-cosmos, uma espécie de *blog-dossel*, capaz de organizar aquilo que se experencia nos tapetinhos de prática e deles, para a experiência cotidiana, em novas experiências ampliadas, agora eletrônicas: o meditar narrativo dos *blogs-tapetinhos*.

3.3 PELOS *BLOGS*: SELANDO PACTOS ELETRÔNICOS *YOGINS*?

Blog-yogando...

Yogando

Quanto mais eu pratico, mais eu quero permanecer nesse estado... e acabo praticando mais e mais...É na prática que amarro a teoria. A existência do Prana faz sentido quando a coluna esquenta. Percebo que a abstenção dos

sentidos é possível quando o tempo fica relativo durante a meditação. Às vezes parece que fiquei horas sentadinha me procurando e... passaram-se minutos. Ou fecho os olhos um minuto prestando atenção no caminho do ar dentro e fora e quando abro os olhos... o sol está se pondo! Conhece-te a ti mesmo. Comece pelo seu corpo. Do que você é capaz? Mas não pare no corpo. Continue se perguntado... do que você é feito? De onde veio isso tudo? É o início do caminho... não esqueça de olhar em volta... curta caminhar o Caminho. Diria pra você ter cuidado, mas não vai ter jeito. Você também praticará cada vez mais...

NEVES

A epígrafe parece traduzir o imaginário comum ao campo, qual seja, o de utilizar os *blogs* enquanto espaços ampliados para os tapetinhos de prática convencionais. É uma meditação em exploração textual, que tanto dialoga a partir do tapetinho do blogueiro, como também se propõe a acolher o tapetinho do leitor. Pelos *blogs-tapetinhos*, derramam-se então, os pulsares enquanto se tece sentido para a prática, que parecem sugerir o ativar de micro-ordenamentos do mundo.

A partir de Danièle Hervieu-Léger (2008, p. 157-159) pode se dizer que a auto-validação da crença carece de estratégias de posicionamento identitário, que incluem encontrar os meios de consolidar os universos pessoais de sentido afinitariamente. Portanto, a auto-validação em si, ou o encapsulamento subjetivo desta, a cada um a sua verdade, acena muito mais, como uma tendência limite. Para a autora, a própria diversificação do crer leva à proliferação comunitária, o que Maffesoli (2010) compreende como o “tribalismo moderno”. Para o autor, impera o sentimento de pertença, de delimitação de um território, ainda que simbólico, onde se reconheça dentro de uma ética específica e dentro de uma rede de comunicação (MAFFESOLI, 2010, p.224).

Por este viés interpretativo, a peregrinação do sentido quer dialogar a subjetividade, validar os micro-ordenamentos. Ainda, se há recusa aos códigos globais de sentido, também não se quer que ela permaneça como um mero exercício solitário. Hervieu-Léger (2008, p. 159) faz compreender então, que para além de uma tendência limite, a auto-validação cede lugar à validação mútua da crença: “fundada sobre o testemunho pessoal, a troca de experiências individuais e, eventualmente, sobre a busca das vias de seu aprofundamento coletivo”.

As experiências coletivas pelas redes sociais da *internet* atuais parecem corroborar a afirmativa da autora, onde afinitariamente, as pessoas unem-se, ainda que de forma líquida, já que talvez meramente pontual, para compartilhar interesses os mais diversos e também se mobilizar pelas causas políticas, religiosas, humanitárias, ecológicas, etc.

Nesta ambiência, os *blogs* acenam como ensaios narrativos de subjetividades em expressão que incorporam a tecnologia para os exercícios pessoais de fazer sentido para si, explorando as possibilidades abertas de interface, para se incluir em novos jogos de afirmação identitária, que acenam validar em diálogo tribal, a própria trajetória de sentido.

Nesta pista, observou-se os *blogs* como tentativas de construção do próprio material cognitivo do micro-ordenamento da realidade, que abrigado do face-a-face, incorpora uma visibilidade intencional da própria intimidade daquilo que é experimentado, dentro de uma lógica comum à ambiência, ou seja, *sou visto, logo existo*. Enquanto se dialoga afinitariamente pelas telas, parece que vai se tecendo um *nó*, um *nó eletrônico* de identificação, que mantém ativa a necessária *conversação* bergeriana (2004) para revisitar e atualizar a própria subjetividade, que mais uma vez, retorna ao *blog*, dialeticamente, narrando os micro-ordenamentos.

Pensando desta forma, empreendeu-se então, alguns exercícios de estudo. Primeiro, a pesquisadora quis investigar as motivações dos blogueiros para manter a mídia no ar, o que pode ser verificado no painel abaixo, composto pelos depoimentos particulares recolhidos por *e-mail*, com grifos dela:

BLOGUEIRO	FIZ O BLOG PORQUE...
AJÉ OMIN	sentia necessidade de dar vazão a tudo o que pensava e experimentava no caminho do Yoga.
ANDARILHA	de certa forma as pessoas precisam conhecer as minhas escolhas, as minhas superações e se verem também no meu mundo. Perceberem que eu também traço um caminho não muito

	diferente do delas.
<i>BORBOLETA</i>	ele veio sem eu nem perceber, e desde então ele faz parte da minha trilha, sem pretensão alguma; sutilmente ele se borda, se desenha como asas de borboleta que voam colorindo o jardim. É meu companheiro, amigo, confidente, e talvez um serviço que presto à comunidade, de alguma forma... quem sabe?.
<i>BORBOLÓTUS</i>	uma forma de manter um diário, que sempre gostei de ter, mas especificamente no tema Yoga. E com o tempo fui compartilhando com meus alunos e amigos.
<i>EMYOGA</i>	para me expressar , expressar minhas experiências. É isso que me mantém motivado para manter o blog.
<i>GOPALA</i>	uma forma de sintetizar pensamentos e impressões coletados ao longo dos meus últimos (mais de) vinte anos envolvido com Yoga.
<i>JYOTTIMAY</i>	escrever as coisas que vou aprendendo, para dividir com quem busca e está neste mesmo caminho. Conhecimento é para ser dividido, questionado.
<i>KURU</i>	ter contato com pessoas que não conheço e explorar minhas experiências livremente... me estimula bastante, fico muito mais atento às minhas experiências cotidianas. Gosto de escrever sobre coisas frescas, novas, ainda nascendo em mim.
<i>LIBERDADE</i>	ali ensino, aprendo, troco informações, ganho alunos, amigos e ainda tenho minha biblioteca pessoal, já que o blog vai guardando todas as suas publicações, montando um banco de dados.
<i>LUZ</i>	porque organiza meus pensamentos... O que serve para mim, mesmo que seja íntimo e pessoal, pode ser útil para um irmão.
<i>MUNI</i>	surgiu como uma oportunidade para expressar e compartilhar parte daquilo que me faz enxergar o mundo. Acaba sendo uma ferramenta de diálogo, primeiro comigo mesmo, depois com o exterior.
<i>NAESTRADA</i>	 dividir alguns de meus pensamentos com outras pessoas e me expressar.
<i>NIRODHAH</i>	para postar com liberdade coisas que vão tomando forma pelo caminho.
<i>NOPRESENTE</i>	me faz bem ter um lugar pra me derramar . Tenho leitores assíduos, e muitos amigos que vieram dele, sabia? A gente acaba interagindo muito via face, twitter, email...
<i>PADMA</i>	gosto de escrever sobre coisas que tenho vontade de dividir com outras pessoas sobre Yoga e espiritualidade.
<i>PEREGRINO</i>	 expor minhas idéias e artigos que escrevi ao longo dos meus dias.
<i>PRAKASH</i>	quando fui pra Índia... Acabou se tornando uma terapia , uma maneira de digerir as descobertas e transformações mágicas que vivi por lá.
<i>RASA</i>	todos os anos vou para Índia estudar e varias pessoas ficavam curiosas em saber o que estava aprendendo, por onde estava viajando...
<i>SARIE</i>	uma necessidade de compartilhar tudo aquilo que eu estava descobrindo. Era um olhar tão novo e especial, que me fazia tão

	bem, que eu não poderia ficar com isso guardado só para mim.
<i>SHAKTI</i>	percebi que o blog era um ‘canal’ para dar minha opinião, expor outros lados das coisas, não só da Yoga... Ele tornou-se uma motivação para estudar, pesquisar e compartilhar.
<i>SHANTI</i>	fiz como uma fonte de estudo , fiz para meus alunos... é uma forma de me resgatar de vez em quando, quando me perco nos caminhos da vida.
<i>TEERNA</i>	sem grandes pretensões, mas na sequência resolvi viajar pra Índia e achei que o blog seria uma boa maneira de compartilhar a viagem com meus amigos e família.
<i>YOGINI</i>	eu tinha a vontade de expressar o que uma pessoa que desejava se tornar uma yogini pensava, achava etc..
<i>ZÉ ROBERTO</i>	meu blog não é daqueles que somente prezam o copiar e colar, os artigos são todos escritos por mim e o blog é um jornal/revista digital sobre Yoga.

Ilustração 28: Quadro - Fiz o *blog* porque...

Fonte: Acervo pessoal.

Ainda, quis se sondar o imaginário dos blogueiros acerca das visitas, ou das incursões do leitor do *blog*. Afinal, por que por ali ele transitaria, inclusive, tornando-se explicitamente um seguidor?

BLOGUEIROS	TALVEZ BUSQUEM ALI...
<i>AJÉ OMIN</i>	soluções e/ou apoio para suas práticas pessoais.
<i>ANDARILHA</i>	pode ser uma inspiração pra muitos [...]. Atraímos semelhantes.
<i>BORBOLETA</i>	algum tipo de conforto (ou conhecimento) espiritual.
<i>BORBOLÓTUS</i>	há muita interação , principalmente no Facebook. Seja com amigos, com praticantes de Yoga, e com meus alunos e ex-alunos.
<i>EMYOGA</i>	os relatos que tenho de leitores é que se identificam muito com os escritos. Dizem que a escrita é simples, mas ao mesmo tempo profunda.
<i>GOPALA</i>	Tenho a impressão que muitas das pessoas que acessam o blog já possuem uma prática, pelas suas colocações e feedbacks .
<i>JYOTTIMAY</i>	Não penso muito. Leem para pesquisar , para buscar inspiração , para me conhecer e saber o que penso também.
<i>KURU</i>	Gostaria de receber mais comentários, opiniões, perguntas ou questionamentos [...]. Acabo ficando sem muita referência de como digerem o texto e sem dicas sobre que caminho poderia ser interessante de se tomar
<i>LIBERDADE</i>	complemento para praticarem em casa ou lerem e se aprofundarem mais.
<i>LUZ</i>	Não os conheço, então não posso pensar nada.
<i>MUNI</i>	talvez uma leitura espiritual de forma mais imparcial... uma

	visão concentrada, porém com temas livres, focados na ideia da espiritualidade, autoconhecimento e a própria Yoga .
<i>NAESTRADA</i>	são pessoas como eu, que lêem blogs sobre assuntos que os interessam [...] se identificam com o que eu escrevo ou buscam alguma informação [...].
<i>NIRODHAH</i>	a troca só pode acontecer a partir do momento em que você se coloca sem se preocupar com o que os outros vão pensar ou não, sendo fiel à sua verdade .
<i>NOPRESENTE</i>	O blog não é espaço para trocas! Ele é meu, meu toooooooooo meu! [...] Agora, nos comentários , pode fazer o samba do crioulo doido. Quanto mais rebolarem por lá, melhor.
<i>PADMA</i>	o outro é sempre importante pra mim.
<i>PEREGRINO</i>	acredito que os leitores são pessoas questionadoras , como eu, sobre a vida , sobre seu sentido e como podem ser melhores consigo e com os outros.
<i>PRAKASH</i>	como não faço divulgação maior do mesmo, ficou restrito às pessoas mais próximas [...] mas acredito que a importância maior tenha sido pra mim mesma, foi o que me manteve lúcida.
<i>RASA</i>	acredito que são pessoas que já estiveram em contato comigo ou tenham algum interesse em Yoga.
<i>SARIE</i>	afinidade de interesses e de busca [...] como girassóis buscando a mesma luz , descobrindo o sagrado em cada momento de nossas vidas.
<i>SHAKTI</i>	sempre comentam e se mostram interessados nos assuntos que publico .
<i>SHANTI</i>	acho o máximo quando vejo seguidores, pessoas que gostam, que elogiam , nunca recebi uma crítica negativa, estabeleci contatos com pessoas legais.
<i>TEERNA</i>	Acho que inspiração, parceiros que estejam em um caminho parecido. Alguns leem por curiosidade, pra entender mais de Yoga, mas acredito que no geral buscam uma mensagem de inspiração, consolo, força, de humanidade .
<i>YOGINI</i>	algo sobre o tema do Yoga ou desejam saber o que uma aspirante a Yogini pensa... rsss...
<i>ZÉ ROBERTO</i>	realmente se interessam pelo tema Yoga e assuntos afins. Eles lêem meu blog porque gostam dos artigos que escrevo por terem bom conteúdo e através deles ficam bem informados sobre o que acontece no mundo do Yoga em termos global, com uma pitada de autoconhecimento também.

Ilustração 29: Quadro - Talvez busquem ali...

Fonte: Acervo pessoal.

No primeiro painel, delineado a partir das motivações que alimentam o *blog* no ar, algumas expressões foram ali destacadas na tentativa de tecer um imaginário narrativo comum ao campo como: “dar vazão a”, “conhecer”, “se verem também”, “perceberem que”, “um serviço que”, “uma forma de”, “expressar minhas”, “uma forma de sintetizar”, “vontade

de dividir com”, “ter contato com”, “explorar minhas”, “aprender”, “trocar”, “guardar”, “organizar”, “compartilhar”, “derramar”, “descobrir”, “interagir”, “digerir”, “resgatar”, etc.

As palavras “expressar” e “compartilhar” são muito recorrentes, o que parece corroborar as hipóteses iniciais de estudo a partir de Hervieu-Léger (2008) e Maffesoli (2010). Pelo segundo painel, que delinea as motivações do leitor para incursionar na textualidade dos *blogs*, observa-se que na narrativa do imaginário dos blogueiros aparecem palavras como “inspiração” e “identificação”, destacadas pela pesquisadora, ao lado de outras também relevantes como: “conhecimento”, “busca”, “afinidade”, “parceria”...

Verifica-se uma preocupação constante com o leitor, sendo comum a justificativa de uma ausência pronunciada, uma constante no campo, já que os *posts*, no geral, seguem o ritmo das pulsações do blogueiro, espaçando-se aleatoriamente no arquivo do *blog*. Pela seleção abaixo, pode se verificar também, uma pequena amostra do diálogo afinitário que se tece entre blogueiro e leitores, já que os comentários foram integrados à citação principal:

Algumas pequenas considerações...
 Faz muito tempo que não escrevo nesse blog. E, ainda assim, vire e mexe aparece algum seguidor novo. Então, em consideração a essas pessoas que começaram a acessar o "Algo sobre yoga" há pouco tempo, queria dizer que esse blog é assim mesmo! Já tive algumas pausas desde que ele foi criado. A verdade é que gosto de escrever quando me vem a inspiração. Tem um monte de coisas na vida que temos que fazer porque temos, faz parte. Eu, graças a deus, acho que a minha lista de coisas assim é até pequena. Escrever é um prazer, mas para que siga sendo um prazer, às vezes tenho que tirar umas feriazinhas... Então, dou as boas vindas a todos que leem o blog de vez em quando, e que tem paciência de esperar quando a autora aqui tá com pouca vontade de dividir as coisas...
 Namaste!!

3 Comentários - Mostrar postagem original Recolher comentários

1 – 3 de 3



Mario Cassettari disse...

Oi

Mariana,

Eu visito seu blog pra saber o que tem te inspirado e o que isto pode ter haver com o fato de voce ser instrutora de Yoga. Desde que comecei a fazer aula, muitas perguntas tem surgido sobre o que devo fazer com meu corpo daqui para frente e como isto me afeta. Também tenho repensado meu papel como professor já que leciono disciplinas tão difíceis quanto a yoga é para mim, e como me frusto no papel de aluno em muitos asanas. Tbm tenho uma vida digital muito instável e prefiro que seja assim pelo menos por enquanto. Os encontros reais me modificam muito mais.....dai

dependendo do que pesco nos sites dos meus amigos posso ter uma dica de como o dia irá seguir...
Abraços.
Mario

8 de julho de 2010 15:32

Luciana Gomes disse...

Rsrtrs...

Mari, fique tranquila, a gente te espera.
Beiju

10 de julho de 2010 13:50



Pri Almeida disse...

Estou adorando o blog! Comecei na prática de yoga ano passado e já notei muita diferença no meu modo de pensar, apesar das limitações físicas.... tá valendo muito a pena a prática dos ásanas!
beijos,

Pri

28 de agosto de 2010 10:16

(BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo, 08/10 jul. 2010. Acesso em: 26 set. 2012.

Na dinâmica dos diálogos também é frequente o convite para se visitar o próprio *blog* do leitor, ou incursionar-se por outros, que integrem o repertório dele, como se pode verificar nos comentários de alguns *posts* recolhidos abaixo:

Reflexão sobre a meditação

[...]

2 comentários:



Ana Paula, 17 de maio de 2012 16:49

Oi Renata td bem?espero que sim...Gostei muito da sua reflexão sobre meditação e venho pedir autorização para publicá-la no meu blog - com os devidos crédito é claro! Obrigada.

Namastê.<http://papodeyoga.blogspot.com.br/>



Re Mendes 17 de maio de 2012 17:53

Oi Ana Paula,
Fique a vontade de publicar essa reflexão!! Adorei seu blog!
Namaste!

(MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, 16 mai. 2012. Acesso em: 04 jun. 2012

Outro destaque interativo é a rede de aconselhamento que parece se delinear a partir dos *blogs*. Na cumplicidade construída com o blogueiro, é frequente a sugestão de livros, *sites* e *blogs*, espaços de prática, cursos, retiros meditativos, viagens... Seguem alguns recortes interativos nesta linha:

Espiritualidade se mostra no dia-a-dia



Sintonia

quinta, abril 16, 2009 6:38:00 PM

Oi Glauco,

Tive o prazer de te conhecer durante o curso de Asanas para patologias da Coluna. Concordo com o seu texto, se parece muito com o que tenho escrito o meu blog. Gostaria que vc acessasse <http://sintoniavida.blogspot.com/> Estou pensando em fazer o curso com casal Lepage.

Mas, moro na zona norte, gostaria de saber se vc tem alguma idéia aonde podemos ficar, eu e minha amiga, ou melhor dormir em algum local perto da escola. aguardo sua resposta. meu nome é Ester

email: femejoli@yahoo.com

Responder

marcos gualberto

segunda-feira, outubro 18, 2010 8:17:00 PM

seu blog, GLAUCO é realmente muito bom é realmente um prazer ter você como um amigo, embora ainda não tivemos a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente, somos seguidores um do outro já no twitter e no blog, me permita, convidar seus seguidores para conhecer o meu blog www.felicidadeandliberdade.blogspot.com um grande abraço

Responder

Camila E.

quinta-feira, abril 16, 2009 10:44:00 PM

Oi Glauco,

Acabei de descobrir seu blog, estou encantada.

Tanto que acabei lendo todos os artigos.

Parabéns!!! Você escreve muito bem.

Comecei a praticar yoga, há quase 2 anos, mas continuo sentindo falta do lado mais espiritual da prática.

Gostaria de buscar conhecimento através de livros, qual você recomenda para eu começar?

Agradeço sua atenção

Gentilmente

Camila

(TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo, 12 ago. 2010. Acesso em: 23 set. 2012.

Também foi delineado um painel que desse conta de mapear as visualizações dos blogueiros a partir de suas narrativas sobre o espaço do *blog*, o postar no *blog*, a memória da senda que se tece pelo *blog*, como também, o imaginário das identificações.

EU VISUALIZO...			
DO ESPAÇO	DO POSTAR	DA MEMÓRIA	DAS INTERAÇÕES
<p>um canal bem bacana, livre mesmo, e já postei desde reflexões um pouco mais densas até dicas de como instalar suas kurunthas, ou simples citações.</p> <p>Nirodhah</p> <p>Acabou se tornando uma terapia, uma maneira de digerir as descobertas e transformações mágicas que vivi por lá (Índia).</p> <p>Prakash</p> <p>foi uma forma de manter um diário, que sempre gostei de ter, mas especificamente no tema Yoga.</p> <p>Borbolótus</p>	<p>não consigo ir jogando qualquer coisa na rede. Mas, quando surge o desejo, a necessidade, e consigo me organizar, lá vou eu.</p> <p>Nirodhah</p> <p>Começou como uma espécie de diário público de minhas experiências yóguicas, e escrever deixava claro pra mim quais aspectos do Yoga eu precisava estudar mais.</p> <p>Ajé Omin</p> <p>uma necessidade de compartilhar tudo aquilo que eu estava descobrindo. Era um olhar tão novo e especial, que me fazia tão bem, que eu</p>	<p>Sempre que posso releio os posts antigos, às vezes até me surpreendo com algumas coisas, até parece que não foi eu que escrevi.</p> <p>Rasa</p> <p>Sempre releio posts antigos e vou observando e mapeando como eu vou mudando ao longo do tempo, como eu mesma mudo de ideias de vez em quando e esse é um exercício muito bom.</p> <p>Yogini</p> <p>Às vezes releio posts antigos, porque sim, o blog testemunha meu processo. É como parar de vez em quando para olhar as fotos antigas</p>	<p>o retorno dos leitores é muito gostoso, por isso continuo respondendo até os posts antigos. Gosto muito dessa troca, e sou uma pessoa que gosta de respostas, de diálogos, o outro é sempre importante pra mim.</p> <p>Padma</p> <p>Sigo alguns outros blogs e, às vezes, tenho alguma interação com outros blogueiros também, mas tudo isso – a interação com leitores ou com outros blogueiros – não é, ao menos por enquanto, uma coisa regular.</p> <p>Nirodhah</p> <p>O blog era bem movimentado e eu interagia bastante com</p>

<p>O blog caminha comigo, mas meu processo como praticante em busca do autoconhecimento não está limitado a essas páginas na internet, o blog é só um complemento!.</p> <p>Liberdade</p> <p>O blog é antigo... antes de ser No Presente, era o Cravo & Canela. Me faz bem ter um lugar pra me derramar.</p> <p>Nopresente</p> <p>É certo que o blog é uma exposição da minha caminhada, da minha intimidade e retrata bem quem sou e como estou, e espero fazê-lo por muito tempo, ou por enquanto curtir fazê-lo.</p> <p>Kuru</p> <p>Eu tenho certeza de que o blog é um espaço singelo de trocas, estou sempre receptiva e aberta a conhecer novos companheiros de jornada. Juntos, vamos compartilhando os processos de vida, muitos pensamentos, reflexões, aprendizados,</p>	<p>não poderia ficar com isso guardado só para mim.</p> <p>Sarie</p> <p>Se guardar para mim provavelmente não estarei aprendendo nada e nem usando com sabedoria, não pondo em prática... mas, acho q faz parte do processo essa aproximação e afastamento do blog”.</p> <p>Jyottimay</p> <p>resolvi escrever em um lugar público, porque assim como reflexões alheias foram veículos para Deus me ajudar a refletir, eu pensei que Ele pudesse fazer o mesmo com as minhas, visto que todos seus filhos estão ligados entre si e à Ele.</p> <p>Luz</p> <p>Eu compartilho e ao me doar, me sinto preenchida também, mesmo que ninguém comente, ou me escreva, me sinto num espaço de troca sim, de troca com universo, com o Todo.</p> <p>Teerna</p> <p>compartilhar minhas experiências ou textos com os quais eu considerava fundamentais para o</p>	<p>da vida.</p> <p>Ajé Omin</p> <p>Às vezes fico passeando pelo blog, tem coisas que nem lembrava que estavam lá! É muito legal, é uma forma de me resgatar de vez em quando, quando me perco nos caminhos da vida.</p> <p>Shanti</p> <p>Sempre leio coisas antigas, pois na verdade não são antigas, estão sempre presentes na nossa vida!.</p> <p>Liberdade</p> <p>às vezes releio para observar. Tenho carinho e respeito pelo caminho que tive de percorrer para chegar onde estou sendo sempre verdadeira e inteira no momento presente (...). O Blog testemunha sim o meu desenvolvimento, da pessoa que estou me tornando hoje, cada dia mais.</p> <p>Borboleta</p> <p>Com certeza o blog testemunha meu processo, progresso, necessidades... Ele é um diário, ultimamente mais mensal que diário, da minha vida como um todo.</p>	<p>os leitores do blog. Interagia tanto que um dos leitores de lá se tornou meu atual marido! rsss...</p> <p>Yogini</p> <p>Me comunico sim com leitores que me escrevem e-mails e alguns deles já se tornaram meus alunos. Gosto muito da relação um pra um de trocas e partilhas de saberes. Seja pessoal ou virtualmente.</p> <p>Ajé Omin</p> <p>Conheci algumas pessoas virtualmente por causa do blog, mas nunca chegamos a nos encontrar e sair da esfera virtual.</p> <p>Na estrada</p> <p>“Há muita interação, principalmente no Facebook. Seja com amigos, com praticantes de Yoga, e com meus alunos e ex-alunos.</p> <p>Borbolótus</p> <p>Contudo, quando alguém me escreve um email, sinto que um canal de comunicação mais íntimo se abre e, muitas vezes, dali surgem grandes momentos de companheirismo, afinidade e cumplicidade. Cada contato por email me deixa muito feliz. Já</p>
--	--	---	--

<p>descobertas, músicas, livros... Enfim... encontramos apoio, cumplicidade e carinho!.</p> <p>Borboleta</p> <p>Mesmo que de forma anônima (...), com certeza 90% dos posts tem a ver com meu momento, com meu processo pessoal, com aquilo que eu quero dizer ou com aquilo que preciso ouvir e ler no momento em que escrevo. Acho que é sim um espaço de autoconhecimento coletivo, pra quem escreve e pra quem lê. Teerna</p> <p>Quando eu percebi que o blog era um "canal" para dar minha opinião, expor outros lados das coisas, não só da Yoga, eu resolvi mantê-lo. Ele tornou uma motivação para estudar, pesquisar e compartilhar</p> <p>Shakti</p>	<p>meu crescimento pessoal e acima de tudo espiritual.</p> <p>Muni</p> <p>de certa forma as pessoas precisam conhecer as minhas escolhas, as minhas superações e se verem também no meu mundo. Perceberem que eu também traço um caminho não muito diferente do delas.</p> <p>Andarilha</p>	<p>Shakti</p>	<p>fiz, inclusive, algumas amizades através do blog, e sou muito grata a isso.</p> <p>Sarie</p> <p>Sim eu interajo com outros blogueiros, todos somos um!.</p> <p>Liberdade</p> <p>Engraçado, umas duas vezes recebi mensagens de evangélicos que ficaram indignados com os deuses hindus (hehehe) e disseram que era coisa do demônio. Acho que eles têm medo do 'diferente'.</p> <p>Borboleta</p>
---	---	----------------------	--

*Amostragem dos depoimentos mais significativos, recolhidos a partir dos *e-mails*.

Ilustração 30: Quadro - Eu visualizo...

Fonte: Acervo pessoal.

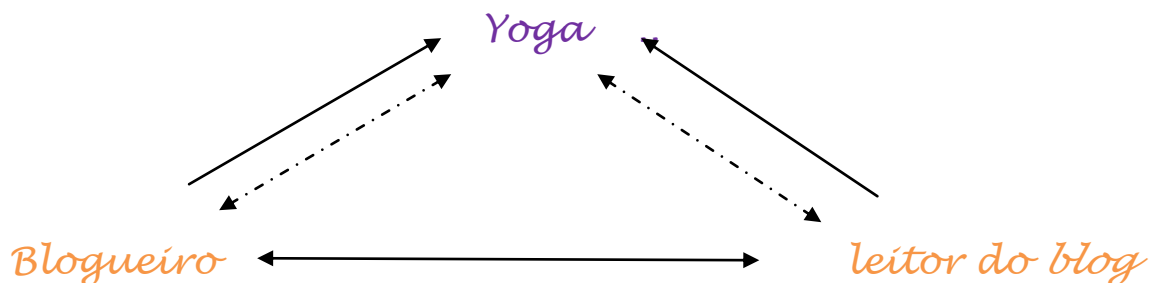
Neste painel, outro destaque merece integrar o texto deste estudo: o de considerar o *blog*, como um arquivo de memórias, ou um “banco de dados”, uma tessitura, que edificasse

alguns nós narrativos em trajetória, resgatasse os fios, recuperando as tramas em curso. Como se pode confirmar nos fragmentos dos depoimentos inscritos no quadro das visualizações do blogueiro, é comum o hábito de reler os *posts* antigos, vistos como testemunhas de um processo, como sintetiza Borboleta em *e-mail* à pesquisadora:

[...] releio para observar. Tenho carinho e respeito pelo caminho que tive de percorrer para chegar onde estou sendo sempre verdadeira e inteira no momento presente [...]. O blog testemunha sim o meu desenvolvimento, da pessoa que estou me tornando hoje, cada dia mais.

Pactos eletrônicos *yogins*?

Observou-se uma dinâmica interativa da auto-validação da identificação *yogin* que se sugere poder ser compreendida pelo gráfico abaixo:



Seta contínua unidirecional: remissão direta ao Yoga, quebrando a tradição *parampara*

Seta contínua dupla direção: interações blogueiro/leitor a partir da remissão direta à tradição

Seta pontilhada dupla direção: resultado das interações blogueiro/leitor recompondo a tradição

Ilustração 31: Gráfico - Fluxograma da auto-identificação eletrônica

Fonte: Acervo pessoal.

A proposta é observar os *blogs* enquanto um *nó* eletrônico, um micro-ordenamento particular a partir da tradição do *Yoga*, que revisita a tradição por si próprio, recompondo-a idiossincraticamente, mas em exercício interativo, já que o blogueiro também incorpora ao seu imaginário aquilo que foi recomposto pelo leitor do *blog*. Nesta dinâmica, o diálogo recompõe-se na ambiência, em meditar eletrônico que também revisita a tradição e

afinitariamente, tece laços de reciprocidade, o que faz sugerir uma espécie de tribalização eletrônica, a partir do referencial de Maffesoli (2010).

No intuito de dar visibilidade a esta *conversa*ção que parece tecer um *blogdossel* eletrônico para o *yogin*, propôs-se a mapear, então, o léxico dos blogueiros em próprio ato de *blogar*, ou *yogar* :

<i>EU YOGO</i>	<i>TU YOGAS</i>	<i>NÓS YOGAMOS</i>
Aprendo	Aprendes	Afinidades
Compartilho	Aprofundas	Amizade
Contacto	Buscas	Apoio
Derramo	Comentas	Aprendizado
Descubro	Compartilhas	Artigos
Dialogo	Conheces	Autoconhecimento
Digiro	Contatas	Buscas
Divido	Descobres	Caminho
Ensino	Desejas	Coisas nascendo
Escrevo	Dialogas	Complementos
Estudo	Divides	Confidências
Exploro	Dizes	Conforto
Exponho	Elogias	Conhecimento
Expresso	Ensinas	Consolo
Ganho	Estudas	Descobertas
Guardo	Inspiras	Escolhas
Interajo	Interages	Espiritualidade
Mantenho	Lês	Estímulos
Resgato-me	Fazes-me atento	Experiências
Monto	Estimulas-me	Força
Organizo	Opinas	Idéias
Posto	Percebes	Impressões
Publico	Perguntas	Informações
Sintetizo	Pesquisas	Inspiração
Sirvo	Questionas	Interesse
Traço	Relatas	Liberdade
Troco	Sabes	Luz
Vazo	Identificas-te	Motivação
	Interessas-te	Parceria
	Mostras-te	Pensamentos
	Serves-te	Sagrado
	Vês-te	Sentido
	Trocas	Soluções
	Vens	Superações
		Terapia
		Transformações
		Trilha
		Utilidades
		Verdade

		Vida Visão Yoga
--	--	-----------------------

*O painel foi delineado a partir dos quadros que tratam dos imaginários das motivações e visitasões, já incorporados ao texto.

Ilustração 32: Quadro - *Yogando*
Fonte: Acervo Pessoal

O painel parece falar por si, aludindo que em ato de *blogyogar*, selam-se pactos afinitários mediados pelo *Yoga*. A partir do pacto autobiográfico de Lejeune (1988) sugere-se então, que os *blogs* sejam pactos de identificação, que guardam protocolos de leitura próprios, já que incorporam a dinâmica interativa da ambiência da *internet*. Pelas evidências do campo, não se escreve apenas para si, mas o fazer sentido é ali intencionalmente compartilhado, ainda que nem sempre isto esteja explícito dentro de uma rede consolidada de seguidores, ou de uma grande interatividade pelas caixas de comentários. Os *blogs* seguem formatos variados e também se utilizam dos recursos interativos de maneira muito particular.

Às vezes parece que o outro não participa tanto, já que não há contadores de visitantes, ou de visualizações do perfil do blogueiro, nem sempre aparece o número de seguidores também, mas pode se conjecturar que a vontade do blogueiro de dizer de si mesmo prevalece, já que quase sempre disponibiliza seu endereço eletrônico pessoal, ou adiciona o *link* para as redes sociais *Twitter*, *Facebook*, etc. na página principal do *blog*. Pelos depoimentos, as interações também foram confirmadas, inclusive registrando-se eventualmente o acolhimento dos leitores à rede de amigos *off-line*, já que podem vir a compartilhar os mesmos cursos, eventos, vivências, etc. Finalmente, a própria visibilidade intencionalmente narrada, em si, já diz que o blogueiro quer a cumplicidade do outro e vai se valer das estratégias desta mídia.

O que sugere imperar neste pacto, é um campo de magnetismo que arrasta quem por ali transitar, já que ao se dispor a ler o *blog*, as reações já estarão orientadas de alguma forma, ainda que para contestar o que por ali se inscreve. Ainda, fica por vezes bem difícil delimitar quem é o escritor e o leitor de fato, pois na rede de cumplicidade textual eletrônica, os papéis podem se fazer em próprio ato de publicação, já que é comum incorporar as reflexões dos leitores ao texto do *blog*, ou alimentar outras reflexões nos *blogs* pessoais deles.

Observa-se também um léxico próprio, que incorpora a terminologia do *Yoga*, mas revisitando-a na própria ambiência, recompondo algumas práticas, como a meditação, por

exemplo. É como se os tapetinhos de prática precisassem se derramar, ampliando-se pelos *blog-tapetinhos*. Há uma ritualidade que sela as motivações, as visitas, a conversação, sempre em ato de mostrar a si mesmo e ao outro, aquilo que está em ato de fazer sentido para si mesmo. Enquanto se apresenta pelo perfil do *blog*, explicita-se o propósito do *blog*, o próprio trilhar na senda do *Yoga*, definindo quase sempre o protocolo de intenções do blogueiro e convidando o leitor a ser cúmplice da representação, do ensaio, dos erros e acertos. Por outro lado, o narrador também parece ser convidado a participar da senda do leitor, o que pode ser inferido pelo diálogo dos comentários.

Interessante, observar que a própria pesquisa parece ter se viabilizado apenas porque a pesquisadora também adentrou o *pacto*, o que algumas vezes, tornou-se explícito no *blog*, como temática principal do *post*, ou algumas vezes, inspirando-os indiretamente, o que era comunicado à pesquisadora em reservado, por *e-mail*. Assim, foi convidada a narrar a própria trajetória no *Yoga*, comunicar as motivações para o estudo, recebeu convites para as redes sociais, eventos, etc. Queria se saber também se era uma blogueira ou se intencionava tornar-se uma. Algumas vezes, a pesquisadora inscreveu-se pelas caixas de comentários de alguns *blogs*, registrando a tentativa de aproximação para que o diálogo de pesquisa acontecesse, outras, em reconhecimento da generosidade do acolhimento do blogueiro, como se pode inferir pelos recortes abaixo.



Ilustração 33: Imagem - *Print* de tela: Incursões no campo I
 Fonte: MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, set. 2012. Acesso em: 26 set. 2012.

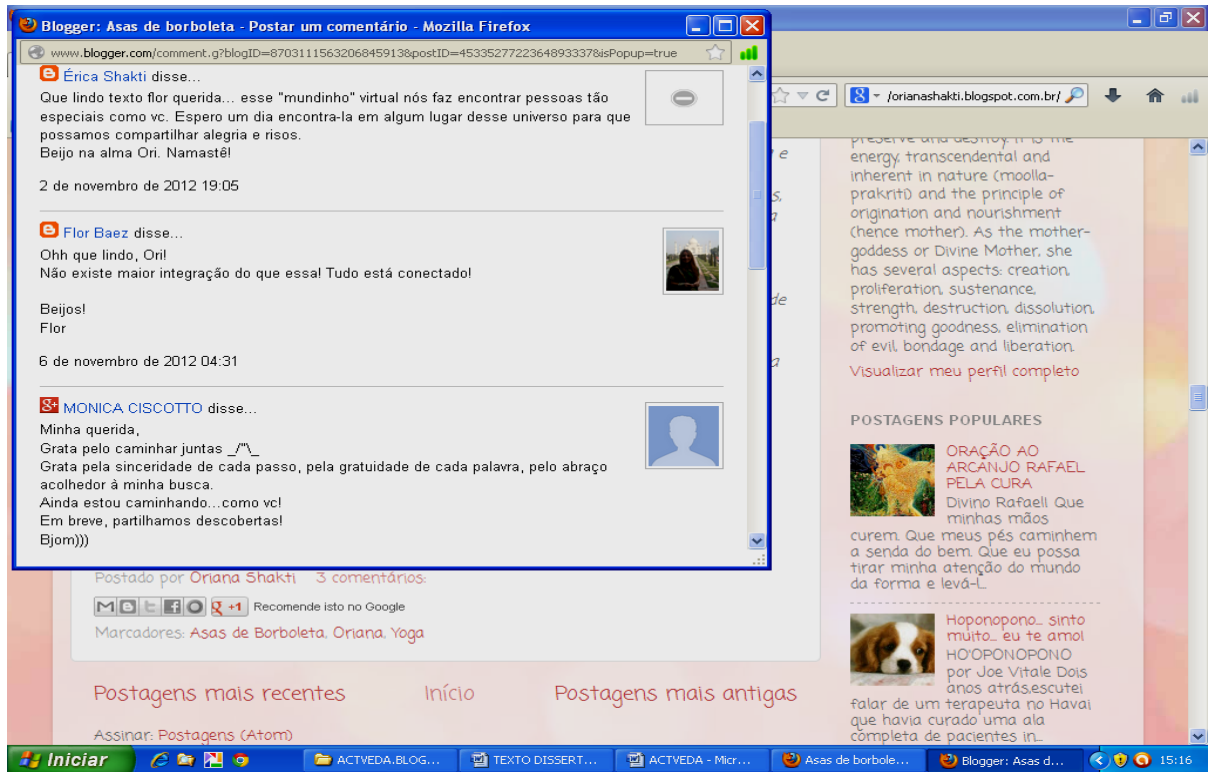


Ilustração 34: Imagem - Print de tela: Incurções no campo II

Fonte: ZAMBONI, Oriana. *Asas de Borboleta*. Campinas/SP, nov. 2012. Acesso em 30 nov. 2012.

Apresentar-se nesta ambiência, sem os recursos de empatia do face-a-face e ainda, sem ser uma nativa *blogyogin*, foi um exercício que exigiria estratégias de aproximação que compartilhassem das mesmas ritualidades do campo. Interessante registrar também, que de alguma forma, a pesquisadora inscreveu-se nesta rede, pactuando de sua dinâmica, incorporando novos amigos virtuais, confirmando convites para as redes sociais, ou mantendo o diálogo em curso com aqueles que costumam visitá-la por *e-mail* para saber do andamento dos estudos. No pacto de estudos selado, apenas os blogueiros que se abriram ao diálogo, foram incorporados ao texto. Na cumplicidade da pesquisa, buscou-se o consentimento explícito dos blogueiros para utilizar o conteúdo dos *posts*, ainda que públicos. Era necessário dar visibilidade à proposta, selar uma cumplicidade, um vínculo de lealdade durante todo o diálogo, que sempre se pretendeu em aberto.

Do que pode ser dito...

Nesta última etapa do estudo, o propósito foi o de dar visibilidade ao diálogo da observadora com o campo, recuperando as narrativas dos blogueiros a partir das questões iniciais de pesquisa, bem como permitindo que o campo tivesse voz por si próprio também.

Neste intuito, os *blogs* foram compreendidos como *blogs-tapetinhos*, ou *tapetinhos eletrônicos* capazes de urdir e dialogar trajetórias na senda do *Yoga*, uma tradição espiritual que sempre incorporou a experiência de cada praticante e, portanto, plasticamente, foi se recompondo no tempo.

A novidade talvez insira-se na ambiência que se escolheu para observar a recomposição, que pulsa sob o imperativo da visibilidade; o que a um primeiro olhar, parece conflitar com a própria tradição introspectiva do *Yoga*. Se não se está falando de pessoas que aderiram a uma trajetória ortodoxa na senda, também não se está falando de pessoas que praticam o *Yoga* por meros propósitos físicos, apesar de em sintonia com uma conjuntura cultural de exortação da imagem. Assim, sugere-se que os imaginários contemporâneos cristalizados da tradição merecem ser revisitados.

A experiência religiosa na contemporaneidade vem sendo norteadada pela busca reflexiva de sentido para si próprio fora das molduras herdadas dos quadros de crença tradicionais e regulamentados, ou ainda que em seus limites, sempre por experimentação, escolha e adesão pessoal. Nestes caminhos de fazer sentido para si, muitas podem ser as estratégias de validação daquilo que tece significado particular. Fugindo das tendências limites, as pessoas estão em constante diálogo, construindo vínculos afinitários com seus grupos de interesse, espelhando-se, diferenciando-se, seguindo junto, partindo, ou simplesmente deixando-se ficar, enquanto observam silenciosamente outros caminhos.

A *internet* pode funcionar também como *locus* para este diálogo afinitário, ou para a mera visita silenciosa, para a busca e para o encontro, para ver, ouvir, falar, para ser ouvido, visto e comentado também. As peculiaridades da ambiência, suas linguagens, ritualidades e sociabilidades vêm sendo objeto de estudo de muitos. E os imaginários do religioso contemporâneos também ali estão presentes, integrados a uma ambiência cultural que se utiliza das novas ferramentas, das novas lógicas, dos novos protocolos, para colocar em exercício a própria idiosincrasia e o diálogo.

Trabalhando a partir das possibilidades desta mídia, entre elas, os *blogs*, a pesquisa incorporou tanto os textos destes, quanto o diálogo que se sucedeu entre pesquisadora e

blogueiros por *e-mail*. Com o adensamento daquilo que era reunido, uma solução para que o campo tivesse uma visibilidade objetiva para o leitor foi o trabalho a partir de painéis, que tanto rapidamente situavam de quem, ou do que se estava falando, inventariando o perfil daqueles que escrevem, como daquilo que é escrito, enquanto tentavam explorar os imaginários do religioso, do *Yoga* e dos próprios *blogs* pessoais. De acordo com a necessidade de construir a linha argumentativa do texto, narrativas, imagens, diálogos, transcrição de vídeos foram sendo incorporados.

Os *blogs* permitem muitas possibilidades de exploração, mas para este texto, foram priorizados *posts* narrativos e os depoimentos particulares à pesquisadora; e a partir deles, sobretudo, a própria semântica do campo, quer dizer, o que se fala ali, como se fala, por que se fala, quais os significados próprios àquele campo se tecem e puderam ser observados a partir das leituras prévias dos autores referenciados no trabalho e alguns *insights* pessoais. Na verdade, não se estava apenas em diálogo com os imaginários dos blogueiros, mas também com o imaginário do religioso e do *Yoga* de quem os observava. Tudo isso foi sendo incorporado ao texto, sempre que possível, pois frequentemente quem observava, também era observada, também adentrava o imaginário do blogueiro e algumas vezes, seu texto.

No primeiro momento, o esforço foi o de sondar o imaginário religioso dos blogueiros que compõem o campo. Conversou-se sobre religião, espiritualidade, heranças religiosas, trânsitos e opções religiosas. Observou-se que a maioria das pessoas com quem se dialogava tinha por herança religiosa o catolicismo, mas já não mais se sentia a ele vinculado e estava em trajetória particular, em busca de auto-conhecimento e amadurecimento espiritual. Neste caminhar, muitas leituras, visitas, experiências, interações. Abertura a várias tradições religiosas, altares plurais, experimentações, trânsitos, mas sobretudo, observou-se a necessidade de centramento, de partir de algum lugar mais *sólido* de onde se pudesse permitir este diálogo.

O próprio diálogo de pesquisa parece ter explicitado esta necessidade para alguns blogueiros, que relataram uma espécie de desencantamento de suas heranças religiosas, mas ao mesmo tempo, o sentimento de que a ausência de uma adesão mais sólida, lhe remetia a um certo desamparo, fragilidade, como relatou o blogueiro Kuru. Interessante observar também, que embora a maioria do campo não esteja formalmente vinculado a uma tradição religiosa particular, o que talvez os levasse a responder ao censo do IBGE que são pessoas *sem religião*, logo enfatizassem à pesquisadora, de que não se tratavam de ateus. Pôde se perceber que se dialogava com pessoas com *muita religião*, como nos dizia o personagem Riobaldo de Guimarães Rosa. Melhor dizendo, que têm crenças religiosas, praticam rituais

religiosos, têm altares pessoais e seus próprios vínculos religiosos. Assim, a categoria censitária ponto de partida para o diálogo, assim o foi, um mero pretexto para que a conversa prosseguisse, enquanto se tentava adentrar os imaginários do religioso dos blogueiros.

Observou-se que o campo não só garimpava e tecia as tramas das suas crenças por si só, como também o fazia a partir de *vínculos* heterodoxos, incluindo as interações sociais a partir da *internet*, por exemplo. Pertencer, ou sentir-se identificado com uma tradição religiosa, ou espiritual, e portanto, parte dela, girava em torno de vínculos mais frouxos, rituais idiossincráticos e fluidos caminhos de experimentação e adesão. Enquanto se estava em trajetória de fazer sentido para si, as falas do campo giravam em torno de auto-identificar-se, ter empatia por, observar alguns preceitos de, estudar textos do...

A palavra religião em si própria é pouco utilizada no campo, que prefere falar de espiritualidade. O que ganha visibilidade nos diálogos são múltiplas formas de crer e de viver o que se crê e, se o campo sugere que a religião é limitadora, a espiritualidade instiga a necessária caminhada de auto-conhecimento. Como disse o blogueiro Muni, já não faz sentido então, se classificar como “com, ou sem religião”. O campo enfatiza uma certa libertação da religião, que se tem “uma espiritualidade e ponto”, como relatou a blogueira Padma.

Ainda nesta primeira parte, cabe enfatizar que estas experimentações, se não atendem a uma linearidade, ou constroem vínculos tradicionais, também parecem não se tratar de simples errância, mas de construção de marcos, localizações, *nós* religiosos, ou espirituais. Abre-se ao diálogo com as heranças religiosas particulares, mas em conversação com outros múltiplos caminhos espirituais. O trilhar induz ao pertencimento por convicção, a partir do que foi experienciado. O *Yoga* parece então, realizar uma *costura*, a partir da qual se recompõe o cotidiano e se dialoga com outras tradições religiosas, ou espirituais. Enquanto se caminha, o *Yoga* pode ser, então, um *ancoradouro* para o diálogo mais amplo, em um contexto multireferencial e imperativo de escolhas.

No segundo momento deste texto, a tentativa foi de rastrear os itinerários dos blogueiros na senda do *Yoga*, tanto conversando com eles, a partir da troca de *e-mails*, como também, visitando ou revisitando os *posts* dos *blogs*. As incursões da pesquisadora aos *blogs*, bem como os diálogos eletrônicos reservados, foram alimentando pastas *off-line* tematizadas, que facilitavam a visualização das narrativas, bem como os arranjos de campo que se faziam necessários ao trabalho.

Observou-se que cada trajetória parecia dialogar tanto com os próprios marcos biográficos pessoais e religiosos dos *yogins*, como com as experiências e vivências na

tradição através de viagens, cursos, retiros, auto-estudo, práticas, etc. Havia uma *urdidura* em construção que necessitava extravasar-se e o *blog* também proporcionava exercícios têxteis que organizavam pensamentos, memórias, diálogos, aspirações, estudos, vivências em *sâdhana* particular.

Seguindo este viés interpretativo, foi confeccionado um painel cujo propósito foi o de dar visibilidade ao leitor de como aconteceu a *passagem* ao *Yoga* para cada blogueiro. Pode-se dizer que o *antes* e o *depois* de cada blogueiro na senda do *Yoga* foi a parte mais volumosa dos relatos recebidos por *e-mail*. Estes relatos também costumam integrar os textos de abertura dos próprios *blogs*, fazendo parte do perfil, ou como um *post*, quando da criação do *blog*. Esporadicamente, os *blogs* também meditam a trajetória, relatando o que vai acontecendo a caminho. São relatos que parecem construir uma certa cumplicidade, aproximar pessoas em trajetórias convergentes, que visitam-se mutuamente, comentam *posts* umas das outras, frequentam as mesmas redes sociais, podem interagir em reservado por *e-mail*, ou virem a participar de *satsangas*, *work-shops*, vivências presenciais nesta tradição.

O que merece destaque é a própria *passagem* que necessita ser compartilhada, explicitada, legitimada em diálogo, ainda que este outro seja um mero anônimo. Há marcos narrativos significativos nestes relatos. Quase todos partem do estado de insatisfação, com registros frequentes de adoecimento: estresse, crises de ansiedade, depressão, sensação de vazio, insegurança, decepções afetivas. O *Yoga* aparece frequentemente como parte de uma trajetória de experimentações e cura.

Segundo os relatos, o *Yoga* promove o *encontro* com a sua própria *essência*, um marco decisivo nas biografias dos blogueiros, capaz de delinear um novo *estilo de ser*, com outras opções de se vestir, de se alimentar, de se relacionar, de entretenimento, e até de estudo, trabalho; sobretudo, delineando um caminho espiritual onde se propõe a uma metamorfose de si pelo *Yoga*.

É como se o encontro com o *Yoga* ativasse uma catarse, onde as próprias dificuldades experienciadas no passado alavancassem a necessidade e o compromisso de reinventar-se, transformar-se, transmutar-se. Há um movimento pessoal onde se pode perceber um fundo comum, com marcos narrativos de ruptura e ordenamento, que levam a pensar que apesar de singulares e idiossincráticos, estes itinerários dizem de uma dimensão coletiva da experiência de fazer sentido para si, em trajetórias de cosmificação pelo *Yoga*.

A partir de Maluf (2003, p.166) arriscou-se e a pensar em outros *templos*, a partir dos próprios tapetinhos de prática do *yogin*, mas compreendidos de forma ampliada, também incorporando toda a experiência cotidiana do praticante, incluindo aí os *blogs* enquanto

exercícios de tessitura e ordenamento. Assim, mais uma vez, os *blogs* são pensados como *blogs-tapetinhos*, também capazes de ativar novas percepções do corpo e mente, já que tanto podem dialogar experiências, quanto podem estimulá-las, reservadamente, nos tapetinhos de prática particulares do leitor ou narrador. Ainda seguindo a autora, estas trajetórias são fora do *texto* também, já que idiossincráticas, mesmo que frequentemente, comprometidas com o estudo da tradição.

Observou-se no campo projetos pessoais em andamento a partir do *Yoga*, que tanto reúnem as experiências cotidianas do *yogin*, como também, lhes dá um sentido de vida, ativando o esforço da autoconstrução de si, reordenando aquilo que parecia disperso, empoderando-o para a transformação. Muitos são os roteiros instrumentalizantes desta passagem: leituras, gurus, viagens, cursos, vivências. Alguns painéis do vocabulário *yogin* tentaram dar visibilidade a esta linha argumentativa, para corroborar a argumentação de que há um *micro-cosmos* em tessitura, cuja urdidura também se amplia ao incorporar a experiência do *blog-tapetinho*, e a de seu visitante, quando registra ali também aquilo que se passou no seu tapetinho particular.

Pela *internet* parece ficar muito visível que o fazer sentido para si, não é uma experiência solitária, pois o *blog* sugere a busca do outro, do suposto companheiro de senda. A partir destas considerações, retorna-se à ideia de que os *blogs* poderiam funcionar, então, como oráculos, lugares de fala, lugares de escuta, que também se inserem nas possibilidades de se construir a identificação na contemporaneidade

Resgatando a semântica do *Yoga* no campo, ele pode ser traduzido como *caminho*, ou *o modo de caminhar*. Os painéis sugerem que a senda está intimamente ligada a uma tomada de consciência, a um outro olhar sobre si e a realidade a qual se circunscreve o praticante, impulsionando-o a deixar cair as vendas de seus condicionamentos culturais e das suas limitações pessoais.

A jornada assume semântica espiritual, portanto. Os blogueiros ainda que imersos em uma conjuntura cultural de exortação da imagem e dialoguem a partir de uma ambiência regida pela máxima *sou visto, logo existo*, também experienciam o *Yoga* enquanto uma jornada de *volta para casa*, melhor dizendo, como uma jornada em terra, mas entre as estrelas. Para dar visibilidade a esta metáfora de Iyengar (2007), foi sugerida uma imagem de estrela que recuperou todas as palavras que o campo foi trazendo durante os diálogos, quando sondado sobre o significado do *Yoga* em uma só palavra. Quase sempre, o *Yoga* foi traduzido em muitas palavras, mas sem dúvida, a palavra *amor* sobressaiu-se, centralizando-se na estrela. Isto leva a supor que entre os *yogins* estudados e talvez no imaginário *yogue* através

dos tempos, se está em relação amorosa com uma Verdade infinitamente amante e portanto, também infinitamente amável.

No último momento do texto, o propósito foi o de investigar um pressuposto pacto eletrônico a partir dos *blogs*, na verdade, uma ideia construída a partir do pacto de leitura de Lejeune (1988). Argumenta-se, então, que os *blogs* sugerem uma ambiência para o ensaio narrativo de subjetividades em identificação, já que em convívio afinitário, mas que explorando as novas possibilidades de interface proporcionadas pela tecnologia, também incluem alguns protocolos enquanto se tece a reciprocidade.

A intimidade é intencionalmente construída e faz parte da estratégia de inclusão do outro, delimitando pequenos territórios de diálogo tribalizado no labirinto eletrônico. Para dar visibilidade ao argumento, os imaginários dos blogueiros que alimentam a mídia no ar compuseram alguns novos painéis para o leitor. As motivações para manter os *blogs* em curso, o imaginário dos blogueiros acerca de seus leitores, bem como os imaginários de seu próprio ato narrativo foram incorporados ao trabalho.

Também se observou que costuma ser muito comum a preocupação explícita com o leitor do *blog*, pois as ausências prolongadas do autor sempre são justificadas através de *posts* exclusivos. Frequentemente, o narrador também inscreve-se nos diálogos dos leitores comentadores do *blog*. A própria pesquisadora foi incluída neste pressuposto *pacto*, já que sua pesquisa, algumas vezes, também migrou para a mídia, dando visibilidade ao leitor do *blog* do que acontecia nos bastidores, uma vez que este diálogo ocorria em reservado, por *e-mail*. Outras, seria simplesmente rejeitada, já que não se inseria na rede de seguidores e comentadores do *blog*.

Esta *conversação* parece tecer um *blog-dossel* eletrônico para o *yogin*, onde não só se medita textualmente as experiências do narrador, mas também as do leitor. Neste diálogo afinitário, talvez alguns *nós* sejam tecidos, urdindo sentido nas trajetórias desta *tribo*, e isto fica registrado na memória do *blog*, organizada cronologicamente, ou por *tags*.

A sugestão do ato de *blogyogar*, vê estes diálogos afinitários eletrônicos como também possíveis exercícios identitários, ainda que a partir de protocolos interativos próprios à ambiência, dando visibilidade que o fazer sentido para si não o quer solitário, mas em abrigo do outro. Como uma tradição plástica, sugere-se que o *Yoga* também possa abraçar a tecnologia e se recompôr nestes espaços interativos, desde que compreendidos como espaços capazes de alargar a experiência quotidiana, os tapetinhos convencionais.

O visitante que adentrar à ambiência, certamente será arrastado pelos imaginários que ali se inscrevem, ou que ali se alargam, se também pensados como parte da experiência

quotidiana, como vem sendo enfatizado no texto. Ainda, frequentemente os papéis de leitor e autor costumam se mesclar , já que as participações dos primeiros também podem integrar o texto principal do *post*, ou alimentar outras inserções de leitores. Mas, o que talvez fique velado, é que os frequentadores do *blog*, de alguma forma, inscrevem-se na cumplicidade da senda, ou da representação textual desta, na sua recomposição. E ainda que não se inscreva textualmente pelas caixas de comentários do *blog*, a simples visita já foi capaz de mergulhá-lo em território de magnetismo, que o fez ir adiante na leitura e no imaginário que ali se manifesta, ainda que para recusá-lo depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Es más sabroso el camino que la posada.

CERVANTES

Momento de folgar os pés em jornada. Nesta pausa necessária ao formato acadêmico, urge espiar o caminho que acomodou os rastros e também os silêncios. Na verdade, não há nenhuma chegada, talvez nem partida: caminha-se um pouco, apenas. Os passos são o caminho e se está sempre a caminho.

Como roteiro: algumas leituras iniciais, a vontade de construir um arranjo de campo, o interesse pessoal pelo *Yoga* e as possibilidades de diálogo abertas pela *internet*. Também, a curiosidade pelos imaginários religiosos contemporâneos, pelas recomposições, por aquilo que não se agarra com mãos, números, ou palavras.

Tudo o que aqui se ensaiou foi mera aproximação, ou pressuposição desta. O campo tem pulsação própria e sempre escorrerá através de qualquer esforço metodológico de pesquisa, embora de alguma forma, sempre se presume que se *agarrou* alguma coisa.

Fica visível que o contexto cultural, que se compartilha com o campo, rege as atitudes e possibilidades de aproximação, os recortes, as lentes de observação. Então, a imparcialidade é uma mera pressuposição. Tudo o que se diz do outro, diz de si próprio de alguma forma, tudo o que se cala do outro, também cala de si. Pensando assim, ainda que se tenha muito cuidado, todo o cuidado, de alguma forma, os métodos científicos jamais serão capazes de filtrar todas as projeções do pesquisador, já que todo trabalho reverbera o humano.

O próprio campo e o seu arranjo já se inserem na subjetividade do observador. Enquanto se observa o campo, também se observa a si próprio. Enquanto se descobre do campo, também se descobre de si próprio. Há um diálogo intenso entre pesquisador e campo e a imperiosa honestidade para que cada voz seja devidamente preservada.

Penso que não deva fazer aqui uma conclusão tradicional, que retome todo o trabalho e apresente os destaques capítulo a capítulo, já que se optou por ir ponderando o texto por partes, à medida que a linha argumentativa do trabalho evoluía. Autores, conceitos principais, metodologia, o próprio trabalho de campo e observações do estudo já foram compartilhados com o leitor, que gentilmente acompanhou a jornada até aqui.

Bom, então que sua gentileza seja devidamente reconhecida e se aproveite o espaço para dizer da própria experiência de estudo e fazer um rápido balanço da metodologia, campo e algumas observações pessoais apenas. Pode se dizer que a escolha do *Yoga* e da ambiência da *internet* para dele falar, em um mestrado de Ciência da Religião, nem sempre foi bem compreendida.

Compreender o religioso fora das molduras, alargar a experiência religiosa cotidiana, incluindo aí as possibilidades interativas da *internet* e com elas, arejar o olhar para o pluralismo religioso em curso, quando crenças também escapam das aderências, e estas, cada vez mais, se inscrevem na subjetividade daquele que crê e vive o religioso a sua maneira, pareceu uma tarefa grande demais a início.

Colecionei alguns pares de palavras que pareciam estar distantes de uma conciliação no imaginário do meu interlocutor comum, como religião/*blogs*, *Yoga*/religião, *Yoga/internet*. Falar que se estava fazendo um trabalho sobre auto-identificação religiosa a partir de *blogs* tematizados no *Yoga*, sempre foi iniciar um diálogo de frase única. Frequentemente, ficava um tanto desanimada diante da silenciosa interrogação que meus olhos captavam. E muitas vezes, ponderei a aventura, já que imersa num campo volátil, do qual não tinha nenhuma certeza de acolhimento. Bom, mas o abraço aconteceu e o resultado desta experiência aí está.

Parece não ser tarefa fácil encontrar as palavras para dizer do próprio tempo, nele adentrar, com ele dialogar o próprio imaginário. Então, a tentativa foi a de ouvir simplesmente, suscitar algumas questões, que sempre funcionaram como meros pontos de partida para que o diálogo acontecesse, bem como dar visibilidade ao leitor dos imaginários do religioso do campo que compuseram a pesquisa. O trabalho centralizado nas narrativas, destacou sobretudo o léxico e a semântica do campo.

Algumas questões foram centrais no estudo como o desalojamento das heranças religiosas em curso, que promove mudanças comportamentais e escolhas para além delas. As sínteses religiosas que cada um constrói a sua maneira foram observadas a partir dos trânsitos, das semânticas, dos altares e ritualizações do cotidiano. O *Yoga* parece ordenar itinerários em diálogo com o contexto cultural multireferencial contemporâneo, que também dialoga com o religioso. Estes movimentos subjetivos da passagem foram explorados a partir da própria fala dos blogueiros. Também se sondou o que o campo compõe ou recompõe por *Yoga* e qual o imaginário do blogueiro acerca de seu *blog*, do que ali registra, de quem o visita e comenta, ou se ali se constrói veladamente uma memória dialogal do próprio trânsito nesta senda.

Os *blogs* foram sempre pensados como *blogs-tapetinhos*, pois o tempo todo a *internet* foi compreendida como parte da experiência cotidiana das pessoas que ali se inscrevem. Portanto, por que não considerar que os tapetinhos convencionais que acomodam as práticas do *yogin*, também poderiam ser alargados e incluídos nas experiências interativas dos *blogs*? Longe de adentrar qualquer discussão do que é, ou não é, *Yoga*, cumpre destacar que a prática *yogin* dilui-se na experiência cotidiana, é um *caminho* e um *modo de caminhar*, como nos disse o próprio campo. Nesta trajetória perpassa o *amor*, que inspira, norteia, sustenta o passo a passo. Neste firme propósito do encontro amoroso, vidas são reorientadas e novos estilos de ser e estar consigo próprio e o outro são buscados.

Nestes trajetos específicos, que parecem cosmificar, ordenar sentido religioso a partir do *Yoga*, os *blogs* foram pensados então, como *blogs-dosséis*, quer dizer, ambiências capazes de alargar a experiência cotidiana, como vem sendo dito, registrando trajetos, escolhas, diálogos, dando visibilidade a outras formas de crer e experimentar o religioso e vivenciar a própria espiritualidade, construindo vínculos afinitários entre anônimos íntimos que compartilham do mesmo universo cultural, da mesma visão de mundo e sistemas de valores, já que identificados em *Yoga*.

Os *blogs yogins* talvez organizem, de alguma forma, experiências aparentemente fragmentadas nas trajetórias individuais e façam parte do esforço voluntário de transformação de si pelo auto-conhecimento, da ruptura das *cascas* dos condicionamentos culturais e de suas limitações pessoais também neles inscritas. O *Yoga*, de certa forma, parece empoderar o blogueiro, já que lhe insere num projeto em andamento, um projeto ambicioso de comunhão, que lhe impera estar em constante transformação, em permanente crescimento espiritual.

Também se sondou a possibilidade de um pacto eletrônico *yogin*, melhor dizendo, um diálogo que comungue protocolos e ritualidades a partir dos *blogs*. Faz parte deste partilhar a visibilidade de blogueiros e leitores, trocando perfis entre si, seguindo-se pelas redes sociais; a intimidade intencionalmente midiaticizada, já que há estratégias de controle desta pelos moderadores, pseudônimos, etc.; a visitação e inscrição textual recíproca, o cuidado com o leitor, e deste com o blogueiro, sempre participando das trajetórias na senda um do outro, compartilhando leituras, vivências, cursos, viagens, *insights*.

Enquanto observava, também pactuei, também me deixei arrastar pelos imaginários que dali acenavam, também compartilhei diálogos, também aceitei convites para as redes sociais, para vivências, sugestões de leitura e pesquisa. Ainda que reservadamente, já que o diálogo acontecia por *e-mail*, o blogueiro algumas vezes quis participar o leitor do *blog* do que ocorria *in off* e assim, a pesquisa tornava-se temática para o *post* do dia. Outras, o

blogueiro me convidava a ler o seu *blog* em primeira mão, já que a temática girava em torno do que conversávamos, ou de algum *insigth* que ocorrera a partir dali.

Penso não fazer muito sentido sondar se dialoguei com meras performances. A identidade foi compreendida no trabalho como identificação, e portanto, longe de um núcleo duro de sujeito. Compreendeu-se o tempo todo que se dialogava com facetas identitárias, mas que elas não estavam fragmentadas simplesmente, mas sobretudo, compunham o arranjo identitário do blogueiro *yogin*, tanto quanto o meu próprio, que também conciliava a faceta de pesquisadora naquele momento.

Penso também ter deixado claro que neste estudo, sugere-se que o *Yoga* pode proporcionar a experimentação religiosa do praticante blogueiro, talvez urdindo de alguma forma sua própria mobilidade religiosa em curso, tecendo sentidos, propósitos, encontros que lhe ordenem o pulsar e como uma espécie de *escudo*, como diria Berger (2004), pudesse lhes proteger do caos de sentidos da contemporaneidade.

Por assim observar o campo, posso dizer que dialoguei com pessoas que estão construindo novas semânticas, ritualidades, convivências e resgatam o religioso ao seu infinito particular. Portanto, a hipótese inicial de trabalho que sondava novos imaginários do religioso no entre-números das pesquisas, parece se confirmar à medida que o diálogo de estudo evoluiu sempre nos borrões das adesões tradicionais, ou no dizer do próprio campo, a partir do *considerar-se como*. Esta breve expressão pode sinalizar que o religioso é vivido cada vez mais na intimidade de cada um, que experimenta, inclui, rejeita, arranja, rearranja, mescla e constrói seus próprios vínculos de partilha, em sintonia com um cenário cultural contemporâneo mais amplo de desinstitucionalização e privatização do sentido.

Também posso dizer que caminhei. Que o mais saboroso foi observar o quanto o olhar não está pronto, mas em permanente desvelamento. Nesta tentativa, inscrevem-se pulsações, minhas e as das pessoas que me acolheram na jornada. Finalmente, penso não ter ficado agarrada às margens, mas ter de alguma forma me deixado levar pela correnteza do campo, ainda que sempre a partir de um centramento metodológico. Consigo perceber também que o outro, também está dentro de mim, também me revisitou, me proporcionou passar a limpo rascunhos da minha identidade religiosa. Também estava sendo revisitado o próprio olhar sobre o tempo vivido, as subjetividades religiosas em curso, sobre o *Yoga* e outras possibilidades de recomposição, sobre algumas maneiras de se construir diálogos e vínculos pela *internet*. Em marcha, continuo saboreando o caminho, que se quer sempre em aberto, receptivo à companhia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Patrícia de. *Liberdade e Yoga*. Rio de Janeiro, [s. i]. Disponível em <<http://liberdadeeyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 19 out. 2012.

ALMEIDA, J. R. S. Um jogo de sentidos: a Ocidentalização do Ioga como Orientação do Ocidente. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p.158-173, abril/2006.

ALVES, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus/ Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 10ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

AMARAL, A., RECUERO, R. MONTARDO, S. *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. Porto Alegre: Momento Editorial, 2009.

AMARAL, Leila. *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*. Petrópolis: Vozes, 2000.

AMARAL, Leila. Nova Era: um movimento de caminhos cruzados. In: *Nova Era: um desafio para os cristãos*. São Paulo: Paulinas, 1994.

BARROSO, Maria M. *A Construção da Pessoa "Oriental" no Ocidente: Um Estudo de Caso sobre o Siddha Yoga*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 1999.

BARROSO, Maria M. As iogas como cultura alternativa. *Motriz*. [S.I.], Vol. 5, n. 2, p. 189-193. Dez. 1999. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n2/5n209Barroso.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2012.

BAUMAN, Zigmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENEDETTI, Luiz R. Pós-Modernidade: abordagem sociológica. In: TRASFERETTI, J. e GONÇALVES, P. S. L. (org.). *Teologia na Pós-Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 53-70.

BERGAMASCO, Mariana Akamine. *Algo sobre yoga...*São Paulo,2008. Disponível em: <<http://algosobreyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 26 set. 2012.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERGER, Peter. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004a.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004b.

BERKENBROCK, Volney J. A experiência mística e as religiões de tradição oral. O caso do candomblé. *Plura*, Revista de Estudos de Religião, [S.I.], vol. 3, nº 1, jan./jun. 2012, p. 97-113. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/350>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

BINGEMER, Maria Clara. *A mística hoje*. Um novo momento, uma nova configuração, novos desafios. São Paulo: Paulus, 2012. DVD.

BOAVENTURA, Laísa. *Lai Yoga*. Salvador, [n.i.] Disponível em <<http://laiyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 set. 2012.

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 100-105.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A emergência do indivíduo e as novas formas de viver a religião. Entrevista em 03/09/2012. *IHU*. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4622&secao=401>. Acesso em 03 set. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras. Um estudo sobre a atribuição da religião. In: FERNANDES, R. C. ET AL. *Brasil & Eua: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CABEZAS, Ana. *Estudando Yoga*. São Paulo,[s.i.]. Disponível em:<<http://anacabezas.blogspot.com.br>>. Acesso em: 29 set. 2012

CAMPBELL, Joseph. *Isto és Tu*. Redimensionando a Metáfora Religiosa. São Paulo: Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda., 2002.

CAMPBELL, Joseph. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, ago. 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre sincretismos e “guerras santas”: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. *Revista USP*. São Paulo, n. 81, p. 173-185, mar./mai. 2009.

CARRANZA, Brenda. Juventude em Movimento: política-linguagens-religião. In: *Mobilidade religiosa: linguagens, juventude, política*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, M. C. L. (org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992. p. 133-221.

CARVALHO, José Jorge de. *Um espaço público encantado*. Pluralidade Religiosa e Modernidade no Brasil. Disponível em <<http://nrserver34.net/~danunb/doc/Serie249empdf.pdf>> Acesso em: 30 mai. 2012.

CAVALARI, Thaís Adriana. *Yoga: caminho sagrado*. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação. Unicamp. Campinas/SP, 2011.

CAVALARI, Thaís Adriana. Thaís *Yoga*. Campinas/SP, 2008. Disponível em <<http://thaisyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 set. 2012.

CERDÁ, Juliana. *Yoga*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <<http://julianacerdayoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2012.

CHAMPION, Françoise. “La nébuleuse mystique-ésotérique” in CHAMPION ET HERVIEU-LÉGER. *De l’émotion en religion*. Paris. Ed. Du Centurion, 1990, p. 17-69.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

D'ANDREA, Anthony A. F. *O self perfeito e a Nova Era: Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola, 2000.

DE ROSE. *Prontuário de Yoga antiga*. Rio de Janeiro: Ground, 1985.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 317-335.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. *Yoga. Imortalidade e Liberdade*. 4ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

ELIADE, Mircea. *Patañjali e o Yoga*. Lisboa/Portugal: Relógio D'Água, 2000.

FALAVIGNA, Julio. *Sur Meditar Conhecer*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://surmeditar.blogspot.com.br/>. Acesso em: 29 set. 2012.

FERNANDES, Sílvia. A reconstrução da identidade religiosa inclui a dupla ou tripla pertença (entrevista). *IHU Notícias* em 07.07.2012 Disponível em <<http://ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-de-identidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>> Acesso em 08 jul. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Curitiba: Positivo Livros, 2010.

FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005.

FRAGOSO, S., RECUERO, R., AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Record, 2001.

GNERRE, Maria L. A. Identidades e paradoxos do Yoga no Brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física? Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/605>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

GNERRE, Maria L. A e SCHENKEL, Klara Maria. Passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte radical? Algumas representações discursivas do Yoga no ocidente. *Religare*. João Pessoa/PB, v.8, n. 1, p.23-34, março de 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/10940/6646>>. Acesso em 03 mai. 2012.

GOMES, Luciana. *Yoga e Companhia*. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://yogaecompanhia.blogspot.com.br/>>. Acesso em 06 out. 2012.

GUERRIERO, Silas, *Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GULMINI, Lilian C. *O Yogasutra de Patañjali*. Tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 2002.

GULMINI, Lilian C. [et all]. Estudos sobre o Yoga. São Paulo: CEPEUSP, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERMÓGENES. Amor. In: *Yoga Journal*. São Paulo, [s.i.], ed. 051, p. 50-53, dez./jan.2012.

HERMÓGENES. *Autoperfeição com Hatha Yoga*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

HERMÓGENES. *Yoga para Nervosos*. Aprenda a administrar seu estresse. 44ª ed. revista. Rio de Janeiro: Nova Era, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido*. A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2010. Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência.*

IYENGAR, B. K. S. *Luz na vida: a jornada da ioga para a totalidade, a paz interior e a liberdade suprema.* São Paulo: Summus, 2007.

JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas.* Petrópolis: Vozes, 1988.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O uso religioso da Internet no Brasil. In: *PLURA. Revista de Estudos da Religião.* vol. 1, nº 1, p. 202-212, 2010. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/15>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet.* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

LEMOS, André. LÉVY, Pierre. *O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.* São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* São Paulo: Editora 34, 1999

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LUZ, Luciana. *Sathyagraha.* [N.I.], 2009. Disponível em <<http://jyotiprema.wordpress.com>> Acesso em: 05 out. 2012.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa.* 4ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In: MARTINS, Francisco Meneses; SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura.* 3ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAGALHÃES, Antônio; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do Sagrado.* Aparecida, São Paulo: Santuário, 2008.

MAGNANI, José G. *O Brasil da Nova Era.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MAGNANI, José G. *Mystica urbe*. Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALUF, Sônia Weidner. Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais n sul do Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 153-171, out. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2258>>. Acesso em 04 mar. 2012.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade*. Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MEHTA, Gita. *Escadas e serpentes: um olhar sobre a Índia moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDES, Re. *ACTveda*. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://actveda.blogspot.com.br>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

MENEGHIN, Humberto. *Yoga em voga*. Campinas/SP. 2010. Disponível em <<http://yogaemvoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 out. 2012.

MICHAEL, Tara. *O Yoga*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MIRANDA Caio. *Hatha-Yoga – a ciência da saúde perfeita*. Livraria Freitas Bastos, 1966.

NARAYANAN. Vasudha. *Conhecendo o Hinduísmo: origens, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, nem “clube dos intelectuais desencantados”. *RBCS. Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 20, nº 59, outubro/2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/rbcso/v20n59/a02v2059.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2012.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado. *Religião e Sociedade*, v. 18, nº 2, dezembro de 1997.

NEVES, Dani. *No Presente Momentanea Mente*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://no-presente.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 03 out. 2012.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. A terceira geração do diarismo: os *blogs*. In: CARRIZO, S. L. e NORONHA, J. M. G. (org.). *Relações Literárias Interamericanas: Território & Cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. p. 275-296.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época enovos sincretismos. Notas preliminares. In: *Estudos Avançados* 18 (52), 2004. p. 321-330.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro [entrevista]. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180-desafeicao-religiosa-esse-conceito-seria-central-para-entendermos-os-sem-religiao-entrevista-especial-com-pedro-ribeiro-de-oliveira>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 10, p. 1230-1254, out./dez.2012 ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/4136>>. Acesso em: 30 out. 2012.

NUNES, Tales. *Vida de Yoga*. Florianópolis/SC., 2009. Disponível em <<http://www.vidadeyoga.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2012.

NUNES, Wal. [S.I.]. São Paulo, 2008 Disponível em <<http://walnunes.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2012.

OHNUMA JUNIOR, Muni. *Vipassanamaste*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://vipassanamaste.blogspot.com.br>. Acesso em: 22 set. 2012.

PAZ, Octávio. *O ramo, o vento*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

PERES, Cacau. *Aspirante a Yogini*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://aspiranteayogini.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2012.

PIERUCCI, Antônio F. “Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*. São Paulo, 2004, n. 52. (set/dez), p. 17-46. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a03v1852.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2012.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

ROCHA, Luciana Laporte. *Inspire Yoga*. Belo Horizonte, 2008. Disponível em <<http://inspireyogablog.blogspot.com.br/>> Acesso em: 23 set. 2012.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. In: *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, out./dez./2012. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/3789>>. Acesso em 03 mar. 2013.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos sem Igreja: um mergulho na categoria censitária dos sem religião. *Rever*. Revista de Estudos da Religião. Dez/2007. p. 31-56. Disponível em <http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos1/religiosos_sem_igreja.pdf>. Acesso em 20 jul. 2012.

RODRIGUES, Fabiana. *MOKSHAYOGA Blog*. São Paulo, [s.i.] Disponível em <<http://fabirodriguesyoga.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2012.

ROJO, Marcos. et al. O negócio do Yoga. In: COSTA, Greice. *Yoga Journal*, São Paulo, [s.i.], Ed. 054, p. 36-41, jul /ago/2012.

ROSA, Daniela Santa. *Dani na Estrada*. São Paulo, 2008. Disponível em <<http://daninaestrada.blogspot.com.br/>> Acesso em: 12 out. 2012.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão*. Veredas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SABONZI, Sabrina. *Jardim dos Girassóis*. [S.I., s.i.]. Disponível em <<http://jardimdosgirassois.blogspot.com.br/>> Acesso em: 23 set. 2011.

SAID, Edward. S. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SAKAI, Cláudia. *Yoga Life*. São Paulo, 2010. Disponível em <<http://japanaindia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2012.

SANCHIS, Pierre. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. Entrevista especial com Pierre Sanchis. *IHU* (27/08/2012). Disponível em

<ihu.unisinos.br/entrevistas/512850-pluralismo-transformacao-emergencia-do-individuo-e-de-suas-escolhas >. Acesso em 28 ago. 2012.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos Brasileiros. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 1, n.2, p. 28-43, 2º sem. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/412/398>> Acesso em: 15 mai. 2012.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, A. P. e STEIL, C. A. (org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.103-115.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SAYÃO, Fábio. et al. A nova escola do Yoga. *Yoga Journal*. São Paulo, [s.i.], Ed. 051, p. 36-48, dez./jan.2012.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o verbo se fez bit*. A comunicação e a experiência religiosas na internet. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2012.

SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez bit: uma análise da experiência religiosa na internet. In: *Revista do Instituto Humanitas*. ISSN: 1806-003X, São Leopoldo: UNISINOS, edição 369, ano IX, p. 4-54, 15 ago 2011. Disponível em <www.ihu.unisinos.br/.../58317-e-o-verbo-se-fez-bit-uma-analise-da-experiencia-religiosa-na-internet>. Acesso em: 30 jun. 2012.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2004.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*. A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, José Maria da Silva. SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de Trabalhos Acadêmicos*. Normas e técnicas. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOARES, Edio. *Le butinage religieux*. Pratiques et pratiquants au Brésil. Suíça: Karthala, 2009.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*. Pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

TASCHETTO, Marcos F. *Ohar do Yoga*. Taubaté/SP, 2011. Disponível em: <http://olhardoyoga.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2012.

TAVARES, Glauco. *Blog do Glauco Tavares*. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://glaucotavares.blogspot.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2012.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do Catolicismo brasileiro. In: PEREIRA, João. B. B. (org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012. P. 23-36.

VIVEKANANDA, Swami. *O que é religião*. São Paulo: Lótus do Saber, 2004.

YOGANANDA, Paramahansa. *Autobiografia de um iogue*. 3ª ed., São Paulo: Lótus do Saber, 2009.

ZAMBONI, Oriana. *Asas de Borboleta*. Campinas/SP, 2007. Disponível em <http://orianashakti.blogspot.com.br/> Acesso em 28 set. 2012.

ZIMMER, Heinrich. O Encontro de Oriente e Ocidente. In: *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 1986.

GLOSSÁRIO⁴⁸

Em verdade, na realidade, tu não podes perceber o Ser aqui. Em verdade, na realidade, Ele está aqui. Aquilo que é a essência sutilíssima, este mundo inteiro tem Aquilo como seu Eu. Aquilo é a Realidade. Aquilo é *âtman*. Tu, és Aquilo.

Chândogya-Upanishad, 6.1; 6.12-13

Abhyâsa: prática *yogue*.

Âcârya: preceptor, instrutor.

Advaita (não dualidade): A verdade e a doutrina de que só existe uma Realidade (*âtman*, *brahman*), especialmente segundo os *Upanishads*.

Ahamkâra: o princípio de individuação, ou ego, que deve ser transcendido.

Ahimsâ: não-violência em pensamento, palavra e ação. É o primeiro *Yama* do *Yoga*.

Ânanda (bem aventurança): o estado de beatitude ou felicidade perfeita que é uma qualidade essencial da Realidade (*tattva*).

Aparigraha: a prática do desapego, quinto *Yama* do *Yoga*.

Âsana (assento): posturas do *hatha-yoga*, que são parte do caminho óctuplo de *Patañjali*, o terceiro membro, mas comumente confundidas como meros exercícios de alongamento pelo senso comum. Na verdade, as posturas que se caracterizam pela permanência numa condição de controle e conforto, fazendo parte de uma trajetória espiritual de aquietação da mente, para que mecanismos sutis de percepção possam ser acionados, colocando o praticante em maior contato consigo próprio, restabelecendo um grau de relacionamento e intimidade entre seu corpo e sua mente, preparando-o, assim, gradativamente, para o *samâdhi*.

⁴⁸ Este breve glossário foi sendo construído ao longo da pesquisa como proposta de auto-estudo, bem como para o auxílio do leitor no entendimento dos significados dos termos em sânscrito tal como foram adotados neste trabalho. A iniciativa deve ser compreendida apenas como um ponto de partida, já que cada verbete é apresentado de forma breve e simplificadora, a partir da leitura dos autores que compõem as referências deste texto, exclusivamente. A grafia segue sob a forma de tema, o que segundo muitos tradutores, facilita a leitura àqueles não familiarizados com o sânscrito.

Âshram: local para se aprender sobre religião hindu e meditar. Costuma estar ligado a monastérios ou templos.

Âshrama (onde se faz esforço): os quatro estágios da vida do homem hindu segundo o *dharma*: *brahmacharya* (estudante celibatário), *grihastha* (pai de família), *vanaprastha* (o retiro nas florestas) e *samnyâsin* (o santo peregrino, renunciante perfeito).

Ashâtanga-Yoga (união de oito membros): o *Yoga* óctuplo de Patañjali, que consiste na disciplina moral (*yama*), autodomínio (*nyama*), postura (*âsana*), controle da respiração (*prânâyâma*), inibição sensorial (*pratyâhâra*), concentração (*dhâranâ*), meditação (*dhyâna*) e êxtase (*samâdhi*) e conduz à libertação (*kaivalya*).

Asteya: não roubar, ou em sentido amplo, não desejar aquilo a que não se tem direito.

Âtman (Si mesmo): o Si Mesmo ou Espírito transcendental, eterno e superconsciente; a verdadeira natureza ou identidade. É a testemunha dos processos transitórios – atos, pensamentos, emoções, sentimentos – experimentados pelo falso eu, o ego.

Avatar (descida): forma assumida pelo deus Vishnu em suas visitas à terra. Os mais conhecidos são Rama e Krishna.

Avidyâ (ignorância): raiz do sofrimento (*duhkha*). Consiste essencialmente, em tomar o eu cotidiano pelo Eu imortal.

Bhagavad-Gîtâ (cântico do Senhor): o mais antigo livro dedicado especificamente ao *Yoga*. Faz parte do *Mahâbhârata*, o grande épico hindu. Contém ensinamentos de *Karma-Yoga* (caminho da ação desinteressada), *Jnâna-Yoga* (caminho do correto discernimento dos princípios da existência) e *Bhakti-Yoga* (caminho da devoção), o mais enfatizado. Estes ensinamentos foram transmitidos pelo deus *Krishna*, que se faz cocheiro, ao príncipe *Ârjuna* pouco antes do início da batalha entre *Pândavas* e *Kauravas*, famílias reais aparentadas.

Bhakti (devoção, amor): o amor do *bhakta* (devoto) por Deus, ou pelo *guru*, como manifestação de Deus.

Bhakti Yoga (*Yoga* da devoção): um dos principais ramos da tradição do *Yoga*, que utiliza a faculdade do sentimento como meio para que o ser humano se vincule com a Realidade.

Brahma: o Criador do universo, o primeiro princípio (*tattva*) a sair da Realidade suprema (*brahman*).

Brahman (aquilo que cresceu em expansão): a Realidade suprema.

Brahmacarya: a disciplina da castidade, ou a moderação em todos os hábitos, em linhas menos radicais.

Buddhi (a consciente, a desperta): a mente superior, sede da sabedoria (*jnâna*, *vidyâ*).

Cit (consciência): A Realidade suprema superconsciente.

Citta: a consciência mental comum, constituída de mente (*manas*), ego (*ahankâra*) e inteligência (*buddhi*).

Darshana (visão): ponto de vista ou sistema de filosofia, como o yoga-darshana de Patañjali.

Dhâranâ (suportação): concentração, sexto membro do caminho óctuplo de Patañjali.

Dharma (suporte): com muitos significados, pode ser compreendido como o caminho da verdade, retidão, dever, lei e justiça.

Dhyâna (ideação): meditação, o sétimo membro do caminho óctuplo de Patañjali.

Duhkha: sofrimento, causado pela ignorância (*avidyâ*) da nossa verdadeira natureza (o Si Mesmo ou *âtman*).

Ganesha: deus com cabeça de elefante, patrono dos viajantes e removedor dos obstáculos. Os hindus oram a Ganesha antes de algo novo, como um trabalho, uma mudança, um negócio, uma casa... É o filho dos deuses Shiva e Parvati.

Gâyatrî-Mantra: mantra védico recitado ao nascer do sol: *tat savitur varenyam bhargo devasya dhîmahî dhiyo yo nah pracodayât*, “Contemplemos o esplendor excelso do Deus Savitri, para que ele inspire nossas visões”.

Gheranda-Samhitâ: um dos três grandes manuais de Hatha-Yoga, composto no século XVII pelo sábio Gheranda.

Goraksha: o fundador tradicional do hatha-yoga.

Guna: refere-se a uma das três qualidades primárias da Natureza (*prakriti*): *tamas* (o princípio da inércia e obscuridade), *rajas* (o princípio dinâmico e de expansão) e *sattva* (o princípio ascendente e da lucidez).

Guru (Gu é escuridão e Ru, luz): é aquele que traz luz à escuridão.

Hatha-Yoga (Ha, sol e Tha, lua, ou Yoga forte ou da força): um dos principais ramos do Yoga, desenvolvido por Goraksha e outros adeptos por volta de 1000 d.C. Dá ênfase aos aspectos físicos da prática de transformação, com destaque para as posturas (*âsana*), as técnicas de purificação (*shodhana*) e o controle da respiração (*prânâyâma*).

Hatha-Yoga-Pradîpikâ (luz sobre o Hatha-Yoga): um dos três manuais clássicos de Hatha-Yoga, composto por Svâtmârâma Yogendra no século XIV.

Îdâ-nâdî: a corrente de prâna que sobe à esquerda do canal central (*sushumnâ-nâdî*). É associado ao sistema nervoso parassimpático e, quando ativado, tem o efeito de esfriar ou acalmar a mente.

Îshvara (senhor, soberano): refere-se ao criador (*Brahma*), como também ao *Purusha*, no Yoga-darshana de Patañjali.

Îshavara-pranidhâna: o quinto Niyama do Yoga é o sentimento de entrega, de submissão, de rendição a Deus, ou Îshavara.

Japa (murmurar): recitação meditativa dos mantras.

Jîva-âtman: a alma individuada, contraposta ao Si Mesmo transcendental (parama-âtman).

Jîvan-mukta: aquele que atingiu a libertação em vida (moksha).

Jnâna-Yoga: caminho da libertação pela sabedoria, na intuição direta do Si-Mesmo (âtman) pela aplicação constante do discernimento (viveka) entre o Real e o ilusório renunciando a tudo aquilo assim identificado.

Kâlî: deusa que incorpora o aspecto feroz (de dissolução) da Divindade.

Kâlî-yuga: a era contemporânea, vista como de derrocada espiritual e moral.

Kâma (desejo): o apetite de prazeres sensoriais, que obstaculiza o caminho da plena bem-aventurança (ânanda), o único desejo que conduz à liberdade é o desejo de libertação, mumukshutva.

Karman, karma (ação): a partir de uma concepção de imortalidade da alma, acredita-se que a alma humana passe por um ciclo incessante de nascimento, morte e renascimento (samsara). Segundo suas ações obtêm-se mérito (punya) ou demérito (papa), cujo equilíbrio adquirido na duração de uma vida, determina a natureza e a qualidade da próxima existência.

Karma Yoga: é o caminho yogue da ação desapegada, que tem sua expressão clássica no Bhagavad Gita: “(...) realiza sempre sem apego a obra que tens que fazer, porque um homem que faz sua obra sem apego alcança o supremo” (BHAGAVAD GITA, 3.19).

Klesas: aflições, que resultam da incompreensão fundamental da relação entre o eu individual e o Todo (avidya): orgulho (asmita), apego (raga), aversão (dvesa), medo da morte (abhiniveva).

Kosha (envoltório): um dos cinco invólucros do Si Mesmo transcendente (âtman), que bloqueiam a sua luz: Anna-maya-kosha (o corpo), prâna-maya-kosha (força vital), mano-maya-kosha (mente), vijnâna-maya-kosha (consciência), ânan-maya-kosha (beatitude).

krishna: oitavo avatar de Vishnu. Em geral é representado com a pele azul escura, tocando uma flauta, cercado de vacas e gopis, ou amas de leite. Os ensinamentos de Krishna podem ser encontrados no Bhagavad-Gîtâ e no Bhâgavata-Purâna.

Kundalinî-shakti: segundo o Tantra e o Hatha-Yoga, o poder serpentino ou energia espiritual que existe em forma potencial no centro psicoenergético inferior (o mûla-âdhâra-cakra) e deve ser despertada e conduzida até o centro coronário (o sahasrâra-cakra) para que a plena iluminação possa acontecer.

Lingam: pedra ou mármore escavado, usado para representar de forma abstrata o abraço cósmico de Shiva, força geradora masculina (falo) e Parvati, força geradora feminina (yoni). O plural é Linga.

Mahâbhârata (*Grande Bharata*): uma das grandes epopéias antigas da Índia, que conta da grande guerra travada entre os Pândavas e os Kauravas e contém um grande número de ensinamentos espirituais e morais.

Manas (*mente*): a mente inferior, atrelada aos sentidos, que apenas informa, mas não fornece a sabedoria (vidyâ, jnâna).

Mantra: som, palavra ou frase sagrada, como om, namah shivâya, etc., que tem o poder de transformar a mente daquele que o recita com consciência e autoridade. Para ser eficaz, o mantra deve ser transmitido num contexto iniciático (dîkshâ).

Mâyâ: Shankara descreve todo o universo visível como mâyâ, uma ilusão sobreposta à realidade pelos sentidos e mente daquele não iluminado.

Moksha: a libertação da alma do ciclo de nascimento e renascimento, que se repete incessantemente, até a conquista da bem-aventurança. Esta é conquistada a partir de uma sabedoria suprema, vivida experiencialmente, reconhecendo a sua verdadeira Natureza.

Mudrâ (selo): gestos arquetípicos aos quais se atribuem a realização de determinados estados de consciência.

Muni (silencioso): um sábio.

Nâdî (conduto): um dos 72.000 ou mais canais sutis ao longo dos quais circula a força vital (prâna) no ser humano; os três mais importantes são idâ-nâdî, pingalâ-nâdî e shushumnâ-nâdî.

Neti-neti (*isto não, isto não*): expressão dos Upanishads que significa que a Realidade suprema não é nem isto nem aquilo: está além de toda descrição.

Nirodha (restrição, controle): no Yoga de oito membros de Patañjali, é a própria base do processo de concentração, meditação e êxtase. Em princípio, significa a restrição dos “turbilhões da mente” (citta-vrtti).

Niyama (autodomínio): o segundo membro do caminho óctuplo de Patañjali, que compreende a pureza (shauca), o contentamento (samtosha), a ascese (tapas), o estudo (svâdhyâya) e a devoção ao Senhor (îshavara-pranidhâna).

Om (ou Aum): o mantra original, que simboliza a Realidade suprema e é anteposto a diversos sons mântricos. O som é recitado pelos indianos no começo das orações, bênçãos, leituras de livros sagrados e durante a meditação. Por compor-se de três letras sânscritas e pelo fato de

seu traçado lembrar o número três (ॐ), simboliza o trimúrtil, ou trio dos principais deuses hindus. Diz-se que o silêncio depois que é pronunciado representa o Absoluto, Brahman.

Parama-âtman (supremo a si mesmo): o Si Mesmo transcendente, que é singular e contrapõe-se ao si mesmo individuado ou alma vivente (jîva-âtman), que existe em indefinida multiplicidade na forma dos seres viventes.

Parvati: deusa consorte de Shiva. É venerada em diversas formas: como a bondosa Deusa-mãe, com a deusa sedenta de sangue Kali e como Durga, a deusa da guerra. A exemplo de muitas divindades hindus, Parvati é um misto de bem e mal, bondade e crueldade, vida e morte.

Patañjali: compilador do Yoga-Sûtras, que viveu por volta de 150/200 a. C. A ele também se credita textos sobre medicina ayurvédica e gramática sânscrita. Pouco se sabe sobre o homem Patañjali, talvez seja apenas o nome representativo de um grupo de pessoas, já que os textos indianos não eram autorais.

Pingalâ-nâdî: a corrente de prâna que sobe à direita do canal central (sushumnâ-nâdî).

Prajnâ (sabedoria): sinônimo de vidyâ, o conhecimento da verdadeira natureza do Ser.

Prakriti (procriadora): é a Natureza, que se compõe de cinco elementos: terra, água, fogo, ar e espaço (ou éter). A Natureza é considerada inconsciente (acit) e, portanto, é contraposta ao Espírito (purusha).

Prâna (vida, sopro): segundo os Upanishads é o princípio da vida e da consciência, o alento vital.

Prânâyâma (prâna, a energia vital e ayama, expansão, extensão): quarto membro do caminho óctuplo de Patañjali, compreende as “técnicas” do Yoga para o controle dos impulsos respiratórios (inalação, retenção e exalação conscientes). A respiração é considerada um canal de acesso às emoções, portanto, um controle essencial à meditação.

Prasâda: comida ou flores que são ofertadas ritualmente à divindade, benzidas e devolvidas pelo sacerdote aos fiéis, como bênçãos daquela.

Pratyâhâra (recolhimento): abstração dos sentidos, quinto membro do caminho óctuplo de Patañjali.

Pûjâ (adoração): ritual religioso de adoração, com destaque nas tradições do Bhakti-Yoga e Tantra.

Purusha: o Si Mesmo Transcendente (âtman), a realidade permanente. A designação purusha é usada principalmente no Sâmkhya e no yoga-darshana de Patañjali.

Râja-Yoga (Yoga-Real): designação medieval tardia do yoga-darshana de Patañjali, também conhecido como Yoga Clássico. Este caminho é nomeado como Kṛīya-Yoga, ou Yoga da ação transformadora. É o caminho elevado da meditação, da contemplação e da renúncia, compreendendo oito membros (ashta-anga) ou categorias de prática (yama, nyama, âsana, prânâyâma, pratyâhâra, dhâranâ, dhyâna e samâdhi).

Râma: avatar de Vishnu é o herói do épico Râmâyâna, que conta sua vitória sobre o demoníaco Ravana, que havia aprisionado sua esposa Sita. Nesta aventura, contará com a ajuda do leal amigo, o general macaco Hanuman, o filho do deus vento.

Rishi (vidente): autores dos Vedas em época indefinida.

Sadhaka: o praticante de Yoga.

Sâdhana: caminho espiritual do praticante de Yoga.

Sadhu: homem santo hindu, renunciante.

Samâdhi: estado supraconsciente de êxtase, no qual o yogin percebe a identidade da alma com o Espírito, dissolvendo os fatores kármicos acumulados na alma. É o oitavo membro do caminho de Patañjali.

Sâmkhya: uma das principais tradições (darshana) do Hinduísmo, que trata da classificação dos princípios (tattva) da existência e do adequado discernimento entre eles, a fim de que o Espírito (purusha) possa ser distinguido dos diversos aspectos da Natureza (prakriti). Este influente sistema nasceu da antiga tradição do Sâmkhya-Yoga e codificou-se no Sâmkhya-Kârikâ de Íshvara Krishna.

Samnyâsa (renúncia): o último estágio de vida do Hinduísmo consiste, sobretudo, num afastamento interior de tudo quanto se entende como finito, e secundariamente, em uma renúncia externa às coisas finitas.

Samnyâsin: o renunciante em peregrinação religiosa.

Samsâra: o impermanente, a roda dos renascimentos condicionados, da qual deve se libertar o hindu (moksha).

Samskâra (ativador): a impressão subconsciente deixada por cada ato de volição, impressão essa que, por sua vez, põe de novo em movimento a roda da atividade psíquica.

Samtoshâ: a prática do contentamento, segundo Niyama do Yoga.

Sânscrito: língua antiga dos árias significa “aperfeiçoado”. Língua dos livros sagrados hindus, que se acredita terem por dom, a comunicação com os deuses. Em grande parte, foi domínio das elites sociais masculinas.

Saraswati: consorte de Brahma é a deusa da arte, música e literatura.

Sâstra: os livros sagrados ortodoxos da Índia. São classificados em quatro categorias: Shruti (o que é ouvido), como os Vedas, considerados uma revelação direta; Smriti (o que é recordado), os ensinamentos dos santos e sábios antigos livros jurídicos como o dharmasûtra e cerimoniais como o Grhyasutra; Purana (saber antigo), compêndios antológicos cosmogônicos e Tantra (urdidura), textos relativamente recentes, revelados diretamente por Shiva, para que fosse a escritura específica de Kali-Yuga, a quarta idade do mundo, ou época atual.

Sat (Ser, Realidade, Verdade): a Realidade suprema (âtman ou brahman).

Sat - sanga: a prática de frequentar a boa companhia dos realizados e seus discípulos, ao lado dos quais a presença da Realidade se faz mais palpável.

Satya (verdade, veracidade): a Verdade, um dos nomes da Realidade; a prática da veracidade, que é um aspecto da disciplina moral (yama).

Satyagraha: literalmente, ater-se à verdade.

Shakti: conceito típico do sistema tântrico, a representação da mulher como energia projetada do homem. Homem e mulher seriam manifestações polares apenas aparentes de um princípio único transcendente.

Shankara: o maior expoente do Advaita Vedânta, corrente filosófica do não dualismo (século VIII).

Shauca: princípio da purificação, o primeiro Niyama e que permeia toda a prática do Yoga.

Shishya: o discípulo iniciado por um guru (na tradição do parampará).

Shiva: é o nome atribuído a Deus no último aspecto de sua natureza trinitária. Shiva é o exterminador de maya (a ilusão da dualidade) e o Senhor dos yogues (modelo arquetípico). Costuma ser representado como o dançarino cósmico (Nataraja), simbolizando o fluir da energia cósmica que produz o dia e a noite, as estações, o nascimento e a morte. Shiva dança pisando o anão da ignorância (avidyâ). Outra representação é um Lingam, simbolizando as forças geradoras masculina e feminina em abraço cósmico. Os múltiplos aspectos de seu poder são expressos em papéis por vezes paradoxais: ele é ao mesmo tempo cruel e benévolo, criador e destruidor, dançarino exuberante e austero praticante de Yoga, asceta e esposo da deusa Parvati.

Shiva-Samhitâ (compêndio de Shiva): um dos três grandes manuais clássicos de Hatha-Yoga, provavelmente composto no século XVIII.

Shraddhâ (fé): disposição essencial na senda do Yoga.

Suástica: antigo símbolo ariano da auspiciosidade.

Sushumnâ-nâdî (canal graciosíssimo): a corrente central de prâna no corpo sutil, ao longo do qual o poder serpentino (kundalinî-shakti) tem de subir rumo ao centro psicoenergético situado no topo da cabeça, quando então se alcança a libertação (moksha).

Sûtra: quer dizer fio, o que remete à precisão da ordem das frases para a urdidura perfeita. Num sûtira, a sequência deve ser perfeita, pois cada frase se apoia na ideia da anterior, e serve de preparação para o conceito que virá na frase seguinte.

Svâdhyâya: prática do auto-estudo, quarto Niyama do Yoga.

Swami (aquele que está unido ao seu próprio self (Swa): título monástico hindu, atribuído por outro swami, exclusivamente, tradição que remonta à Shankara.

Tantra: refere-se à tradição do Tantrismo, que tem por centro o aspecto shâktico da vida espiritual e se originou numa época correspondente ao começo da Era Cristã, tendo se cristalizado em sua forma clássica por volta do ano 1000 d. C. O Tantrismo tem uma linha dita de “direita” (dakshina) ou conservadora e uma linha dita de “esquerda” (vâma), ou anticonvenecional, a qual faz uso, entre outras coisas, de rituais sexuais.

Tapas: disciplina yogue, ascese. O terceiro Niyama é a prática valorosa, constante e dedicada.

Tattva: aquilo que É, a Realidade suprema.

Trimurti: o trio das três divindades hindus principais: Brahma (o criador), Vishnu (o mantenedor) e Shiva (o destruidor).

Upanishads: textos sagrados hindus compostos por volta de 800 a. C, constituídos pelos ensinamentos sagrados dos gurus aos seus discípulos, sempre se utilizando de parábolas ou histórias para aludir à Brahman, Ser supremo, inefável e para além de toda compreensão humana. . Enquanto os Vedas tratam da veneração aos deuses por meio do fogo e sacrifícios, portanto, são livros devotados aos rituais, os Upanishads concentram-se no relacionamento do homem com Brahman. São contemporâneos ao espírito de investigação crítica que florescia em muitas partes do norte da Índia, quando muitos líderes religiosos (Budha, Mahavira) questionaram os Vedas enquanto revelação divina, a autoridade dos brâmanes e o próprio sistema de castas.

Varna: as quatro grandes castas hindus: os sacerdotes (brâmanes), os governantes e guerreiros (kshatryas), os mercadores e produtores (vaishyas) e o servos (shudras). Os párias não eram abrangidos pelos códigos legais.

Veda (conhecimento): o conjunto dos conhecimentos sagrados indianos mais antigos (1500 a.C aproximadamente), contidos nos quatro hinários védicos que constituem a própria fonte original do Hinduísmo: Rig Veda, Yajur-Veda, Sâma-Veda e Atharva-Veda. Também os

integram os Aranyakas (composições para a floresta) e Upanixades (sentado perto do mestre), estes por volta de 600 a.C. Os Vedas não foram compostos, mas revelados aos rishis (videntes) e transmitidos oralmente aos discípulos qualificados até o presente.

Vedânta (fim do Veda): os ensinamentos que constituem a conclusão doutrinal da literatura revelada (shurti) do Hinduísmo.

Vidyâ: é a sabedoria, o reconhecimento da verdadeira Natureza. Seu sinônimo é prajñâ.

Vishnu: segundo deus do Trimurti, simboliza o mantenedor, o protetor do Universo. É o Deus adorado pelos Vaishnavas. É representado montando uma enorme águia, Garuda, com sua esposa, a deusa Lakshmi, da beleza e boa sorte. Para salvar o mundo, Vishnu tem de vir a terra dez vezes, em dez formas diferentes, ou avatares: Matsya: o peixe; Kurma, a tartaruga; Varaha, o porco; Narasimha, o homem-leão; Vamana, o anão; Parashurama, o guerreiro; o Senhor Rama, o Senhor Krshna, o Senhor Buda e Kalki, o ginete do cavalo branco que ainda está por vir.

Viveka: o discernimento, essencial no caminho do yogin.

Vritti (redemoinho): flutuações da mente.

Vyâsa (organizador): aqui se refere ao Veda Vyâsa, que dispôs os hinários védicos em sua forma atual e a quem se atribui também a compilação dos Purânas, do Mahâbhârata e de outras obras, entre os quais o Yoga-Bhâshya, comentário sobre o Yoga-Sûtra.

Yama (disciplina): o primeiro membro do caminho óctuplo de Patañjali, que consiste em preceitos morais de validade universal (como a não-violência, a verdade, etc.).

Yantra (instrumento): desenho geométrico que representa o corpo da divindade em que se medita.

Yoga (união, disciplina). Trata-se da disciplina unitiva pela qual se busca a liberdade eterna (moksha). Patañjali o define no segundo sûtra do seu texto, como “a inibição das modificações da mente” e no sûtra seguinte, explica que “neste estado, o praticante está estabelecido em sua própria natureza essencial e fundamental”. Portanto, fora deste estado de controle (Yoga) estar-se-ia desligado de sua essência, à mercê das turbulências e ilusões da mente (mâyâ). A partir de seu radical sânscrito (yug), Yoga pode ser compreendido tanto como um jugo (um domínio que se exerce sobre algo), quanto uma junção (uma união, o atrelamento de uma coisa na outra). A palavra, no original sânscrito, é masculina, apesar de ser comumente adotada como feminina na língua portuguesa. Ainda, em suas múltiplas versões, o Yoga que se popularizou no Ocidente, o Hatha-Yoga, concentra-se nas posturas corporais e no controle do corpo.

Yoga-darshana (visão ou sistema do Yoga): o Râja-Yoga e Patañjali.

Yoga-Sûtras (aforismos do Yoga): refere-se às 196 frases reunidas por Patañjali, provavelmente no século II a.C., compilando o conhecimento yogue acumulado até então, que constitui a fonte do Râja Yoga, ou Yoga Clássico. Patañjali propôs uma metafísica dualista, contrapondo o Si Mesmo (purusha) à Natureza ou Cosmos (prakriti). Todas as demais escolas do Yoga hindu se baseiam na ideia metafísica da não dualidade, mas duas ou não, todas têm em comum a eliminação do sofrimento (duhkha). É dividido em quatro livros, ou padas, que cobrem quatro tópicos amplos: o que é Yoga (samadhi pada), como obter o estado de Yoga (sadhana pada), os benefícios da prática de Yoga (vibhutti pada) e a libertação do sofrimento (kaivalya pada), objetivo final ou resultado de uma prática consciente.

Yogin: o praticante do Yoga.

Yoginî: a praticante do Yoga.

Yogue: o que se referencia na tradição do Yoga.

Yuga: uma divisão do tempo, como Kali-Yuga, a época atual.

